)em.
9-902

Memorias

I

1879-1902

BIBLIOTECA NACIONAL

Memorias

I

1879-1902

UNIVERSIDADE LIVRARIA DA

1824-1905

I

WOMEN'S

« Mil cousas v' contarey
de las quentes de las frias
que passey : . . . . . »

Decima de D. Pedro de Almeida no
Cancioneiro Geral de G. de Resende,
a fls. cxxx v.º

×

« Si quiéres dejar algo fuerte, justo
y loable, ten la bizarria de escribir
como si ningún contemporáneo te
hubiera de ler. »

Ramon y Cajal : Charlas de café a
pag. 248 da 4.ª ed.ª

I

Ao aproximar-me dos 50 anos, comecei a sentir certa vontade de escrever as minhas «Memórias».

Não, de certo, por ter sido notável a minha vida e entender que a Posteridade não poderia passar sem o meu depoimento; mem, até, por entender, como cada personagem de Balzac que, aos cinquenta anos a vida está, franco mais ou menos no fim;[1] mas várias outras razões me fizeram crescer o desejo de rabiscar recordações.

Escreveu Stendhal ao aproximar-se de idêntica idade: «Je vais avoir cinquante "ans, il serait bien temps de me connaître ..."[2] Não sei se a intenção do agru-

---

(1) «J'avais alors cinquante ans, et ma vie était à peu près finie.» (*L'envers de l'histoire contemporaine*, pag. 80).

(2) *Vie de Henri Brulard*, cap. I.

de analista seria, realmente, mergulhar dentro do eu e ir ás raizes do seu ser; o livro não me parece ser de grande profundidade e só traduzir o espirito de observação e de analise que abundantemente deixou ver outras suas obras — e eu, na verdade, só pensei que a frase poderia significar, como no meu caso, que desde que as circunstancias me desviáram, infelizmente, do caminho que imaginei poder seguir, é consolador, pelo menos, ir revivendo os annos que passáram, recordar as passagens da existencia e ver se, de tudo isso contado com verdade e franqueza, se poderá tirar alguma moralidade.

E' possivel que o autôr do Roupe et Noir quizesse dizer isto; e foi com estas disposições que comecei a pensar no trabalho, a querer coordenar ideias, a juntar notas.

Andava eu, então, na tarefa de administrar, melhor ou pior, a Tipografia Auxiliar de Escritorio, tarefa ingloria que me consumia os dias e a acção intellectual, bem longe daquele conceito de Machado de Assis que faz consistir no meio seculo de existencia, ou seja nos cincoenta annos, o

tempo proprio da Ciencia e do Governo [1] e até longe, tambem, do outro conceito de Georges Duhamel que dá aos 53 anos como o vertice duma bela e trabalhosa vida... [2]

Os dias passava-os metido na maquina industrial, sem estimulos de qualquer ordem; e assim, cada vez mais me apertava a ideia de fugir para o passado e procurar nessa evasão, como agora se diz, alguma moralid.e consoladora e proveitosa.

Mas o tempo foi correndo.

A tarefa industrial era absorvente; quando a deixei quiz intensificar, talvez inoportunam.te, umas investigações relativas á historia mirandense (bem mal empregado tempo!); depois veiu o ano de comando em Penafiel, uma especie de bronco-pneumonia, a preparação para me apresentar decentemente em Caxias, uma serie completa de impedimentos que me aproximáram da década seguinte e que, com o envelhecer, me iam tirando facilidades

---

(1) Memorias postumas de Braz Cubas, cap. 137.

(2) Le combat contre les ombres, cap. I, a pag. 8.

de memoria e até a perspectiva da falta possivel de tempo para a obra.[1]

Eram os 60 anos que se aproximávam a galope, idade a que já o filosofo Teofrasto classificava de velhice decidida[2] e que modernamente se teima em considerar do mesmo modo. Eram os 60 anos que continuavam a mesma vida dos cincoenta, sem utilidade para a Ciencia e para o Governo como queria Machado de Assis e muito menos sem sinais de bela e trabalhosa e, por consequencia, util como dizia o subtil Duhamel.

Era o <u>meio</u>, o terrivel <u>meio</u> que serve para os lados de Miranda do Corvo para estalão da decadencia e dá ensejo a certas afirmações que se leem em livros. O nosso José da Cunha Brochado, em 1700, classificava os 62 anos de Luis <u>XIV</u> como «grande achaque.»[3] Eça de Queiroz, ainda novo, tem

---

(1) Teof.º Braga dizia em carta para Frau Paxeco, em 1916: «Penso na idade que avança e que não ha tempo a perder» {Carta de 11 de Agosto, a pag. 83-84 das <u>Cartas de Teofilo</u> publicadas por Frau Paxeco. Teofilo tinha então 73 anos.

(2) <u>Os Caracteres</u>, a pag. 54 da ed.ão Garnier, juntos com <u>Les Caracteres</u> de La Bruyère.

(3) «... El-Rei de França tem o grande acha-

esta frase tremenda: «Vi-o chorar, aquele velho de quasi sessenta anos.»[1] E este juizo é mais grave ainda porque Eça antepõe um quasi á soma dos anos, o que quereria dizer, p.ª o grande romancista, que a velhice começava na casa dos cincoenta.

E recentemente, um jovem escritor francês, destes rapazes novos p.ª quem todos os moldes correntes são velharias inuteis, classifica de velho João Jacques Rousseau quando este, aos 65 anos, se lembrou de dar os celebres passeios solitarios.[2]

Enfim...

O pior é que o correr dos meus sessenta anos não dão direito, como os do Renan, a um bom sorriso discreto.[3] Longe disso. E agora, que mais outra década passou, sem proveito de qualquer especie alem

---

que de 62 anos...» (Carta de 25 de Julho, a pag. 103 do vol. Cartas, ed. Sá da Costa em 1944).

(1) Contos, pag. 6 da 3.ª ed.ão

(2) «Ecoutez enfin le soupir de ce vieil homme de soixante-cinq ans...» (Jacques de Lacretelle: Aparté, pag. 204, deux.ème edit., Librairie Gallimard, Paris).

(3) «Apres soixante ans de vie serieuse, on a le droit de sourire...» (Souvenirs d'enfance et de jeunesse, pag. 346 da 17.ª ed.)

deus poderes trabalhos históricos lançados ao Deus-dará da publicidade, volto á vaidade de deixar «Memorias», de querer deixar arrumados certos assuntos e contados certos passos da vida que têem algum interesse, sem o sorriso de consciencia tranquila do bom Renan — mas talvez mais com a invenção de historiar, por pouco que para a História valha o meu depoimento

Escreveu Damião de Goes, sentenciosamente: «Quanto mais emmelhecêmos, "mais materia se nos offerece que devemos "confiar ao papel p.ª que fique por lembrança "á posteridade.»(1) E varios outros escritores me têem lembrado esse quasi dever como a Mistilhoteira da M.me de Sevigné (2), como o desgraçado Camilo Castelo-Branco que desbaratou a vida ás mãos cheias (3), como o

---

(1) Veja comentarios acerca da 2.ª guerra de Cambraia, a pag. 215 dos Opusculos Historicos, publicados em 1945.

(2) «La vieillesse et un peu de maladie donnent le temps de faire de grandes reflexions...» [Carta a M.me de Grignan, aos 8 de Junho de 1676, a pag. 243-245 das Lettres choisies, ed. Flammarion].

(3) «Camilo apoia a fazer escavações nas ruinas do grande mundo que fiz e desbaratei.» [Duas horas de leitura, pag. 46 da 3.ª ed.ª].

romantico Bulhão Pato [1] e, de certo, muitos outros de que não tomei a nota devida nos meus muito queridos verbetes.

Cicero, porem, discorda destas amaveis insinuações de certos espiritos de escol. Lá do fundo dos seculos, diz-nos com mais ou menos razão: « Potest enim quidquam "esse absurdius, quam, quo minus viae res"tat, es plus viatici quaerere? » [2] Que motivos teria ele para assim condenar essa coordenação de notas relativas ao passado? Veria o grande orador apenas um sintoma de vaidade nessa coordenação de apontamentos e recordações? Não teria ele o sentido do valor para a Historia desses depoimentos, mesmo modestos que sejam?

E' certo que, como escreveu Teofilo Braga, [3] « ... é um verdadeiro prazer, ao cabo

---

(1) « A quem estiver na vazante da vida, como eu, e tenha visto alguma coisa, aconselho a que faça os seus apontamentos. [...] ... não terão valor para os outros, são preciosas p.ª mim! » (Memorias, Cenas da Infancia ..., v. I, pag. 173).

(2) Traducção livre: Não é absurdo juntar provisões quando o caminho está a findar? (In De Senectute, no § XVIII, ed. Garnier).

(3) In Visão dos Tempos, a pag. VI da Advertencia, 2.ª ed. (1869).

de anos, inventariar as ideias e sentir por elas, ainda, o mesmo grau de convicção.»
Mas o meu principal escôpo tem mais o cunho de historiar, um pouco no genero de Fr. Bartolomeu de Arriro ao dizer: «... minha intenção não é escrever meditações nem fazer exclamações, mas somente relatar e escrever o que vi e ouvi ...»[1]

Desde criança senti o prazer de arquivar coisas, de deixar escrito ou apontado o «que vi e ouvi», com sentido pério de se fixar para o futuro [redacted] e não com intenções de tipoia como dizia Julio de Castilho, de certo para reparar bem no que escreveu: «Ou não escrever Memorias ou escrevê-las com todo o cainete de bagatelas.»[2]

Não é, porem, com bagatelas que se deixam elementos serios e seguros para a historia — e este é, com modestia mas tambem com bazofia, o meu mais sincero intento.

Escreveu Ramon y Cajal ou, talvez melhor, disse em palestra, que «por ignorar

---

(1) Itinerario da Terra Santa e suas particularidades, cap. XXIV, a pag. 129 da 7ª ed. (1927)

(2) Memorias de Castilho, 2ª edição, t. V, livro V, a pag. 259.

te y limitada que sea una persona, tiene siempre un assunto interessante que contar: su autobiografia.»[1]

Autobiografia com sentido documental mas tambem, como acima disse, com intenções de se lhe tirar a moralid.e proveitosa e discreta; e embora o romancista, agora muito querido, Charles Morgan, diga que a autobiografia é a mais dificil das artes,[2] eu vou tentar a empreza sem grandes preocupações — pois poderei dizer aos provaveis leitores como o velho bispo do Grão-Pará:

— «Não se escandalise o leitor, porque estes apontamentos não são p.a imprimir...»[3]

E depois, como fica já escrito, o tempo foge; e se começo a escrever, as laudas vão seguindo facilmente umas atraz das outras e os volumes crescerão a olhos vistos.

«At si tardus eris, errabis: transiet aetas
Quam cito! . . . . . .»[4]

---

(1) Charlas de café, pag. 253 da 3.a ed.

(2) Sparkenbroke, trad.ão francesa de G. Delamain no cap. XX da 2.a Parte, pag. 247 da ed. de 1938

(3) Memorias de Fr. João de S. José Queiroz, a pag. 92 da ed. de 1868.

(4) Tibulo: Elegia IV do livro I, versos 27-28 (Ed. Garnier).

A diferença está em que não é a mocidade que passará depressa como canta o poeta, mas a própria velhice; e já agora quero pôr tudo em ordem e tirar, melhor ou pior, vários períodos da vida em q. Vive paciencia para deixar notas diarias, com alguma vivêza e bom humôr.

O que se vai seguir pelo manuscrito fóra é, portanto, escrito com verdade.

Disse Anatôle France pela bôca de Silvestre Bonnard que «il est bien difficile d'observer, même dans un journal, la vérité littérale.»(1) E Rousseau diz ainda que muitas vezes a memoria falha um pouco, as recordações vêem imperfeitas e então pômos levados a preencher certas faltas com pormenores que embora não sejam falsos e possam embelezar a narrativa, não são propriamente exactos.(2)

Tudo isso é verdadeiro; mas vamos a ver se consigo ser fiel no que escrevo e

---

(1) Le crime de Silvestre Bonnard, a pag. 4 da ed.ão ilustrada de Calmann Levi (1925)

(2) Les rêveries d'un promeneur solitaire. Cinquiéme promenade, a pag. 83-84 da ed.ão Plasmuseau, Paris (1946?)

imparcial no que conto. Não tenho necessidade de alterar os sucessos da minha vida; se entender que os não devo temperar, não temperarei, mas escuso de os modificar.

Disse Camilo Cast.º Branco, não sei se com verdadeira razão, que «em Portugal não se escreveram Memorias: prova de egoismo e de torpeza de alma.» (1) Não quero dar essa prova de egoismo e de torpeza de alma... E vamos a isso «porque se me vai o entendimento enchendo de ferrugem...» como disse D. Franc.º Manuel de Melo (2)

Coimbra:
19-20 de Maio de 1949.

---

(1) Obra monumental. Memorias d'alem da campa dum Juiz eleito, no jornal A Verdade, do Porto, em 1856. Incluidas depois nos Disperssos, vol. II a pag. 494.

(2) D. Franc.º Manuel de Melo: Carta a um amigo, em 1641, a pag. 25-32 das Cartas Familiares, ed.ão José da Costa (1937).

II

«Sou qual me vês e qual te eu digo: não quero parecer outro nem ser mais do que pareço.»
Rodrigues Lobo: O Pastor Peregrino, Liv. I, Jorn. II.

Afinal, apesar de toda a pressa, já lá vão mais de sete anos que o empreendimento ficou suspenso. Porquê, não sei bem. Vou, porem, recomeçar.

Cada vez a ferrugem me invade mais o entendimento; e para acabar, a valer, com a torrente de erudição, lembrarei o final dos Fastos de Ovídio: «Tempora labuntur, tacitisque senescimus annis/ Et fugiunt, fieri non remorante, dies.» (1)

Ora direi que nasci no dia 3 de Outubro de 1879, numa sexta-feira, pelas nove

(1) Liv. VI, vv. 771-72.

horas da noite, no 2º andar do prédio nº. 11 da Praça do Comercio, no quarto que tem duas janelas do lado norte.

Era uma sexta-feira — dia aziago, conforme a tradição que, neste caso, não deixou de ter certas justificações.

Mas, enfim...

Foi nessa praça onde, possivelmente, em outros tempos os romanos se divertiriam, já que o declive da urbe não deixava que o fizessem intra muros; onde, em tempos mais proximos, se armáram os tablados para correr touros e se ergueu, por algumas décadas, o simbolico pelourinho; que eu surgi neste mundo, embalado pelo ron-ron das maquinas da tipografia de meu avô materno, instalada nos andáres de baixo.

Foi nessa praça burguêsa ainda ha pouco tão bem descrita pelo Pe. António Nogueira Gonçalves [1]; onde existiu o Paço dos Tabeliães, o Hospital das Ordens religiosas e o mercado até uns vinte anos antes, q.

---

(1) No Diario de Coimbra, nº. 6134, de 24 de Maio de 1949.

a Sorte quiz que nascesse uma creaturinha como qualquer outra mas que, com o andar dos tempos, veiu a ser a contraditoria pessoa que neste momento começa a escrever as memorias com a comoção natural de quem vai narrar a historia duma vida errada.

Pois é verdade. Foi a uma sexta-feira, dia aziago.

Dois dias antes, houvera eleições gerais a que concorreu o partido operario com certa força; dessas eleições saiu, como deputado progressista o Poeta Guerra Junqueiro. Na vespera, por consequencia em 2 de Outubº, Camilo Castelo-Branco escreveu a carta violenta a Cipriano Jardim publicada no dia 5 no Diario Ilustrado e muito conhecida e citada pelos camilianos[1]. No dia seguinte, 4, nas colunas do mesmo Diário Ilustrado o Poeta Cesário Verde, levára uma grossa tareia da critica que, certamente, o não compreendeu. Oito dias depois, a Escola Livre das Artes do Desenho expunha os

---

[1] Cfr. Antonio Cabral: Camilo desconhecido, a pag. 373.

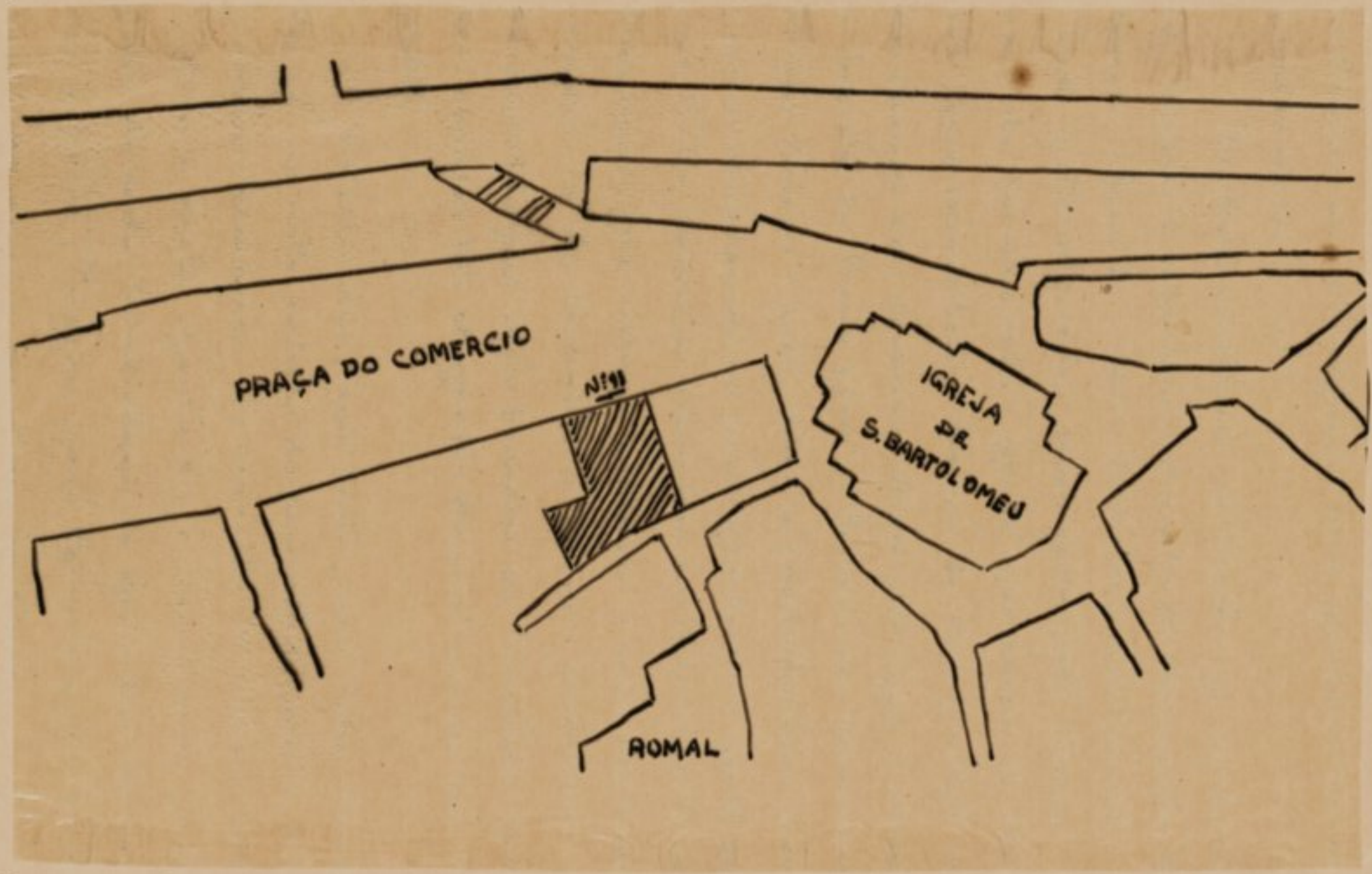
trabalhos dos seus discípulos para comemorar o 1º. aniversário da sua fundação. E andava no ar, em acalorada discussão, o problema do cruzamento da linha da Beira-Alta com a do Norte que se balançava, justamente com os vai-vens da política, entre Coimbra e a Pampilhosa.

Eis aqui o que mais notável se deu em Portugal e, em especial, na m.ª terra, quando na fatídica 6ª.-feira eu surgi do ventre materno para as misérias deste mundo.

Baptizaram-me, pois me perguntaram se queria ser cristão, a 26 de Novembro seguinte; a cerimónia foi feita pelo Prior, de nome Manuel Joaquim de Castro que creio era bacharel em Teologia e boa pessoa, pelo menos era essa a impressão mantida na família. Foi meu padrinho, por procuração, o Tio João Caetano da Silva, ainda no Brasil e madrinha, m.ª Tia Amélia da Conceição; e assim, pelo eu saber, me fizeram oficialmente cristão e me lavaram do pecado original...

Quanto a genealogia... No final do volume irá uma vaga árvore genealógica

TYPOGRAPHIA DE M. C. DA SILVA
DEPOSITO COM DE IMPRESSOS


PRAÇA DO COMERCIO
Nº 11
IGREJA
DE
S. BARTOLOMEU
ROMAL

para que, no futuro, não haja grandes dificuldades em classificar - que ficarão tão variados avós.

Do lado materno, é facil: gente da terra, daquele admiravel vale de Miranda do Corvo, cheio de vida, de beleza paisagem, triste pelos olivêdos mas forte pelo cheiro acre dos pinheirais; gente que cavou o torrão, que modelou o barro do Carapinhal e dos Bujos em formas elegantes, que andou á frente de bois quer a lavrar as fazendas de que tirava o pão, quer a transportar em carros chiadeiros os seus produtos; gente que não tinha grandezas alem dos instrumentos de lavoura, que nunca aspirou a sair da rude mediania do trabalho e nunca procurou horisontes que não fossem os limitados pelas curvas tão elegantes das serranias em volta.

Só um dia, por sorte, um deles, nascido já na vila cabeça do concelho, sentiu aspirações maiores. O circulo de serras que rodeia o vale afertava-o um pouco; e de pais de vida local cheia de episodios de vária especie, largou para Coimbra, abriu um pouco as azas e ganhou fortuna.

Era meu avô materno Manuel Caetano da Silva, homem de superior inteligencia, duma vontade decidida, de iniciativa vigorosa e com oportuna visão que constitue caso que ficou unico na familia e não deixou parcelas á descendencia.[1] A Tipografia Auxiliar de Escritorio grangeou-lhe abastança e bom nome. Uma filha casou em 1875 com um funcionario dos Correios e Telegrafos que viera do Barreiro, de familia de varias origens em que aparecem homens do mar, de Vila do Conde, e familiares do S.to Oficio, algarvios de vaga e longinqua origem russa ou polaca.

Deste casam.to que julgo teve seus laivos romanticos, nasci eu (uns quatro anos e quatro meses depois) na tal sexta-feira infeliz. Logo deveria ter ouvido o monotono ruído das maquinas nos andares de baixo; e esses ruídos seriam boa indicação para a

---

[1] Contei alguma coisa da sua vida antes de se mudar p.a Coimbra, em dois trabalhos: Uma litografia desconhecida, na «Miscelanea de Estudos à memoria de Claudio Bàsto (Porto, 1948); e Uma Tipografia ignorada (Em Miranda do Corvo. 1845 a 1867) no vol. I do Arquivo de Bibliografia Portuguesa (Coimb.a 1955).

vida do recém-nascido se, como era natural, os pais não lhe ambicionassem destino superior ao de simples compositor e impressor.

E demais a mais, nessas alturas, o operariado tipográfico em Coimbra andava imbuído nas novas ideias espalhadas com algum espalhafato a seguir á Comuna e á 1ª Internacional. Era o operariado mais ilustrado e mais consciente; lembro-me de alguns que eram jornalistas como o José Pereira da Cruz, outros poetavam como o Delfim Gomes que deixou ainda assim uma bibliografia numerosa; houve um que já não conheci na casa mas com quem me dei depois, o Augusto Veiga, jornalista de certo nome e se fixou na Figueira onde morreu com certa idade.(1)

Tudo parecia encaminhar o creancê-

---

(1) Ha pouco encontrei num romance do comunista Luis Aragon a seguinte frase referida á mesma quadra agitada: «... quelques "anarchistes, pour la plupart recrutés parmi "les typographes, c'est-à-dire, dans une catégorie "qui a ses particularités, où s'est developpé déjà "une culture bien spéciale...» [Les cloches de Bâle, 3ème Partie, cap. V]. Citei a frase porque confirma a impressão que matinha sempre acerca da classe tipografica do meu tempo de moço.

lho nesta via dolorosa. Mas não, e não sei se infelizmente.

O ambiente na família era de certa austeridade; meu avô Manuel Caetano quasi sexagenario, larpára a combatividade que em Miranda mantivéra com todos os inimigos politicos e tratava da sua casa de que se orgulhava com justificada razão. Apenas entretinha, com calma, o velho pires Vigia que o levou a Procurador á Junta Geral do Distrito por varios, onde parece que tinha voto de alguem preso.

Lembro-me ainda de o ver sair com a sua sobrecasaca e de chapeu alto quando ia ás sessões da Junta; subia a rua do Cégo, desenfeitado, com uma bengala de casa com castão de marfim; dizia adeus aos netos que estavam á janela f.º o ver e seguia com a consciencia segura de quem ia cumprir um dever civico.

Quem praticamente dirigia a casa Tipografica era meu Tio Albino Caetano da Silva, ainda novo, então, mas de caracter de uma só face que se impunha naturalmente em toda a familia pelo seu porte impecá-

de cidadão, de filho e irmão dedicado e de amigo generoso.

Boris Fausto.

Assim fui crescendo e, segundo dizia m.ª Mãe, com grandes expansões, mais ou menos melancolico, entretendo-me facilm.te com qualquer brinquedos que a minha fantasia (que foi sempre grande e muito variada) facilmente transformava. Freqüentava a oficina vestido com um "bibe" de riscado p.ª não sujar o fato; e os operarios interessávam-se pela minha curiosidade natural. Sem querer, isto é, inconscientemente, ia ouvindo os homens conversar enquanto trabalhávam e dessas conversas uma ou outra coisa ficava no meu espirito infantil que se ia gravando aos poucos, ora no sentido da convivencia com o trabalhador sem preocupações de hierarquias, ora no sentido da compreensão das desigualdades sociais e da justiça que continham as reivindicações quer ordeiras quer violentas.

Lembro-me, até, com certa nitidez de ver na oficina, levado pelo Pereira da Cruz, um italiano de nome Egidio (ou Ezequiel) salvo erro, mestre serralheiro

contratado para a construção, então em actividᵉ, da ponte ferrea da Portela, da linha Coimbra-Lousã. Era um belo rapaz, com o cabelo ligeiramente revolto, gravata á La Valliére, olhos grandes e brilhantes. Falá-va docemente, mas de maneira persuasi-va, um português misturado com italiano e expunha com entusiasmo aos tipografos, as novas ideias, toda a sedutora teoria anar-quista, envolvida em termos de tal modo ca-tivantes que eu mesmo, creança sem qual-quer base de compreensão, me ficava exta-siado a ouvir.

Muitas vezes o ouvi e de tudo me fi-cou sinal bastante fundo para toda a vida.

Um dia o Esquilario desapareceu. Os tipografos diziam que não sabiam dele. Só mui-to tarde, já eu era homem vim a saber que a policia italiana o procurava porque estaria com-prometido em qualquer atentado anarquista na Italia; que, logo que isto se soube, por in-confidencia, o operariado de Coimbra que o re-cebera e acolhera e o ouvia, se cotizou e o fi-zera desaparecer por meio de embarque no Porto para a Argentina. Mas a figura desse propagandista, não só pelo bom aspecto fisi-

co, impressionante, como tambem pelas belas doutrinas que pregava, ficou-me bem na memoria.

E tudo isto: a convivencia com o operariado e as doutrinas libertarias então em voga, deixou fundo sulco no meu espirito e nunca me esqueceram (creio eu) atravez dos variados episodios em que me vi envolvido ao longo da triste vida. E tanto assim q. mais tarde, quando comecei a comprar livros, adquiri muitos de todos os propagandistas e lia desvanecido toda aquela vasta literatura muitas vezes sem consistencia, meram.te teorica, mas que vinha ao encontro dos meus primeiros contactos com tais ideias.

Lembro-me ainda bem de que o chefe da oficina, o João Gomes Pais, ficava assustado, quando eu, creança como era, lhe pregava as doutrinas que ouvia aos operarios e, especialmente, ao italiano Esquilario; ele, todo burguês, dizia-me que tudo isso eram erros mas eu ria-me...

Com estas doutrinas vinha, é claro, envolvida a ideia da Patria; e a verd.e é que, desde então, fiquei sempre intimamente convencido de que um dos males da Humanidade é a

preocupação patriótica; e vê-se agora, nesta balbúrdia em que os povos se debatem, se não é o exagerado nacionalismo uma das bases dos problemas. Evidentemente que mantenho, dentro de limites, a noção de que a Pátria é puramente acidental; e se, ao longo da vida deixei uma vez ou outra cair qualquer frase nesse sentido, nota que é tomada pelos circunstantes como simples paradoxo ou amável contradição. Tão funda está no espírito de todos essa magia da Pátria, esse nacionalismo das fronteiras!

Misturada com tudo isto, havia uma reacção contra o ultramontanismo fosse ele religioso, civil ou militar; mas a Companhia de Jesus era o alvo principal de todos os ataques, uma espécie de cabeça de turco não só dos avançados mas também dos simples burgueses liberais.

E a verdade é que este conjunto revolucionário me ficou gravado para sempre. A vida atenuou certas asperezas mas a ideia principal felizmente ficou-me e... ainda bem! ainda cá está.

Já não posso fixar datas para deixar com mais ou menos rigor cronológico as

minhas lembranças. O que vou descrever
do corresponde ao período da 1.ª primeira
infancia, passada entre os cuidados da fami-
lia e os começos de instrução dados numa
«mestra», uma Senhora Nicolau, na rua da
Moeda, ao fundo, em um 2.º andar que tem
varanda corrida e que ainda existe, á direi-
ta de quem vai na direcção do rio.

Só conheci raparigas que depois de
mulheres e em boa situação pelo casamento,
nunca deixáram de ter p.ª mim certas aten-
ções e algumas certa familiaridade.

Nesse tempo, no verão, iamos pas-
sar algumas semanas a Miranda do Corvo,
á quinta da Cerrada da Sára, de meu Avô,
propriedade rica que era o mimo dos aros da
vila. E ainda tenho presente a impressão
que me fazia a serra que a poucos quilome-
tros se eleva quasi abruptamente, com im-
ponencia; e lembro-me tambem duma
trovoada forte como sempre são no vale
mirandense, que largou uns raios na lom-
ba alta da serrania e fez estremecer a casa.

Eram dias passados ao ar livre, a
correr pelo milharal, a ver as levadas das
regas, a espreitar o boisinho pacifico que

com os olhos vasados fazia girar a nóra com grande barulho de aleatruzes, a ir á beira do Alhêda, perto do açude, ver correr a agua onde brincávam os "alfaiates" jovens em grande numero, para depois, ver esperar a saída do forno da terra esfoada que minha Avô mandava coser para dar, depois de arrefecida, com manteiga, aos netos. Ou ainda nostalgicamente a entreter-me no pequeno jardim de buxo que havia entre a casa e a nóra, jardim que tornava, para a minha imaginação, proporções desmesuradas.

Era um deslumbramento o nascer do sol, dos lados da Louzã, que vinha bater na casa onde dormia no 2º andar. A serra douravam-se, então — e é desse tempo que me ficou a afeição ao admiravel vale, á carinheira imponente que ali corre, á propria vila que aliás não tem atrativos, conjunto que me deixou impressões fundas na memória e que ainda me comove quando o acaso me léva á sua contemplação.

Meu Tio Alfino da Silva aparecia por lá, aos sabados, e levava sempre um ou outro amigo. E lembro-me de que, certa noite, de luar bem claro, ouviu-se a ~~distancia~~

um vago concerto que parecia de flautas; estávamos na varanda da casa, corremos pelo caminho que ia e ainda vai dar á estrada e topámos com uns quatro ou cinco tocadores de ocarina de barro, sonorisando tanto quanto possivel qualquer musica sentimental. Não sei já dizer quem eram todos os componentes; só me lembro de que no grupo estava meu tio Albino da Silva, meu tio João Caetano, e Antonio Augusto Gonçalves que gostava muito destas partidas e talvez meu tio Francisco Pimenta (que estudava direito em Coimbra) e também ás vezes aparecia.

Foi uma festa para todos — festa que hoje se não compreende, nestes tempos tão civilisados; eram passeios simples divertimentos e tinham certo aspecto patriarcal que meu Avô Manuel Caetano primava em manter.

De tudo isto nasceu em mim a afeição áquele admiravel conjunto de vale e serra, afeição que me levou inopinadamente, mais tarde a querer fazer-lhe a historia como, se tiver vida, ainda contarei nestas paginas, para descargo de consciencia e, já agora, maior e mais completa veracidade destas memorias.

Depois, aos 8 anos e uns dias, por motivo de promoção de meu Pai a 1º Oficial e colocação na Madeira, fomos até ao Funchal onde estivémos uns oito mêses. Escrevi, ou me ditaram, já me não lembro, num livrinho cartonado que me ofereceu o João Gomes Pais, chefe da oficina, o que aqui vai adeante.

E fica por simples curiosidᵉ. alem de dar ~~[illegible]~~ certos informes que estão certos:

«Embarcámos no dia 6 de Outubro de 1887, quinta-feira, no vapôr Angola. Levantou ferro o vapôr ás 10 h. da manhã e saímos a barra de Lisboa ás 11 h. pouco mais ou menos. Fizemos uma viagem magnifica e ás 3 h. da tarde já não avistavamos terra. No dia 7 não avistavamos terra nem vimos navio nenhum. No dia 8, ás 6 h. da manhã avistavamos a Ilha do Porto Santo e um navio, ao norte, á vela. No sul avistavamos 4 navios grandes, a vapor.

«Pouco depois vimos a Ilha da Madeira. Ás 8 h. da manhã passámos em frente da Ilha do Porto Santo. Ás 9 passámos a Ponta de S. Lourenço e ás 10 avistámos a

cidade do Funchal. Eram 10 h. e meia quando o vapor fundeou no porto dando um tiro de peça.

«Logo em seguida a nós fundeou a esquadra inglesa que de manhã tínhamos avistado ao sul. Apenas o vapor fundeou foi cercado por grande número de botes pequeninos nos quais os rapazes pediam um tostão que se deitava ao mar e eles mergulhávam a apanhar o dinheiro.

«Desembarcámos ás 11 h. e quando chegámos á praia que é de pedra (chamada calhau) foi o barco puxado por bois até estar fóra da agua. Fomos depois num carro sem rodas puxado a bois para a casa da rua das Mercês onde ficámos hospedados. Era a casa das Senhoras Teixeiras.

«Tenho dado alguns passeios á Levada de Sta Luzia de onde vim num carro do monte; já fui á Ponte Monumental, á Ponta, á estrada nova, ao Lazareto. Tenho ido tambem á Associação Comercial de onde se vê o mar e os navios. Fui a bordo do encouraçado italiano Lepanto, muito grande e muito bonito. Numa quinta-feira (não sei quantos de Maio, fômos a um sitio cha-

mado o Monte, fomos á fonte de Nª Senhora. Nós comemos e bebêmos na fonte. E num Domingo fomos passar o dia a uma quinta chamada Pedra Mole, fômos eram 7 h. da manhã, almoçámos e jantámos; viemos para baixo eram 8 h. da noite.

« N. 4 de Junho viémos para ~~[illegible]~~ Lisboa; a viagem foi pessima, muito mar e vento de prôa. »

No livrinho, o João Pais mandou imprimir, á maneira de rosto: Recordações do Funchal (1887-1888) e no fundo da pagina, como se fosse livro impresso: « Coimbra. Typ. de M. C. da Silva. »

E' claro que nesta copia não ficaram os erros de ortografia consentidos pelos meus oito anos, mas ficaram as palavras todas.

Mas hoje, apesar dos quase 70 anos de distancia ainda posso dizer mais alguma coisa do que deixei no livrinho. Ainda tenho nos olhos a impressão de deslumbramento ao avistar, dobrada a ponta do Garajau, o anfiteatro da cidade e toda a maravilha do conjunto; o desembarque no cathán, em barcaça de tres quilhas puxada por bois, no

meio da espuma das ondas; a descida vertiginosa em carrinho, da Sª do Monte, que me entusiasmava sempre; os passeios para os lados da Pontinha onde então andávam a lançar grandes blocos de cimento para a construção da muralha que havia de tapar o ilheu a terra e formar o porto de abrigo; outros passeios pela estrada de Camara de Lobos até á chamada Ponte Monumental em vão ainda nos simples; as idas á Quinta da Pedra Mole, da familia Pereira, bondosa gente que nos recebia sempre de braços abertos, quinta na encosta, quase no nivel da Sª do Monte, de onde, em certa tarde de admiravel limpidez de atmosfera, eu vi com oculo de longo alcance, o Pico de Tenerife surgir, como pequenino triangulo, no horizonte marinho. De tudo me lembro ainda com mais ou menos felicidade.

A familia Pereira que tão bem nos recebeu e era gente extremamente bondosa, tinha em Lisboa um filho, oficial de Artelharia Cesar Atanasio da Silva Pereira que fôra com discipulo na Politecnica de meu tio José Augusto Pimenta e que nos recomendára. E as relações foram de tal modo aceites que ti-

cámos amigos para sempre. Passámos em casa deles a noite do Natal de 1887; e tenho presente a melancolia que me invadiu tô da a noite até me provocar as lagrimas. Os donos da casa preocuparam-se com a minha tristeza; julgáram doença, qualquer mal-estar. Mas não era: invadiram-me recordações de Coimbra e em especial de minª Avó Leonor. E eu chorei...

Eram os pronuncios da minha triste vida.

Durante o tempo que permanecêmos no Funchal frequentei o Colegio de S. Jorge, de ingleses, dirigido por senhoras que a esta distancia de 70 anos, me dão a impressão de que eram freiras. Conservo ainda desse periodo uns recibos, exercicios e notas de comportamento que ficam guardados no seu lugar por curiosidª e ... fº a Posteridade.

E foi tambem durante esse tempo que estive na cidade uma tuna espanhola que, se me não ia ao sinho das Canarias. Desembarcou e andou pelas ruas tocando. E tenho-me de que ouvi a valsa Dolores, creio que de Waldteufel, musica de q. me nunca me esqueci; ainda hoje, ao ouvi-la tocar ou a ou-

vi-la no aparelho de radio, que veem á memoria a passagem desses rapazes na rua dos Ferreiros, por debaixo das janelas da nossa casa de que era proprietaria a viscondessa de Duquela. Ainda guardo uns recibos de renda passados por um Diogo de Sousa Drummond, seu representante ou procurador.

E foi tambem durante a permanencia na Madeira que possivelmente se me revelou a bossa de escrevinhador. Tenho, neste momento, em frente, um exemplar (creio que unico, certamente) dum jornal manuscrito a lapis As Novidades, datado de 18 de Março de 1888. É o primeiro documento da faina em que me meti depois, pela vida fóra, tão ingloriamente. Constava apenas de noticias do movimento do porto, anuncios dos navios que partiam e chegavam, aniversarios e ... pouco mais.

Tinha eu, pois, oito anos e meio, pouco mais ou menos quando me meti a jornalista...

No verão de 88, como meu Pai foi colocado em Vizeu, regressámos a Lisboa. Na tarde da partida, ainda estou a ver entre a neblina o vulto da ilha do Porto Santo, que eu fixei da ré do vapor Funchal, abanando a esti-

bordo devido ás velas latinas desfraldadas por causa do mar bastante picádo.

Na noite da chegada a Coimbra, estávamos a jantar com a familia quando, no patamar da escada rompeu um concerto infernal: meu tio Albino da S.ª reunira uns amigos entre os quais Antonio Augusto Gonçalves, Eugenio de Castro, Augusto Pais, musico e não me lembro mais quem, e cada qual com seu instrumento como bombo, cornetim, trompa, ferrinhos, fizeram a barulheira ensurdecedora de que, até, minha Mãe se assustou desagradavelmente.

O Eugenio de Castro soprava numa trompa antiga, talvez do sec.º XVIII, hoje no museu de Machado de Castro, muito senhor de si. Essa trompa deu ensêjo para um desenho de mestre Gonçalves que eu conservo com interesse, alusivo a uma vaga Sociedade do Serpentão cujo nome veiu da trompa setecentista que terminava por uma bocarra de serpente.

Bons tempos! Pacificos e inofensivos.

Com o regresso a casa, voltei á vida anterior de convivencia com o operariado

da Tipografia e comecei a frequentar a aula de instrução primaria dum Verissimo Portugal, considerado bom professôr, com casa na Calçada (ou rua de Ferreira Borges) num 1º andar. Ainda estou a ver o homem, entroncado, estatura média, rosto fino com pouco pêlo, com nariz afilado; já nada novo, costumava dar as suas lições em pé ao passeando; tomava o seu papel a pérlo, ensinava bem, embora misturando o ensino com dóses de galhofaria que aplicava com certa força. Era casado com uma creatura mais alta do que ele, verdadeira megera que muitas vezes, nas curtas ausencias do marido e ao ouvir barulho superior ao consentido, dava descomposturas tremendas com vozeirão de homem e impropérios de arrieiro — o que para a garotada era gaudio.

Teve este professor alguem tempo por ajudante um certo Lima Duque (de nome completo Abilio Alberto de L. D.) que julgo ter o curso de professor primario e como tal assistente na 1ª escola. Era 1º miope e, apesar de dar atenção aos rapazes e tratá-los com brandura, passava o seu tempo a ler, como quem não nasceu p/ ensinar meninos. De-

pois dedicou-se ao jornalismo e deixou bastantes livros de variados assuntos, possivelmente sem grande valor. Era inteligente, bastante vivo, mas espirito irrequieto e volumel como se vê bem pelos inumeros trabalhos que publicou. Era irmão do medico Julio Ernesto de Lima Duque que, antigo e banal politico monarquico veiu a ser ministro da Republica.

Tambem durante algum tempo ajudou as aulas uma rapariga, já professora, de nome Felicia, muito morena, com olhos negros, creio que estagiaria ou a praticar; tinha m.ta paciencia para os rapazes e dominava bem o conjunto mais ou menos buliçoso com delicadeza e boas palavras. E tenho ainda hoje a impressão de que seria talvez esta creatura meiga e bondosa e de grandes e expressivos olhos ~~ou~~ negros a primeira aparição feminina que entrou na minha fantasia, com a ajuda de alguns globulos sanguineos dos meus ascendentes algarvios porventura oriundos de vago tronco mauresco. Seria ou não seria...

Lembro-me de que foi nessa aula do Portugal que eu tomei gosto pelas leituras da

prosa do P.e Antonio Vieira, principalmente nas cartas, por Fr. Luis de Sousa, por Dom Franc.co Manuel, Fleitas Pinto, João de Barros, Jacinto Freire, Alexandre Herculano, Garrett, Rebelo da Silva, Castilho e muitos outros escritores que eram lidos e analisados gramaticalm.te nos Logares Selectos de A. Cardoso Borges de Figueiredo — cujo exemplar, que ainda conservo, folheio e leio uma vez por outra com certa comoção.

Quero tambem lembrar a convivencia, nesse tempo, que Trindade Coelho tinha com meu tio Albino da Silva, bem como a amizade que ligava este meu tio com o estudante Antonio Fogaça, poeta, morto prematuramente com 25 anos em Novembro de 1888.

O autor dos Meus Amores era espirituoso alegre; lembro-me bem de que o seu rozeirão era sempre, lá em casa, sinal de bom agouro e quando eu estava presente contava-me historias e anedotas. Dessa convivencia veio que, muitos dos seus escritos literarios da quadra foram firmados pelo pseudónimo Belisario — em minha homenagem, conforme dizia e era tradição

na familia.[1] E até naquele livro de contos deixou uma referencia annual á Typographia no cap.º II da Comedia de Provincia [2]

Quanto ao poeta Antonio Fogaça, era outro genero: triste, romantico, talvez por pressentimento do seu prox.º fim. Era «um "moreno de alma heraldica» como lhe chamou Alberto de Oliveira.[3] Teve uma paixoneta por certa rapariga não sei se costureira, de que me lembro bem por a ver, na Praça Velha, em conversa com ele; era rapariga pallida, de grandes olhos negros, que fizera o papel de protagonista numa revista chamada Coimbra em fralda, levada por amadores creio que no velho theatro D. Luis. Como a peça teve certo exito e ela mostrou vocação theatral ficou sendo mais conhecida pelo nome da revista do que pelo do baptismo.

O Poeta entretinha-se, muitas vezes, a conversar comigo quando ia á Typographia

---

(1) Usou este pseudonymo durante dois annos segundo conta na sua autobiografia (Auto-Biografia e Cartas, Lisboa, 1910, a pag. 18).

(2) A pag. 97 da 2.ª edição, que é a que possuo: Lisboa, 1894, da Parceria Ant.º Maria Pereira.

(3) Poesias, pag. 105-106 (Coimbra, 1891). Diz tambem q. foi «o ultimo estudante de Coimb.ª»

para rever as provas dos seus Versos da Mocidade feitos em baixa da dita rapariga.(1)
Era afectuoso, delicado, sempre com ar triste; e um dia fez-me uns versos...

Eu conto:

Por essa altura da vida deram-me uma bicicleta (ou velocifede, como se dizia então) não me lembro já se meu Pai se meus tios, bicicleta pequena ainda com a borracha maciça nas rodas; exercitei-me na esplanada da quinta de meu tio João Caetano, á Guarda Inglesa fº. onde íamos muita vez. Ora meu tio Albino da Silva pediu ao Pedro Cardoso, tipografo e jornalista republicano mto. das relações lá de casa e se dedicava ao ciclismo então nascente, para, uma vez por outra me acompanhar em uns pequenos passeios pelas estradas dos arredores. Aconteceu que, em certa ocasião eu, já me não lembro onde nem porquê, dei um trambulhão aliás sem consequencias. O Pedro Cardoso ficou atrapalhado porque se poderia julgar pouca atenção para com o neofito na

---

(1) Versos da Mocidade (1883 a 1887), 1ª edição, Coimbra: 1892, Tip. do M. C. da Silva.

arte de "estradismo", como hoje se diz. Ao chegar a casa, contou-se o incidente; o António Fogaça estava lá na ocasião e escreveu logo duas quadras que me entregou:

. «Velocípede traiçoeiro
Parece que andas com sono
Que mal conheces o dono
Que é rapaz elegante...

Não me deites mais abaixo
Senão ponho-te num bico!
Mau refinado patife!
Mau refinado borracho!

Estes versos, inéditos, é claro, deixei-os escritos no nº 2 do jornal manuscrito As Novidades, feito em Setembro de 1888 e têem a data de 4 deste mês. O trambulhão e a poesia ficam assim identificados.

Quando o Poeta morreu em Novembro daquele ano, houve na família grande pesar. Ainda estou a ver meu tio Avelino da Silva, bem contrariado, a pôr gravata preta para ir ao enterro do amigo.

Também por este tempo frequentava muito a tipografia o estudante brasileiro de nome Francisco Bastos. Lembro-me bem

dele, pequeno, com côr macilenta, muito vivo e alegre. Meu Tio Albino da Fª gostava dele e quando publicava o Jornal para todos, da serie de 1887, muitas vêzes lhe pedia uns versos para acompanhar certas gravuras. Ele, rapidam.te, fazia umas quadras ou qualquer outro genero de poesia que assinava com as iniciais L. P. Tambem deixou artigos literarios no mesmo Jornal e outros para explicação de gravuras, todos assinados com as mesmas iniciais.

Igualmente meu Tio lhe pediu colaboração para um Almanach de Curiosidades para 1891 que lançou como reclamo da casa; lá vem com as mesmas iniciais varias poesias e grosas e, possivelmente, outras com varias assinaturas completam.te desconhecidas e que disfarçariam a colaboração. Não o posso, todavia, afirmar.

Depois de formado em Direito foi para o Brasil onde morreu novo e, segundo corre, assassinado. Em 1899 o dr. Rodrigo Veloso publicou um volume de Versos desse alegre e desenvolto rapaz que enchia de vida a sala da Tipografia quando se lembrava de aparecer. A edição destes Versos foi feita em Barcelos e com tiragem de 100 exemplares o que foi.

ria os exemplares raridade bibliografica. São dele tambem duas poesias que adeante deixo aqui arquivadas quando me referir a um paráu do Ginasio em que tomei parte.

Falei acima do nº. 2 d'As Novidades... Foi o ultimo. E reparo que ha nele uma referencia a Antonio Augusto Gonçalves que, ao tempo se abalançára á celebre fabrica de louça que tanto desgosto e prejuizo lhe deu. Arruára barraca na feira de S. Bartholomeu que então se fazia com grande concorrencia, de 20 a 31 de Agosto; e parece que chamou a atenção dos feirantes e dos conimbricenses para o novo Vigo de loiça. Na segunda pagina do jornal vejo esta noticia que vai transcrita ipsis verbis e ipsis littera:

«Grade ilogio. O Ex.mo Sñr. Antonio Au-
"gusto Gonçalves tem feito um grande negosio
"na sua barraca por ser umas das melhores
"losa cá da Cidade de Coimbra. O Sñr. Antonio
"Augosto Gonsalves o grande professor de dese-
"nho como se nunca se vio nesta cidade.»

Este arrazoado é bem o reflexo do pres Vigio de Mestre Gonçalves na familia e da mi nha balbuciante bossa (e infeliz bossa!) de escreviniador.

E assim, monotonamente, sem alegria, fui crescendo; e digo sem alegria porque me recordo bem de certos periodos de tristeza que me invadia, que levava a sentar-me no vão duma janela da nossa casa de mêsa que deitava para o bêco e a ficar ali, a olhar os telhados, inactivo, horas seguidas. E assim fui andando até ás alturas do primeiro exame — primeiro degrau da longa escadaria que teria que subir para chegar a ser alguem.

A escadaria, no começo, era comum a todos; lá fui subindo melhor ou piór. Mas depois... ai de mim!... Depois, enganei-me no caminho. E o engano foi tremendo.

Começa agora com o meu prim.º exame um novo e importante periodo da vida.

A 4 de Julho de 1890, tinha os 10 anos da regra, fiz o meu exame da Camara, como então se chamava por ser feito no edificio municipal, esse primeiro degrau da longa escadaria. Os examinadores, presididos por um inspector que, se me não engano, era um Duarte Areosa, alto, imponente, de grandes barbas negras m.to cuidadas,

eram professores primarios e lembro-me de q. foram o José Pereira Maduro, do lugar do Lapão, freguesia de Miranda do Corvo, então em Cernache dos Alhos e o Antonio Avelino, de S. Silvestre, um pobre homem que ficou sempre meu amigo. Fiquei aprovado e mereci os parabens de meu Avô materno nessa altura transmitidos, de Miranda, em bilhete de visita que conservo e reproduzo:

«Ex.mo S.r Belisario / Pelo seu denodo, altivez e prez.a d'esp.to / Manuel Caetano da Silva / A dar parabens.»

Lembro-me muito bem, até, de que no interrogatorio de moral perante uma pergunta a que não sabia responder, tive esta saída que não foi, certamente, por esperteza:

— Isso não vem na minha Moral...

Referia-me, é claro, ao compendio. O presidente, solene, cofiando as barbas, observou pouco mais ou menos isto:

— Vejo que o menino tem uma moral diferente...

Riram-se, eu ri-me tambem e o exame continuou.

Depois de férias passadas na terra da Nóra, continuei na aula do Verissimo Portugal a preparar-me para o segundo degrau da escada da Sabedoria: a admissão ao Liceu. E com efeito, a 22 de Abril de 1891 lá fui ao exame, no edifício de S. Bento. Não tenho ideia dos examinadores e até varreu-se-me da memória o acto, ao contrário do que aconteceu com o primeiro.

Com estes dois exames estava apto para frequentar o Liceu. Porem, na família, não quiseram que me matriculasse ali e frequentei o ensino particular. Nesse primeiro ano liceal as disciplinas eram o Português e o Francês; a primeira, não me tem ido bem, mas quero crer que foi ainda o Verissimo Portugal que m'a ensinou; mas na segunda, no Francês, foi mau certo Fula no Cardoso que me preparou e por final bem. Este Cardoso era homem alto, magro, que usava lunetas; tinha ar distinto, andava sempre m.to bem vestido e gozava da fama de ensinar bem, como na verd.e ensinava. A aula era na rua da Calçada (ao Ferreira Borges) num 1º andar onde hoje está, se me não engano, a livraria

tunha. Foi isto no ano lectivo de 1891-1892 andava eu nos meus 12 anos.

Ora até esta altura ha ainda que contar antes de seguir avante com a minha educação literaria.

Lembro-me bem da proclamação da Republica no Brasil e do entusiasmo que nos operarios da Tipografia causou esse triunfo da Democracia. Eu saboreava os comentarios que faziam e os prognosticos relativos á repercussão favoravel do acontecimento na politica republicana no nosso país.

Recordo-me tambem da comoção causada pelo ultimatum inglês de 11 de Janeiro de 1890; do aparecimento do Hino patriotico A Portuguesa que se vocava, cantava e assobiava por toda a parte; das concentrações de estudantes na Praça do Comercio para seguirem em cortejo não sei já para onde, aos vivas e, principalmente, aos «morras á Inglaterra», concentrações dirigidas ou influenciadas por um grupo predominante de rapazes republicanos em que se distinguia a figura romantica de António José de Almeida (frequentador da Tipografia, amigo de Mes

tre Gonçalves e de meu tio Albino da Silva) e bem assim o austero Augusto Barreto, estudante de Direito que, por ser baixo quando dava vivas ou morras punha-se no bico dos pés, ou o integro Silvestre Falcão, de Medicina, ou João de Meneses, de Direito, e tantos outros que depois se distinguiram.

Havia imanente a repulsa pelo procedimento inglês e celebrávam-se com entusiasmo um tanto ou quanto inconsiderado (como é costume português) os actos de caracter patriotico de certos oficiais nossos em Moçambique como Paiva de Andrade, Azevedo Coutinho e outros. Veiu depois o entusiasmo da subscrição nacional, e para ela realizáram-se umas recitas no teatro de D. Luis e outras festanças. Na tipografia fizeram-se varios programas, imprimiram-se poesias de que ainda guardo alguns exemplares — como por ex.º da poesia do brasileiro Pinto da Rocha, em folha solta, entitulada Canathas! ou de outra que saiu anonima A abordagem do chaveco (mas que era do estudante de Direito Alberto Osorio de Castro) impressa em tira de papel com as tres côres francesas, azul, branco e encarnado, como protesto nitida-

mente anti-monarquico. Foi uma quadra movimentada de que a m.ª memoria conserva bastantes episódios

Eu, levado pelo ambiente de entusiasmo, até fiz um suplemento ao n.º 24 do meu jornal manuscrito O Marítimo (de que falarei adeante) num quarto de papel escrito a tinta vermelha, vibrante de indignação; devia ser em 17 de Março e anunciava a ocupação do Chire pelos ingleses, dava morras a D. Carlos e terminava por um viva á Republica, em letras grandes...

Talvez mereça fixar um caso que não sei se ficou esclarecido. Guerra Junqueiro fez uma poesia dedicada ao oficial de marinha João de Azevedo Coutinho em quadras de 7 silabas que começava assim:

«Não basta um crachá no peito
Ao teu valor indomavel.
Um rei sem reino, o Direito
Fez-te hoje o seu condestavel.»

Esta poesia, com 14 quadras, datada de 14 de Março, foi impressa na Tipografia Operaria de Coimbra, em cartolina leve, tipeiramente côr de rosa na frente e branca no verso. Pos-

auia um exemplar que, por ser muito ra
ro, ofereci ao Arquivo Historico Militar, ha
anos, no tempo ainda do Ferreira Lima onde
deverá estar arquivado.

Ora o que eu queria fixar é o seguinte:
quando em 1920 Junqueiro reuniu em volu-
me certas poesias dispersas [1] está a que me
refiro, incluída a pag.ª 159-162, mem mem as
duas primeiras quadras e com a epigrafe:
«A um heroi-redentor que vi em sonhos.» E'
que Azevedo Coutinho pouco antes, em 1919,
metera-se nas aventuras monarquicas con-
tra a Republica e fôra o comandº visivel no
episodio de Monsanto. Junqueiro não teve
coragem de novamente celebrar o heroi do
Chire...

Depois veiu o 31 de Janeiro de 1891.
E tenho bem presente a cêna que se deu
comigo ao ouvir meu Tio Albino da Silva di-
zêr que estava proclamada a Republica no
Porto. Talvez não fique mal aqui, para não
estar a fazer nova descrição, a copia do que
em 1951 escrevi no caderno diario correspon

---

(1) Poesias dispersas, 8.º de 186 pag., Porto,
1920, ed.ão da Livr.ª Chardron, de Lelo & Irmão, L.da

dente a esse dia. Foi escrito, certamente, em dia de bom-humôr:

«Lisboa: Janeiro: 31:

«Ha sessenta anos... Lembro-me bem! Morávamos ainda no 2º andar da casa da Praça do Comercio onde nasci; senti meu tio Albino da Silva subir a escada, apressado e dizer com ar alegre que no Porto estava proclamada a Republica.

«Eu, que vivia em ambiente republicano e o sentia apesar de creança fui ao patamar da escada e gritei:

— Viva a Republica!

uma ou duas vezes. Meu tio que entrára no quarto dele que deitava pª os lados do Romal, lavára as mãos e ria-se; debaixo, do primeiro andar, surgiu a cabeça do João Gomes Pais, o chefe da oficina, que, com ar de grande atrapalhação me disse para cima:

«Oh menino! esteja calado!... Olhe a policia.

«Era a voz do bom senso a aconselhar a necessaria prudencia, enquanto se não soubesse, á certa, o resultado da revolta. E como falou em policia, eu, naturalmente, in-

vinidei-me e meti o entusiasmo no pa-
co...

«O que teria acontecido? Lá em casa e, principalmente, na oficina, havia verdadeira anciedade. Venceram? não venceram?

«Lembro-me bem da consternação á noite, quando se soube da derrota. O José Pais bem me dizia:

«— Menino... olhe a jolicia...

«Bons tempos!

«Sessenta anos... E eu ainda ando por cima desta miseravel crosta terrestre!»

É foi, realmente, assim. Lembro-me bem. E lembro-me tambem de que, na noite de 30 para 31 de Janeiro um grupo de estudantes requereu a meu Pai, então chefe dos serviços no distrito, a estação telegrafica provisoriamente, cumprindo as formalidades legais. Como a revolução se gorou, meu Pai foi interrogado acerca de quem eram os estudantes. Meu Pai respondeu q. não conhecia ninguem e esta resposta foi sempre lembrada por os rapazes á frente dos quais estava Antonio José de Almeida, Silvestre Falcão, Pires de Carvalho e outros. Em Outubro de 1910, na

ocasião em q.e o Dr. Ant.º José de Almeida, já ministro do Interior, veiu a Coimbra, ainda me falou no episodio com palavras de reconhecimento.

Eram bons tempos, realmente.

E a proposito de 31 de Janeiro, ha uma coisa que estranho quando se fala dos movimentos literarios e dos movimentos politicos dos fins do seculo passado.

A chamada «Geração de 90» é muito falada e discutida na nossa historia literaria; porem não se fala numa outra geração paralela, perfeitamente contemporânea, de caracter politico revolucionario que veiu, vinte anos mais tarde, a constituir os primeiros quadros dos governos republicanos saídos da revolução de 1910.

Essa outra geração era igualmente notavel e apesar de se celebrar o espirito nacionalista e tradicionalista da geração literaria, a verd.e é que, segundo julgo, a revolucionaria tê-la-ia influenciado em parte; como disse depois Ant.º José de Almeida[1] eram «revolucionarios romanticos como se

---

[1] Desaffronta, pag. 51.

"se surgissemos em 20..." esses rapazes q. constituiam a aguerrida falange.

Muito bem me lembro do republicanismo de Alberto de Oliveira (que morreu monarquico e católico); de certo espirito inconformista de Eugenio de Castro, revelado com recato e na intimid.e e depois negado estrondosamente.

Nessa geração revolucionaria havia por ex.º o estudante João de Meneses que, com Eugenio de Castro estavam na direcção da revista literaria Insubmissos onde tambem escreveu e muito o brasileiro Francisco Bastos e salvo erro Silvestre Falcão.

Havia, pois, grande ligação entre essas duas gerações contemporaneas e parece-me que o estudo do agrupamento literario de onde saiu o pretencioso saudosismo e o balofo neo-garrettismo (embora despido «da coragem civica de Garrett[1]) não deveria ser feito sem o estudo da acção desse outro agrupamento q. foi verdadeiramente digno de nota e estudo e que veiu, em grande parte e

---

(1) Agostinho da Silva: Notas sobre Almeida Garrett e as suas doutrinas estéticas, a pag.s 50 - 54

uns anos mais tarde, a agitar o problema político do País.

E foi essa agitação política que levou os governos a procurarem desunir a Academia e, segundo ouvi sempre dizer, foi o Ermídio Navarro quem sugeriu o plano de oferecer um grandioso teatro académico novo para substituir a velha casa de espectáculos, que servia de ponto de reunião e coesão dos estudantes. Para construir esse edifício cujo plano foi confiado ao notável arquitecto italiano Nicola Bigaglia, era necessário, porem, derrubar o outro...

Assim se fez. O velho teatro académico foi deitado abaixo, fizeram-se os alicerces do novo e... pronto. A edificação foi arrastando, vários sucessos políticos se sobrepuseram e o terreno assim ficou até 1913, ano em que se começou a construir a Faculdade de Letras.

Um estudante do meu tempo, Faria e Maia, toca neste assunto com verdade e independência num livro de memórias[1];

---

do nº 585 da Seara Nova, nº de Outubro de 1938.

(2) Francisco de Ataíde Machado de Faria e

e de facto a geração revolucionaria teve grande influencia no tempo e foram bastante no emaranhado da politica.

Eu era creança, mas a verd.e é que via e ouvia e fixava e muitas vezes ainda, em casa de meus Pais, no 2.º andar, notava os comentarios de meu tio Alfino da Silva a certos episodios passados com os poetas e homens de letras, e com os republicanos — pois com todos meu tio se dava e m.tos frequentavam a casa.

Ora paralelamente a estes sucessos politicos que ficaram na m.a memoria bem marcados, porque as reacções lá em casa, em como ambiente propicio, eram sempre grandes e deixaram-me, para a vida, influencia benefica — houve outros que não deixarei de lembrar porque entram no quadro complexo dessa primeira fase da minha existencia e foram grandes construtores da minha mentalidade.

Maia: A minha malta gasta. Tempos de Coimbra. Gente do meu tempo (1896-1901), a pag. 50-52. Conheci m.to bem o autor, pequeno, elegante, loiro. Chamaram-lhe a «arca espiritual do Candido Guerreiro» seu companheiro assiduo.

Quero referir-me, por ex.º, à convivência com o Campaio de Castro, Alberto de Oliveira e Manuel Gaio, principalmente. Ás vêzes meu tio Albino Caet.º da Silva levá-va-me até ao visinho Café Marques Pinto e lembro-me que, numa ocasião, nos sentámos a uma mesa onde estavam reunidos uns es tudantes entre os quais o António Homem de Melo (o Tay) e o Carlos de Margarita. Este acabava de escrever, em tiquetados, qualquer artigo e, a pedido dos circunstantes, entregou os tiquetados a outro e repetiu ipsis verbis o q. tinha escrito.

Este Carlos de Margarita tinha memória privilegiada e ao tempo celebrada entre os rapazes. Recordo-me de que era forte, tinha cara cabeça grande, já usava uma pequena fêra e andava sempre bem vestido. Foi depois professor da Faculd.e de Letras quando esta se organizou em 1911 ou 1912 e morreu novo.

Mas aqueles três acima citados, como frequentavam a tipografia porque tinham as suas obras a imprimir na casa, eram mais conhecidos — assim como o dr. António Garcia Ribeiro de Vasconcelos, amigo de meu tio Albino da Silva de quem fôra condiscípulo

e sufonho que companheiro de aventuras recatadas antes de se encaminhar para a Teologia em que se formou.

Disse-me meu Tio Albino da Silva, já bastante mais tarde, que este dr. Vasconcelos, em estudante, era um rapaz alegre, um tudo nada estúrdio e tivera uma paixoneta pela irmã do poeta António Fogaça; que essa paixoneta não se limitou a termos platónicos e q. a rapariga veio a morrer tuberculosa, antes do irmão, sem realizar o sonho do prometido casamento. Esta morte fez grande impressão no Vasconcelos; e quando este voltou para estudos, passadas as férias seguintes ao desaparecimento dela, vinha mudado, concentrado, um pouco misantropo e resolvido a cursar Teologia, como cursou. Meu Tio dizia-me, particularmente, é claro, que nunca tomou muito a sério a reviravolta do seu condiscípulo pois se nos primeiros tempos houve alguma singeridade no comportamento, a verdade é que essa austeridade dentro em pouco desaparece e, com o tempo, sabe-se bem o que foi a sua vida de "macho."

Mas, como dizia, o Emperio do Castro e o Alberto de Oliveira frequentaram a

casa e como eu, fóra das horas do estudo ou das aulas andava sempre pela tipografia, encontrava-me muito com eles e ouvia-os.

O Alberto de Oliv.ª era então republicano, pelo menos é o que se depreendia das conversas; e o Eugenio se bem que conservador por natureza e com prosapias de fidalgo, deixou-me a impressão de espirito livre e bastante inconformista — liberd.º de espirito e inconformismo que depois não manteve. O que o Alberto de Oliveira tinha de alegre, vivo, espontaneo, no Eugenio havia calma, ponderação, aspecto quasi conselheiral. E' certo que este tinha, ás vêzes, saídas um tanto ou quanto aparotadas, comentarios picarescos e irreverentes que destoavam do seu aprumo aristocratico — o que mais tarde, quando já homem e o comecei a ver com outros olhos, eu traduzi por completa falta de sinceridade.

O Alberto de Oliveira, com os seus 19 para 20 anos, parecia mais velho mas era sempre o mesmo alegre, sincero e sério; o Eugénio não: debaixo daqueles modos finos e da correcção de palavras, havia insinceridade e bastante velhacaria, como depois, pela vida fóra, se provou.

Lembro-me de que um dia meu tio Alfino da Sª procurou saber a significação de certa poesia dos Oaristos ou das Flores em Vão ou Trabalho de composição na oficina; ele explicou de qualquer modo que não fixei ou não percebi e terminou por dizer que a Poesia poderia ser alegre ou triste, corrente ou filosófica, clara ou obscura, conforme se quisesse; ele, Campanio, não acreditava no que se chamava a inspiração ou sentimento intimo por que fazia as suas poesias conforme a sua vontade de momento e necessidades da escola.

É claro que não garanto que as palavras fossem estas; mas o significado da explicação é que fica certo tanto quanto possivel. E lembro-me, ainda, de que meu tio, á noite, em casa de meus Pais comentou o caso concluindo desfavoravelmente a respeito das qualidades poeticas dos chefe dos nefelibatas, pois considerava e imaginava a Poesia como coisa mais alta, mais sincera e intima.

Ainda não ha muito, o Dr. Joaquim de Carvalho leu uma conferencia acerca de Teixeira de Pascoais, na Academia de Ciencias de Lisboa, frisou a diferença entre este, Poeta profundo, de dentro, e o Campanio que conside-

nou poeta de superficie, rico trabalhador de versos — como o que parece o Julio Dantas deu certa parte. Depois, contei ao Dr. Carvalho a conversa do Lopario com meu tio e ri-o satisfeito com mais uma prova para comprovação da sua tese.

Nessa altura das conversas na Tipografia já o Lopario, com os seus 26 anos, era socio da Academia das Ciencias e tinha muita certa vaidade. Estou a vê-lo, fumando um cigarro e a fingir naturalidade, contar que anos antes, em casa de João de Deus a quem muito admirava, estranhara que o grande Poeta não fosse socio da Academia ao que este lhe respondeu com todo o seu ar bondoso:

— Não sou, realmente, mas hei-de vê-lo quando lá entrar este anarquista das Letras...

O anarquista das Letras era o Lopario. E na verdade os dois foram propostos e aprovados os socios na mesma sessão academica. E o Lopario, lançando para o ar o fumo do cigarro, modestamente, acrescentava:

— João de Deus... está bem... é um grande nome... mas eu, na verdade, e apenas com 26 anos...

O velhaco!... Mais tarde, quando com o andar dos tempos o apreciei melhor e me lembrava deste e de outros episódios, é que comecei a ver o que havia de insincero e de certa dóse de velhacaria no anarquista das Letras que viria a ser, na fase final da vida, classificado como Principe dos Poetas Portugueses.

Ao mesmo tempo tinha actos curiosos de que vou citar um que mais me ficou na memoria.

Um dia, na sala da Tipografia, durante qualquer conversa, ouvi falar muito em Renascença. Eu não desconhecia o termo mas não sabia o que significava e a certa altura com o natural descaramento de creançola, perguntei ao Empenio o que era Renascença.

— O menino não sabe o que é a Renascença?

— Não sei...

— Pois então venha cá.

A sala da Tipografia tinha tres portadas que deitavam (e deitam) para varanda corrida. O Empenio puxou de duas cadeiras, pôs-las na varanda, sentou-se numa, mandou-me sentar na outra e puxando dum cigarro começou bondosamente a dar-me uma lição.

não sou capaz, evidentemente, de reproduzir a lição; o que sei é que ouvi atentamente e também sei que a exposição foi de tal ordem, tão clara, tão chã, mas tão verdadeira que fiquei com a noção tanto quanto possível exacta do que foi aquele grande período da História e direi ainda que, durante a vida, me alarguei os conhecimentos e aumentei os patrimónios, a verdade é que não precisei modificar a ideia geral com que fiquei.

Só devo acrescentar: não exagéro nestas afirmações; o Empório foi extraordinariamente claro e as explicações entrepostas deviam ser as próprias para criança de onze anos ou o máximo doze, ainda sem preparação para compreender a complexidade do assunto.

O Alberto de Oliveira não era assim; entrava lá em casa, na tipografia, sempre alegre, a falar com vivacidade, parecendo que influenciava a sua opinião; não vinha, como o Empório, grandes conversas comigo mas dá-me gravuras que arranjava a ilustrações, algumas das quais ainda conservo.

Lembro-me bem de que ajudei a uma tarefa na tipografia que ficou secreta. Foi o caso que as litografias que vieram de Lisboa,

da Companhia Nacional Editora, em começos de 1891 para o livro Poesias impresso lá em casa [1], foram estampadas em cartolina mais branca do que o autor e meu tio Albino da 5ª queriam. O Alberto de Oliv.ª ficou aborrecido pois as gravuras tipográficas amareladas como meu tio indicou por mais artísticas. Lembrou-se então meu tio de experimentar uma delas num mergulho de chá forte e deu resultado, de modo que resolveram fazer o mesmo ás outras mas (já que não tinham porquê) que isso ficasse ignorado.

A um sábado, depois dos operários saírem, veio uma grande bêlha de metal amarelo, de casa de meus Avós, com grande porção de chá muito forte; mergulharam-se todas no líquido, ficaram toda a noite e no dia seguinte de manhã o Alberto de Oliv.ª, meu tio e eu dependurámo-las em cordeis na oficina, para secar. O Poeta exultava com a lembrança e com o bom resultado e pelo trabalho que eu tive prometeu-me um cartucho de rebuçados — que, aliás, nunca me deu...

---

(1) Poesias de Alberto d'Oliveira. 1889-1891. Bibliá do Sonho. Pares de Sol. Coimbra, 1891.

As litografias, realmente, depois de pe cas, ficaram com leve tom amarelado, mais ao gosto do autor do livro e também do de meu Pai. E assim correu mundo.

O Dr. António Garcia Rib.º de Vasconcelos também frequentador da casa (como já acima disse) era mais sobrio. Já tenente de Teologia, com ar mais ou menos imponente não só devido á sua boa figura como também ao facto de ser doutor de capelo (o que ainda nesse tempo era, em Coimbra, de alta importancia) quando se punha a dirigir era sempre com grande ar de superioridade, com tom professoral, de quem se dignava descer dos altos até aos trichos da terra vil... Contudo, devo dizer que quando explicava, amavelmente, qualquer coisa, o fazia com clareza e precisão. Quando tinha a imprimir a sua obra acerca da Rainha Santa e eu lhe fazia a grande gravura da capa, talvez começasse aí a influencia que ele me deixou para futuros estudos historicos e de que dificilmente me libertei.

O seu espirito de investigador minucioso, consciencioso, que procurava ir ao fundo de todos os assuntos, calou bem no meu feitio e quero crer que a leitura da obra (que ele

me ofereceu com amavel dedicatoria) e as suas conversas sempre com tom erudito, me ajudáram possivelmente a tendencia para a investigação que aplicada como infelizm.te foi, e pela primeira vez entre nós, á historia militar me deu o nome que tenho conforme a expressão do general Teixeira Botelho no discurso de apresentação no dia em que fui recebido na Revista Militar — um «caso novo e unico» na nossa historiografia castrense ou, como deixei escrito na altura competente: «um caso novo e áparte ...»[1]

E não me levem a mal o desabafo q. pode ser tomado á conta de vaidade.

O estudo do Dr. Vasconcelos acerca do poeta Braz Garcia de Mascarenhas e que, na verd.e me deu no gôto, mais tarde, principalmente pelos capitulos feitos sobre documentos do cartorio da Camara Eclesiastica é um modelo no genero; creio que se não poderá ir mais alem. Contava-se ao tempo que o Antonio Baião dissera, como comentario critico que o estudo era uma especie de tiro de canhão aplicado a um pardal. Isto é in-

---

(1) Nestas Memorias, pag. 286 do vol. 1928-32.

justo e alem disso o Baião não tem autoridade p.ª tal comentario porque nunca passou dum investigador minucioso, nem capacid.e para trabalho de sintese ou de critica geral; é pouco mais do que operoso e consciencioso «rato de arquivo.»

O certo é (continuando) devo acentuá-lo, que o Dr. Vasconcelos exerceu sobre a minha tendencia p.ª a investigação, uma accentuada influencia de que, verdade, verdade, só muito tarde, quasi já na velhice, me consegui libertar.

Outra pessoa que tambem me influenciou e me estimulou sempre que de mim me aproximava, foi o Dr. Augusto Mendes Simões de Castro, bondosa creatura que nunca recusou auxilios e que era a probidade em pessoa, quer na vida particular quer na carreira de escritor. Recordo-me de que ainda eu era m.to novo, num encontro em Luso, como eu, a-propósito de qualquer assunto que veiu á conversa, mostrasse certos conhecimentos de Historia que foram por ele considerados superiores á idade, o bom Dr. Augusto Mendes animou-me, deu-me conselhos e com o seu modo um pouco acanhado de

extinção, erguem um louvor à Historia que me deixou, de certo, commovido. Era meu amigo se bem q. havia grande distancia na idade (uns bons 35 annos, aproximadamente) e pela vida fóra sempre o encontrei prompto para conselhos e para qualquer especie de auxilios, sempre acolhedôr e com desinteresse ráro em tempos tão egoistas.

Não quero esquecer neste friso de homens de certo nome que passáram na minha infancia, o Dr. Joaquim Martins Teixeira de Carvalho, conhecido familiarmente por Guiom Martins. Era muito das relações de meu tio Albino da Silva e era medico da familia como era tambem o Dr. Sousa Reforios. O Guiom Martins tomou capello e preparára-se para concorrer a uma vaga de professôr da Faculd.e para cuja dissertação eu fiz umas gravuras desenhadas por Ant.o Augusto Gonçalves a que me hei-de referir com vagar em trabalho á parte (1). Fez as primeiras provas com brilho e tudo parecia indicar q. seria acceito. Uma noite, porem, o Dr. Sousa

---

(1) Memorias duma aprendiz de gravador q. conto publicar em breve.

Pelos procurou em casa meu Tio Albino da Fª e disse-lhe que o Guim seria reprovado no concurso; na faculd.e não o queriam por varias razões entre as quais o seu republicanismo, a sua vida despreocupada de rapaz, seu qualquer preconceito, as suas criticas irreverentes em materia de arte, etc. etc. E o Dr. Pelos aconselhou meu tio a procurar o Guim nessa mesma noite e contar-lhe o que se passava, entendendo que era melhor ele faltar no dia seguinte á prova marcada e desaparecer de Coimbra por algum tempo. Isso corresponderia a desistencia que sempre seria melhor que a reprovação. Isto tudo, e' claro, debaixo de reparoso segredo.

Meu Tio foi e foz o caso mú e cru. O Guim concordou mas declarou que não tinha dinheiro para se ausentar de Coimbra por larga temporada. Porem, nessa mesma noite, ele saiu de Coimbra e dai a dias seguiu para Paris onde estive uns mêses trabalhando até com Charcot na clinica das doenças mentais. Meu Tio Albino da Fª nunca o disse; mas tudo me leva a crer que as primeiras despesas da ausencia foram cobertas por ele e daí, de certo, o grande reconhecimento que o Dr. Teix.ª

de Carvalho sempre mostrou por meu Tio e a amizade que lhe votava e (o que não estava muito no seu temperamento) que creio ser sincera. Muitas vezes lhe ouvi, a propósito de qualquer coisa, palavras de justo apreço por meu Tio, ditas em tom de certa gravidade que lhe não estava nos hábitos.

Pelo que me diz respeito, não recebi influencia dele. Era creatura de grande valor quer como medico, quer como escritor, artista e critico de arte; mas não se fazia estimar. Toda a gente gostava de o ouvir, como conversador admiravel que era, com extrema graça, causticos muitas vezes a ponto de não poupar os que mais de perto se davam com ele; não era, porem, desinteressado, era, até, o que se pode dizer um pouco melhaco, um tanto invejoso, não aceitava bem, em conversas, quaisquer palavras de louvôr que na sua presença se dirigissem deste ou daquele.

Comigo até nunca me viu por outra parece que gostava de me desanimar quando me encontrava na Bibliotéca da Universidade o que, malha a verd.e, não tinha importancia. O que já tinha alguma significação era a deslealdade que usava para com creaturas bondosas e de boa

fé como o Dr. Augusto Mendes Simões de Castro sempre fronto a confiar os seus trabalhos e projectos. Não vale a pena falar mais para não parecer despeito que, de facto, não tenho, de mais a mais agora que estão velho e me estou a confessar...

O Dr. Teixeira de Carvalho era, no verd.e um homem superior a quem faltava certo equilibrio de caracter e de rectidão.

Outro velho amigo da casa era o Dr. Francisco Miranda da Costa Lobo, professor de Matematica na Univers.d. que vinha com dois velhotes, o pai e o tio — pelo que lhe chamávam «o filho dos velhos.» Lembro-me bem desses velhos irem á casa da Praça Velha, muitas noites, jogarem com meu Avô, meu Pai e meu tio João Caetano em certos dias da semana; havia sempre chá e torradas para terminar a noitada; e noutros dias da semana a reunião era em casa deles, na rua dos Caetinhos, num predio antigo junto do palacete que depois foi residencia do Doutor e hoje é dos netos. Eram bons velhotes, liberais, antigos camba leutes, segundo se dizia, da Patuleia em Tras-os-Montes. E é possivel porque mantinham, embora de idade, certo espirito livre.

Quando o Doutor veiu para Coimbra estudar, os velhos estavam em Leiria, funcionarios de finanças, salvo erro; e como ~~estav~~ tinham boas relações com a tipografia por causa da papelada impressa, pediram informações a meu Avô acerca da vinda do rapaz. Meu Avô, sempre prestavel, facilitou-lhes o que poude e encarregou meu tio Albino de acompanhar o rapasinho em tudo o que fosse necessario e daí a amisade, direi mesmo intimidade que sempre se manteve entre eles pela vida fóra.

Ouvia contar até que, no 1º ano de matematica, o rapaz não sobresaiu; bom estudante, mas mais nada. Meu Avô, porem, reconhecendo a viva inteligencia dele e não se conformando com o quase anonimato em que poderia cair, no ano seguinte falou com o Dr. José Falcão, professor da cadeira de Calculo e pediu-lhe para ver se, na verdade, o rapaz era ou não merecedor de mais alguma coisa que o nemine vulgar. Realmente, o Costa Lobo no 2º ano obteve o prémio e daí por déante classificações que o leváram ao doutoramento e depois ao professorado.

Isto, como se calcula, ligou-o mais á minha familia.

Lembro-me, por ex.º, de que, quando o Dr. Costa Lobo, em 1891, já então muito metido na politica progressista, fundou um jornal A Gazeta Nacional, consultou varias vezes meu tio Albino da S.ª e ainda o estou a ver, na sala de mêsa de meus Pais, na presença da familia e dos meus dois tios o Albino e o João, a ler o artigo de fundo de apresentação do 1.º numero que sairia daí a dias, em 16 de Dezembro. Esse artigo intitulava-se Sem hesitações que leu pausadamente; e depois de ele sair e cada um dar as suas opiniões, meu tio Albino da S.ª comentou:

— Não sei se reparáram que, apesar do titulo, o artigo está cheio de hesitações...

E de facto, relendo agora o artigo dá uma impressão de querer afirmar mas com muitas reticencias. E manda a verdade que se diga que o autor foi sempre assim não era creatura de afirmações claras e categoricas.

A Gazeta era dirigida por ele, Costa Lobo, mas para a manter com mais faci-

lidade arranjar uma pistoia curioso: re-
deou-se dum grupo de individuos como o
Dr. Teixeira de Carvalho, o advogado Dr. José'
Soberal, o capitão do Infª nº 23 Domingos An-
tonio dos Santos e Freitas, o capelão do mesmo
regimento, P.e Figueiredo e mais alguns de q.
me não lembro; por ordem ou escalo, cada
um tomava conta dum numero e com seu
domino, dirigia a publicação ambos debaixo
das vistas do verdad.º director. Assim como
só depois de muitos dias chegava a ver a cª
da qual (pois a Gazeta era bi-semanal) a em-
presa pingroou com relativa facilid.e e a sua
redação na Calçada (ou rua Ferreira Borges)
num 1.º andar onde hoje é o café Nicola ou
no predio ao lado, salvo erro, era centro de
cavaqueira animada, politica, artistica, litera-
ria e... má lingua.[1]

Como estas coisas me aparecem na
memoria, passadas ha tanto tempo!

---

[1] O Diccionario Bibliografico, no seu volume XXII já escrito por Gomes de Brito e Alvaro Neves, no artigo Augusto Veiga de quem já aqui falei, e diz-se a pag. 489-490 que este foi um dos directores desta Gazeta. Não sei se isto será verdadeiro. Não me lembro de ouvir falar dele; nessa altura estaria já estabelecido na Figueira.

Ele era, então, muito assiduo em casa de meu Avô e na nossa; e até, uma vez que ele quiz auxiliar-me em qualquer brincadeira não me recordo com quê, deu uma cabeçada na porta duma janela que abriu brécha na testa de que ficou para a vida toda uma cicatriz bem visivel.

Enfim...

E já me ia a esquecer do bom João Rodrigues Vieira, o Vieira do «Grupo de Leão» ao tempo professor de desenho na Universid.e (Faculdade de Filosofia). Era um excelente homem, sempre com ar alegre, um tanto ou quanto bonacheirão, com restos da boémia artística de Lisboa. Morava na rua de Sub-Ripas, na primeira casa á direita de quem vai da rua de Guebra-costas, casarão que tinha grande quintal onde ele cultivava flores com enternecimento e eram seus modelos favoritos. Morreu novo, com 47 anos, em Janeiro de 1898; já então, e ha pouco tempo, vivia em casa propria que mandára construir na rua de Alexandre Herculano, esquina da de Venancio Rodrigues, a dois passos da nossa. Fui eu quem levou no enterro uma corôa oferecida por minha familia, segundo os usos do tempo.

Bom homem, deixou muitas saudades em todos; ficáram-lhe dois filhos que tiveram vida irregular de estroinas e gastadores, conforme ouvi dizer mais tarde.

Mas, superior a todos estes vultos a q. me referi, dominou a minha meninice e infancia, a grande figura de Antonio Augusto Gonçalves de quem ainda hoje, com muito mais de 60 anos passados desde essa quadra, eu sinto a impressão de grandeza. Era o grau de amigo da familia, especialmente de meu tio Albino da Silva, e tinha, como aliás na cidade, um grande prestigio.

A fundação da Escola Livre das Artes do Desenho, a exposição de 1884, as campanhas sustentadas contra os barbarismos em materia de Arte, a austeridade e firmeza de caracter — tudo o impunha.

Era, nesse tempo, em familia, «o sr. Antonio Augusto» e era com desvanecimento que eu gravava certas chapas com desenhos dele. Ficou-me, para a vida, a influencia da sua intransigencia politica, do seu anti-clericalismo, do seu ajeitismo, da sua dura honradez e até um pouco, se não bastante, das suas atitudes perante certas imposições de

consciencia. Grande homem! e grande homem perdido numa parvónia em q. dominava o espirito catedratico balofo e reaccionario de «capelo e borla» perto do qual ninguem poderia aproximar-se e muito menos igualar.

Atravez dos anos nunca perdi essa influencia transmitida tambem, muito naturalmente, por meu tio Albino da S.ª que era por ele um verdadeiro fanatico.

Tive a satisfação, ha anos, quando passou o 1.º centenario do seu nascimento promover com um grupo de amigos, a celebração respectiva. Na verdade e sem vaidade posso dizer que fui eu quem promoveu e conseguiu levar a cabo a celebração — pobre celebração, aliás, conseguida á custa de cautelas, através da má vontade oficial para a qual a memoria do grande professôr é estremam.te mal vista.

Vamos adeante.

Este centenario tem o seu lugar proprio em volumes já escritos e que constitue parcela curiosa deste amontoado de lembranças duma vida inutil.

x
x. x

Ora com tal ambiente, rodeado por homens de letras e artistas, por anarquistas e anti-ultramontanos, não seria para admirar que me surgisse a heroveja de escrevinhador e que a vaga educação religiosa recebida de minha Mãe, aliás sem qualquer pressão, se fosse esbatendo até desaparecer e me tornar no incrédulo que fiquei e espero continuar a ser.

Quanto a ideias políticas e sociais, foram essas não se alterarem assim. E demais a mais naquela última quadra do século o ideal anarquista impressionava muito os rapazes; e é interessante lembrar que na geração revolucionária a que me referi mais acima, havia rapazes que se deixaram arrastar por ele embora depois o esquecessem.

António José de Almeida confessou na sua Desafronta que na sua geração «uns fi-
"zeram-se socialistas, outros buscaram a
"luz sonhada na quimera do anarquismo»[1]
e o mais curioso é que eu então na sala é

---

[1] A pag. 49.

que o Poeta Afonso Lopes Vieira tambem «passou pela portela anarquista» «como toda a gente que se présa» segundo ha pouco revelou o escritor Aquilino Ribeiro, afirmando até que o Poeta chegou a traduzir a celebre carta A' Gente Nova do principe Kropotkine que tanto impressionou a mocidade do tempo.[1]

Era, pois, na quadra coisa corrente de q. depois, como disse Ant.º José de Almeida, se esqueceram. E' o caso de Alberto de Oliveira a quem me já referi que não seria simpatisante com o anarquismo mas que o foi com a Republica; chegou a escrever um artigo em louvôr do Dr. José Falcão por ocasião da sua morte, artigo, se me não engano, feito a pedido de meu tio Albino da Silva.[2]

O artigo, valha a verd.e, é cauteloso. Como já estava formado em Direito e pretendia concorrer á Diplomacia, como concorreu, e andava, segundo se dizia, a aproximar-se do conde de Arnoso, era necessario ter certo cuidado com o que escrevia.

---

(1) Camões, Camilo, Eça e alguns mais, a pag. 303.

(2) Incluído a pag. 215-220 da Memoria a José Falcão (Coimbra, 1894).

Devo, porem, dizer que a minha simpatia por essa «forma protoplasmica da generosidade mental» como disse Lopes Vieira (1) começou muito antes, na tipografia, com o operariado como já contei. Quando entrei na convivencia do rapaziada escolar, já o meu espirito ia formado quanto áquele ponto tão discutido e acarinhado.

Mas, revertendo...

A heroicidade de escrevinhador manifestou-se aos 8 anos, como disse, com um jornal manuscrito no Funchal; e em Coimbra, depois, com um outro *O Maritimo* que começou em 20 de Outubro de 1889 e ainda durou, com 36 numeros e 3 suplementos, até Julho de 1890. O titulo é talvez exquisito, mas creio que viria da minha vontade esforçada vagamente de seguir a carreira da Armada, carreira bastante acalentada por meu Pai e grossivelmente pelos mêses passados na Madeira em contacto com o mar e a constante vista de navios que entravam e saiam do porto. É possivel que assim fosse. O tempo corroe muito e a memoria não é de ferro.

---

(1) Aquilino Ribeiro: obr. cit. pag. 303.

Devo, porem, dizer que a minha simpatia
por esse «[illegible] ...ica da generosidade
...lha Mendes, formado nessa quadra, ...eira [1] começou
...Os estudantes... que perfilham o socia- ...om o operariado
..., são, na maior parte, anarquistas.» ...rei na convivên-
...lismo Libertário ou Anarquismo, Coim- ...o meu espirito ia
...96, pag. 343, nota 5.) ...tão discutido e
acarinhado.

Mas, revertendo...

A brotoeja de escrevinhador manifes-
tou-se aos 8 anos, como disse, com um jornal
manuscrito no Funchal; e em Coimbra, depois,
com um outro O Maritimo que começou em
20 de Outubro de 1889 e ainda durou, com 36
numeros e 3 suplementos, até Julho de 1890.
O titulo é talvez exquisito, mas creio que vi-
ria da minha vontade esboçada vagamente de
seguir a carreira da Armada, carreira bastan-
te acalentada por meu Pai e possivelmente
pelos mêses passados na Madeira em contacto
com o mar e a constante vista de navios que
entravam e saiam do porto. E' possivel que
assim fosse. O tempo correu muito e a me-
moria não é de ferro.

---

(1) Aquilino Ribeiro: obr. cit. pag. 303.

Quanto ao conteúdo do jornaleco é que não é de molde a prognosticos... Era feito a lapis, com desenhos que eu rabiscava e ás vêzes ou meu Pai ou meu Tio Albino da S.ª Grª curávam dar certo geito. A colaboração, toda minha, se me não engano, era amalgama disparatado com transcrições de poesias ou prosas de autores conhecidos e noticias, adivinhas, anuncios, anedotas, etc. Celebrei a proclamação da Republica Brasileira com retratos dos membros do Governo Provisorio, e o Ultimatum de Janeiro de 1890 com certo entusiasmo e grandes protestos contra a Inglaterra e memorias á Casa Real, á Monarquia e aos ministros responsaveis. Ha, num numero, uns versos de pé quebrado, assinados com o meu nome, contra o rei D. Carlos a quem trato por Dom Carôlo... E em outro numero uma caricatura que me lembro ser feita por meu tio Albino que representa um quadrupede amarrado a uma arpola com cabeça de inglês. Etc. etc. Infantilidades que não fazem mal a ninguem e me revelam ainda o ambiente do tempo e o meu estado de espirito.

Conservo a colecção do jornal que julgo completa.

Mas o pior é que não me fiquei no jornalismo... Pelo anno de 1892, por conseguencia com 13 annos, escrevi um entre-acto comico a que dei o nome de O sabio ferrador, talvez por influencia do meu contemporaneo e visinho Raul Teles de Abreu que tinha decidida vocação para o theatro; as suas visitas á typographia e as recitações que nos fazia (a mim e aos irmãos Soares Duque, tambem visinhos) é possivel que me levassem a essa empreza.

Lembro-me de que lhes li a producção na sala da typographia e de que elles fizeram grande festa possivelmente por troça que eu valia no momento, por ser creatura de boa fé, não perceberia.

Estava, pois, lançado na carreira das Letras! Jornalista e comediographo — nem mais nem menos.

E estas minhas heroicidades que na occasião tomava a serio, eram fª os meus condiscipulos ou companheiros motivo de certas chacotas encobertas por tiupidos louvôres; só mais tarde, já homem, quando eu com versas relativas a essa boa quadra é que concluía que, certamente, alguns me dis-

fenteriam. E hoje, volvidas tantas décadas e lembrando esse longínquo passado, compreendo o que há de realidade nesse procedimento, quando dum lado há boa-fé e certa inclinação para qualquer manifestação ou literária ou artística e do outro nem alguma destas qualidades há ou por inveja, ou por maldade ou até por simples garotice a intenção depreciativa e trocista.

Quero crer até que a compreensão disto me tenha, pela vida fóra, a nunca proceder assim como os outros e, pelo contrário, a procurar animar, dirigir, aconselhar mesmo que percebia nesté ou naquele qualquer tendencia aproveitavel. Assim procedi na minha vida profissional quando se aproximávam rapazes saídos da Escola do Exercito, inexperientes; e entre estes lembro-me agora do Diamantino Antunes do Amaral (hoje coronel na reserva e q. me fez pagar mal a dedicação) ou quando comandei Infantaria 7 os dois irmãos Mario de Mendóça Frazão e Americo de Mendóça Frazão, que me apareceram vindos da Escola de olhos fechados e que eu guiei paternalmente e ainda hoje são meus amigos.

Fóra preciso da profissão nunca deixei de fazer o que por ex.º fazia o bom Dr. Augusto Mendes Simões de Castro: estimular, animar, animar com desinteresse. E estou a lembrar agora o Pedro de Moura e Sá, meu condiscípulo de que todos se riam e que todos troçávam e que hoje, apesar de estar nas culminancias do mundo das Letras, confessa abertamente a complacencia que em tinha para com todas as suas fantasias pueris e a brauda influencia que exercia sobre a sua confusão de ideias, consequencia de leituras desordenadas a que o ambiente em que se criou não poderia dar direcção util.

Ora como ia dizendo: jornalista e comediografo...

Paralelamente aos meus estudos no liceu, frequentava o Ginasio, de recente fundação, em que predominava a <u>carolice</u> e vontade ferrea do Augusto da Costa Martins meu professor de ginastica e de esgrima e aí adquiri certo desenvolvimento fisico que me serviu p.ª toda a vida e de que ainda hoje sinto as vantagens.

E dessa <u>carolice</u> do Augusto Martins e do entusiasmo de todos os socios, realizou

se em 19 de Março de 1892 um sarán no Teatro do Principe Real (hoje Teatro Avenida) no qual tomei parte comandando um pelotão de marinheiros organizado e instruído pelo estudante de direito Arnaldo Bigotte, da Guarda que fôra sargento de Infantaria e foi, salvo erro, o 1º Governador Civil republicano da sua terra natal.

Esse numero do programa teve certo exito e o Augusto Martins comovido, na arena, no meio de aplausos, pôz-me ao peito uma medalhinha de prata comemorativa. Conservo, com certo enternecimento, a medalha de 0,020 de diametro que diz na frente: «G. C. / Sarán / 19-3-92» e presa a fita de riscas verdes e brancas. Conservo tambem fotografia do pelotão em que tristem.te só vejo uns dois ou tres ainda vivos e... velhos! E' a lei da Vida.

Foram nessa ~~[illegible]~~ noite distribuidas as duas poesias que aí deixo coladas, feitas a pedido de meu tio Albino da Silva pelo estudante brasileiro Francisco Bastos de quem já atraz falei. Como devem ser exemplares rarissimos, deixo-os aqui para ficarem o mais possivel guardados.

SARAU DO GYMNASIO DE COIMBRA

EM 19 DE MARÇO DE 1892

A Augusto Martins

Ao que sonha na Força os novos educar,
Ao que o nosso Gymnasio ampara com seu braço,
Alma de luctador, coração exemplar,
N'este dia de festa, um apertado abraço!

L.

A AUGUSTO MARTINS

Vês tu a pallida creança?
Na força de annos e de vida,
Anda dez passos, logo cança,
Toda a chorar, toda transida...

Não póde ser risonha esperança
Quem já é assim na flor da vida:
Andando a passo, logo a alcança
Qualquer velhinha combalida...

Creanças, beijos das manhãs!
Não tendes pejo d'essas cans
Que vos venceram na subida?

Ganhae vigor, tende cuidado
No jardimsito delicado,
Regae a flor da vossa vida!

Na noite do sarau promovido
pelo Gymnasio de Coimbra,
em 19 de Março de 1892.

B. M.

Comecei nessa altura a aprender musica com o então professôr de musica na Universidade António Simões de Carvalho Barbas, celebre tocadôr de viola e regente da Tuna Academica. E aprendi tambem violino com o Augusto Simões Pais, professor e regente da filarmonica chamada, salvo erro, da Boa União.

Em livro de notas de meu Pai vi, um dia, que a mensalid.e dada a este professor era de 2$400 reis. Hoje não se compreende como isto possa ser.

Depois, passei para o Ribeiro Alves, chefe da banda do regimento de Inf.a n.º 23, por ser melhor professor e melhor executante mas que se queixava de mim por eu não estudar o suficiente. Era meu tio João Caetano, meu padrinho, que pagava a mensalid.e e a quem o Alves se ia queixar.

Ao mesmo tempo, meu tio Albino da Silva ensinava-me a gravar em madeira; e este ensino bem como os trabalhos que executei e foram publicados, constarão dum opusculo que publicarei, quando poder ser e ... é claro, sumptibus auctoris; e nem doutro modo seria, tão certo é eu es-

tar condenado a nunca ganhar dinheiro com aquilo que escrevo.

O ambiente em que vivia era profissional, pois, ao meu [redacted] desenvolvimento intelectual. Lembro-me, por ex.º, de ouvir discutir na sala da tipografia não sei já bem se com o Emprego de Castro, ou Dr. Vasconcelos ou António Aug.to Gonçalves, as últimas produções de Oliveira Martins, isto é, Os Filhos de D. João I e a Vida de Nun'Alvares; de ouvir lastimar o suicídio de Camilo em Junho de 1890 e ainda, em Setembro do ano seguinte, o de Antero do Quental.

Tenho ideia perfeita de que o suicídio de Camilo me impressionou e de que me sentava numa cadeira de braços que havia à cabeceira da grande mesa na sala da tipografia e lia nos jornais, de fio a pavio, as notícias concernentes à vida e morte do grande romancista.

Eu lia então muito os livros de Júlio Verne que me deram bastantes conhecimentos e alguns me deixaram impressões que ficaram para a vida; e lembro-me muito bem de que meu tio Albino da Silva

me deu um Abrégé de l'Histoire de la Civilisation de Ch. Seignobos [1] que, com um outro livrinho, de que não alcanço, A Aritmetica do Avôsinho, [2] constituiram o embrião da minha actual Bibliotéca.

Essas dois livrinhos eram muitas e muitas vezes relidos; punha-os ao alto, na secretária de meu Pai e ficava-me a olhar para eles, com deslumbramento, a vislumbrar o crescimento da fileira de lombadas.

Ao mesmo tempo sentia necessidade de muito dizer as coisas; era arrumador, cuidadoso com tudo. E lembro-me de que, passado o periodo do governo provisorio da Republica Brasileira e eleito o prim.º presidente constitucional, eu pedi ao João Pais, director da oficina, rectangulos de papel em branco para assentar os nomes desse prim.º presidente e dos futuros — não fosse eu esquecer-me, para a Historia, esses nomes ilustres do Brasil. Estou ainda a ver a cara de pasmo do João Pais, admirado e com razão do meu

---

(1) 8º de 2-236 pag. cartonado. Edição de G. Masson, Paris, 1887. Ainda conservo o volume.

(2) De Jean Macé. 6ª ed.ª da Arithmétique du grand papá, publicado em 1863.

aliás inocente e bem intencionado projecto. Nasceram, nesse dia, certamente, os meus primeiros verbetes...

E assim, no verão de 1892 fiz os dois exames do 1º ano dos Liceus: o de Português e o de Francês — o que constituiu, para a família certo prazer e esperança.

Não sei se foi nesse ano se noutro próximo, que no Luso para onde costumávamos ir passar algum tempo, conheci o Rodrigues de Freitas, o austero democrata e professôr. Estava com a esposa, uma senhora estrangeira, inglesa, creio eu, no mesmo hotel em que nós estavamos, o Lusitano mais conhecido pelo hotel da Carolina (por ser esse o nome da dôna e casinheira). Lembro-me bem dele, sempre taciturno, cofiando o bigode fino, um pouco caído sobre as comissuras dos lábios; passeava no pequeno corredor dum predio anexo a que chamavam o Chalet, ou cá fóra, á sombra, enquanto a esposa lia ou fazia qualquer trabalho de agulha.

Estava tambem nesse anexo o velho professor de Teologia da Universidade, o Dr. Jacinto Damasio Fraposo que passava por muito inteligente e sabedor; este era mais dado

á conversa, ás veres ruelia-se comigo e lem
bro-me de que uma vêz em que eu limpa-
va o velocipede (de que já falei) ele quiz ex-
plicações acerca do funcionam.to da maquina
e sujou os dedos com o oleo, com o que achou
muita graça.

Sendo homem m.to inteligente tinha
contudo esquisitices curiosas. Uma delas foi
contada pelo Dr. Augusto Mendes Simões de Cas
tro, incapaz de inventar coisas destas. O Dr. Da-
masio, por qualquer motivo, era contrario aos
caminhos de ferro e não queria servir-se deles;
para onde ia, fóra de Coimbra, servia-se de car
ros puxados a cavalos. Ora um dia foi nomea
do no Diario do Governo regal do Conselho Su
perior de Instrucção Publica e pouco depois re-
cebeu aviso telegrafico para comparecer em
Lisboa, em certo dia e hora. Serenamente, o
Dr. Damasio contratou logo um carro numa
alquilaria, convidou o Dr. Augusto Mendes pa-
ra companheiro e lá foram estrada fóra, por
Leiria, Batalha, Alcobaça, etc. e chegáram á ca
pital quando a reunião do Conselho acabára.
Perante observações q. lhe fizeram (contou ain-
da o Dr. Augusto Mendes) explicou o Dr. Da-
masio ao Ministro que logo que recebêra o

aviso convocatório se metera a caminho; o aviso não especificava o meio de transporte... O Ministro, como lhe cheirou a caturice, despediu-o amavelm.te e demitiu-o do Conselho; e o Dr. Damasio voltou pacificamente p.a Coimbra na mesma carruagem.

Não tenho ideia deste teologo conversar com o Dr. Rodrigues de Freitas; é possivel que se não aproximassem e é até muito natural que assim fosse.

Nessas temporadas em Luso encontrava muitas vezes o Dr. Augusto Mendes q. como apaixonado do Buçaco fugia para ali sempre que podia. E é desse tempo que dátam as minhas boas relações com ele (como já referi) e que datam os ensinamentos e os conselhos de que nunca me esqueci.

Ora no ano lectivo de 1892-1893 meu Pai matriculou-me no colegio do Padre Ricardo Simões dos Reis em casa propria, quasi ao cimo da Avenida Sá da Bandeira recentemente aberta, casa que tem hoje o numero 111 de policia — e onde meu Pai pagava a mensalidade de 6$800 reis conforme consta do velho livro de contas.

Este P.e Ricardo Simões dos Reis que depois veio a ficar meu amigo era bom latinista, homem culto, versado em História e arqueologia, com facilid.e de versejar com humôr; vivia com mulher e filhos (cinco se me não engano) á vista da sociedade, sem preocupações, educando-os de modo que todos vieram posição, candigna.

As disciplinas que cursei no colegio foram a Geografia, o Inglês e Desenho de que fiz o 1.º e o 2.º anos. O Inglês era ensinado por um oficial da Administração Militar chamado Macedo, creio que major, e que morava na Arregaça e tinha duas filhas já mulheres muito gentis. A Geografia era-o pelo então tenente de Infant.ª José Joaquim Mendes Leal, nessa altura, sabio erro, quartanista de Direito. Era homem baixo, sobre o gordo, o que lhe deu a alcunha de José Batague; muito intelligente, bastante culto, durante a formatura adquiriu certo nome principalmente pelas discussões com o professor Dr. Manuel Emidio da Silva que, como positivista não admitia na classificação geral dos conhecimentos a ciencia militar como queria Sebastião Teles... Ele, Mendes

Leal sustentava nas discussões que os conhecimentos militares constituiam, como ciencia um ramo das ciencias sociais no E. aliás seguia a esteira do general Sebastião Telles que sobre o assunto escrevera o livro notavel Introdução ao estudo dos conhecimentos militares.

O Mendes Leal era das relações ou de meu Pai ou de meu tio Albino da Silva e ficámos sempre mais ou menos ligados e até gravei umas letras para a sua marca de papel como direi a seu tempo em opusculo especial acerca dos meus trabalhos de gravador ou madeira.(1) Mais tarde, foi meu professor na Escola do Exercito.

O Desenho, já me não lembro onde e com quem aprendi. De que me lembro é que frequentei a aula de desenho elementar, á noite, na Escola Industrial de Brotero, em que era professôr Antonio Augusto Gonçalves onde acamaradei com dezenas de rapazes operarios, buliçosos, irreverentes e, por vêzes, mal cheirosos.

Não sei se foi nesse ano lectivo se no

---

(1) Ver atraz, pag. 67.

seguinte, a memoria já me não dá a certeza, que frequentei a aula de Fisica na mesma Escola Industrial, regida pelo professor austriaco Loch; como no colegio ou no Liceu quando frequentasse a aula de Introdução, 4º anno, não teria ensino pratico, lembrá-ram-se, na familia, de me ir habilitando com conhecimentos de Fisica pratica que, na verd.ª, me deram vantagem quando no Liceu cursei, em dois annos seguidos, aquele ramo de sciencias. O professor era um dos contratados, annos antes, quando se fez a reforma das Escolas Industriais; e nesta altura já arranhava um português sofrivel.

Foi nessa aula que travei conhecim.to com um rapaz, de origem muito modesta, saído recentemente do Seminario, com outros, por incompatibilidade com a carreira ecclesiastica; era o bom Bernardo Pedro (filho natural duma vendedeira do mercado) q. mais tarde, já estudante de medicina em que se formou, requereu os apelidos de Oliveira Baptista com que veio a fazer a sua carreira de medico. Era um excelente moço, inteligente, trabalhador, honesto; fui seu amigo e convivi muito com ele; teve vida dificil

vem a casar um pouco tarde já e morreu novo, não me lembro de que doença mas a q. não seria estranho o excesso de trabalho.

Enfim... assim foi passando o tempo até que, em 4 de Maio de 1893, mudámos da Praça Velha para o novo predio da rua de Tomar que meu Pai mandára construir com as suas economias e creio que com alguma ajuda de meu Avô, predio feito com certo amôr para ele, minha Mãe e os seus tres filhos, com a ingenua persuasão de que ali viveriam todos, mesmo com os filhos casados, e como Deus com os anjos.

Esperanças vão que o tempo dolorosamente se encarregou de destruir e nunca mais se recuperáram.

Quinta da Paz:
(S.to André de Mafra):
24 de Julho a 17 de Agosto
de 1956.

III

«Adspice, quam longi terreparis
acta canam.»
Ovidio: Os Fastos, liv. I, v. 104

A mudança de residencia para a rua de Tomar modificou muito a minha vida. O colegio do P.e Ricardo dos Reis era perto e a distancia á Praça Velha nem sempre afectou transpôr. O ambiente especial da casa da Tipografia desappareceu e quando lá ia já não era a mesma coisa: ia de visita por pouco tempo e, ás tardes, ás horas a que lá se reuniam certos amigos de meu Tio Alberto da Silva ou outras pessoas que por qualquer motivo frequentavam a casa, era raríssimo ir por causa das graxas academicas a que sempre me furtei e de que sempre fui inimigo — pois ao meu espirito repugnava essa tradição.

Assim, os meus hábitos modificáram-se. Concentrava-me mais em casa, lia muito e comecei a interessar-me por Alexandre Herculano de que meu Pai tinha os romances e a Hist.ª da Inquisição que ia intercalando com o Julio Verne que, creio, percorri todo.

Meu Pai ficou amigo do David Corazzi, dos tempos em que foram condiscípulos nos institutos em que ambos tiraram as cadeiras necessarias para ingressáram nos correios. Depois, quando o Corazzi se lançou á vida de editar, nunca esqueceu meu Pai e mandáva-lhe sempre um exemplar das suas edições. Daí a colecção do Julio Verne, na edição de luxo, o que me atraía pelas belas gravuras em madeira que faziam as minhas delicias, bem como as outras obras que as grandes com gravuras de Gustavo Doré que as baratas de romances espanhois traduzidos, até. até.

Guardo a estudos...

O de Geografia interessava-me e o tenente Mendes Leal procurava fazer com q. os alunos tomassem gosto por ela; muitas vêzes estudava com o meu visinho e condis

cipulo Armando Macedo, filho do organista e professor de musica Francisco Lopes de Lima Macedo e daqui nasceu a amizade que se manteve com sinceridade e correcção até á morte dele ha uns tres annos.

Do Inglês tambem gostei e o professôr o major Macedo fazia um ensino curioso porque, á-parte o conhecimento da lingua, chamava a atenção para os trechos traduzidos, especialmente ás poesias; e lembro-me de que ele tinha certa predilecção por Shelley cujos poemas lia com certo entusiasmo e cujas belezas procurava fixar no espirito dos alunos. E tenho idéia de que fiquei gostando tambem das poesias deste autôr mas infelizmente perdi o contacto com a lingua e muita duvida de anos depois já não era capaz de as traduzir e muito menos de lhes achar o encanto que mereciam.

Nesse ano de 1893 lá fiz os exames e fiquei aprovado parece que sem dificuldades; e passadas as ferias naturalmente no Luso e na Figueira num chalet no Alto do Viso que meu Avô comprára e ampliára para os netos, continuei no colegio do P.e Ricardo dos Reis matriculado em Historia e Mathematica, 4.º

ano. A Historia era ensinada pelo mesmo lente Mendes Leal então no 5º ano de Direito e a Mathematica por um estudante de Medicina Adriano José de Carvalho, que usava barba m.to negra e que, por ser muito moreno, alcunhára-no de "assassino de Ines de Castro". Era de Serpins, do conc.º da Lousã; foi depois professor do Liceu de Coimbra e teve, nos tempos de estudante, um filho natural que é o actual professor de Letras Carlos Simões Ventura. O dr. Adriano era bom homem, mas ensinava as mathematicas um pouco sudamente.

O ensino da Historia, porem, agradava-me muito e esse agrado deu na vista ao Mendes Leal que disso fez parte a meu tio Albino da Silva. Era talvez, infelizmente (sei lá!) a minha sina a desalerochar. Na verdade a Historia começava a prender-me a curiosidade e daí a leitura de livros historicos, mesmo romanceados como os de Cunha e Sá (editados pelo David Corazzi) um dos quais me deu o conhecimento do Infante D. Pedro, duque de Coimbra e de Alvaro Vaz de Almada (1). Esses livros impressionáram-me bastante, apar-

---

(1) O Ultimo Cavaleiro. Romance histó-

te e principalmente, como já disse, os de Alexandre Herculano.

Este autor, até, pelo notável poder de evocação histórica e também por natural inclinação minha, teve tal influencia no meu espírito que ficou sendo sempre, para mim, o verdadeiro «Deus tutelar»; e dado o seu feitio rude e cheio de autoridade e ainda o seu anti-clericalismo, passou a ser grande modelo para a minha facil imaginação de rapaz. Apanhei um dia o seu retrato numa bela gravura do velho João Pedroso, arranjei moldura caseira e pu-lo na parede do meu quarto de estudante. E quando casei e mudei de casa, o retrato passou para cima de banca no meu escritorio onde ainda está e estará enquanto viver. E hoje comovo-me ao ler certos trechos dele, quando calha, e fico-me a meditar depois da leitura daquela prosa inimitavel, sonora, profunda e pincara.

Assim se formou em mim, e cresceu, a curiosidade pela Historia e na minha cabeça começaram a formar-se planos de estudos — o primeiro dos quais talvez fosse

---

rico original (Lisboa, 1879).

o de Coimbra durante a Dinastia de Aviz, en
tusiasmado como fiquei com o conhecimen-
to do que se passou nas Côrtes que em 1385
proclamáram rei o mestre de Aviz, acto que
completou a revolução de 1383 e que por se-
rem ambos afirmações de caracter revolucio
nario me deram no gôto e na simpatia.

Lembro-me de que tomei muitas no-
tas, com pouco a esmo, é claro, e felizmente
sem realização.

É possivel que fosse a seguir a este
plano que surgiu um outro que me preo cu-
pou durante muito tempo: o de escrever a
historia, até certo ponto apologética, da viagem
da armada de D. João de Castro ao Mar Verme-
lho em 1541 e da espectaculosa subida ao Mon
te Sinai onde o governador-cartografo ar-
mou os filhos cavaleiros. O episodio heroico
impressionava e tentou-me a esboça-lo e a
escrever certas notas preparatorias que tam-
bem como aconteceu com as das Côrtes de
Coimbra ficaram, felizmente, sem execução.

E não me ficaria por aqui segundo
vejo numa carta que escrevi em Dezembro
de 1899 ao Costa Ferreira. Dizia-lhe eu, de-
pois de lhe falar neste caso da viagem ao Monte

Sinaï que se seguiriam outros estudos dedicados a Salvador Ribeiro de Sousa, o rei do Pegú, a Martim Afonso de Sousa, ao heroico Antonio da Silveira, á historia da Ceilão portuguesa!... Estes homens da India, decididamente, perturbávam-me a cabeça e faziam-me sonhar alto, sem limites decentes...

Foi nesse tempo que comecei a formar os meus cadernos com datas historicas. Meu tio José Augusto Pimenta escrevia então uns artigos em jornais politicos, progressistas, creio eu, a que chamava Datas memoraveis e que eu ia coleccionando e de que hoje tenho dois volumes cartonados com desenas de recortes. Certamente veiu daí a ideia de juntar, em cadernos, metodicamente, as datas de sucessos historicos que as minhas leituras foram recolhendo bem como as datas do nascimento e morte de homens ~~[illegible]~~ que, por qualquer titulo, se notabilizaram e dessa colecção devo ter hoje, bem ordenadas, alguns milhares de datas com indicação das fontes e, nalguns casos, até muito abundantes, onde ir procurar documentação.

Havia em tudo isto, é certo, apesar do meu feitio metódico e ordenado, certa des-

UNIVERSIDADE LIVRARIA DA

Sinaï que se seguiriam outros estudos dedicados a Salvador Ribeiro de Sousa, o rei do Pegú, a Martim Afonso de Sousa, ao heroico Antonio da Silveira, á historia da Ceilão portuguesa!... Estes homens da India, decididamente, perturbávam-me a cabeça e faziam-me sonhar alto, sem limites decentes...

Foi nesse tempo que comecei a formar os meus cadernos com datas historicas. Meu tio José Augusto Pimenta escrevia então uns artigos em jornais politicos, progressistas, creio eu, a que chamava Datas me-

Rectificação: A armada era comandada por D. Estevão da Gama, Governador da India e não por D. João de Castro.

ccionando e de que
ntonados com dese
nte veiu daí a
, ... modernos, metodicamente,
as datas de sucessos historicos que as minhas leituras foram recolhendo bem como as datas do nascimento e morte de homens ~~[illegible]~~ que, por qualquer titulo, se notabilizaram e dessa colecção devo ter hoje, bem ordenadas, alguns milhares de datas com indicação das fontes e, nalguns casos, até muito abundantes, onde ir procurar documentação.

Havia em tudo isto, é certo, apesar do meu feitio metódico e ordenado, certa des-

LIVRARIA DA UNIVERSIDADE

orientação, nem podia deixar de ser — pois eu não confessava os meus projectos e, salvo conselhos e vagos estímulos do Dr. Augusto Mendes ou do Dr. Ant.º de Vasconcelos, não tinha nem perto nem longe, quem me guiasse.

Depois, nessa altura, saiu a obra do Dr. Vasconcelos sobre a Rainha Santa para a qual gravei a capa, em madeira; li a obra com atenção e dessa leitura me ficou a impressão da minucia na investigação, da preocupação do documento, da controversia sobre pequenas duvidas e tudo isso me calou no espirito profundamente porque já me sentia com inclinação para o mesmo.

Tenho agora dificuld.e em começar o q. foi a evolução que em mim se deu até chegar ao «caso unico e novo na historiografia mili-"tar» como disse o general Teixeira Botelho. O certo é que, juntamente com livros de ficção como os de Julio Verne, aliás muito instrutivos, eu ia lendo os livros de Historia e juntando conhecimentos que outros rapazes com quem convivia não tinham e com que pouco se importavam.

E essa curiosid.e em ler e adquirir conhecimentos levou-me um dia em que se

anunciou para 23 de Março de 1895 uma conferencia no Instituto de Coimbra do Guilherme de Vasconcelos Abreu sobre A fenomenalidade, a alma e o eu no Budismo[1], a dizer a meu Pai que gostava de assistir; meu Pai falou a meu Tio Albino da Sª, este pediu ao Eugenio de Castro bilhetes de convite e lá fomos á sala da «sabia instituição» que me lembro estava cheia para ouvir o velho sabio orientalista.

Estou ainda a vê-lo, alto, boa figura, pêra branca respeitavel, a ler a conferencia com voz clara, pautada e ar solene. E' evidente que não compreenderia o que ele leu; mas a verdᵉ é que estive com a maior atenção e procurei apreender um ou outro passo do assunto que era, para mim, verdadeira novidade.

A' saída, ao descer a escada, vinha atraz de nós o Eugenio de Castro a quem surpreendi a apontar-me a certo individuo que descia a seu lado e a dizer qualquer coisa que, pelo gesto, deveria ser equivalente a:

— O que veiu cá fazer este palerma?

Na verdade ele tinha certa razão; mas

---

(1) Conservo ainda o programa da conferencia e seu resumo em folha de bom papel de linho.

o que ele não sabia ou não via era a minha ancia de conhecer, a min.ª constante curiosid.ª que era muito sincera e que eu, com o feitio acanhado e retraído não mostrava. Ele via apenas o rapazote ignorante que conhecera na tipografia de meu Avô «Pondau-"do á volta do Rio Albino» como ele, um dia, já director da Faculd.ª de Letras me disse em conversa, rememorando tempos passados.

Ora porque será que este episodio sem importancia, de ha 61 anos me ficou tão vivo na memoria? Afinal, episodio banal, sem relevo; mas a verdade é que me ficou gravado muito bem, não sei se por despeito porante o gesto depreciativo que surpreendi ao poeta dos Oaristos...

Tudo pode ser. A verdade, porem, é que a cêna me tem acompanhado pela vida fóra e ajudou a crear em mim certo «com-"plexo de inferioridade» (como hoje se diz) que possivelmente me terá prejudicado em muitos passos e me tornou mais retraído do que talvez fosse por natureza.

Ora em toda esta minha curiosidade e certa ancia de saber e realizar, ha um contraste com que só dei muito tarde, quando

a cabeça começou a cobrir-se de cãs e no meu espírito se fez mais perenidade. É' que, nos meus 14 a 18 anos, que foi a quadra em que desabrochou toda essa fantasmagoria de projectos históricos e literários, havia o encontro híbrido do entusiasmo pelas novas ideias, principalmente pelo anarquismo, com o interesse pelos façanhudos feitos da nossa história ultramarina e por alguns mais equilibrados da história metropolitana. Desse encontro deu-se e na verdade não sei bem explicá-lo.

Penso às vezes, quando nisso penso, que o afastamento do ambiente da oficina e, por consequencia, da influencia operaria especialmente libertária, me deixasse mais á vontade para a outra influencia da leitura das cronicas e historias exaltadoras da epopeia de Quinhentos e que o meu espirito moço, maleavel e, possivelmente, pelo dominio latente dos globulos de sangue da gente do Mar e dos algarvios — désse faros de maravilhas.

É' certo que a impressão funda dada pelo ambiente operario nunca se me desfez e ainda hoje (e felizmente!) a sinto; mas... aqueles cavaleiros do Monte Sinai, as faça-

nhas de Albuquerque, a História de D. Lourenço de Almeida e os episodios do cêrco de Diu contados com certo brilho literario por Pinheiro Chagas e outros, deram-me, francamente no gôto!...

Como foi isso?

Eu sei lá como isso foi! O que sei é que a minha fantasia rodava por esse Oriente todo e preparou, pouco mais tarde, a eclosão de atentados literarios a que, a seu tempo, me referirei, como reincidencia aos que já mencionei anteriormente. Estava muito novo ainda para destrinçar o que havia por detraz ou por debaixo de toda aquela garafunda guerreira e brilhante e deixar-me-ia embalar pelas narrativas das cronicas de Quinhentos, pela prosa sonora de Jacinto Freire, pelas historietas patrioteiras de Pinheiro Chagas ou pelos rasgos oratorios de Latino Coelho e outros escritores. Ainda não tinha aparecido um Antonio Sergio que dissésse a Mocidade um «Alto lá!... O caminho não é "esse!» — e os professores de Historia deixáram correr as afirmações dos compendios sem procurarem desviar a corrente com melhor interpretação.

Ora quanto aos meus estudos oficiais, em 1894 lá fiz os exames de História e de Matemática (4º ano) com aprovação sem favor se bem me lembro.

E foi durante as férias grandes que passei temporada em Lisboa e no Barreiro em casa de meu tio José Augusto Pimenta.

Fui com meu tio Albino da Silva, num comboio que levava quase todo o dia no caminho; varias vezes, durante o tempo que este esteve na capital, ia-me buscar á rua de S. Lazaro onde morava aquele outro tio e levava-me aos museus de Arte, ás Janelas Verdes e ao de S. Francisco, junto á Escola de Belas-Artes, e chamava-me a atenção para certas obras e para certos pormenores que me iam ficando na memoria como ficaram para o resto da vida.

Lembro-me do quadro de Columbeixa Descendo para a fonte que eu já conhecia de gravuras em ilustrações (1), cuja luz especial mereceu que meu tio chamasse a minha atenção; e a verdade é que, ainda hoje, quando

---

(1)

vou ao Museu de Arte Contemporanea, me fico a olhar para ele com a comoção natural de quem ha cerca de 60 anos o viu e sentiu pela primª vez com olhos de inexperiente.

Ao mesmo tempo, costumava tomar-me ao café Leão d'Ouro, na rua do Principe onde este meu tio ia encontrar-se com os condiscipulos e amigos do tempo da Escola das Belas-Artes. Lembro-me de que, uma vêz, fomos lá com o Columbano Bordalo Pinheiro, que abraçou meu tio afectuosamº e me teve conversa, algum tempo, com o seu ar triste e acanhado.

Lembro-me de que, outra vêz, encontrámos o gravadôr João Maria Baltãr que fez grande estardalhaço quando viu meu tio que foi seu condiscipulo nas aulas do velho professor João Pedroso; tinha conversa muito animada, era um tanto ao quanto estudioso e essa animação simpatica confrangia-lhe o defeito fisico da gibosidade acentuada que tinha desde creança.

E tambem me lembro bem dum encontro com o celebre ilustrador Manuel de Macedo, alto, magro, moreno, com maneiras desembaraçadas, que abraçou meu tio

com certa alegria. Não me recordo se o encontro foi no Leão d'Ouro se no Museu de S. Francisco; mas ainda estou a vê-lo, com expressão de inteligente no rôsto pêco, quase caricatural, a conversar animadamente.

Mas... continuando a lembrar os estudos oficiais do curso liceal: no ano seg.te voltei para o Colegio do P.e Ricardo Simões dos Reis, matriculado em Latim (4.º ano); e para ai a aprender as Matemáticas (5.º ano) com o Dr. Francisco Miranda da Costa Lobo que se ofereceu para me ensinar.

Na verd.e lá ia a casa dele, na rua dos Caetanos, duas vêzes por semana e lá o ouvia explicar com clareza os problemas da Algebra e os da Geometria. Dizia-se em casa, á boca pequena, que este oferecimento do Dr. Costa Lobo não era generosidade pura ou amizade desinteressada. Quando ele tomou café, como o pai e o tio (que ainda conheci muito bem) eram pobres, pediram a meu avô Manuel Caetano da Silva um empréstimo; esse empréstimo foi amortizado aos poucos, conforme podiam, mas morreram sem ver pago tudo. Por morte de meu avô essa divida, nas partilhas, ficou a meu pai

e a meu tio Albino da Silva, em partes equivalentes e ainda ha pouco encontrei, nos papeis de meu Pai, a nota de que em Junho de 1885, ainda estava por pagar a quantia para o tempo importante de 695$000 reis. Com a morte dos velhos o Dr. Costa Lobo não mais pensou no pagamento do que ficou em divida, certamente já muito menos do que acima indiquei.

Por algum rebate de consciencia, pois, não pagando em dinheiro a divida que deveria ser, como se costuma dizer, sagrada, pensou em paga-la ensinando-me as Matematicas. Este Dr. Costa Lobo não saiu aos velhos que o creáram; estes eram homens muito serios, de certa austeridade segundo ouvia dizer e essas qualidades não lhe foram transmitidas no sangue. Como caracter, foi sempre um enigma.

O ensino das Matematicas que me dava devia ser, evidentemente, bom; não se cingia aos compendios adoptados que ele dizia ser deficientes; emprestou-me uns compendios franceses e seguia demonstrações e desenvolvimentos diferentes de que eu, realmente gostava e que aprêendia bem. O pior foi que, no fim de contas... fiquei reprova-

do! No exame, pode ser que me não agradasse com as demonstrações ensinadas pelo Costa Lobo ou pode ser também que os homens, rotineiros e agarrados aos seus processos, não abrangessem completamente a minha exposição.

Ainda estou a ver a cara de espanto do José Adelino Ferreira que me lançou por vezes a sua clássica frase: «Irra, Senhor!...» e a de não menos espanto do boticheirão Manso Preto, gorducho e muito míope. O certo é que apanhei a minha primeira reprovação... O Costa Lobo ficou de cara á banda, foi falar com os homens e não sei o q. entre eles se passou.

Foi isso á 26 de Julho, dia de intenso calor e pouco depois fui com mº Avó, com a Tia Amelia da Conceição e o Tio Alfino da Silva para Espinho onde passei tarde tempestuosa.

Lembro-me de que, nesse verão, o Dr. Sousa Refoios, também com a família em Espinho, estive uma tarde a contar a meu Tio o caso do estudante de medicina António José de Almeida, perseguido pela faculdade no ano lectivo anterior, conforme depois contou no livro muito conhecido Desafronta. O Dr. Sou-

na Refoios contou pormenores de q. me não lembro nem fixei; só fiquei com a impressão de que ele gostava do Ant.º José de Almeida e pretendia auxiliar as aspirações ao doutoramento que se malogrou com a guerra feita pela maioria da Faculdade.

E lembro-me de que deveria ser nesse ano que ouvi o Augusto de Castro então com os seus 12 para 13 anos, vestido á marinheira, na Assembleia, um dia de qualquer festa, recitar com ênfase e certo brilho a celebre poesia O estudante alsaciano que arrancou aplausos á assistencia. Era rapazote descarado e tinha geito para a recitação.

Hoje... é o que se sabe: tem geito para tudo.

Voltando a Coimbra, passada a temporada de ferias matriculei-me, para o ano lectivo de 1895-1896 no Liceu em Introdução (4º ano)[1] e continuei a frequentar a casa do Costa Lobo, repetindo o 5º ano das Mathematicas e entrando pelo 6º ano (Trigonometria e Cosmografia), mas... pelos compendios usuais

---

(1) Abreviatura de Introdução ao estudo das Ciencias Naturais.

adoptados e da autoria daqueles professores que se espantaram com as minhas demonstrações.

Era isto, como disse, no ano lectivo de 1895-1896. Vesti, então, pela primeira vêz, a capa e batina e deixei crescer o cabelo para imitar a cabeleira de Garrett e usava geralmente camisas de Oxford (como então se chamavam certas camisas de colar pregado); puxava um pouco para cima da gola da batina o colar da camisa e punha o laço da gravata também um pouco saliente para imitar o António Nobre — que me lembro ver, no largo da Portagem, de garro caído sobre o ombro, a olhar nostálgico a curva do Mondego para montante da ponte.

Pretenciosismo? Creancice?

Sei lá! Nunca fui pretencioso, creio eu; e hoje, passados 60 anos, vou mais pela hipótese da creancice, ligada aos gostos literários que naquele ano recuado de 1896 me deslumbraram de vêr.

No Liceu travei conhecimento com rapazes de varia especie e indole, com alguns dos quais me liguei bastante e mantive boa amizade pela vida fóra. Bem contar com os

dois irmãos Duques que eram relações já «velhas», dei-me muito com um excelente e inteligentíssimo rapaz, o Aníbal Barbosa Leão que morreu muito novo; com o Carlos Ballino Dias, brasileiro do Maranhão, ~~falecido~~ falecido há poucos anos, ao fim de vida infeliz; com o Abílio de Sousa Namorado, da vila de Fronteira, ainda vivo, cirurgião de Cavalaria; com o Artur Henrique Ribeiro Nunes, (filho do Dr. Francisco de Lima Nunes, médico distinto na Figueira) que foi depois meu companheiro de quarto na Escola do Exército e amigo íntimo, infelizmente morto em 1918, pela epidemia da pneumónica, em Torres Novas, já casado e com dois filhos; com o Luís Alberto de Oliveira, rapaz m.to fino, muito agarotado que depois foi ministro da Guerra aí por 1933 e há pouco falecido.

Também tive as melhores relações que ainda hoje duram, com o João de Barros, da Figueira, rapaz muito vivo, alegre, estudante distinto, já nesse tempo dado ás letras. Naquele berço do Liceu pobresaia pela sua inteligencia e vivacidade e publicou um jornalzinho *A Miniatura*, ao começo litografado mas que passou a impresso desde o seu

mero 3. Ele foi o verdadeiro fundador mas associou outros rapazes como o Fausto Guedes, o Vicente Pinheiro de Melo, o seu patrício Alberto Bastos da Costa e Silva e mais alguns. Eu assinei a revistinha e, um dia, propus-lhe fazer uma gravura para a capa; disse-lhe que arranjasse o desenho, que o pedisse ao Dr. Teix.ª de Carvalho que era muito da família dele e eu depois gravaria. Ou porque nunca arranjou o desenho ou por qualquer outra causa, o certo é que a gravura nunca se fez e a revista que começára em Fevereiro de 1896 acabou em Maio de 97 com o n.º 13.

Ficou a colecção incompleta. Há uns anos, em Lisboa, encontrando o João de Barros perguntei se ele ainda teria alguns números com que eu completasse a colecção. Estávamos, salvo erro, na rua do Oiro; ele parou e disse-me com ar de ternura:

— Você sabe o que é ter uma ranchada de ratos pequenos? De vêr eu quando vão a uns caixotes onde guardava essa e outras coisas da rapaziada e rasgam tudo... Já não devo ter nada da Miniatura...

O bom João de Barros! A ternura com que falou da «ranchada de ratos!»

Foi também meu condiscípulo o António Granjo, rijo e rude transmontano mas alma de cristal, que teve m.to depois a morte trágica que se sabe; e ainda o ~~[illegible]~~ Artur Tito Lívio de Almeida Pinheiro, de Salvaterra do Extremo, discípulo de S. Frei mas bom moço, já falecido há anos; e mais o Álvaro Viana de Lemos, hoje um dos raros vivos, amigo a valer, carácter firme, sempre o sonhador convencido da bondade dos homens e que já nesse tempo se preocupava com a pedagogia e tinha ideias avançadas.

E mais outros rapazes cujo nome agora me não ocorrem e de que irei falando conforme vierem á colação e de quem direi o q. figurei pensando deles, com a franqueza com que falo a este «tão certo secretário.»

Com o Carlos Ballino Dias acima falado e com o Mário Soares Duque, formámos um grupo de que não esqueço no verão do ano seguinte que era quase fatal ás tardes na velha Rua Larga, no passeio do lado do monumento a Camões. O Mário namorava certa rapariga que vivia numa casita na rua do Cosme junto ao prédio do Dr. Luís da Costa e Almeida; o Carlos Dias cortejava já uma

não lembro que beldade moradora na rua e eu lobrigára uns olhos espantosos, vagamente cinzentos duma rapariga de Rezende afilhada do então reitor da Universidade, o conselh.º Pereira Dias, cuja residencia, na reitoria, tinha janelas para a rua Larga, para cima das ruínas do velho edificio do Teatro Academico.

Tudo isto lá vai na fundura do tempo, mas ainda me lembro desses olhos que eram, na verdade, espantosos.

Com a frequencia no Licêu, comecei a alargar o âmbito da minha vida e o âmbito dos meus conhecimentos; mas ao mesmo tempo deu-se, se me não engano em 1896, uma grande crise de melancolia, de neurastenia ou como lhe queiram chamar, que parece chegou a preocupar meus Pais que me viam metido no quarto, tristonho, pouco sociavel, saindo de casa só para as aulas. Seria, possivelmente, a muito falada crise da puberdade que em mim deu em resultado uma outra crise de produção literaria abundante e variada.

Foi, efectivamente, um desabrochar! Eu já tinha escrito, nos começos desse ano de

1896 um poema heroi-comico Uma vingança!..., em verso decasilabo e branco ou solto, como queiram. Era apenas e simplesm.te uma berlindadeira para com meu Tio José Augusto Pimenta porque um dia, em Lisboa, ao descer da Graça para o Campo de S.ta Clara pela rua da Veronica, escorreguei e caí. Ja com meus Tios e mestria nesse dia umas calças novas; e isto foi pretexto para certo gaudio por parte deles pois nunca perdiam ocasião de se rirem á custa de qualquer incidente mesmo desagradavel fosse para quem fosse. Fomos para casa duma familia Francesa, amiga deles; e logo á chegada a escorregadela foi contada com exagero de pormenores que deu no gôto ás raparigas presentes e causou muita folia.

Eu nunca gostei do sistema de troçar por dá cá aquela palha; e na roda de meus Tios era vulgar isso — o que para a minha maneira de ver e sentir representava inferiorid.e mental. Eu procurei não dar parte á vista da sociedade reunida mas a verd.e é que a dei intimamente e muita. Daqui nasceu, quando voltei a casa, em Coimbra, a fraca ideia do poema que troçava os Tios, o seu

po de familias com as quais mais de perto viviam e a mim proprio.

O «poema» tem cinco cantos, com a totalid.e de 335 versos e foi escrito nos começos desse ano de 96, debaixo da evidente influencia do Hiesope de Cruz e Silva.

Entrára, pois, pela Poesia, como não podia deixar de ser...

Déve ser tambem desse periodo um novo entre-acto comico As tres manias, um pouco por influencia dos irmãos Duques e do primo Armando Duque porque tinham a preocupação de serem bons actores dramaticos. Eu estudava pouco, era cábula; era o que se chamava um mau estudante — e passava o meu tempo a ler e a escrevinhar o que a imaginação e a fantasia lembrávam.

E a verdade é que, depois de tanto convivio com homens de letras e artistas, não poderia deixar de me lançar a todas essas aventuras literarias em prosa e verso. Era fatal...

Começam tambem nesse periodo de melancolia as primeiras investidas concretas pela Historia e, diga-se, pela Historia heroica dos seculos quinze e dezaseis, correspondentes

a tentativa de organização de uma Academia — mais reais mais ridículos.

Vou procurar reconstituir a curiosa tentativa.

Entre os rapazes que conheci no Liceu havia dois com quem me entendia admiravelmente nestas aventuras literárias: o Aníbal Bato Teles e o Artur Tito Lívio de Almeida Pinheiro aos quais já me referi e q. moravam na minha rua e, por conseguinte, á mão. Expus-lhes o plano da formação duma Academia em que um grupo de rapazes se reunisse para discutir problemas de literatura e história e se fizessem sessões com conferencias ou lidas ou recitadas.

Os dois acharam bem e eram sinceros nos propositos. A dificuldade estava em encontrar rapazes que se agregassem, que tomassem o caso a serio e não fugissem para a matinal brincadeira.

Não me lembro já bem quais foram os outros componentes. Recordo-me, por ex.º, do bom Manuel Paixão que depois foi farmaceutico de 1ª classe e falecido ha muita dezia de anos; os dois irmãos Duques que

eram quase coestaneos companheiros, foram companheiros muito ao de leve, não ligáram a importancia que eu queria dar ao empreendimento; e certamente os outros, que poucos seriam, eram naturalmente da mesma força pois os nomes não me ficáram na memoria.

Do que me lembro (e, com franqueza, com certo estremecimento) é que no quarto dum daqueles rapazes os três iniciadores e um ou outro agregado se reuniam para falar sobre historia e literatura; e foi que eu li nos meus de Abril duas conferencias, uma com o ~~[illegible]~~ titulo de *As descobertas e conquistas dos Portuguêses* (lá estavam o Oriente e os façanhudos heroes a chamarem me!...) e outra com o titulo simples de *Portugal* — ambas conservadas no volume manuscrito a que chamei *Pecados velhos*...

Por simples leitura se vê o que eram esses atentados: estilo empolado, "patriotêiro", com exaltação das chamadas nossas "glorias"; na primeira delas havia o propósito da prioridade das navegações portuguesas, certamente no rasto dos livros de Latino Coêlho sobre Vasco da Gama cuja leitura me

impressionára; havia tambem certo louvôr aos violentos governadores e viso-reis da India como se fossem anjos... Na segunda, com titulo que indica mais generalidade, fiz uma especie de hino a «este povo audaz e "aventureiro» que não cabia nos limites acanhados «que o destino lhe dera» e foi por esse mundo alem em busca de «longinquas "glorias no Oriente» — e isto sem esquecer a fiada dos truculentos batalhadores desde Gonçalo Mendes da Maia e Fuas Roupinho. Seguem-se depois referencias á historia literária com a exaltação de Camões e de Bocage e um remate de certa violencia contra os contemporaneos nefelibatas.

Tudo entusiasmos causados pelas leituras de Pinheiro Chagas, Latino Coelho e mais alguns autores de que me não lembro neste momento em que escrevo.

O Bobo Teles e o Artur Tito Livio fizéram tambem, cada um, a sua conferencia. E estou ainda a ver o ar serio que tomávamos, no quarto simples de qualquer deles, sentados solenemente como em sessão gráve, um a ler convicto a sua prosa, os outros, em fila de cadeiras, na frente, não menos con-

victos, a ouvir e no final a aplaudir. E todos, principalmente os tres iniciadores, persuadidos de que não só o País mas talvez a Humanidade lucrariam com aquelas manifestações de intelectualid.e de estudantes do Liceu de Coimbra.

Esta Academia durou apenas, naquele ano lectivo de 1895-96 o curto espaço de pouco mais de tres semanas; mas quero crer que a nossa sinceridade era grande e se não se manteve nos outros anos foi porque o ambiente não era propicio. Hoje, esta revelação poderá causar riso valguns e certa simpatia noutros; pelo menos assim noto quando uma vêr ou outra conto estes episodios de mocidade; mas a verd.e é que a iniciativa representava qualquer coisa de util e digna de registo.

Mas o pior... (ainda continuando a lembrar a minha produção literaria) é que nessa quadra e até quando se aproximávam os exames, eu tentei, pelas alturas de Maio, um poema epico, nem mais nem menos, cujo assunto eram as façanhas de Afonso de Albuquerque, o terrivel! E o que me impressionava neste grande vulto da nossa historia ul

transmarina, não seriam, certamente, as suas concepções de governo, os seus planos imperiais ou as suas ideias de estratégia político-militar; não que tenham já mesmo estou certo de que o que deveria impressionar os meus 16 anos tristonhos e mau guia seguro eram as façanhas bélicas, a parte grandiloquente que as crónicas de Quinhentos apresentavam e ainda as referências impressivas dos Lusíadas. De modo que comecei um verso pol to (ainda que não abalançára á rima) um ar razoado apologético, mau tom mau som, com maravilhoso á tôa, e metrica evidentemente muito incorrecta.

Mas que lhe havia de fazer?

A torrente saía e tinha de se deixar correr. E o que é curioso é que, embora esta tentativa seja das primeiras producções poeticas, lembro-me de que o verso tinha com certa facilidade e o original não sofria grandes emendas. E assim Afonso de Albuquerque começou a ser cantado ao mesmo tempo que ia coleccionando, em caderno, os retratos que vinham nos jornais dos anarquistas afamados ou afamados terroristas como foram Caserio Santo, Ravachol, Vaillant e

outros, autores de muitas de personalidades em evidencia. Contradições a que já me referi e que, verdadeiramente, não saberei explicar com rigor.

Mas era assim mesmo.

Esta tentativa do poema epico ficou suspensa no mês de Junho, não me lembro porquê. Recordo-me, porem, que havia calor, bastante calor e de que, ao mesmo tempo, os exames apertavam e de que lá fiz, pela vidade de maior, o de Introdução (4º ano) e o das Matematicas (5º e 6º anos) — exame em que os mestres, os mesmos do ano anterior, me trataram nas palminhas como para se desculparem do chumbo que me deram. Recordo-me, dizia eu acima, de que construí um poemeto simbolista...

Era, volto a ver., incorrigivel.

Este poemeto simbolista foi construído ou imaginado debaixo da imediata influencia do Sagramôr do Empireio de Castro publicado no ano anterior e que eu li com certo entusiasmo. Chamei a esse atentado O Soldado de Maratona e foi feito quase num jacto em dois ou tres dias de febre... poetica. O simbolismo do Sagramor foi explicado a

meu Rio Albino da Silva pelo autor e tambem pelo Manuel Gaio então em Coimbra e que, uma vez por outra frequentava a nossa casa da rua de Tomar p.ª ouvir minha Irmã tocar Chopin cuja musica o impressionava vivamente.

Eu ouvia, fixava tudo; e naturalmente, um dia, surpiu-me no cerebro o Soldado de Maratona que não deixa de ter o seu aspecto curioso que hoje, visto a 60 ~~anos~~ anos de distancia, não deixa de merecer atenção atendendo a que os meus 16 anos não davam para mais. Imaginei o soldado q. segundo a tradição correu de Maratona até Atenas para anunciar a vitoria e morreu á chegada; porem, o meu soldado, apaixonado por certa rapariga de Atenas, depois de pôr nos joelhos de Jupiter a palma simbolica correu ainda a casa da sua apaixonada que encontrou morta.

Estava, creio eu, dentro da escola literaria. Mas quanto á execução...

Que hei-de eu dizer se, embora seis decadas passadas, eu não deixo de ser o autor? Lembro-me de que, quando encontrei o fecho do poemeto (o que foi a 16 de Julho)

fiquei tão exaltado que corri ao Liceu para comunicar a grande nova, fosse a quem fosse. Ainda havia exames, encontraria um ou outro condiscipulo — e aí vou eu, rua fóra, e escadas acima, até aos grandes corredores de S. Bento. Topei logo com o Mario Duque e foi ele quem teve de aguentar não só a leitura do poema como a explicação do seu simbolismo...

Ele ouviu tudo com o seu ar malicioso, a rir, certamente, por detraz das lunetas de miope; mas eu, com todos os Diabos!... desabafei e descarreguei a febre!

Hoje, creio que esta espécie de febre se reduz ao pontapé na bola ou qualquer outra jogatina de esférico de maior ou menor diametro. Todavia a febre literaria de ha mais de meio seculo tinha, se não tanta movimentação espectaculosa, muito menos perigos e certas intenções mais elevadas.

Mas... não fiquei por aqui. Este verão de 96 em que houve muito calor, foi quase fatal...

Nesse mesmo mês de Julho, não contente com o atentado do poema epico em verso solto que ficou suspenso a certa altura,

a meio do canto 2º (salvo erro), resolvi pô-lo em oitava-rima... E aí me abalanço eu á transformação do que já estava feito, com uma coragem que poderia ser empregada em melhor acção. E ainda comprei até certa altura do canto 3º!

Quer desta segunda tentativa quer da primeira, não direi mais nada porque ha uns vinte e tal anos, em dia de mau humôr, rasguei tudo.

E creio q. fiz bem.

E' interessante notar que, quando eu meccei a envelhecer e evocava, por qualquer motivo, essa quadra, ficava-me a pensar como é que aquilo tudo me passou pela cabeça e como tive a audacia de me abalançar a tais tarefas. Esse periodo da min. vida, periodo relativamente curto de uns meses apenas, foi, na verd.e, fertil em fantasias e até, talvez, em contradições. A producção quase torrencial de versalhada, a minha tendencia para a tristeza e certa misantropia que aliás já vinha de ha muito e me tendia a começar em tôdas poesias com apostrofes desalentadas como esta:

«Quando acabará este martirio tão duro?»

e ao mesmo tempo alguma (ou bastante) necessid.e de convivio intelectual que me levou á organização duma academia como contei e ainda os vôos de fantasia que então tinha e de que me lembro bem — tudo isso, hoje, passado tanto tempo e visto com olhos de quase octogenario, me parece m.to estranho.

Eram talvez os 16 anos na sua violenta florescencia ou mais propriamente no seu rebentamento; eu teria necessidade quase fisica de fazer versos p.a contrapôr á melancolia funcional que me invadia em revoadas; e alguma tendencia natural que tivesse para a Historia aguçada pelo convivio com tanta gente ilustrada que me impressionou na adolescencia levára-me, nas azas da larga imaginação, a formar planos muito fóra das possiveis realidades.

Assim seria.

Pelas notas que tenho, muito antigas, e pela memoria ainda não de todo esvaída, houve pausa a seguir a este intenso borbulhar dos mêses de Maio a Julho. Passei os mêses de Agosto e Setembro fóra, não me lembro se

em Lisboa e Figueira, com meus Pais se na praia do Espinho para acompanhar minha Avó materna e minha Tia Amelia da Conceição, nos intervalos em que meu Tio Albino da S.ª Pinha ia a Coimbra para vigiar o andamento da casa. O certo é que nos verdetes que encontro (porque em anotava tudo) nada consta nestes dois meses de férias.

Quero crer que estas férias foram passadas em Espinho e se assim aconteceu foi nessa altura que eu vi o Porto pela primeira vez, acompanhado por meu Tio Albino da Silva, por sinal que em dia de trovoada q. nos obrigou a recolher a um estabelecimento de venda de tabacos por grosso na rua de S. João (lembro-me bem!) enquanto na calçada corria em torrente uma grossa e suja enxurrada e nós íamos enjoando com o cheiro intenso do saboroso peixe sêco.

Só em Outubro, já em Coimbra, recomecei com os meus fruridos literários agora ampliados a históricos.

Matriculára-me no Liceu em Literatura e Filosofia; e no Colegio do Dr. Alberto Cupertino Pessoa (Pai), na Avenida Sá da Bandeira, ultima casa, á esquerda de quem

sobe, em Lingua Alemã, com o professor Augusto Barbosa, engenheiro de minas por escola alemã e amigo de tu de meu tio Albino da Silva.

No Liceu, na aula de Literatura tive nem mais nem menos do que tres professores: primeiramente o dr. Hermano José Ferreira de Carvº, homem já de certa idade, formado em Direito e Teologia, se me não engano, erudito á antiga, caturra, jornalista politico com laivos de polemista (1); outro foi o dr. Fortunato de Almeida, conhecido historiador; e depois, no fim, o dr. Francisco Fernandes Costa. Estes ultimos foram nomeados recentemente, depois dos primeiros concursos nos termos da reforma do Jaime Moniz.

Na cadeira de Filosofia tive o dr. Clemente Pereira Gomes de Carvalho, curioso tipo de velho professôr, já com sessenta e tal anos, alcunhado não sei porquê de Burra de Balaão; era, na verdᵉ, um exemplar

---

(1) Fundára em 1883 O Imparcial de Coimbra depois por fusão com O Comercio de Coimbra passou a chamar-se O Distrito de Coimbra que durou até 1896.

digno de nota: homem alto, entroncado, sempre muito direito apesar de não ser novo [1], com o rosto avermelhado, quase calvo, ares autoritários e, o que é mais saliente, convencido das excelencias do seu ensino e da doutrina do seu compendio.[2] Os rapazes não o respeitavam; pur damente, a troça surgia aqui e ali nas bancadas mais recuadas, especialmente quando o homem ia dar aula de capa á espanhola (então muito em uso) e barrete de malha na cabeça por causa do frio. Ele então fazia-se vermelho, exaltava-se, ia até á coxia ameaçar e dizia com voz em tom dramatico que era homem ainda pa ra afrontar a falta de respeito e que não receiaria mesmo em frente da força das baionetas (sic).

Ninguem percebia porque é que ele chamava ali, no discurso, a força das baionetas; mas a frase era vulgar quando se exaltava.

---

(1) Nasceu a 26 de Agosto de 1831.

(2) Elementos de Filosofia por Clemente Pereira Gomes de Carvalho, 8º gr. de 308 pag. a 2 innumeradas e/errata. Coimbra 1894.

Contavam-se dele anedotas e calinadas não sei se com alguma base de verdade. Do que me ficou, nos dois anos em que o Liceu me foi professôr, foi que era um banalão, enfatuado com a sua filosofia que se tinha de decorar como o padre-nosso e de que a sua inteligencia estava muito aquem do que era necessario para professôr e para tradista de ciencia tão alta.

Das calinadas correntes, fiz eu mais tarde, como direi a seu tempo, uma versalhada que andou de mão em mão pelo Liceu; e como eu, que nunca tive queda para especulações filosoficas, não decorasse o compendio que, francamente, era duro de roer e não tivesse maneira de encarreirar com tal disciplina e ensinado de tal modo, fui sempre considerado um pessimo aluno e mereci, no fim do ano, uma autentica reprovação — a minha segunda reprovação...

Tinha de ser.

Mas, voltando ás Veritativas e alentados literarios: em Outubro, ao regressar a casa, parece que abandonei o celebre poema africo; não encontro qualquer nota a tal

respeito nos nuevos verbetes — e felizmente. O que logo vejo naquele meu artigo acerca de Gomes Freire de Andrade, a propósito do dia 18, aniversario do assassinio juridico do notavel general; foi incluído no nº. 1 de uma nova publicação manuscrita e, desta vez, a tinta, que intitulei Um Jornal de que sairam apenas dois numeros que não fui capaz de encontrar entre a papelada guardada.

Deste Um Jornal era em formato in-4º, segundo conclui duma folha de rosto que me apareceu, talvez restos dos exemplares que teria rasgado noutro momento de máu humôr. Vinha por sub-titulo Revista Literária e Historica e, logo por baixo, desenhado á pena, o frade a escrever na carteira, copiado de gravura minha que servira para cabeçalho do Auxiliar d'Escriptorio e depois para o ex-libris do Dr. Antonio de Vasconcelos. Era quinzenal e feito de colaboração com o Mario Duque, companh.º que queria sempre nestas empresas. O 1º. numero vinha a data de 1 de Novembro, conforme se diz em nota áquele artigo acerca de Gomes Freire que ficou copiado no volume manuscrito que intitulei Pecados Velhos, a pag. 123.

Em o nº 2 saiu novo artigo acerca da batalha do Buçaco, artigo, é claro, como o outro, em estilo laudatorio, com algumas citações no roda-pé das paginas para não fugir ao vicio de aparentar erudição.

Não havia maneira de fugir á sina...

E neste mesmo numero veiu uma Analise critica ao artigo do sr. M. D. (iniciais do Mario Duque). Analise critica (!!) dum artigo que o Mario escrevera no nº 1, relativo á guerra de Cuba, guerra que os republicanos viam como proxima causa da proclamação da Republica em Espanha e por isso se entusiasmávam com o facto de os Estados Unidos protejerem primeiro a insurreição cubana sem quererem ver o que havia de prepotente e de ilegal depois na provocação da guerra.

Lembro-me de que discuti muito com ele, Mario, e outros este assunto. Eu queria ver a irregularidade e má fé da causa; eles só queriam ver os efeitos. Não sei bem quem teria razão e ainda hoje o não sei.

O artigo, que copiei nos ditos Pecados Velhos, a pag. 119, e feito em tom um pouco brincalhão, entrando até por apreciações da linguagem e forma literaria. Entrava, pois, no

campo da Crítica — como se a Crítica fosse coisa de agarrar á mão. Mas eu agarrei-a sem a menor cerimonia.

E é então, nesse mês de Novembro, que me surgiu o primeiro soneto...

A Poesia perseguia-me; mas desta vez sem os laivos heroicos. Limitou-se ao verso chão, correntio, ligeiramente ironico.

Foi o caso de querer festejar o aniversario de meu tio José Aug.to Pimenta; e nesse soneto que me brotou sem dificuldade, se bem me lembro, ha evidente vontade de acertar o ritmo com o assunto. Era o balbuciar no genero em que, aliás, nunca fui muito mais alem.

Depois, poucos dias passados, novo soneto dedicado ao Mario Duque, retratando-o com boa disposição de espirito — retrato q. ele, apesar de trocista, não deixou de gostar.

Mas a seguir...

Novo poema heroi-comico! E em 5 cantos, em verso solto e insulso como todos os diabos!

Lembro-me, a-proposito, duma frase de José Agostinho de Macedo que talvez se aplique neste passo: «De todas as manias

"a mais violenta ou arrastadora, é a dos "versos.» (1) O truculento padre teria razão, creio eu, apesar de mim sempre a ler.

Este poema, porem, era mais uma heroicadeira a meu tio José Augusto Pimenta e por isso lhe chamei, ao poema, Josépeiada. Parece que quiz ter graça, mas a verdade é que a não teve. Conservo ainda um exemplar manuscrito, em 8.º peq.º que qualquer dia terá o destino que merece numa fogueira purificadora qualquer.

Para que servirá conservar tais coisas, tolices sem valor?

Assim acabou o anno de 1896 tão decisivo, creio eu, para mim, debaixo do aspecto do rebentar da bossa (se bossa se pode chamar) de escrevinhador infatigavel.

E sempre quero deixar mencionado que paralelamente a toda esta baralhada intellectual eu ia aprendendo violino com o Ribeiro Alves, então mestre da banda regimental; conversação franceza com a profes-

---

(1) Obras inéditas de José Agostinho de Macedo. Cartas e Opusculos publicadas por Theofilo Braga, em Lisboa, 1900. Carta de Maio de 1829, a pag.ª 24-25.

sora D. Julia Ribeiro; e tirando fotografias com uma maquina de instantaneos 9 x 12 que meu tio Albino da Silva me deu.

Tirei fotografias a torto e a direito que ultimamente tenho reunidas em album p.ª triste recordação. Já não são todas; as chapas de vidro de então se não fossem m.to bem lavadas estragávam-se e quando quiz, ha pouco, reuni-las, encontrei muitas inutilizadas. No entretanto ainda salvei muitas.

E já agora, para se não perderem de todo umas provas que encontrei numa gaveta, deixo aqui umas tres fotografias que tirei ao Eugenio de Castro no seu quarto da casa paterna na rua do Cosme, hoje desaparecida. O Poeta vestiu para isso uma cabaia de seda oriental e colocou, na mêsa, ao lado, uma jarra tambem oriental com lirios.

Um ratão...

As provas estão muito sumidas; a luz não seria boa e eu não sabia mais da arte. Mas sempre ficam guardadas para lembrança. (a)

Falei, acima, na aprendizagem de violino. A musica, então, era na casa de meu Pais, quase constante. Meu tio João Caeta

(a) Foram reforçadas em 1961

no da Silva era verdadeiramente o animador e até quem zapava ao professôr. Rára era a noite em que não ia da Guarda Inglesa, quer chovesse quer fizesse frio, para a rua de Tomar; chegado ali, depois dos cumprimentos, ia para a chamada "casa do piano", ou descia do meu quarto ou de física que estudava e... começava o concerto. Ele tocava flauta, uma de minhas irmãs piano e eu violino; e por cerca de uma hora tocávamos-se vários trios melhor ou pior, durante os quais se discutiam certos passos e meu tio dava conselhos. Terminada a sessão, o tio João Caetano ia dar a meus Pais dois dêdos de conversa até voltar para a quinta e eu recolhia ao meu quarto, e ~~não~~ entregava-me ao estudo ou a escrever banalidades.

Durante anos, até eu ir para a Escola do Exercito, assim se passaram as noites. Tocámos muitos e muitos trios que meu tio comprára, discutia-se música em que ele era perito e «carola» e as noites passavam bem e com vantagens.

Eu nunca toquei muito; o professor Ribeiro Alves saiu música e tinha certa es-

la no violino ; não tinha, porem, arcada, era m.to aspero e por isso não foi com ele que aprendi a lançar o arco com certa suavidade. Com quem aprendi a arcada foi com o Julio Caggiagni que durante dois anos ouvi no Casino Peninsular da Figueira da Foz, não por que directamente me ensinasse mas porque a minha atenção ao ouvir os seus concertos me fez apreender quanto possivel a arte de sonorizar o arco sobre as cordas com o minimo de asperezas.

As noites em casa de meus Pais com meu Tio João Caetano foram uma excelente escola de musica ; orientei o meu sentido musical e se não cheguei a tocar alguma coisa foi porque a vida seguiu outros rumos q. se não compadeciam muito com a arte dos sons — onde talvez podesse encarreirar com alguem exito.

Nada de lamurias. Já ficou dito, creio eu, que a minha vida foi toda errada ; é escusado insistir e vamos adeante.

Voltemos á bossa histórico-literaria. Não vale a pena, evidentemente, estar aqui a esmiuçar toda a barafunda que me vem á cabeça ; só quero fixar, melhor ou pior,

a evolução por que passou o meu espírito até assentar no seu verdadeiro caminho — se caminho verdadeiro foi.

Já eu dizendo que havia grande barafunda nas minhas tentativas literárias. E assim, no correr desse ano lectivo, voltei á faina do jornalismo, e organizei outro numero da 2ª serie do Um Jornal, pelas alturas de Março de 897; nesse numero está um artigo Tomada de Santarem, para comemorar o 750º anniversario da façanha de Afonso Henriques - e não sei que colaborações houve mais. Como aconteceu com os numeros anteriores da 1ª serie, não os encontro. Não sei se os perderia se os inutilizei.

Surge então outra forma da minha actividade: os exercicios escolares.

O dr. Fortunato de Almeida e depois o Fernandes Costa, davam certos temas para nós, os alunos da aula de Literatura, desenvolvermos. Lembro-me de que me esmerava em apresentar exercicios "bem escritos" e tenho ainda copiados no volume já citado dos Pecados Velhos os seguintes: Renascença, datado de 8 de Abril para o qual me lembrei da prelecção do Empereiro de Castro; Camões,

datado aos 9 de Maio; Origem e caracter da escola provençal. Sua introdução em Portugal, datado aos 23 do mesmo mês; O Padre Antonio Vieira e as suas obras, dos 25 tambem de Maio; Origens do teatro português. Gil Vicente, aos 30 de Maio; Caracter dos seis primeiros periodos da Literatura Portuguesa, datado aos 3 de Junho; e, finalmente, Caracter da escola romantica e sua introdução em Portugal: Garrett, Herculano e Castilho, datado aos 6 do mesmo mês de Junho.[1]

Isto dava-me prazer; e a organização destes trabalhos entretinha-me o tempo de tal modo que nos verbetes, alem destes citados exercicios, só encontro a nota duma oitava e dum soneto dedicados ao Raul Soares Duque.

Estes exercicios de Literatura eram bem considerados pelos professores; e lembro-me até de que um, o relativo á Renascença, ainda ordenado pelo Dr. Fortunato de Almeida,[2] mereceu a este professôr (que era,

---

[1] Estão nos Pecados Velhos, copiados respectivamente a pag.as 145, 161, 170, 176, 184, 195, 200 e 213.

[1] O de pag. 145.

segundo se dizia, irmão leigo dos Jesuitas) re-
fére por ter escrito que a Curia Romana era, ao
tempo, corrupta e aproveitou o ensêjo para
dar uma reprimenda ao meu espirito sectário,
com ares de commiseração pelo meu conceito
e pelo atrevimento. Era bom homem, este dr.
Fortunato de Almeida; mas, discípulo dos je-
suítas, não podia fugir á "oleripação, ...

Depois, no exame de Literatura em que
o têma da parte escrita foi Romantismo. Carac-
ter da escola e sua introdução em Portugal, eu
comerei-me em fazer coisa boa e como fiz
copia, deixei-a inserta nos mesmos Pec-
dos Velhos [1] onde se poderá ainda admirar
a concisão da exposição e a forma literaria.

Este exercicio de exame ia-me valen-
do distinção, proposta pelo dr. Fernandes Cos-
ta que fazia parte do juri; mas os outros vo-
gais não concordáram porque na turma des-
se dia estava o Carlos Lucas (que morreu
juiz em 1918) recomendado pela politica lo-
cal para distinto mas que fez exame muito
inferior como, aliás, era natural; e assim,
com este criterio tão exquisito e creio q. jau-

---

[1] A pag. 213.

co pério, eu perdi a distinção que talvez, afinal, merecesse. Coisas da vida, ou melhor, coisas da minha vida — que mais ou menos vem sido assim.

Este episodio do meu exame de literatura foi contado pelo dr. Fernandes Costa a meu tio Albino da Silva e contava-o indignado com o criterio dos dois colegas que me não leveram já quem eram. Não foi, pois, invenção da minha fantasia o que fica acima contado e comentado.

Fiz o exame de admissão sem dificuldades e, como atraz disse, fiquei reprovado em Filosofia; e como eu, muitos outros a quem a perspicacia do mestre Clemente de Carvalho marcou como inaptos para as altas especulações filosoficas e para meterem na caixa (conforme a giria academica) toda a vacuidade do compendio magistral.

Foi a minha segunda reprovação — e não seria, ai de mim! a ultima.

Ha ainda um caso que não quero deixar sem referencia. Era meu contemporaneo no Liceu um rapaz Fausto de Quadros, duma antiga familia de Coimbra, com gra-

rapazes, não sei se fundamentadas, de quais-quer gotas de sangue azul. Era rapaz fino, bem educado, mas sempre muito preocupado com a sua figura, com as maneiras adamadas e com o trajo em q.e era, na verd.e, impecavel. Lembro-me de o ver ir para a aula de instrução primaria do chamado Julio Pauca da, na Praça do Comercio, quasi junto de nossa casa, sempre muito aprumado, com luvas amarelas calçadas, para dar importancia aos outros, imperturbavel.

Depois, quando estudante do Liceu, cerca va-se de rapazes mais ou menos afidalgados ou de finheiro, considerando-se, contudo, centro deles todos.

Ora no anno de 1896 este Fausto de Quadros formou uma sociedade cujos fins eu nunca descobri, que reunia uns subterrâneos de terrenos onde ainda não havia predios construidos, no triangulo formado hoje pelas ruas de Alexandre Herculano, Castro Matoso e Venancio Rodrigues. Estes subterraneos eram restos de condutas de agua construidas, atravez da sua grande cerca, pelos conegos do mosteiro de S.ta Cruz, e tinham altura sufficiente p.a nelas se andar de pé.

Chamava-se a instituição Sociedade Anel de Ferro. Academia Literaria e Scientifica e tinha por emblema um anel feito dum eráro de ferro e no carimbo uma caveira sobre dois ossos cruzados. Não era academia como a minha, já mencionada, mas espalhafato e certos propositos serios e elevados; não, a soci.d. do Fausto de Quadros era espectaculosa, tinha secretaria, carimbos de varia especie, impressos complicados, uma hierarquia intrincada dos socios, rigor de trajo nas sessões ~~[illegible]~~ realizadas nos subterraneos em que se mantinha certo tom rocambolesco.

O Fausto entitulava-se «Grão-Mestre» e rodeava-se de chanceler, secretario-geral e mais cargos complicados de que me não lembro. Eu não pertencia á sociedade mas sabia do que se passava por um rapaz chamado Leite Lage que depois tapou Coimbra, não o tornei a ver e não sei se era o medico especialista de creanças que se notabilisou em Lisboa. O Fausto, parece, não sei já por que motivos deu-me a categoria de socio honorário mas eu nunca fui aos subterraneos a qualquer das sessões e fiquei-me apenas com a ideia do que aquilo era pelas referencias e

SOCIEDADE ANNEL DE FERRO

SOCIEDADE **ANNELDE FERRO**

ACADEMIA LITTERARIA E SCIENTIFICA

SECRETARIA GERAL

COIMBRA

Ill.mo e Ex.mo Snr. Cavalheiro Belisario Pimenta, D.mo Socio Honorario

Sua Excelencia o Illuminadissimo Senhor Grão-Mestre incumbe-me de, em seu nome, convidar a V. Ex.ª para abrilhantar com a sua presença a Sessão Salemne de 13 *de* Janeiro *de 189*7 *ás* 5 *horas da* tarde *em que* será festejado o 1º dia 13 do anno de 1897

Palacio do Quarto Crescente, 12 *de* Jan.ro *de 189*7

O Secretario Particular de S. Ex.ª

Pereira de Azevêdo

SOCIEDADE ANNEL DE FERRO

Sem mêdo, sem mancha

TOILETTE DE GRANDE-TENUE

(INTRANSMISSIVEL)

S. Lisbôa

Pal. de passo = - trêze -

ANNEL DE FERRO

Imposto de sello 10 réis

SOCIEDADE
ANNEL DE FERRO
Sem mêdo, sem mancha

Ill.mo e Ex.mo Senhor

Belisário Pimenta

O mesmo Cavalheiro Honorário do
Annel de Ferro

Coimbra

e por um ou outro impresso dos quais apenas guardei o que aqui fica — e que vale a pena observar.

Aquilo era verdadeira madurezа. Passávam o tempo em cerimonias com ritual muito complicado, cenario de sociedade secreta e misteriosa em que sempre o «Ilumina-"dissimo Sr. Grão-Mestre» procurava brilhar e receber as homenagens dos socios no «Palá-"cio do Quarto-Crescente...»

Maduresas em que ele foi sempre fertil e useiro e vereiro até muito tarde.

Mas continuêmos...

Meteram-se as ferias que, se bem me lembro, foram passadas na praia do Espinho, entregue á fotografia e a ouvir os concertos nos cafés e casinos que sempre me atraíam com prazer.

Conheci, de vista, nesse ano, o escritor Alberto Pimentel que me dava a impressão de um homem triste; andava quasi sempre só, com ar melancolico, a que o bigode caído ajudava bastante. Vi-o quasi sempre com livros e jornais debaixo do braço não sei se para se dar ares se, realmente, para se entreter ou trabalhar.

Estavam em Sesimbra, nesse ano, o Dr. Sousa Refoios e o Charles Lefrierre, um dos professores contratados p.ª a Escola Industrial Brotero quando esta se organizou em 1889 por D. de Ormidio Navarro.

O Dr. Refoios entretinha-se com a fotografia e, como todos os principiantes, tirava retratos a torto e a direito, e ia revela-los para a nossa casa.

O Ch. Lefrierre era mais conversador e fazia roda com a nossa familia e com outras conhecidas. Lembro-me, até, duma discussão animada que ele teve (ajudado por meu tio Albino da Silva) com umas senhoras pretenciosas e possivelmente ignorantes que diziam barbaridades acerca das pinturas de Puvis de Chavannes que, salvo erro, andavam então muito discutidas. O Lefrierre exaltava-se na defesa do artista seu patricio; meu tio, mais sereno, lançava a sua acha na fogueira; e eu ia ouvindo e fixando noções sobre esse pre-rafaelista que nunca mais me esqueceram.

Lembro-me também do espanto desté Ch. Lefrierre quando um dia em conversa com meu tio Albino e o Dr. Refoios, ouviu que o

celebre químico Roberto Duarte Silva era português. O Lefrierre fôra discípulo dele e louvára-o com exuberancia; e quando ouviu que o homem era português não queria acreditar. O Dr. Prefois perguntou-lhe se achava impossivel que um portuguêz fosse notavel...

Este Ch. Lefrierre que veiu fª Portugal como muitos outros, pelo nome, adquiriu aqui certa nomeada e prestigio; mas desdenhou sempre o nosso País e apesar de sempre ser bem tratado e considerado, fazia-o incorrectamente, sem qualquer relevo. Nunca gostei dele; era autoritario, tinha ares superiores e julgava-se dono disto.

Estava também um Espinho nesse ano outro professór da Escola Industrial, chamado Leopoldo Baptistini, bom homem, muito bem educado, sempre muito correcto de vestuario e cerimonioso. Entrava nas palestras do nosso grupo de familias e, se me não engano, foi nesse ano que ele se enamorou duma rapariga de Oliveira de Azemeis muito bonita e distinta, com quem veiu a casar — e que mais lhe foi escandalosamente infiel. Este Baptistini especializou-se, depois, em cerâmica artistica e deixou muita obra

boa e ainda hoje creio que muito apreciada e valorizada.

De volta a Coimbra, em Outubro de 1897, matriculei-me, novamente, no Liceu em Introdução, 5º ano e pela 2ª vez, em Filosofia ainda com o mesmo dr. Clemente de Carvalho, felizmente mais tarde substituído, por virtude de reclamações, pelo velho dr. Manuel Joaquim Teixeira, madeirense, bacharel em Direito que por ser baixo, chamávam o dr. Teixeirinha.

Dizia-se que era alestémio e contava-se que, já velho, uma vez que alguem lhe celebrava a temperidade com tão bela aparencia e vigor intelectual ele respondera com sorriso em tanto ou quanto melhaco:

— E' que dormi sempre só...

Estávamos, pois, no ano lectivo de 1897-1898, o meu ultimo ano liceal em que os condiscipulos eram mais ou menos os mesmos com excepção dum ou outro como o Mario Duque que entrou p.ª a Faculd.ª de Direito, o Armando Macedo para a de Medicina e alguns outros de quem neste momento me não recordo já.

Em compensação apareceram outros como por exemplo o José Caeiro da Mata,

alentejano da gêma, entroncado, alto, um bocado genero brutamontes, mas já com ares de dominios encobertos por certa modestia que naturalmente vinha das condições bastante precarias em que vivia. Dizia-se que era m.to pobre e que a protecção dum padrinho ou de parente lhe dera ensêjo ao estudo fóra do seu concelho. E realmente o rapaz apresentava-se de maneira a justificar o que se dizia relativam.te ás condições de vida.

E já agora, quero contar um caso que se deu comigo e que comprova o que deixei dito. Ele, não sei porquê, dava-me bastante com ele, talvez pelo seu ar acanhado e por saber que andava ali por favôr de estranho, ou talvêz por certa sinceridade que ele punha nas conversas em que não ocultava a sua situação precuniaria. No fim do ano, num dia de qualquer exame, enquanto me esperava pela abertura da porta da sala, notei nele, que ia prestar provas, certo ar especial de constrangimento ou inquietação. Perguntei, afinal-mente se estava com cólicas; não eram cólicas, dizia ele, estava mal disposto, contrariado... E depois de troca de palavras amigaveis, ele confessou-me que não tinha bo-

botões de punhos na camisa, não tinha dinheiro para luxos e isso contrariava-o; ir para o exame sem os botões de punhos parecia-lhe de mau agouro.

— Oh Caeiro! disse-lhe eu; lá por isso não vá você aborrecido fazer o exame. Deixe-me cá...

Levei-o para o [redacted] vão duma das grandes janelas do corredor, tirei os meus botões de punhos e emprestei-lhos. O Caeiro pareceu aliviado dum grande pêso e mostrou-se muito grato. Lá fez o exame que correu bem e no fim, quando tudo acabou e nos encontrámos de novo no corredor, veio para mim alegremente, restituiu-me os botões e afirmou:

— Oh Belisario: os seus botões deram me sorte!

E engraçado ele andou por Coimbra, mesmo depois de ser doutor de capelo e borla, as nossas relações, sem serem intimas, foram sempre amistosas. Depois, foi para Lisboa, não nos tornámos a encontrar e hoje o ilustre Caeiro da Mata é dos homens de mais dinheiro, das «altas individualidades» da actual situação politica e creatura das de

menos vergonha que esta mesma situação creou e sustenta.

E é interessante que esta creatura é hoje presidente da Academia Portuguesa da História e presidente da secção de Letras da Academia das Ciencias. Como é que se eléva a estes lugares um banalão desta categoria e cabotino de tal jaez? Lembro-me de que ha muitos anos, ainda ele era professôr em Coimbra da cadeira da História do Direito e encontrando-se comigo na Biblioteca da Universidade, ficou extasiado perante o foral de Almada que existe na sala dos cimelios e não sei já por qual motivo, está á vista. Trocámos impressões acerca do documento e fiquei persuadido de que ele nunca vira um foral manoelino... Como aparecesse o Dr. Marnoco e Sousa então director da Biblioteca e entrasse na conversa, este convidou o Caeiro a fazer um estudo sobre o foral para o Boletim da Biblioteca, que lhe serviria de pretexto para falar da legislação foraleira de D. Manuel. Na verdade, o Caeiro fez esse estudo que está á vista de toda a gente que queira ler [1] e não passa da transcrição

---

[1] Boletim cit.º, vol. II, pag. 81-86 (1915).

do farol com ligeira introdução de 5 páginas em que se repetem as banalidades conhecidas acerca da reforma pombalina.

Cremos que foi este estudo, além das pesquisas escolares, a sua primeira obra histórica que possivelmente lhe deu o tipar académico de relevo que hoje tem — pois na sua bibliografia só vejo obras de direito e uma ou outra bagatela a que se não pode chamar, com justiça, obra histórica.

Mas adeante. Não quero ser má língua ou mostrar má vontade.

Há anos, era ele ministro dos Estrangeiros, passava na Avenida da Liberdade, em Lisboa, no seu soberbo automóvel, e viu-me parado, á beira dum passeio, a contemplar o monumento do Marquês de Pombal, dias antes inaugurado; o homem reconheceu-me, certamente, porque me disse um adeus afectuoso a que eu mal correspondi porque, no momento, não vi de quem vinha o cumprimento. Vá lá!... o homem conheceu-me, mas duvido de que se lembrasse do caso dos botões de punho... E d'aí, quem sabe! Diz-se que a consciência ainda é uma grande coisa.

E ponto final.

Também quero lembrar um outro condiscípulo, o Adriano Vieira Coelho, rapaz vivo, um tanto "fapulha", que neste ano lectivo a q. me estou referindo, deixou de estudar.

Em 26 de Março de 96, reuniu um grupo de rapazes com quem mais se dava e fomos fª o Penedo da Saudade. Ali, disse-nos tristemente q. ia abandonar os estudos porque a família não o podia sustentar em Coimbra; e, sensibilizado pediu-nos que, cada um escrevesse, numa cartão de visita, qualquer frase ou pensam.to que ele guardaria como recordação. Ficámos, como é natural, pensativos com o caso, mas a ideia foi aceite e cada qual escreveu o q. lhe veio á cabeça.

Eu, sugestionado pelo pedido e, natu, ralmente pelo local, fiz a seguinte quadra que deixei no verso dum cartão de visita:

«A sorte, m.ta vez, compraz-se, neste mundo,
De separar corações ligados pela amizade.
Mas o q. não pode, não, por mais forte q. seja,
É fazer-lhes esquecer uma eterna saudade.

Foi pensão correspondi, pois o rapaz não contava voltar. Houve lagrimas e abraços

enternecidos, evidentemente sinceros, pois naquelas idades ainda se não aprendeu a hipocrisia como depois se aprende, com mais alguns anos passados.

Ora este Vieira Coelho, passados tempos, voltou aos estudos. Formou-se em Direito, casou com uma senhora filha do negociante abastado Correia dos Santos e montou banca de advogado. Aparecia, então, com grandes ares, muito dinâmico (como hoje se diz) e tão dinâmico que, quando estalou e venceu o movimento de Maio de 1926, com grande espanto meu e de muito boa gente, o Adriano Vieira Coelho foi feito Governadôr Civil; e depois duns meses de governo (com o Alcide de Oliveira á ilharga) foi para Lisboa para qualquer cargo chorudo e por lá anda, segundo se diz, a ganhar a vida como trampolineiro sem escrupulos e certamente sem rebates na consciencia.

Mal empregada quadra, a que lhe dediquei no Penedo da Saudade!

E outro ponto final.

Um outro condiscipulo de que agora me lembro, mas este ao contrario dos dois referidos anteriormente, era o Carlos Augusto

das Neves Rocha, filho do prof.or da Faculdade de Medicina Dr. Augusto Rocha. Era excelente rapaz, muito bem educado, de que todos gostávam; infelizmente, em Janeiro, adoeceu, não nos lembro com que doença e a 10 de Fever.o morreu. Houve pouca consternação nos cursos a que pertencia e no pau em terra os condiscípulos da aula de Introdução levámos uma coroa, como era outro costume e acompanhámo-lo ao cemitério com grande pesar. Lembro-me dele muito bem e era amigo dele.

Neste ano lectivo houve um episodio curioso que vou lembrar porque certas particularidades não ficáram escritas.

A prisão do Gungunhana e os combates anteriores causáram em todo o País grande comoção e, muito naturalmente, na Academia o caso foi falado e discutido. E quando, em fins de 1897, Mousinho de Albuquerque veio á metrópole e lhe fizeram festas por toda a parte, houve ideia entre certo grupo de rapazes, de o convidar a vir a Coimbra. Porem, a facção republicana da Academia que era grande, não alvoroçou com o fundamento de que se não fazia caso do oficial de Ar-

rua de Alvaro de Oliveira Soares Andrea que era republicano e também porque o Paço estava a explorar o exito das campanhas africanas em seu proprio proveito.

Levantaram-se divergencias e convocáram-se assembleias gerais dos estudantes para a resolução do assunto. Eu assisti a algumas, muito animadas e ás vêzes tumultuosas. Era o cabeça do grupo monarquico o meu visinho de rua, Antonio Caetano de Abreu Freire Egas Moniz, estudante nos ultimos annos de Medicina, já orador facil, correcto, typo academico; chefiava o grupo republicano, mais numeroso, o estudante de Direito Alexandre Braga, Filho, de oratoria brilhante, fina, com laivos de tribuna de comicio. Os duelos oratorios eram interessantes e renhidos; os dois estudantes transferáram as suas armas, com brilho, daquelas assembleias.

Comtudo, não se chegava a qualquer conclusão; e na antê-vespera da passagem de Mousinho para o Porto ainda ia ser festejado, na assembleia geral da Academia reunida no Largo do Museu, com a mesa da presidencia no adro do edificio do Laboratorio Chimico, ainda se não sabia se se deveria fazer o convite.

Havia no ar certa efervescencia ; todos queriam falar, ninguem se entendia — até que pediu a palavra o estudante do 3º ano medico Joaquim José Luis Fernandes, conhecido pelo «Fernandes da piada» porque, de facto, tinha muita graça e respostas sempre prontas.

Ao ver-se no subir os degraus para falar, a rapaziada estacou e calou-se : o que sairia dali ? O Fernandes, muito sereno, foi para a mesa pela cabeleira arvelada e disse pouco mais ou menos o seguinte :

— Com a discussão tão viva não se chega a concluir qualquer coisa. Tudo se resume, afinal, em saber se o major Mousinho de Albuquerque é ou não heroi — pois não o pedido, como diz Alexandre Braga, não o devemos convidar. Ora parece-me que, quem melhor o pode saber, é ele. E assim, proponho que se lhe mande, em nome da Academia, o seguinte telegrama :..

E puxando dum papel, o Fernandes leu pausadamente mais palavra menos palavra, o que aqui fica :

«A Academia de Coimbra deseja festejar V.Ex.ª no caso de ser, realmente, heroi. Como ha duvidas, roga a V.Ex.ª a subida fine-

nêra de esclarecer o assunto com a devida urgencia.»

É claro que isto provocou forte alarido, risota, chacota e o presidente não teve maneira de impor ordem. A assembleia dissolveu-se com gargalhadas.

Daí a 2 dias, a 18 de Janeiro de 1898, pelas 6 horas e meia da manhã, com muito frio e humidade, passava Mousinho numa carruagem especial atrelada ao comboio do Porto. Estava frio e ainda não era dia claro; havia grande multidão de rapazes na estação velha e como se anunciáram distúrbios, eu fiquei-me na estrada de Lisboa-Porto, junto ao muro sobranceiro, tanto mais que havia policia á farta e uma força de infantr: para o q. desse e viesse.

Chegou o comboio e o homem não apareceu; as autoridades entráram no salão enquanto dum lado, os monarquicos davam vivas a Mousinho e á Monarquia, do outro lado da linha, os republicanos respondiam sempre com um viva a Soares Andreia. Mas tudo com ar soturno, sem verdadeiro entusiasmo. E foi no que deu a glorificação do capitão do Gungunhana ...

Ora ainda neste ano lectivo, logo de começo, surgiu-me nova brotoeja... Influencia, de certo, dos romances de Herculano, Rebelo da Silva, Mendes Leal, Cunha e Sá e outros, tentei um romance histórico que felizmente ficou em começo.

Chamei-lhe Fernão Moniz e passava-se nos tempos da revolução que levou ao trono o Mestre de Aviz. A fantasia não conhecia grandes limites e abalancei-me a esta tarefa com a mesma indiferença pelo tomo da obra com que me lancei ao romance épico. O plano do romance deixei-o no volume dos Pecados Velhos, extraído duma carta escrita na Escola do Exército em Junho de 1902. Era ao mesmo tempo romântico, com a morte do protagonista e da pena amada «com os olhos fitos no céu, como numa esperança...»

Bons tempos! Com que facilidade e sinceridade eu fazia estas coisas! E depois, segundo vejo nas cópias dos cit.os Pecados Velhos,(1) a ideia do romance vinha de 1895 e fiz uma primeira tentativa em começos de

---

(1) A pag.a 77-107.

1895 ; escrevi alguns linguados (ainda não usava os quartos de papel) que nos fins deste ano foram ampliados em nova tentativa que chegou ás primeiras linhas do capitulo IV.

Em 1897 fui reincidente : lancei-me a terceiro atentado que foi o ultimo e terminou em Novembro, definitivamente. O infeto abrandou não sei já por quais motivos. E ainda bem...

E assim quase me limitei, durante o ano lectivo, a ressalhada humoristica alusiva aos professores e em especial ao terminal Burra de Balaão que tomei á minha conta.

O romance, deixai-o cofriado no já conhecido vol.º dos Pecados Velhos ; mas a ressalhada de troça, essa só de ficar aqui arquivada porque não deixa de ter sua graça. São seis sonetos que, no vol.º respectivo que inutilizei ha tempos, estavam escritos com o titulo : Na aula de Filosofia e ~~eram~~ oferecidos assim : « A um dos quartistas : Luis Alberto de Oliveira. » Homenagem a um desgraçado que se me não engano ficou reprovado duas vêres por... incapacidade filosofica.

Seguem os sonetos — e não sem razão de qualquer especie...

1

Estámos na aula da Mãe Filosofia!
Explica Ideias um velho professor
Para quem Deus e Céu são todo o seu amor
E zanga-se c/tudo o que cheira a Anarquia...

Entusiasmado começa Ideias a explicar;
E depois de gastar a sua fértil veia
Pergunta a um discípulo porq. d'homem a Ideia
Não podiamos nós a uma pedra aplicar?...

Fez esta pergunta, então, ao curso inteiro
E ninguem lhe soube responder! Então ele altaneiro,
Nervoso e zangado levanta-se da cátedra!")

«Vergonha! A ideia de Homem aquele mineral
Não se pode aplicar... nada mais racional:
Simplesm.te porq. um homem não é pedra!

(21 - Dezembro - 1897)

2

Outra vêz estava ele embaraçado
A explicar aos discípulos o q. vinha a ser o Mundo.

Fazia ver a todos, triste e enternecido,
Que a Terra era caída em pélago profundo!

Que os homens eram injustos queria demonstrar
Com berros e com gestos p'ra gente o perceber;
E depois de berrar e de barafustar
Terminou o discurso pelo que eu vou dizer:

«Os homens todos teem sido, realmente,
Perversos e falsos; mas eu q. sou Clemente
Conservo-me toda a vida á altura verdadeira.

E eu juros, meus Snr.s, q. neste mundo todo
Não ha nenhum homem quer justo quer de lôdo,
Que não ajude a fazer o Palacio da Asneira!»

(21 - Dezembro - 1897).

3

Falava-se do Termo e da Proposição.
E o nosso Professor, grave como a Ciencia,
Em pé, ao pé de nós, com magna complacencia,
Explicáva-nos tudo com leve excitação.

Fingia q. não via algum impaciente

Que desejando já a hora da saída
Fazia ao seu visinho inocente partida...
Fingia nada ver... E continuamente,

E sem interromper, continuou a explicar
Até á difinição de Permo querer dar
Onde iria esfraiar a filosofica veia;

E virou-se p'ra nós com paternal amôr:
«O Permo, disse ele, é o vestido exterior
Com q. nós revestimos uma simples Ideia!»

(21 - Dezembro - 1897)

4

Tratava-se, então, da Sensibilidade
E não sei que mais. E com um lindo bonnet
O nosso Professor, com grave magestade,
Começou-nos a explicar que o que é — é!

E passado algum tempo nesta explicação
Começou a dizer q. toda a alma humana,
Ha-de sentir, de certo, alguma sensação
Ao presenciar qualquer cêna desumana.

E voltando-se p'ra nós com riso paternal
E com rosto faceto, alegre e jovial
E até sem reparar q. tinha o bonnet torto,

Disse: «Qual a alma q. não é emocionada
Ao ver estendido á beira duma estrada
Um cadaver q. pertenceu a homem morto?!»

(21-Dezembro-1897)

5

Doutra vez estava ele em pé, grave, magestoso,
Có'a capa á espanhola com bandas de setim
A prégar-nos, a nós, discurso primoroso
Que o tornou vermelho quando chegou ao fim.

«Numero 1, diga-me lá, e com cuidado,
Porque é q. o angulo tem só dois elementos?
Vamos, responda-me, não fique atrapalhado
E não lance, repare, as palavras aos ventos.»

Mas o numero 1 calou-se e o segundo,
Guardou, tambem, na mesma um silencio profundo.
Ao primeiro perguntou 'inda mais outra vêz.

Mas o silencio foi sempre o mesmo e perlongado.
E ele então, erguendo a voz, como inspirado,
Disse: «São 2 os elementos porq. não são tres!»

(21-Dezembro-1897).

6

D'uma outra vêz (então o tempo estava bom
E o sol brilhava no azul da Imensidade...)
E dizia o Professor, com um grave plastron,
Que a existencia de Deus é a suprema verdade:

«A existencia de Deus é o mais racional
Que neste mundo podemos conceber.
E' bastante vermos q. todo o animal
Desde o seu nascimento vive até morrer...

As aves vôam na atomosfera do Céu...
E os rios vão p.ª o mar, mansos, sem um bolen,
E materia é tudo, tudo, o q. em si subsiste;

E os ventos cruzam-se em varias direcções,
E o sangue parte, em nós, dos nossos corações,
Muito regularmente... Logo: Deus existe!»

(1-Janeiro-1898)

Perdôe-se a incorrecção dos versos pela boa vontade de troçar um bocado com o velho mestre, caturra emerito, que de ver em quando largava a sua calinada e que nós, em regra generosos, considerávamos como homem capaz de uma ou outra maldade. Pelas datas marcadas vê-se que num só dia produzi nem mais nem menos do que cinco sonetos — o que foi, na verd.e, passar a marca.

Mas, enfim, aí ficam como documento do ambiente escolar. Que ele dissesse tudo que ficou na versalhada, é natural que não; mas que ele tinha escorregadelas semelhantes, isso é verdade. Não quero mentir, de certo; mas a do soneto n.º 5, creio que é autentica, e a memoria já me não afirma se uma ou outra tambem o foi.

E como estava com a pena afiada contra os mestres e habilitado em sonetos, lembrei-me dum outro que englobasse o professorado liceal; e segundo a nota que tenho presente, foi na aula de Introdução, 5.º ano, que escrevi este que se segue, aos 22 dias do mesmo mês de Dezembro, certamente na vespera das ferias do Natal. Aí vai sem qualquer emenda:

Aos meus Professores

«clara certidão de verdade...»
Fernão Lopes: Cronica de D. João I, cap. I da 1ª Parte.

O Liceu de Coimbra é fertil em variedade
De caras professorais raras no genero humano:
Vêem-se ali algumas caras de maldade
Como é, por exemplo, a cara do Hermano...

Vê-se, tambem ali o Manso barrigudo
E o Silvio Pelico, jovem literato;
Vê-se o D. Tomás, filosofo cabeludo
E o armazem de História, o grande Fortunato!

E o tôrto Serrasqueiro q. usa de mesinha,
O todo calvo, triste e grave Teixeirinha
E o olhar inteligente e fino do Tomé;

E o Fernandes Costa de presença boa,
O grande janota e casquilho do Pessoa
E o bom do Clemente com seu lindo bonnet...

Ora o soneto necessita duma explicação,
isto é, de que se diga quem são os professo-

ras risados. Seguem-se os nomes pela or dem por que vêem na versalhada:

Hermano José Ferreira de Carvalho: já aqui falado a pag. 131. Acrescentarei que era mt.to fôreo, usava cabeleira grande, á romantica, e tinha os dêdos sempre queimados do tabaco pois fumava constantemente.

José Joaquim Nunes Prêto, também aqui falado a pag. 111, ligeiramente. Era bacharel em Matemática, autôr de livros didacticos, muito gordo e barrigudo.

Silvio Pelico Lopes Ferreira Neto, formado em Direito, recentemente nomeado professôr pela reforma de Jaime Moniz. Bom latinista, segundo se dizia e boa pessoa

D. Tomás de Naronha, ainda estudante de Direito, professor interino, pobre arro. Era baixo, usava grande cabeleira que lhe dava aspecto um tanto ou quanto ridiculo. Poeta, pertencia ao grupo do Afonso Lopes Vieira e Candido Guerreiro e João Lucio. Depois de formado foi para a India como professôr e levou comsigo a Rosa Espanhola, amante do Lopes Vieira, rapariga que deu certo brado em Coimbra, etc. etc. Veiu depois a casar com ela, sem cerimonia.

Fortunato de Almeida, já aqui citado a pag.º 131 e 141-143 era, como disse, já conhecido como historiador. Já nesse tempo tinha ganho um prémio literario com a sua obra O Infante de Sagres (Porto, 1894).

José Adelino Serrasqueiro, professôr de Matematicas. Era estrabico, temperamento m.to irritavel; usava constantemente da frase: «Irra! senhor!...» quando se zangava, o que era m.to vulgar.

Manuel Joaquim Teixeira, conhecido por «o Teixeirinha.» Já aqui falei dele a pag. 150 e devo acrescentar que fiquei com a impressão de ser bom homem.

Antonio Porné, bacharel em direito, m.to inteligente e culto. Homem serio, bom professôr modernizado. Diziam-no republicano. Manteve sempre quer como professor quer como cidadão, a mais perfeita dignidade.

Francisco José Fernandes Costa, bacharel em direito, advogado. Homem inteligente, voluntarioso. Já era, ao tempo, considerado chefe republicano. Homem culto, bom professor mas talvez pouco atento á profissão.

Francisco Pessoa, professor de ciencias naturais. Se me não engano, creio que era

doutor de capelo, mas não admitido a Faculdade de Filosofia. Foi mais tarde meu professôr nas disciplinas de Introdução, 4º e 5º anos e fiquei com boa impressão do homem.

Posto isto, continuêmos.

Deveria ser por esta altura que também tentei, mem mais mem menos, uma opereta de costumes. Era insaciável! Queria abarcar todos os generos literarios; felizmente o fôlego não me chegava fº tanto. Tudo me ficava no começo. Guardei também, nos Pecados Velhos esse atentado dramatico que não passou do começo do 1º acto e não tive coragem de rasgar. Lá fica.[1]

No meu intimo, porem, devia inspirar-se a Historia. E é nos mêses de Junho e Julho, com exames á porta, que me traduzi e poz prefaciar e anotar; um artigo acerca da 1ª descuberta da Australia que encontrei numa revista suiça que meu tio José Augusto Pimenta me deu.[2] Era a ideia patriotica

---

(1) A pag. 353-356

(2) George Colliingridge: Premiére decouverte de l'Australie a pag. 199 e seg.tes do Bulletin de la Société Neuchateloise de Geographie, t. VI (1891).

da prioridade dos portuguezes no descubri-
mento da grande ilha do Pacifico que me le-
vára á obra. Guardei a traducção, juntei
elementos não me lembro já de que especie,
com tenções de, com vagar, me abalançar a
obra erudita, minuciosa, que destruccasse as
pretenções estrangeiras.

Ha pouco ainda, ha cerca de meia duzia
de annos, encontrei na papelada amontoada
em uma gaveta, o volume manuscrito com a
traducção. Olhei-a complacentemente durante
um tempo perguntando a mim mesmo
para que me servia aquilo; enchi-me de co-
ragem e rasguei o volume, cuidadosamen-
te escrito como sempre fazia e lancei tudo
no cesto de papeis velhos. Alguns momentos de-
pois lembrei-me de que poderia entregar o
manuscrito na secção dos cimélios da Biblio
teca da Universid.e; sempre era mais uma
bugiganga para juntar a tantas outras q. por
lá ha. Já não fui, porem, a tempo.

Como se vê e eu, agora, em velho, es
tou tambem a ver, a caracteristica da minha
activid.e intellectual nesta quadra da vida era
o começar obras de certo vulto e deixa-las no
principio ou pouco mais adeante. Havia, de

certo, alguma ancia de produção, mal orientada, evidentemente, ou até, talvez, sem qualquer orientação; e daí o desastre muito natural, independentemente, é claro, de as obras projectadas não serem para as minhas possibilidades.

Fiz tambem outras traduções: uma em verso solto duma poesia de C. D. of Wirsen: O abade de Cluny informa Heloïsa da morte de Abelard (1); outra de um apologo de D. Leopoldo Cano (2). A primeira em Março, a outra em Setembro, no periodo de férias que passei em parte na Quinta da Guarda Inglesa de meu tio João Caetano para acompanhar minha Avó e minha tia Amelia da Conceição enquanto ele ia ao Gerez, á sua cura de aguas.

Esta quinta que meu tio formou de um monte agreste e pedregoso, comprado

---

(1) Poeta sueco. A tradução foi feita sobre tradução francesa de Göran Björkman e Brinn'Gonhast, publicada na pag. 234-236 da revista Arte do Eugenio de Castro (Coimbra, 1895-1896). Ficou no vol.º de Poesias, a pag. ...

(2) Poeta espanhol. A poesia vinha na mesma revista Arte, supra citada, a pag. 14. Ficou no mesmo vol.º de Poesias, a pag. ...

A quinta do Guarda Inglesa, visto do lado do Sul, ou seja do lado de S.ta Clara.

Ex.mo Sr. _____

_____

Lembrança

HOJE

SESSÃO MUSICAL

J. C. S. P.

Exemplar de um dos avisos p.ª as reuniões.

pouco depois do regresso do Brasil, era um refugio agradavel de que eu gostava muito nos mêses de verão. Eu e minhas Irmãs iamos para la repetidas vêres; e á-parte os passeios e corridas pela quinta, passavamos horas a folhear illustrações ou, segundo o frase corrente, «a ver bonecos» — entretenimento que me dava prazer e ao que, possivelmente adquiri o gosto pela gravura e muitos conhecimentos de arte.

Meu Tio João Caetano tinha grande colecção de revistas e livros (dos quais guase todos vieram parar ás mãos) e á vista da reproducção de obras de arte, de retratos de homens celebres e de monumentos, era maneira amena de adquirir variadas noções, como na verdade aconteceu. E ainda hoje gosto de folhear volumes de illustrações, das antigas, que me lembram o passado

A casa, construida á beira da estrada para Paqueiro, era uma excelente habitação em de meu Tio Caetano, por veres, reunir os musicos da terra para concertos pacatos: o Ribeiro Alves, o velho Macedo, pianista, o Augusto Pais, o Machado, violoncelista e outros de que me não lembro, aos quais ouvia no lar

go da Portagem, a certa hora da tarde, um char-à-bancs de transporte que depois os ia pôr a casa terminada a sessão.

Eram noites boas, bem passadas, mas que em regra, eles, os musicos, não compreendiam e daí, com o tempo, começaram a espaçar até que acabáram. Meu Tio tinha uma musicoteca importante: qualquer q. fosse o numero e qualidade de instrumentos que se tocassem, ele tinha sempre musicas proprias para o conjunto. Era um "carola" por aquele genero de reuniões; mas, apesar dos avisos impressos com gravuras, do char-à-bancs e da ceia que dava sempre, a serie de sessões não foi muito grande.

Desinteresse, pouca comprehensão, algum egoismo, até, a verd.e é que essas bellas reuniões acabáram.

O certo é que, no fim do anno lectivo, lá fiz o meu exame de Introducção (5.º) para noviade de maior. Era professor (assim como no anno anterior) o Dr. Francisco da Costa Pessoa, velho casquilho, boa creatura que dizia ter cafelo na Faculd.e de Filosofia Natural e não fôra admittido ao magisterio universitario. Era atencioso, e interessava-se pelos alunos;

mas ensinava á antiga, quer a Física quer a Química, apenas em teoria, com raríssimos exemplares de aparelhos. Era casado com uma senhora de apelido Neiva, com pretensões de nobreza, muito feia e, segundo as más línguas, um tanto ou quanto heroína na sua mocidade. O palacete onde viviam ao cimo da rua das Taipas (onde hoje está a Legião) tem um brazão dos Galvões; não sei se pertenceria á família dum ou de outro; do que me lembro bem é de que o timbre do brazão, que é uma cabeça de veado com grandes armações, dizia-se que correspondia á cabeça do chefe da família.

Seria ou não seria assim. O que é certo é que o Dr. Pessoa era boa creatura e ahi via os rapazes com benevolencia e boa vontade.

E com o exame de Filosofia pela segunda vez, terminei o meu curso liceal, apto, pois, para entrar na Universidade. Mas este segundo exame de Filosofia tem que contar.

A certa altura do ano, o Dr. Clemente, o Burro de Balaão foi substituído, como disse, pelo Dr. Teixeirinha; o curso, contudo, era uma desgraça, revelára-se refractário a Filosofia daquele velho professor caturra e es-

tava em perspectiva nova derrocada no fim do ano. Eu não sei o que se passou nos bastidores; o que sei e de que me lembro é de q. o dr. António de Vasconcelos contou a meu tio Albino da Silva que no conselho de professores do Liceu se chegou á conclusão de que ter de cór o compendio do dr. Chevreulé equivalia a não fazer qualquer ideia do que era Filosofia e que seria nova barbaridade reprovar quase todo o curso — e eu voltaria certamente a ser reprovado. Chegado áquela conclusão, o mesmo conselho resolveu aprovar toda a rapaziada e afastar do ensino, com todos modos, o velho professor que aliás já tinha idade que justificasse a resolução.

Para a primeira parte do preposito nomeou um juri que foi composto pelo dr. Vasconcelos (não me lembro se era, então, o reitor) e pelos professores liceais dr. Teixeirinha e dr. Carlos de Mesquita a quem já em qualquer passos me referi.

E' claro que isto só foi pedido mais tarde e os primeiros rapazes que foram ao exame iam com medo. Felizmente verificámos que a <u>craveira</u> do primeiro dia era benigna e tudo saiu aprovado; creou-se nova alma

e assim o curso se viu livre daquele fêso, ragueiro grapas ao velho filosofo de quem se contava que dizia habitualmente ~~[illegible]~~ nas aulas:

— Em Portugal ha, nos nossos tempos, tres filosofos: o falecido dr. Alves de Sousa; o sr. dr. Costa e Almeida[1] e ... o terceiro a quem deslia não conhece que o mencione...

Devo declarar que nunca lhe ouvi isto; mas afirmava-se que o dissera muitas vêzes. Creio, porem, que o afastamento do ensino o abalou; recolheu-se em casa, na rua do Loureiro, num bom prédio antigo, e veiu a morrer passado alguem tempo.[2]

Com este exame de filosofia, o ultimo, estava resolvido universitario, um ponto ainda indeciso acerca da carreira que seguiria. Era isto para mim, até então, problema dificil na hora que mais ao menos se indicava a Escola Naval como destino.

---

(1) Respectivamente autores dum Curso de Filosofia Elementar q. tem muitas edições e de outro Curso de Filosofia Elementar (Porto, 1895).

(2) Morreu a 5 de Dezembro de 1906, creio q. no Lapar da Pereira, com 75 anos.

Eu gostava da ideia que me fascinára-va viagens e uma ou outra aventura pelo mundo; minha Mãe, porem, mostrava cer-to desgosto que contrariava meu Pai a quem as costelas de Homens do mar davam certa satisfação de ter um filho oficial da Armada.

Vieram as ferias que eu parte passei na Guarda Inglesa, eu parte na Figueira da Foz e ainda com uma escapada á Ribeira Pereira, nos arros de Torres Novas, a casa da familia dos irmãos Duques.

Foi uma semana alegre, com excur-sões aos Olhos de Agua, perto da Zibreira, mes-se tempo local deserto e pitoresco; e com dois dias passados na Azinhaga de Santarem, na foz do Almonda, onde havia manadas de ga-do bravo que eu pela primeira vêz vi de per-to. Quer a ida quer a volta da Ribeira Pei-ra para a Azinhaga fez-se em Carros mal alhardados, valha a verdade, em todo o caso carrinheiros.

Estava então com os dois irmãos Mario e Raul Duque, o Armando Duque primo direito deles, bom companheiro e desembara-çado. Eu levára o meu violino e como eles tinham guitarras e violões, de noite, ao luar,

(pois era tempo dele) faziamos serenatas quer na aldeia da Ribeira quer na Azinhaga, pelas tegirias.

Lembro-me bem de que, quando voltámos da Azinhaga para ~~casa~~ a Ribeira resolvêmos atravessar a vila de Torres Novas vocando, montados nos burricos. Era noite, já, mas ainda cêdo, quando entrámos na vila pelo lado do quartel entrão de Artelharia; os anuais parece que gostavam da musica e caminhávam sem pareu quaisquer duvidas; a population ria-se do exotismo daquela tuna ambulante; e quando nós passávamos em frente do quartel junto do gradeamento da janela, demos vivas ao «desarmamento geral!...»

Nessa altura andava em discussão, lá fóra, salvo erro, por iniciativa da Russia, a necessidade do desarmamento; e eu, com o ~~anarquismo~~ anarquismo ainda fresco, desafiei os três companheiros aquela manifestação — que se fez calorosamente, de punho fechado na direcção do quartel e com gritos bem claros e fortes. Certamente, no quartel, o vozear não foi bem avaliado; um soldado que passeiava junto ás grades ainda disse qualquer coisa como

«vão bêbedos!» ou frase semelhante. E deste modo passámos a vila, a tocar qualquer ordinario e a dar vivas subversivos...

Bons tempos.

Assim as ferias, mais ou menos, foram passadas despreocupadamente; e é então que surgem as minhas primeiras cartas, a quererem ser epistolas literarias, e os meus primeiros versos de amor.

A epistolografia que sempre me seduziu e é hoje quase vicio, começou então por cartas ao Aurelio da Costa Ferreira, a descambarem pretenciosamente em literatice. Foram duas que deixei copiadas tambem pretenciosamente.[1] Li em qualquer parte, ha pouco, que a epistolografia era o grande molde em que se aperfeiçoava a forma literaria. Talvez comigo isso se désse.

Quanto aos primeiros versos de amor, nasceram duma paixoneta que, por merecer o devido recato e respeito, não terá aqui lugar. O episodio sentimental surgiu sincero, manteve-se sincero por uns anos e acabou, do meu lado, por circunstancias

---

[1] Nos Pecados Velhos, pag.s 235 e 237.

que me abaláram e ainda hoje mal explicadas, mas a que não consegui fugir.

Porem, por toda a minha vida e em especial com o aproximar da velhice, o desfecho forçado teem-me produzido uma espécie de vago remorso e provoca-me a interrogação, para comigo, a que não ouso responder, se procedi ou não procedi bem.

Já lá vão, creio eu e salvo erro, uns 56 anos; mas este meio seculo e tal não me apagou ainda a duvida da lisura ou integridade do meu procedimento; e em alguns momentos de meditação sinto que me invade certa comoção confrangedora ao pensar que a minha possivel hipoteca de proceder e valer a fraqueza em não quebrar esses preconceitos, poderia ter escangalhado uma outra vida — afinal tão merecedora de atenção, tão digna de um pouco de ventura e de alcançar algum bem estar espiritual, como desejava para mim.

Desse episódio, ainda duradoiro para ser só episódio ficaram versos e rebates de consciencia; os versos, ha uns 20 e tal anos, rasguei-os por occasião em que me atormentavam as duvidas que ao espi

rito me acudiam. Hoje, a memoria mal reconstitue um ou outro verso; na maior parte eram sonetos a que quiz dar o tom de bucolismo camoneano e eram, a tradução de sinceridᵉ, a expressão ingenua e respeitosa das primeiras comoções amorosas que os meus desoito anos experimentaram e mantiveram com a boa-fé que sempre me dominou em quase todos os actos da vida.

Os versos desapareceram. Não desapareceu porem a tal duvida que ainda me rói a consciencia (e não poucas vêres) quando me ponho a ~~[illegible]~~ olhar para traz, para esta minha existencia tão contraditoria que não fui capaz de equilibrar em mais de meio seculo e tem andado aos encontrões da maldita rosa dos ventos.

Quinta da Paz
(Sᵗᵒ André de Mafra):
18 a 29 de Agosto
de 1956.

IV

. «... des souvenirs de jeunesse nous reviennent en foule et nous font sourire, dans la mélancolie de l'age mur, d'un sourire indulgent...»

Théof. Gautier: Souvenirs romantiques, pag. 46.

Estava, pois, estudante universitário verdade seja que um pouco aos encontrões, com dois chumbos ás costas que me atrasáram um ano e, verdadeiramente, sem um destino ainda fixado.

A Escola Naval?

Eram esses os meus desejos e os de meu Pai, mas não eram os de minha Mãe; não me lembro bem já das razões da minha matricula no 1º ano da faculdade de Matemática, sem me matricular em Física, cadeira essencial para a Marinha; talvez a descida

do limite de idade que se dizia ser alterado para menos com o fim de poder ser admitido o filho mais velho do Conde de Arcos que parece não tinha grandes condições de entrada.

Já me não lembro. O que sei é q. me matriculei em Algebra Superior e em Geometria Descritiva, na classe de voluntario; tinha por professores, respectivamente o Dr. Henrique de Figueiredo e o Dr. Francisco José de Sousa Gomes. Matriculei-me também nas duas cadeiras do Desenho, a do matemático e a do filosofico em que eram professores o Bacharel José Luis de Andrade Mendes Pinheiro e o grande mestre Antonio Augusto Gonçalves

Durante o ano procurei sempre evitar as <u>praxes</u>, quer entrando á Porta Ferrea a horas de aulas quer saindo pela Porta de Minerva ou ainda mercê das relações com um bedel, cujo nome me esqueceu, pelo portão da rua do Norte.

E foi então que comecei a frequentar a Biblioteca não só por gosto de consultar livros, principalmente as cronicas, como para fazer horas de desaparecerem

os praxistas das portas do Pátio e eu sair livremente. E assim passei o ano lectivo até ao dia do ponto sem qualquer novidade.

Achei sempre degradante a praxe, principalmente as troupes; e degradante para quem as praticava como para quem as sofria — e ainda hoje assim penso sem me arrepender.

E' claro que continuei a ser mau estudante; não sei se por pouca queda para as disciplinas se por preguiça intelectual de natureza.

Conheci então outros rapazes entre os quais me lembro o Afonso Verissimo de Azevedo Zuquete, rapaz de talento que foi depois engenh.º distinto; o José Esteves da Conceição Mascarenhas que ha pouco morreu general e era o ministro da Guerra que estoirou o movimento de 28 de Maio; o D. Fernando de Lencastre, que tocava violino com certo desembaraço e ainda hoje é medico em Lisboa, creio que considerado; o António do Lago Cerqueira, de Amarante, que se formou em medicina e foi ministro dos Estrangeiros se me não engano, numa situação "democratica"; e posso ainda citar o Leonardo

Coimbra, o notavel professôr e filosofo que tanto barulho fez com as suas doutrinas e a sua posição quando foi ministro da Instrução, pela prim.ª vez, em 1919. Com excepção do Fernando Lencastre, já todos morreram.

Mas, entre tantos, quero salientar o Augusto Bivar Xavier de Azevedo Salgado, do Sardoal, com quem me liguei muito e que veiu a morrer ha pouco em Lisboa; foi meu companh.º de quarto na Escola do Exercito. Rapaz, fino, delicado por natureza e por consequencia bastante susceptivel perante certas garotices dos companheiros; bondoso, afectuoso, era creatura que se distinguia no meio do prosaismo e rudesa do ambiente academico.

Deveria ser tambem por este tempo que comecei a dar-me com o José Colaço Alves Sobral, filho do farmaceutico Sobral com farmacia na rua Larga, esquina para a rua de S. João. Era um excelente rapaz, muito sério, afectuoso, cheio de bondade, trabalhadôr, com quem mantive sempre as melhores relações de amizade até á sua morte, desgraçada, em 1929, em Fevereiro ou Março. Formou-se em Filosofia e concor-

reu depois ao professorado da Escola de Farmacia onde soffreu soffre á sua volta certa má vontade devida ao seu espirito liberal. Casou tarde já, com uma senhora mais nova bastante, muito digna, de familia de tradições muito liberaes e até revolucionárias, mas dotada de espirito acanhado que os padres moldáram depois em estreitamente beato.

Aconteceu até que um dia, ái por o anno de 1813, depois de casados, remexendo em caixotes que ficáram duma tia dela, o brigadeiro Joaquim de Almeida da Cunha que foi maçon, revolucionario da Patuleia e creio que secretario geral do Gov.º Civil de Coimbra, encontraram grande quantidade de livros maçonicos, não só tratados relativos á historia e liturgia da Ordem como livros e folhetos de combate e polémica daquele agitado periodo dos meados do seculo passado. Ela, sobre discipula de colegio frades co, horrorizou-se com a descoberta e quiz logo queimar tudo e purificar a casa... Ele, porem, conciliador e calmo, fez-lhe ver q. estava ali um bom manancial para a Historia e que seria criminoso a sua destruí

ção; e acrescentou que tinha um amigo que apreciaria tudo com m.to agrado. Esse amigo era eu. E na verdade, o José Soberal correu a m.a casa, contou-me o sucesso e eu mandei logo um portador buscar o conteúdo dos malfadados caixotes — conteúdo que veio enriquecer a minha biblioteca com belos exemplares de folhetos e obras de polemica, alguns livros muito bem encadernados (que para mim já não tinham tanto interesse) relativos a liturgia e organização maçonicas.

Como havia exemplares repetidos dos folhetos de polemica, dei alguns ao general Franc.o Augusto Martins de Carvalho que ficou muito contente porque os não possuia e outros á Bibliotheca da Universid.e cujo director, ao tempo, era o Dr. Marnoco e Sousa que, por isso, me ficou muito grato e mais veio depois comigo as melhores relações.

Quando, casualmente, mexo nesses livros, que ainda conservo, lembro-me sempre deste episodio e desse bom José Soberal que viveu mais ou menos com dificuldades de vida, mas soffreu gostosamente e alegremente a morrer novo, como

disse, em 1929. Era um bom e sério rapaz, encarou a vida com coragem mas infeliz em quase tudo.

Outro rapaz com quem me liguei bastante foi o Alfredo Maria Rego que morreu juiz de Direito. Era rapaz possegado, bem educado e, comquanto não fosse inteligencia por aí além, mas grande vivacidade de espirito, era curioso, procurava cultivar-se e tanto assim que chegou a fazer um compendio de Geografia que, se me não engano, foi adoptado nos liceus.(1) Tocava bandolim e era conhecedor de assuntos musicais; se me não engano tinha certas composições suas que foram tocadas por grupos musicais da cidade. Casou com uma senhora irmã do dr. Emygdio Sanches da Gama, teve um filho que andou a estudar em Coimbra. Perdi de vista toda a familia, depois da morte dele, embora juiz não sei em que terra. Era boa pessoa e vivo-o sempre por bons anos.

---

(1) Portugal e suas colonias. Historia e Geografia. Compendio para a VII classe dos Liceus e III ano das Escolas Normais. — (Coimbra, 1914).

Um outro, ainda, que quero deixar bem notado: o José Maria Dias Ferrão que conheci por intermédio do Mario Duque, seu companheiro de estudo. Era um rapagão forte, entroncado, de família de Vila Chã de Poiares com grossas afidalgadas dum vago Castelo Branco de que havia um brasão no portal do solar.

Fôra destinado á vida eclesiastica á qual se não adaptára e quando antes das primeiras ordens saiu do Seminario e rejeitando duma assentada os exames liceais entrou para a Faculd.e de Direito. Era, então, positivista, em ideias, com o Socialismo e dizia-se adepto da escola de Benoit Malon. Dei-me muito com ele e com ele discuti muito acerca das teorias socialistas e anarquistas; como já era homem, mais velho uns 4 ou 5 anos que a media dos rapazes e vinha bem, com dificuldades pecuniárias e vinha trazido do Seminario certa preparação que, com a renuncia ao estado eclesiastico o tornára espirito positivo, mau vinha uma tal ou qual superioridade no meio academico e, em sua casa, no n.º 19 da rua da Matematica reuniam-se alguns estudan-

tes para conversar e para discutir acerca dos mais variados assuntos.

Depois do forçado foi advogar para a Lousã e Poiares; casou com a filha única dum poiarense muito rico, brasileiro já de volta; a pouco e pouco, foi descendo do Socialismo de Malon para o partido regenerador do Sheultze Ribeiro de que veio a ser administrador e governador-civil de Vila-Real de Traz-os-Montes. Além disso, mudando a residencia para Lisboa, tornou-se capitalista de cartão frêso e continuando na evolução, creio que morreu no seio da Santa Madre Igreja.

Da convivencia dos tempos de rapaz devo dizer que veio certa amizade que muito veio comigo sempre embora, de certa altura em deante, eu não procurasse muito as relações porque não me servia bem com os modos que ele veio a tomar depois apesar de, aliás, serem sempre, para mim, de benevolo bonhomia. Com o Mario Duque aconteceu coisa identica; apesar de intimos e companheiros de estudo, o Mario começou a afastar-se até que raras vêres se encontravam. O Mario mantem-se

sempre republicano liberal, correctam.te sem alardes ou espalhafatos e não tendência a bem a evolução retrograda ou transformação do socialista caturra de outros tempos — ou regenerador façanhudo.

Devo dizer ainda que o José Ferraz me ajudou sempre, com atenção e interesse, ouvindo eu lhe expunha as minhas fantasias e os meus planos; e com o tempo vim a saber por terceiras pessoas, que ele conservava por mim consideração e estima e até me chegáram a dizer certa admiração — não sei bem porquê.

Foi isso, decerto, que o levou um dia ao pedido para eu lhe prefaciar um trabalho histórico.

O caso foi este e eu resumo:

Na Lousã e em Poiares, quando advogava, dedicou as horas feriadas a um trabalho que aliás começára anos antes segundo julgo, ácerca da historia e desenvolvimento do seu concelho. E na verdade escreveu uma monografia a que pôz o titulo: Concelho de Poiares. Memoria historica, descritiva, biografica, economica, administrativa e critica; e um dia pediu-me

as folhas impressas com uma carta em que me solicitava um prefacio...

Eu respondi logo agradecendo, mas fazendo-lhe ver que um prefácio devia ser feito sempre por creatura já consagrada e com autoridade para poder apresentar o autor ou desconhecido ao que começa. O Ferrão concordou mas insistiu, queria que fosse eu a prefaciar o livro. Era ainda a antiga convivencia de Coimbra que ele mantinha com a estima por mim e a impressão do meu saber e cultura de que eu notava ele estar convencido — o que me levára, francamente, a duvidar da sua perspicácia.

Li pois com atenção as folhas e, para dizer a verdade, na parte histórica (que era aquela em que me poderia alargar) não encontrei grande consistencia; fiquei perplexo, confesso, sem saber como haveria de sair do aperto. Não queria, evidentemente, censurar a obra que era, de facto, feita com boa vontade e intenção de acertar; mas tambem louva-la, não estava m.to no meu feitio e critica-la como devia ser era tarefa superior a q.to me não atrapalhava.

Depois de matutar bastante, saí-me da dificuldade com um prefacio incolor e insipido e... não sei se inodôro.

Falei primeiramente dele, autor, lembrando os tempos de estudante; e só depois é que me larguei a falar da obra que considerava util, proveitosa, feita com escrupulo, boa vontade e persistencia, ligando o Passado dos prim.os capitulos com o Futuro dos ultimos em que analisava a situação do concelho, etc. etc. Melhor ou piór desobriguei-me e a coisa lá saiu no volume in-4º, nas primeiras paginas, integralmente; disse-me ele depois que desejaria mais uma critica severa, com emendas e censuras, do que o que eu escrevi — mas agradeceu com sinceridade.

Era isto ainda no tempo em que ele se mantinha (ou parecia manter) dentro dos principios quase revolucionarios com que o conheci; mas nessa altura já ele entrára na evolução intima e, dizâmos, secreta, que a perspectiva dum casamento rico, muito rico até, o havia de levar a politico militante do partido regenerador, a grande capitalista e certamente á pra-

rica do Católicismo. Só mais tarde o viu a saber; e talvez por isso certas afirmações do prefacio lhe não soariam muito bem.

Coisas da vida que já não têem remédio mas que ainda me causam certa tristeza — e que davam azo a não me sentir bem com ele.

De mês em quando escreviamos cartas afectuosas, ele interessava-se pelos meus trabalhos e... a vida corria sem mais entraves.

Falarei dele ao longo destas notas, em muitas ocasiões.

Ora voltando aos meus atentados literarios, devo assinalar que em Setembro de 1898, estava eu na Figueira da Foz muito aborrecido pelo episodio sentimental já referido, quando escrevi um soneto de forma mais ou menos camoniana mas com intuitos de simbolismo (tudo podia ser naquelas minhas 18 anos!) a que dei o nome de Narciso e que foi a minha primeira obra impressa.

Lembro-me de que, feito o soneto, o mandei copiado ao António Aurelio da Cos-

ta Ferreira então na Foz ou em Matosinhos em casa dum tio paterno a passar as ferias; e de que ele me respondeu em carta que conservo e que, na ocasião, me encheu de vaidade. Devo confessar a vaidade que me causou a carta que hoje, serenamente, com mais 50 anos de idade, calculo ser de encoberta e amavel chuchadeira. Ao tempo, porem, convencido de q. os meus versos valiam de alguma coisa, a carta-critica foi para mim quase a concessão de brazão de nobreza...

Recordo-me de que essa carta foi recebida num Domingo em que havia toirada e de que a meti na carteira quando fui para a praça de toiros; no meio da corrida puxei dela e a reli com certa comoção, e atheio ao bulicio natural do espectaculo, indiferente, nesse momento, ao que se passava ao meu redór. Creancice, evidentemente, mas... que não fazia mal a ninguem.

Esse soneto foi publicado no ano seguinte na Gazeta da Figueira, no mês de Abril por pedido feito ao seu director e proprietario o bom e bonacheirão Augusto

Veiga, antigo tipografo e ao tempo jornalista, conimbricense de origem e já então figueirense de adopção.[1] Não assinei, é claro, não tive essa coragem; o tal complexo de inferiorid.e não me deixou pôr o nome á claras e usei dum pseudonimo com as mesmas iniciais: Bernardino Prado.

Esta é que foi a minha primeira obra impressa. Quando em 1953 publiquei o opusculo Cinquenta anos depois não fui inteiramente verdadeiro. É certo que me referia ao prim.o artigo ou seja obra em prosa; mas a verd.e é que os 50 anos deveriam ser celebrados em 1948.

E agora, neste ano lectivo de 1898-99, surge novamente em mim a idéia de nova academia. Expuz o caso ao Mario Duque e ao José Ferrão que eram os rapazes com quem mais me dava; estes que, ao tempo, lidávam muito de perto com os rapazes duma republica da rua das Esteirinhas, perto do teatro de D. Luis, comunicá-

---

[1] No n.º 752 da Gazeta de 29 de Abril de 1899, 3.ª pag.ª. Novamente publicado na Resistencia, de Coimbra, n.º 476, de 14 de Setemb.º do mesmo ano, na 3.ª pag.ª E como saísse com muitos

ram-lhes os meus planos que foram acei-
tos com certo interesse que me admirou
um pouco e que só mais tarde compreendi.

Os rapazes que se interessáram eram
o Alvaro de Leiça Moncada, do Direito, fa
pouco falecido creio que director do Banco
de Angola; não vivia na republica mas fre-
quentava-a muito; era rapaz ponderado, sé-
rio, correcto, muito estudioso e procurava
cultivar-se; seguiu a magistratura colonial
onde ganhou nome e ao voltar ao continente,
já com esta situação politica, aproveitaram-lhe
as qualidades de aprumo e probidade e deram-
lhe papel predominante no Ministério do Ul-
tramar. Os outros rapazes eram da casa: Ma-
nuel Duarte Videira e José Joaquim Monte-
negro Dá Mesquita Paúl, de medicina, dos
quais falarei em breve mais de espaço.

Eu era o entusiasta e por isso o orga-
nizador; eles eram, na maior.ª, associados
e pareciam interessar-se pela empresa mas
era necessario andar atraz deles. Ao entre-

---

erros, fiz com que fosse outra vez publicado no
n.º 478 de 21 do mesmo mês, da d.ª Persistencia.
P.ª primeira obra impressa, teve má sorte.

tanto ainda coursegui, durante este anno lectivo, umas 13 sessões a que vulgarm.te presidia o já bacharel em Direito Manuel Augusto Martins, madeirense, autigo estu dante da republica e que ainda por cá an dava não sei já porquê.

Era homem já feito. No começo da vi da fôra professôr primario e viéra para Coim bra formar-se com certa idade, «já ve lho» como se dizia na giria academica do tempo. Espirito muito arguto, culto, fundo rado, estava nas condições de presidir a reuniões desta ordem em que a natural vi vêza dos rapazes nem sempre dava a com postura devida.

A academia era quase de omni re scibili com o aditamento voltaireano et quibusdam aliis; e por isso, naturalmen te, não havia regulamento ou estatuto es crito. Pelas notas que tomei e guardei se poderá ajuizar o que aquilo foi:

Depois de alguma discussão foi apro vado que a Academia tivesse certo numero de cadeiras para as quais se teria de con correr primeiro por «defesa de teses e de

dissertação » (corria na Universidade!...) e depois por actos de concurso que constaria de defesa duma dissertação e dum ponto dado pelo presidente depois de reunião dos outros rapazes.

As cadeiras aprovadas eram as seguintes, divididas em três grupos:

1º. Grupo: Direito civil, Economia política e Direito público;

2º. Grupo: Historia geral, Historia portuguesa e Historia literaria;

3º. Grupo: Fisiologia geral e Medicina legal.

Como se vê o mecanismo tinha certas complicações — mas eu não desanimava e como fui da ideia não esperei que outro se apresentasse primeiro e logo requeri a «defesa de tese e de dissertação.» A inauguração fez-se a 26 de Janeiro de 1899, numa sala da <u>republica</u> da rua das Estrelinhas, e lembro-me de que o acto se revestiu de certa gravidade, presidido, se me não falha a memoria, pelo Manuel Augusto Martins.

Eu exultava, como era natural. Via eu marcha a minha ideia, acarinhada ha

reunião, desde os tempos do Liceu, como contei atraz, com reduzido numero de bons companheiros. Agora o numero de académicos era maior como maior a amplitude da acção.

A dissertação que apresentei tinha por titulo: Luis de Camões e o P.e José Agostinho de Macedo. O arguente foi o José Mario Dias Ferrão. A 1ª tese proposta era assim designada: Importancia dos meios governamentais para reprimir o movimento que existe. Foi arguente o Mario Duque. A 2ª tese: O determinismo é irrealizavel. É impossivel ao homem viver em perfeita união (frase de Tolstoi). Arguente: Alberto de Saiça Moncada.

Reunido o juri, fui aprovado com 15 valores...

Tres dias depois houve nova sessão. Era o José Ferrão que se apresentava com a dissertação: Constituição de 1826 em que foi arguente o Mario Duque. As teses propostas foram: 1ª: O casamento é inadmissivel; a 2ª: O Estado não é um contracto mas sim uma concepção organica em que argumentaram respectivamente o José

Joaquim Dá Mesquita Paul e eu. Reunido o juri, conferiu 15 valores ao José Ferrão, como conferira a mim.

Quatro dias depois, terceira sessão: apresentava-se o Dá Mesquita Paul. A dissertação intitulava-se: Depois da morte, é preferivel o inferno ao céu em que eu fui arguente. Já que não tenho da maneira como decorreu a discussão, mas quero imaginar o que seria dado o ambiente da republica e da maioria dos rapazes academicos. O ateismo era, até certo ponto, luxo — luxo que, depois, na vida pratica, nem todos conservaram. As teses oferecidas foram: 1ª: O homem quando quizer será Deus. Deus foi creado pelo e não está por aquele (arguente o José Ferrão); 2ª: O missa deve usar luvetas durante o sôno (arguente Manuel Duarte Videira). Estas teses deram-me a impressão de que o Dá Mesquita Paul não tomava muito a serio a academia e mais tarde assim verifiquei; mas o que eu queria era que a empresa seguisse como na realidade seguiu. Esta sessão realizou-se a 2 de Fever.º e o Paul aprovado com 15,2 valores.

E, com efeito, a empresa ia seguindo o melhor dos fins. Eu estimulava e lá ia conseguindo o resultado.

Em 8 de Fevereiro, seis dias depois da 3ª sessão, realizou-se a quarta em que se apresentou o Mario Soares Duque. A dissertação intitulava-se: A forma monarquica e a forma republicana em que argumentou o José Mª Dias Ferrão. As teses foram: 1ª) Refutamos a classificação de direitos originarios apresentada no Codigo Civil; admitimos só o 1º, 2º e 4º numeros; 2ª) A religião tem sido contraria ao progresso e inutil á humanidade. Da 1ª fui eu o arguente e recordo-me m.to bem que dei raia, o que aliás era de esperar; da segunda foi arguente o Alberto de Seiça Moncada. Aprovado com 16 valores.

As classificações iam subindo e o interesse ia +~~de~~crescendo.

A 23 de Fevereiro apresentou-se o Manuel Duarte Videira que não propôz dissertação mas substituiu-a por uma tése. Foram elas: 1ª: A Vida é propriedade da Mãe; arguente: José Ferrão; — 2ª: A Religião é contraria á saude; arguente: Dá Mes

queira Paul; – 3ª: O mistério da Imaculada da Conceição em face da Ciencia é falso; arguente: Alvaro Moncada mas que, á ultima hora foi substituido pelo José Ferrão. Aprovado com 16 valores.

Tres dias depois, a 26 do mesmo mês pessão em que se apresentou Alvaro Moncada. A dissertação tinha por titulo Pacto ou Contracto Social em que eu argumentei á maneira de mil diabos. As teses foram: 1ª: As palavras «dominio» e «publico» não exprimem ideias antaporicas em que argumentou o José Ferrão; – 2ª: Admitimos a classificação de coisas apresentada no nosso Codigo Civil em 3.º foi arguente o Mario Dy que. Aprovado com 15,5 valores.

Com esta pessão completou-se o que nós chamávamos o «doutoramento» dos pais fundadores. Era necessario, agora, preencher as cadeiras que eram oito e para isso teriamos que concorrer á cadeira que preferiamos. O snobismo, como se vê, estava muito influenciado pelo regime universitario; mas querer e apesar de um Vasco ou quanto rebeldes, iamos cair na engrenagem do «Pasco...»

O certo é que logo no dia 2 de Março imediato realizou-se o 3.º concurso.

Os concursos constavam de um ponto dado pelo juri e a defesa duma dissertação e tinham o mesmo cerimonial presidido pelo dr. Manuel Arr.to Martins.

Neste 3.º requereu concurso foi o José M.a Dias Farrão e á cadeira de Economia Politica. Foi, como disse, a 2 de Março e o ponto que lhe saiu foi: Escolas intermédias da Economia Politica em que argumentaram o Mario Duque e o Alberto Moncada o primeiro sobre o ponto, o segundo sobre a dissertação que se intitulava: Historia dos economistas portuguezes. Foi aprovado e com 17 valores, a classificação mais alta que até aí se dera.

Estava pois preenchida uma cadeira e a faina continuou.

Em 9 de Março apresentou-se o Dá Mesquita Paul a concurso p.a a cadeira de Medicina Legal e Hygiéne. O ponto que lhe saiu tinha extenso enunciado: A ginastica e hygiéne devem ser usadas sempre ou só-mente em certas idades? Deve-se empregar o hipnotismo nos tribunais para des-

brir a verdade? Foi arguente o Dr. Manuel Augusto Martins que foi substituído na presidencia pelo catedratico José Mª Dias Ferrão. A dissertação constava de Algumas palavras sobre a hipiéne do estomago em que foi arguente o Manuel Duarte Videira. Aprovado com 16 valores.

Seguiu-se o concurso do Mario Soares Duque aos 12 do mesmo mês de Março. O ponto que saiu foi: Guerras Punicas. Esquecia-me de dizer que a cadeira a que concorria era a de Historia Geral. A dissertação intitulava-se: Historia da Internacional. Ligeiros esboços. Os arguentes foram o José Ferrão e eu; e a aprovação foi dada com 20 valores — a mais alta classificação concedida até aí.

A 19 do mesmo mês apresentou-se a concorrer á cadeira de Fisiologia Geral o Manuel Duarte Videira. Ponto: A digestão; dissertação, tambem A digestão; o arguente unico, pois o assunto era o mesmo, foi o Dá Mesquita Paul. Foi aprovado com 17 valores.

O Albano de Seiça Moncada apresentou-se para concorrer em 16 de Abril se-

guinte mas declarou que não fizera dissertação. O ponto era: Agnes e foram arguentes o Mario Duque e o José Ferrão. Mereceu aprovação com 16 valores. Porem, depois, não me lembro se no mesmo dia se no outro, o concurso não foi considerado valido por falta da dissertação. Assim diz uma nota escrita por mim na relação dos concursos que aqui tenho presente, mas sem indicar o dia da resolução.

Seguiu-se, então, a 23 do mesmo mês de Abril, o meu concurso á cadeira de Historia Portuguesa. O ponto foi: Fundação da Monarquia Portuguesa e arguente o Mario Duque. A dissertação tinha titulo de grande calibre de que falarei adeante: Averiguação e critica da data das viagens G. João Gonçalves Zarco e Tristão Vaz Teixeira fizeram ás ilhas do Porto Santo e Madeira até. Foi o arguente o José Ferrão que procurou reduzir a zero o valor do trabalho, com certo gaudio dos circunstantes. No fim, deram-me 12 valores... — a classificação mais baixa dada até então. Lembro-me muito bem de que não gostei, senti-me ferido na minha vaidade de historiador in herbis

de que percebi que havia na resolução boa vontade espírito de troça; mas fiz-me que não ~~via~~ era nada comigo para não anular os esforços e não dar cabo da academia.

E a vida continuou...

Dos 7 de Maio seguinte o José Ferrão fez concurso para a outra cadeira de Direito Público. Saiu para ponto: Constituições políticas dos Estados Unidos da América do Norte em que argumentou o Mário Duque; a dissertação tinha por título: Teoria das revoluções políticas e revoluções políticas em Portugal em que eu argumentei. Foi aprovado com 17 valores.

Nesta sessão ficou resolvido que a cadeira de História Literária, do 2º. Grupo, fosse desdobrada em duas: Literatura Geral e Literatura Portuguesa.

E assim terminou o ano lectivo da academia porque se aproximavam os exames; mas ainda se realizaram 13 sessões um pouco acima das minhas previsões.

Eu tornara o caso a pelo; mais tarde vim a ~~saber~~ perceber que os outros académicos nem deixaram de ter certo interesse pela empreza tinham outra finalidade ~~que~~

que vai adeante revelada e que a minha pessoa era objecto de curiosidade por vêzes gathofeira.

Só o Manuel Augusto Martins como mais velho e já afastado das partidas academicas é que conversáva comigo de outro modo, quase paternalmente, animando-me nos meus trabalhos e dando conselhos uma vez por outra — o que fez com que lhe ficasse afeiçoado.

O certo é que, querendo dar o exemplo, fui o primeiro, como disse acima, a apresentar «dissertação» e, como se vê pelo elenco deixado atraz, foi de categoria elevada: Camões e o P.e José Agostinho de Macedo. O José Ferrão, que argumentou, usou dos modos aprendidos na sala dos capelos nos actos solénes de téses ou conclusões magnas e descompoz o trabalho e o autor á bruta, como era do seu feitio um tanto ou quanto rude. Mas eu não me julguei vencido, o que desejava era ver andar a academia e aguentei com cara alegre a descompostura...

A «dissertação» era, na verdade, um tanto ou quanto arrojada. Ainda a

conservo, em papel próprio do tempo. Consistia em estilo "patriótico" em uma intensa defesa dos Lusíadas e grande tareia no P.e José Agostinho, tido com muitas citações para alardear erudição. Traçava ligeira biografia dos dois e, na esteira de Latino Coelho, fazia menção das várias epopeias de mais nome para as pulverizar perante a de Luís de Camões; e, entrando no exame do Oriente procurava mostrar a sua inferiorid.e e exaltar a superiorid.e dos Lusíadas. Ainda são 67 páginas de papel de dissertação como no tempo se usa-va, seguidas de 3 pag.s de bibliografia para atestar não só o processo de trabalho como as basofias de erudito...

Bons tempos de entusiasmo!

Ah vêres, quando neste rafrido declinar da vida me ponho a pensar na vida e neste episódio da minha puberidade, pergunto porque é que me abalancei á tarefa de agremiar rapazes despreocupados para discussões a sério e para escrever «dissertações», também a sério, sobre assuntos da maior ou principal predilecção? Não sei já dizer o que se passaria no meu inti-

nos ao querer organizar Vais agrupamentos e a lutar na sua manutenção e no seu desenvolvimento. A verdade é que persistia na tarefa, indiferente a uma ou outra galhofa dos colegas academicos e a esta ou aquela desfeita como a dos 12 valores do concurso...

Enfim... Assim se passou, neste ano lectivo, a temporada academica que terminou em Maio já nas proximidades do junho e por consequencia dos exames foi-nos obrigando a mais cautelas. Mas a ideia não se perdeu e ficou combinado que no ano lectivo imediato se continuaria com a obra e até com mais amplitude.

Paralelamente com esta tarefa cientifico-literaria, havia um outro agrupam.to de rapazes musical e dramatico a que pertenci com o meu violino; parece-me que não terão interesse para estas m.as notas tais funçanatas que no sector musical era dirigido pelo «Antonio Casimiro Guedes Pessoa, de Penacova, um transmontano ao mesmo tempo bom rapaz que não completou o curso dos Liceus e veio a entrar no quadro administrativo onde chegou a che-

fe da secretaria da Câmara da sua terra natal, cargo em que morreu depois de vida em tanto ou quanto acidentada.

No sector dramático havia varias direcções e, devo dizer, fracas direcções. Ainda se deram espectaculos em Penaça va e na Lousã que tiveram apenas o mérito da alegria dos rapazes e da natural simpatia das raparigas das localidades.

Deste grupo e dos seus ensaios nasceram algumas serenatas sentimentais em que eu fazia gemer o meu violino com fadinhos ternos acompanhado por guitarras e violões; ás vezes, o Raul Duque que tocava um pouco flauta, organizava comigo um duetó em que o Fado era sempre o motivo principal. Corriamos as ruas do bairro novo de S.ta Cruz, especialmente a avenida de Sá da Bandeira onde morava uma rapariga a quem o Luis Alberto de Oliveira, ao passar á porta, cantava com a sua excelente voz de tenor, umas quadras apaixonadas.

E se havia luar e o ceu estava limpo de nuvens, então essas serenatas eram verdadeiramente sentimentais...

Hoje não ha serenatas em Coimbra. Esta situação politica que governa ha trinta anos, entendeu que as serenatas são perigosas e proíbiu-as. Situação politica tradicionalista, acabou com uma das mais interessantes e inofensivas tradições academicas.

De certo para... maior gloria de Deus e satisfação de quem manda.

Quanto aos atentados poeticos é claro que continuáram embora com menor efervescencia por causa dos trabalhos da academia que eu não queria largar. Apareceram então uns vilancetes galantes, forma nóva que me seduziu, alem de outros sonetos sentimentais que, como disse, inutilizei.

Mas levado pelo interesse (se não posso chamar entusiasmo) da academia, preparei um trabalho historico para apresentar no concurso a uma cadeira, trabalho que désse brado e justificasse o meu empenho pela instituição. Dei-lhe o nome pomposo de Averiguação e critica das datas das viagens que João Gonçalves o Zar-

co e Tristão Vaz Teixeira fizeram ás ilhas do Porto Santo e Madeira quando andavam explorando a costa africana por mandado do Infante D. Henrique — o Mestre da Ordem de Cristo. Estudo historico feito á luz das cronicas por...[1] Depois copiei-o em papel de linho farpado, em 4.º, com margens e mandei-o encadernar em pergaminho...

Ficou especie bibliografica de luxo.

Ora este estudo foi bem o reflexo da influencia deixada pelo Dr. Antonio de Vasconcelos: a investigação meúda e funda dum sucesso qualquer, com grande rodapé nas paginas por dá cá aquela palha, com extensa bibliografia e até com o proprio titulo desenvolvido e pretencioso a lembrar o da obra já aqui falada sobre a Rainha Santa para a qual fiz a gravura da capa. Era oferecido ao Mario e Raul Duque, irmãos, aos quais, de entrada, em carta escrita em estilo empolado a querer ter sabor arcaico, explicava o que era a obra e prometia continuar em tais trabalhos «para vos apresen-"tar coisa melhor e q. de vós seja digna...»

---

[1] Ver atraz, pag. 209.

Pois a obra, a esse respeito, saiu completa e perfeita. Mas hoje, passados mais de 50 anos, vê-se que tudo aquilo nada vale, é um autêntico castelo de cartas sem consistencia que o mais lêve sopro faz cair. Acumulei argumentação e raciocinios a esmo, com a boa vontade dos meus dezoito anos, sem experiencia, apenas com a ância de dar largas ao desejo intimo ou inclinação de temperamento que me levava a "historiador."

Recordo-me bem de que senti certa vaidade quando terminei a obrinha, convencido de que fizera coisa boa. O José Ferrão é que, no dia do concurso em que ela foi discutida, não esteve com meias medidas e desancou-a, como disse acima; quiz reduzi-la a zero e, como o exemplar estava elegante, bem escrito em papel de linho farpado, terminou por dizer que o valor do trabalho estava no papel e no aspecto grafico — e o meu merito era o ser «tipografo de bico de pêna...»

Nunca me esqueci desta "classificação" que, na altura, me magôou mas que

deixai passar para remoques por amôr da academia. Cinquenta e tantos anos passados, confesso que lhe acho certa graça.

Mostrei um dia o trabalho, no verão passado, a meu tio José Augusto Pimenta que leu por alto e não deu opinião — não sei se por não querer dizer que nada valia e não me desanimar se por não saber fazer qualquer comentario. Só protestou contra as frases respeitantes ao P.e Antonio Cardeira, a pag. 82-83; dizia eu que este escritor se contradiz «flagrantemente» e que «não tem portanto merecimento» e «não tem criterio...» E concluia, como explicação: «O P.e Cardeira era jesuita.»

O tio tinha certa razão contra a minha jesuitofobia, apesar de eu, eu revolta a esta ultima virada, querer justificar que não a escrevi por «intransigencia e odio para "com os Padres da Comp.ª de Jesus...»

Bons tempos.

Emfim, estava lançado na triste via da Historia que, na verd.e, me apaixonava um bocado e que pela vida fóra me proporcionou alguns momentos de patri-

fação intima, não me dou qualquer comunicação material aproveitavel.

Ora, ao mesmo tempo, a constante convivencia com musicos e os frequentes concertos quase diarios em nossa casa, a que já aludi e a minha fertil fantasia levaram-me a pensar numa composição musical que cheguei a começar com todo o alvoroço dos 18 para 19 anos. O alentado era, mais mais nada, um poema sinfónico sobre um capitulo da Morte de D. João de Junqueiro!

Esta obra de Guerra Junqueiro impressionára-me, principalmente na introdução; li-a e reli-a com certo entusiasmo e o capitulo que me pareceu melhor para ser musicado foi o da entrada do Dom João na igreja e dos seus comentarios geraes e caixões presentes.[1] Seria musica a que hoje se chama impressionista; e ainda cheguei a compôr umas paginas de papel pautado, ao piano, instrumento que arranhava de ouvido. Depois repetia

---

(1) Capitulo IV, Ruinas, da 2ª Parte. As paginas 179-210 da 11ª edição.

em violino. E o mais curioso do atentado é que ia compondo para sextecto: piano, violino, violeta, flauta, violoncelo e contrabaixo, com todo o descaramento e todo o desembaraço dum ignorante em composição.

Um dia, lembro-me bem, mostrei a obra começada ao José Ferrão, no seu quarto da rua da Matematica, nº 19; e com a exuberancia do costume expuz-lhe o plano e entoei as principais frases já escritas. A musica, para o José Ferrão, era quase grego; mas ele abria os olhos e ficava-se a olhar. Lembro-me bem disso. Certamente, no seu cerebro passaria a ideia de que eu estaria a caçoar com ele ou, dada a sua ignorancia no assunto, a suspeita de que estava na presença dum genio musical. Ele ouvia, porem, com atenção e não se comprometia com qualquer opinião, lixeira que fosse.

Felizmente, o «poema sinfonico» (como estas coisas surgem aos 18 anos!...) ficou, salvo erro, nas duas primeiras cenas e um dia, aí pelos meus 50 anos, em ocasião de mão humôr e desalento, rasguei as poucas folhas escritas e fiz assim desa-

parecer um tremendo atentado contra a arte tão alta e tão bela da Musica.

Quanto aos estudos na Universidade seguia a mesma cabulice dos tempos do Liceu. Quer nas matematicas quer na quimica em que me matriculara como voluntario, as minhas notas não davam para o acto nessa classe. Nunca percebi bem em que consistia a distinção das classes, mas a rotina universitaria impunha certas regras e os mestres diziam que eu não iria a exame com segurança.

Aborrecimento na familia, é claro, e eu, lembro-me bem, não lixava grande importancia não só a esse aborrecimento como ao prejuizo que a cabulice me acarretaria. Meu Pai, coitado, sempre indulgente, nada me dizia mas sofria com o caso; minha Mãe, uma vez por outra, manifestava cautelosamente o desgosto; e meu tio Albino da Silva é que falava, ás vêres, amavelmente é certo, mas com censura. Eu não respondia — e hoje penso como é que não compreendia as boas razões dos conselhos e das advertencias e me deixava andar sem grandes preocupações.

Coisas que lá vão e não saberei decifrar convenientemente mas que eram assim mesmo. Sem querer fazer comparações, estou a lembrar-me do que, a respeito de Baudelaire escreveu Teofilo Gautier: é que no estudante cábula e distraído, ou por outra, ocupado com coisas diferentes, muitas vêzes se forma, a pouco e pouco, o homem que passou desconhecido á familia e aos professores.(1) E' claro que o caso não é, evidentemente, o mesmo mas póde ser que em mim o processo fosse identico. Assim seria.

No fim do ano fiz uma «transição» de classe; na Algebra transitei para obrigado que era a classe mais baixa e, como tal, fiz exame em que passei nemine para no ano seguinte repetir como ordinario; e na cadeira de Quimica como não tivesse classificação para me manter na classe em que estava matriculado, transitei tambem para obrigado e lá fiz o acto sem grande novidade depois duma ensaboadela dada por um quintanista de medicina, Albino Pache-

---

(1) Souvenirs romantiques, pg. 280.

co, durante umas tres semanas ou um mês — a qual ensaboadela custou uma libra ou seja, no tempo, 4:500 reis.

Este dr. Albino Pacheco, urso de medicina, tomou depois capêlo mas, a seguir, por qualquer motivo desapareceu, foi para o Brasil, meteu-se em politica e teve vida um tanto ou quanto aventurosa.

Nas cadeiras de Desenho passei com nemine corrente pois quer numa quer noutra, não tive qualquer dificuldade e até trabalhava nelas com prazer.

Ora nesse ano lectivo de 1898-1899 deu-se um acontecimento capital na vida academica: o centenario da Sebenta.

Os jornais deixáram relatos circunstanciados e nalguns livros como o In illo tempore a festa ficou mencionada com o devido relevo. Foi, na verdade, um acontecimento capital na vida escolar coimbrã de onde veiu a derivar, anos depois, o Enterro do Gráu e mais tarde, por desenvolvimento gradual, as barulhentas Queimas de fitas que actualmente chamam a Coimbª milhares e milhares de forasteiros.

Nessa altura andava muito lipado, como já referi, ao Luís Alberto de Oliveira e como os preparativos da festança preocupavam toda a gente, nós lembrámos-nos de entrar em qualquer dos numeros do programa.

Mas como? O que poderiamos fazer?

Com nosco andava muitas vezes um rapaz chamado António Ferreira de Sousa J.or também, como o Luís Alberto, natural de Coruche, estudante do 3.º ano de preparatorios para a Escola Naval onde entrou e um outro estudante, ainda no Liceu, mas destinado a Medicina chamado Alfredo Guedes Coelho, da Azambuja.

Como eram ribatejanos, lembraram-se de formar um grupo de 4 cavalinhos pois sabia-se que no cortejo se fariam representar grupos caracteristicos de varias provincias portuguesas. A lembrança foi discutida e eu, como da terra, fui encarregado de saber onde haveria cavalos capazes de imitarem os colegas da Lezíria.

Os preparativos deram ensejo a um bem numero de episodios curiosos e cómicos que levariam muito tempo a contar.

Não me lembro já por que motivo andou metida nisto, com muito interesse, a familia do Agapito Pedroso Rodrigues cuja casa ficou sendo, quase, o quartel-general da empresa porque as alquilarias onde havia as pilécas que teriam de figurar eram perto.

A' ultima hora, um dos cavalicoques falhou não sei já porquê; e eu e Luis Alberto, consternados, fômos expor ao Valentim José Rodrigues, pai do Agapito, a ocorrencia, ao postigo do seu escritorio de consignações, á esquina do Largo das Ameias para a rua da Madalena. Com admiração nossa, o Valentim, com seu ar pautado e bonacheirão lembrou que tinha uma muar da carroça que oferecia se nós a quizéssemos ou podessemos aproveitar pois era docil e dava cavalaria.

— E' claro, acrescentava, não é bem um animal de sela, mas se algum dos senhores é bom calção... talvez possa servir. Está ás ordens.

O Luis Alberto olhou para mim: uma muar como cavalo de campino ribatejano era um pouco forte... Mas, ao mesmo tem-

po, não havendo outro... que diabo! arreando-se o animal de certo modo e, além disso, como se não estava no Ribatejo...

O Luis Alberto decidiu-se:

— Pois, Snr. Valentim: se me dá licença, vou montar a muar e conforme o comportamento se decidirá.

Dito e feito. Chamou-se o carroceiro, arreou-se o animal e o Luis Alberto que era bom calção saltou-lhe para cima e no pátio da casa deu umas voltas e verificou que não faria figura desastrada... E assim foi. O Valentim que era bom homem e que dedicava grande estima aos rapazes que se davam com o filho, e nós estavamos nesse numero, foi gentilissimo em tudo e até lhe ficámos a dever, salvo erro, a quantia de 2$500 reis que ele generosamente emprestou não sei já para quê.

O certo é que, no dia proprio, vestimos-nos em casa do Valentim, com a indumentaria tanto quanto possivel rigorosa, montámos e muito conscios do nosso papel lá fômos, cidade acima, para a Alta; ao chegarmos á Porta Ferrea aparecen-nos logo o Alexandre de Albuquerque

(o Xandre, como era conhecido) presid.te da comissão executiva do Centenario que olhou atentamente, fez-nos sinal para pararmos e exclamou:

— Muito bem! muito bem! Vocês ficam já aqui para abrir o cortejo.

E assim foi.

Abrimos o cortejo que ficou celebre na historia da Academia; a muar do Valentim José Rodrigues portou-se bem e quero crer que ninguem repararia na diferença. Enfim, foi um dia magnifico de que ainda me lembro bem e, devo dizer, com alguma saudade.

Quando caiu a noite e cada um, depois de deixarmos em casa do Valentim a indumentaria ribatejana, foi para sua casa, para jantar, deveria sentir que acabava um dia que não mais se repetiria na vida; e não dizo pela festa que, evidentemente, foi unica, mas pela alegria, despreocupação e pela convicção de que alguma coisa de notavel se tinha passado e de que, para essa coisa concorrêmos com o natural entusiasmo dos 19 anos. Grande dia, sem duvida!

E para descargo de consciencia ficámos a dever ao bom Valentim José Rodrigues uns tristes dois mil e quinhentos reis...

Mas ainda piór do que a divida é q. ao lembrar essa festa, noto que, desse grupo de quatro campinos, alegres e despreocupados em 1899, só eu estou vivo.

O Ferreira de Sousa, já capitão de fragata, morreu em Março de 1924; o Guedes Coelho, depois de formado, foi para Azambuja exercer clinica e, passados anos, endoideceu e morreu pouco depois; o Luis Alberto, esse, faleceu ha pouco, major reformado de Infantaria.

Uma tristeza.

E assim, terminado o ano lectivo com o resultado já referido atraz, fomos passar as ferias para a Figueira. E deve ser dessa altura um artigo de fundo para um jornal copiografado dos irmãos Duques entitulado A Ribeira porque era feito na Ribeira Ruiva aldeia onde residia a familia deles e onde costumavam passar as ferias e onde eu já tinha estado como atraz referi.

O Mario Duque mandou um exemplar ao José Mª Dias Ferrão, em férias na sua casa de Vila Chã de Soiares; este reparou com o artigo que, muito naturalmente, julgou ser do Mario e como ele era de natureza polemista empenhou um outro jornal copiografado a que deu o nome de O Jornal de Vila Chã e deu uma tareia no artigo e no suposto autor.

Não conservo qualquer exemplar desses jornais; não me lembro se mos déram ou se os guardei; o que sei é que, quando no regresso á casa de Coimbra me interessei da prosa do terrível soiarense, resolvi responder em carta que seria o começo de uma serie delas.

Engendrei então uma epistola ao Mario Duque que copiografei e a que dei forma de folheto in-8º gr.. Poz-lhe o titulo pretencioso de Cartas a um Amigo (Critica e controversia) e datei-a aos 22 de Outubro de 1899. — Com citações varias (sempre a preocupação de erudição!) procurava dar-lhe forma elevada, certa correcção de estilo e ao mesmo tempo insinuava que o que lhe seria não dar importancia aos zoi-

los, fazer de conta que não existiam, etc. etc. — e, é claro, entreguei ao José Ferrão um exemplar.

Este não se calou e respondeu noutro folheto não me lembro se tambem copiografado porque não o encontro nos meus papeis; do que me lembro e de que deixei nota é que o José Ferrão foi violento, como sempre, «foi descaroavel» como anotei na copia da m.ª Carta a pag. 223-232 dos citados Pecados Velhos — mas não ficou sem resposta porque escrevi segunda Carta a um amigo, serena, igualmente pretenciosa, com a forma literaria que melhor consegui.

Foi isto em meados de Novembro e assim terminou a polémica que não deixou, aliás, de ser curiosa e, até certo ponto padrão da vida academica daquele tempo que não sei se seria melhor ou pior do que a de hoje mas que, devemos confessar, tinha certo cunho e interesse intelectual e alguma elevação.

Sou suspeito, é certo; mas quero crer que não erro muito.

Revertendo...

Decidi-me, então, definitivamente, pela Escola do Exército. Não sei bem já dizer o trabalho interno que me levou a isso. Mas estava, como dizia a Severa, o meu triste destino marcado: iria ser militar e como me aproximava o tempo da inspecção, pensei em que seria melhor pedir à Junta que me désse como esperado para que pudesse andar o novo ano lectivo livre de obrigações.

E assim, meu Pai pediu aos médicos um dos quais era o dr. Cruz Amante influente progressista e muito das relações do dr. Costa Lobo e, por consequencia seu subordinado na política.

Centro agora num episodio curioso da minha existencia, por sinal que deu logo a medida do que poderia ser, no futuro, a minha carreira. Começou, auspiciosamente como se vai ver, conforme as minhas reminiscencias que creio não fugirão á verdade.

No dia 27 de Fevereiro daquele ano de 1893, vim da Figueira a Coimbra para a inspecção. Como os médicos não fizeram

objecção ao pedido de meu Pai, vim só a Coimbra para evidenciar preocupação. Fui almoçar á Guarda Inglesa com meu tio José Caetano e á hora marcada lá estava no quartel de Infantaria 23, no corredôr do rez-do-chão, ao fundo, corredor acima, mais tarde, ao entrar no regimento, havia a secretaria da minha companhia; e lá estava no meio duma grande malta de rapazes entre os quais os meus condiscipulos do Liceu Luis de Castro e Almeida e o Fernando Paixão, estudante de farmacia na Universidade, filho do celebre alfaiate Paixão, o «Paixão pinta a fêra!» muito falado em todos os livros de memorias academicas; e ainda o Cassiano Neves que depois foi medico de grande nomeada em Lisboa, o António Soveral Cid, de Direito e talvez outros de que já me não lembro.

Chegada a minha vêz lá fui perante a Junta; o Cruz Amante disse que eu estava com bronquite aguda e o outro medico concordou; disseram ambos que eu deveria ficar adiado para o ano seguinte mas o presidente, um certo major Paixoto e Cunha conhecido no exercito pela alcu-

nha de Gravanço (não sei se pejorativa), homem mal encarado e grosseiro pareceu-me que não concordava com os medicos. Terminado o acto, vesti-me e vim para o corredor esperar a decisão.

Era sargento amanuense da Junta um celebre Mesquita e Sola, já de certa idade, homem de confiança mas um borracho de alto lá com ele; quando se abriu a porta e ele veiu com o masso de guias e começou a chamada, fez-se silencio e, a um e um, iam saindo com alegria ou tristeza consoante o resultado. Terminada a entrega das guias vi que ficámos quatro mancebos: eu, o Fernando Paixão e dois rapazes que me pareceram operarios.

O que haveria? O Sola veiu logo explicar: da decisão dos medicos dada a nosso respeito, o presidente, o Gravanço, recorrêra e, nestes termos, ficávamos no quartel sub custodia e teriamos que ir, no dia seguinte, para Vizeu á Junta de Recurso na séde da Divisão.

Olhámos uns para os outros... A expressão sub-custodia equivalia a detenção e, como estava sem jantar, e sem

poder comunicar com a familia, disse naturalmente para comigo, não me lembro, qualquer coisa que agora não poderia escrever sem saltar fóra das conveniencias.

Felizmente estava de serviço o Vereador José Coelho Correia da Cruz, conhecido de meus Pais; eu e o Paixão fomos ter com ele e pedimos autorização p.ª mandar recado á familia; ele, amavelmente, acedeu e não sei já por quem mandei dizer a meu Pai João Caetano o acontecido e pedia-lhe ~~---~~ que me mandasse o creado Manuel com alguma coisa para comer e algum casaco de abafo para poder aguentar a viagem de noite

Meu Pai João Caetano, paisanissimo como era, acudiu logo atrapalhado; e o creado trazia-me qualquer coisa para comer, um gabão de Aveiro e uma manta de viagem. Foi falar com o Vereador Cruz acerca da minha dormida e fui autorizado a dormir na sala nobre onde mandou pôr uma cama, lavatorio, etc. Meu Pai depois de me dar alguem dinheiro foi ao caminho de ferro procurar alguem conhecido que fosse para a Figueira a quem pedisse que avisasse meu Pai, como de facto foi avisado.

Assim meiu a noite e assim me encontrei a passear na sala nobre do quartel, a colher as primeiras impressões da vida militar e a pensar nos motivos que teriam o ilustre major Gravanço a recorrer da decisão dos médicos.

Disseram-me depois, passados tempos, que o homem era mau por natureza; a decisão cheirou-lhe a favoritismo e como nada lhe disseram ou predisseram, logo contrariou pelo prazer de fazer mal. Era essa a explicação que todos dávam quando mais tarde eu contava o incidente.

De madrugada, ainda noite fechada, alguem (naturalmente o cabo da guarda) me foi chamar; arranjei-me e daí a pouco, em baixo, á porta do quarto do oficial de dia encontramo-nos os quatro condenados com um 1º cabo que nos havia de levar e custodiar até Vizeu. Esse cabo era o Henrique Maria Carneira Coelho e Sousa que, decorridos anos mais tarde haveria de ser ministro do Sidonio Pais. Andava a estudar e como estava em férias fazia serviço no regimento. Foi bom companheiro e ficámos, até, com boas relações.

Na Pampilhosa apareceu meu Pai que, avisado, tomou de mudança o comboio da Beira Alta; a sua companhia foi excelente porque eu levava pouco dinheiro e ia ficar no quartel a dormir o que seria desagradavel. Assim, autorizados eu e o Paixão pelo comand.te do regimento n.º 14, fomos com meu Pai para o Hotel Cadete, uma velha hospedaria numa travessa da rua Direita, do lado direito descendo.

Ora deu-se o caso de o dia 28 de Novembro em que chegámos, ser feriado e a Junta de Recurso só reunir em 29; meu Pai depois de falar com o comand.te do regimento que era seu conhecido dos tempos em que estêve em Vizeu, no regresso da Madeira, e que se chamava Salomão do Amaral; e depois de me deixar dinheiro para o resto da deligencia, foi-se embora para a Figueira; e eu e o Paixão ficámos ás soltas na capital da Beira Alta — terra que nos agradou e de que trouxemos boas impressões.

O Enrico Carreira conhecia já a cidade e indicou-nos os recreandros naturais para rapazes de 19 para 20 anos e algumas mães nos acompanharam nessas

audanças. Foram dois dias passados á vontade, com bom tempo e sem preocupações de maior. Ha até, nas minhas notas, um soneto feito a uma hetáira parece notável em Viseu e visinhanças; e, de facto era mulher de rara beleza e distinção; ha ainda um outro soneto patriótico, alusivo á passagem pela cidade de Viriato e ás razões dessa passagem. Bons tempos.

De, depois da inspecção em Coimbra nós rogámos pragas ao brutó do Gravanço, em Viseu achámos que, afinal, o homem fez-nos o favôr de proporcionar uma excelente passeata e agradavel digressão.

No dia 29 lá fomos, finalmente, á Junta de recurso. Não me lembro dos seus componentes; do que me recordo bem é de que a Junta aceitou o recurso e apuraram-me para Infantaria assim como os outros companheiros. A seguir prestámos o juramento de fidelidade e... pronto, estavamos soldados para o que désse e viesse.

Deram-nos guias e lá voltámos para Coimbra, recapitulando durante a viagem, eu e o Paixão, todos os passos da nossa peregrinação pela capital da Beira

Alta; em Coimbra despedimos-nos e eu cheguei á Figueira já de noite, transformado em... soldado ajuramentado do glorioso exercito português, conforme a retorica que logo comecei a ouvir e a apreciar.

Um dos tres companheiros da aventura era pintor, de nome Matos, natural de Coimbra, irmão dumas raparigas que tiveram fama entre a Academia e, depois de entradas na idade, mantiveram fama discreta entre doutores e senhores de respeito. Era pintor, não casou, andou em bolandas por um lado e outro; adquiriu o vicio da bebedeira e ha anos, incapaz de trabalhar é arrumador nos parques de automoveis da Avenida Navarro em Coimbra.

Nunca nos esquecêmos; quando nos encontrâmos fazemos sempre muita festa como velhos camaradas de campânhas passadas. Ultimam.te, coitado, quase invalido, quando passo perto dele e ele me vê, chama-me sempre:

— Oh sr. Belisario!... então hoje não ha nada?...

Este nada representa sempre uma moeda de 2$50 para uma pinga. Um pobre diabo.

Do quarto companheiro nada sei dizer. Desapareceu e não voltei a vê-lo. E assim acabou o episodio com que comecei a triste vida de tropa e que dá bem a medida do que viria a ser a continuação dela.

Em Novembro, no dia 2, fui á sala da Camara Municipal ao sorteio; e a sorte quiz que eu tirasse o nº 1 da freguesia da Sé Nova onde fôra recenseado; felizmente, nesse ano, a freg.ª não dava contingente para a Armada senão lá ia haver maior numero de complicações — pois o nº 1 era sempre destinado á Marinha de Guerra.

Acasos...

E assim, em 14, apresentei-me no quartel de Infant.ª nº 23, e ali assentei definitivamente praça com o nº 147/561 na 1ª Comp.ª do 1º Batalhão de que era comandante o bondoso capitão Joaquim Maria Ferreira que mais tarde seria meu comandante de batalhão. Requeri logo licença registada por 365 dias nos termos do art.º

136 do Regulamento dos serviços de recrutamento — licença que me foi concedida no dia imediato com o fundamento de estar matriculado na Universid.e O coronel, homem fino, muito bem educado, Guilherme Augusto Vitório de Freitas, autorizou a dispensa de comparecer no quartel de 14 para 15 e assim fiquei soldado duma vez para sempre.

Cumpria-se o destino, ou antes: o meu destino.

Dai a dias mandei fazer a farda de soldado ao Abilio Augusto dos Santos, antigo mestre do casão dos alfaiates do regimento, estabelecido na rua da Sofia; e foi este homem que me fez todas as fardas até á minha passagem á reserva. Bom homem, serio e correcto, morreu ha pouco com oitenta e tal anos, em casa do filho que usa o mesmo nome, negociante de panos muito considerado na cidade.

E assim me vesti soldado depois de sacrificar a cabeleira «á Garrett», uma farda, no estabelecimento do velho Francisco Borja dos Santos, deitada a baixo pelas tesouras do filho Hermenerico e com a

fraqueza gathofeira do Mario Duque que se não dispensou de assistir á cêna.

Desta Hermenerico Borja dos Santos falecido ha cerca de ano e meio, creio que falei no Diario, na altura da sua morte. Era um bom amigo, muito dedicado, que manteve sempre certo ar de inferioridade perante mim apesar de eu, fingindo que não percebia, nunca lhe dar ensêjo para se considerar inferior.

A Veimosia paterna que o queria fazer medico, profissão que ele repelia por se não sentir com tal vocação, lançou-o para a vida obscura de barbeiro e amolador de instrumentos cirurgicos em que aliás era perito e de confiança; e assim morreu, resignado com a sorte embora se lhe conhecesse um ou outro momento de inconformismo com ela.

Pois foi ele, esse bom e dedicado amigo que me deitou abaixo a cabeleira «á Garrett»; e [redacted] com o cabelo á escorinha lá fui assentar praça no regimento de Infantaria 23 como contei.

Lembro-me de que era 1º. sargento da companhia o José de Oliveira Miranda que

como recompensa do muito que teriamos ainda para aturar nos dois interminaveis dias seguintes.

Os dois dias seguintes!

Quem póde imaginar esses dois dias enormes, passados ali, na sala velha do tribunal, vendo passar homens nús, sentindo constantemente o cheiro de homens sujos, escrevendo e conferindo as guias modelo A, notas modelo B, mapas modelo C ... e mais modelos por ordem alfabetica!...

Valia-me, ali, a minha faculdade de abstrair e, de um momento para o outro, voar a pólo oposto; valia-me, tambem, a minha boa disposição para todas estas novidades da vida. E assim, se algum intervalo se fazia, eu ia soberear o prazer de espreitar o secretario da Administração cuja porta era em frente; outras vezes ia falar ao secretario da Camara ao andar de cima — só para ver a cara dos politicos, nos corredores acanhados, com um ar de cólicas como de estudantes que esperam a decisão de um exame

duvidoso; outras vezes... deixava passar o tempo — pensando em tudo aquilo ao mesmo tempo!

Não ha nada que não tenha a sua compensação...

Pois não era coisa de valor o ir espreitar á Administração do Concelho e ver, como vi uma vez, o Videira, o medico do partido, ensinando o administradôr a fazer um auto ao mesmo tempo que, numa outra mesa, o secretario da Administração (que é o Sr. Antonio Maria Vicente, ferradôr da terra) solfejava uma musica qualquer que a filarmonica havia de tocar e que ele (que era o cornetim) tinha de aprender com esmero? Que espectaculo melhor e mais sugestivo?

E lá em cima, no corredôr?

O Albano Lucio de Lima, esfregando as mãos e espreitando quem subia para ver se toscava alguma cousa, passeava agitado dum lado para o outro, cochichando com o Padre "Gunqunhana", chamando aos cantos o Antonio Francisco, fazendo tagatés ao sargento Sola... Andava inquieto, farejando, escutando.

escrever: «Je reconnaissais la puissance
"ce qu'une ferme volonté met dans les
"mains de l'homme jeune, quand il sait
"concevoir;..." (1)

Até nos constantes alertados literários eu andava ao sabor de qualquer influencia, conforme a impressão que me deixava a leitura desta ou daquela obra, ou o gosto que me provocava um ou outro genero literario. Ao rever a serie de verbetes onde anotava tudo o que ia produzindo, nota-se a variedade de generos sem me fixar em qualquer deles. Somente a Historia me parece que exerceu influencia mais a perto e mais constante e determinou, com o correr do tempo e a idade, não sei se poderei dizer a vocação mas qualquer coisa que me estaria no intimo e me encaminhou para trabalhos que talvez valham pouco mas me deram o tal lugar «á parte e unico» na Historiografia militar conforme a expressão do general Teixeira Botelho creio que já aqui mencionada em qualquer altura.

---

(1) Edit. Flammarion, S.d., v. II, pag. 61.

E mesmo assim, toda essa actividade em trabalhos históricos não era original; comecei debaixo da influencia da obra de investigação do Dr. António de Vasconcelos; só mais tarde, lentamente, me consegui libertar em grande parte; e, sem fôr de todos os propositos investigadores, direi o meu trabalho no sentido das ideias e da sua evolução sem saber, ainda hoje, se alguma coisa consegui em sentido que seja digno de nota.

O general Teix.ª Botelho teve uma expressão que foi annuel conforme os preceitos do momento e consequencia da sua boa educação; mas não sei se seria precisa. Parece-me que, se assim fosse, a minha pequena obra teria certa referencia — apesar de certas frases elogiosas que afinal não passam de cortezias.

Mas fóra disso, repito, o periodo da minha formação mental foi, como na orientação da vida pratica, desigual e, como disse acima, passado á toa, como qualquer brocado de cortiça ao sabor de aguas correntes.

Enfim . . . estava soldado nº 147/561 da 1ª comp.ª do 1º batalhão do regimento de Infant.ª nº 23 e matriculado como voluntário, novamente, na cadeira de Algebra superior e na de Geometria descritiva como concorrente á Escola do Exercito; e ainda nos Desenhos dos dois anos das faculdades de Mathematica e Filosofia.

Os professores eram: na Algebra o Dr. Henrique de Figueiredo a breve trecho substituído pelo Dr. Rocha Paixoto; e o Dr. Anzila da Fonseca na cadeira da Geometria. Nos Desenhos eram Antonio Augusto Gonçalves e o bacharel Mendes Pinheiro.

Estava matriculado definitivamente nos preparatorios para a Escola do Exercito e com estes e os que tinha a mais fazia jús na classificação de admissão como na verdade aconteceu.

Novos condiscipulos appareceram entre os quais citarei o meu visinho da esquerda no anfiteatro da Mathematica (hoje pela Gomes Teixeira), o Eusebio Tamagnini de Matos Encarnação que depois foi lente da faculd.ª de Filosofia e presidente da Câmara de Coimbra na situação sidonista e ain-

da na actual situação política ministro da Instrução e não sei se deputado. Era estudioso e muitas vezes nos valeu em momentos de atrapalhação quando o professor Rocha Peixoto lançava perguntas raiadas para as bancadas e eu, desprevenido, lia romances... Ficámos sempre com boas relações e tratamento de tu apesar de, com o tempo, ele caminhar muito p.ª as direitas até dar o reaccionario que se mostrou quando ocupou cargos publicos extra-universitarios e que ainda hoje continua a ser, mais entrevado e recolhido na casa de Godinhela que pertencia á familia da esposa.

Outros condiscipulos mencionarei como o Geraldino da Silva Balthazar Brites que depois foi o notável professor de Histologia e grande homem de caracter e meu amigo; o ~~dr~~. Fernando de Almeida Ribeiro depois lente de Medicina e reitor da Universidade; o bom e valente Zeferino Carmona Ferraz de Aleren que morreu coronel de Infantaria; o Sergio Calixto que ascendeu ao cafe-lo em Medicina e não sei já se chegou a professor porque morreu muito novo, tuber-

curso; o Lago Carqueira, já falado, referente como eu; o Sebastião Roley de quem falarei adeante com a maior simpatia; o Guedes Coelho, um dos quatro companheiros do cortejo da Sebenta; o Abilio de Sousa Namorado, já amigo dos tempos do Liceu; o Artur Plintze Ribeiro Nunes que seria meu companheiro de quarto na Escola do Exercito e amigo intimo; o Ernesto Luciano Torres meu visinho de banco em Geometria descritiva de quem falarei mais adeante; o Afonso Verissimo de Azevedo Zuquete que foi distintissimo engenheiro e o alferes de Inf.ª João de Almeida que tirava as cadeiras necessarias para o curso do Estado Maior e morreu ha pouco general. Etc.

Outros mais, é claro, que me não lembram porque, naturalmente, me não deixaram qualquer impressão

E assim, como me alistei no "glorioso exercito português" e me preparava nas aulas universitarias para ingressar no quadro da sua oficialidade, tambem me alistei noutra milicia, com tanto ou quanto aposta, nalma a verdade, mas que mais ao menos condizia com as minhas

aspirações de ordem política e propósitos de ordem social e iria dar pasto à minha variada fantasia e, com o tempo, certo que domínio nos quadros revolucionários de Coimbra.

Vamos lá a ver o que isso foi.

Quinta da Paz (Mafra) e Lisboa: 3 de Setembro a 3 de Outubro de 1956.

V

« Essa epoca da vida não voltará mais porque não pode retroceder uma unica onda do rio impetuoso do tempo ! »

Alex. Herculano : O Pároco da Aldeia, Prologo.

No dia 11 de Novembro de 1899 fui admitido nos sagrados mistérios da Maçonaria na Respeitável Loja Capitular Academia Livre, em Coimbra.

A maçonaria em Coimbra atravessava então uma curiosa fase de romantismo que amoldava os espíritos mais serenos e mais sujeitos á reflexão, ao entusiasmo ingenuo por uma regeneração infantil não direi somente da Patria mas — porque a maçonaria romantica não admite fronteiras — da Humanidade inteira.

Nas lojas maçonicas tramáva-se por entre os panos vermelhos das paredes com triangulos e esquadros desenhados e o estálido semi-comico e discreto dos aplausos, no segredo absoluto que se jurava todas as vêres que terminávam os trabalhos, no misterio singular que revestia todos os actos, tramava-se... o quê? O derribar de velhas instituições de sete seculos, para dar lugar á bela e amiga forma electiva? A morte de algum monarca em obediencia ao espectaculoso principio da propaganda pelo facto? ao menos alguma modesta afirmação de firmes convicções inabalaveis?

Não... A maçonaria em Coimbra nos templos guardados vigilantemente, em voz baixa por causa dos visinhos e com portas varias por causa da policia... tramáva-se convictamente — a Felicidade Universal!

Sim, o sonho que iluminava os templos maçonicos, o tema da infalivel retorica, o fim dos sagrados juramentos sobre a espada do Veneravel — simbolo da honra — era a verdadeira, a completa, a inextinguivel Felicidade Humana...

Dentro de Portugal, esse sonho grandioso redusia-se ás exiguas proporções da proclamação duma Republica — transição unicamente para um vasto encadeamento de acções que havia de terminar... Onde?...

Sabia-o lá, a Maçonaria!

Aquecidos os cerebros pelo calor duns templos pequenos; influenciados por um ou outro mais senhor de si; perdido o mêdo, esse terrivel mêdo moral que inutiliza tanto cerebro potente; os irmãos desabrochávam em retórica florida, em vôos rasgados de imaginação, em altos problemas metafisicos.

— Imaginai chegado o vosso ultimo momento: que pensais do Passado, do Presente e do Futuro?

Esta pergunta obrigatoria mandada fazer pelos regulamentos aos iniciados, era parafraseada, comentada, analisada, á luz duma metafisica curiosa e duma superelevação de ideias.

E assim, a Maçonaria — sem, na pratica dar muito acordo de si — ia vivendo quando um dia, o Mario Duque se

me revelou, olhando para um lado e para o outro, fixando as lunetas, em voz sumida, á esquina da Praça do Comercio com o Adro de Baixo; aí, numa noite quente de verão, enquanto o dono da loja de linho da esquina fechava as portas, o Mario, ao tempo companheiro quase inseparavel, confiou-me esse consideravel segredo, obrigando-me, debaixo de palavra de honra a eterno sigilo: era maçon, graças ao Supremo Arquitecto do Universo!...

Fôra o caso que, frequentando eu a republica da rua das Esteirinhas, nº 11, instalada num velho casarão misterioso, cheio de corredores, de escadas, de cantos e recantos sinistros, ali travei conhecimento bastante intimo com o Videira, o Paul, o Neves e mais outros, estudantes de medicina, ao tempo no 3º ano.

Ja varias vezes a essa casa durante o meu ano de caloiro de matematica quér por causa dos ensaios duma pequena tuna quer por umas sessões duma celebrada «Academia» cuja ideia eu dera e o Ferrão e o Mario abraçáram e os da republica protegiam.

O Ferrão, esse velho amigo de sempre, e o Mario estavam então no 2º. ano de Direito; ora qualquer que fosse o que me désse nas vistas, eu tive uns rebates de qualquer coisa de menos publico que entre eles havia. Uns gestos esquisitos, frases sem nexo, uns abraços acompanhados com gargalhadas, uma protecção demasiada dada á insignificante tuna — não me passavam despercebidos ainda que, na minha indolencia costumada, na minha incapacidade para a aquisição curiosa de pequenas coisas, as não reunisse, como argumentos postos para uma demonstração relativamente facil.

Esses pequenos nadas continuavam: um dia, a casa de jantar da republica, uma explendida sala, lageada, com azulejos em paineis até meia parede, com duas amplas portas que deitavam para um terraço de onde se via correr o Mondego, numa grande extensão, um dia, disse, apareceu fechada hermeticamente... Num outro dia, como um dos da republica (se me não engano, o Paul) fizesse acto e ficasse aprovado, no jantar de festa para cujo café eu

fui convidado, houve um brinde «á academia livre!» que foi acolhido com entusiasmo fóra do vulgar e com certo quê de sinceridade, mesmo maior que em outro brinde pela Republica.

Mas na minha preguiça intelectual que necessita aguilhoada para produzir coisa pouca que seja, eu não fiz caso.

Passado algum tempo; porem, numa tarde de verão, passeando com o Mario, veiu á conversa um romance rocambolesco cujo nome indica grandes coisas: Os Homens da Cruz Vermelha.[1] Neste romance, de mistura com os amores obrigadorios, ha cênas terriveis, punhais de homens embuçados numa capa branca com uma cruz vermelha estampada, planos tenebrosos formados por homens que se reconheciam por sinais esquisitos...

Em nós, rapazes novos, fantasiosos sempre, o romance causára uma tal ou qual impressão; e o Mario, seguindo tactica um tanto ou quanto saloia, quiz saber qual a maneira por que eu encaráva as

---

[1] de Carlos Pinto de Almeida, Lx.ª 1879.

sociedades secretas. Era a sondagem obrigatoria...

Daqui a conversa caiu na Maçonaria. Eu ignorava o que ela fosse; e a tarde caía serenamente, com a belesa daquelas tardes de verão, á beira do Mondego, quando os choupos começam a mudar de tons. Eu lembrei-me de que necessitava cortar o cabelo — lembro-me como se fosse hoje!... — e sentado na cadeira classica do barbeiro, com o Mario tambem sentado quase em frente, e enquanto o rapaz me ia aparando a farta cabeleira de poeta que então irreverentemente usava, no meu espirito deu-se um curioso fenomeno psicologico que talvez fosse, quem sabe? provocado por esse tzac-tzac continuo em volta dos ouvidos, por esse martelar constante da tesoura sobre o meu crâneo.

Conversando com o Mario a meia voz e com meias palavras sobre a Maçonaria, eu comecei a desenrolar-lhe seguidamente, pausadamente, o conhecimento duma Loja maçonica em Coimbra, com o Videira veneravel, com o Templo na sala

de jantar da republica da rua das Esteirinhas, á qual pertenciam os rapazes da nossa rua republica, o Ferrão, o Cruz inspector dos incendios...

O Mario ouvia esta minha parte da narração com certo ar de pasmo, franzindo de quando em quando as sobrancelhas, fixando as lunetas; eu recordava ali, circunstancialmente, todos os factos que a memoria conservára e com a placidez de quem vem fundos conhecimentos sobre o assunto, eu expunha aos ouvidos atonitos do Mario uma série de verdades indiscutiveis...

Ao sair, seguindo direitos á Praça Velha, o Mario, com ar admirado, perguntou-me á queima-roupa:

— Mas como sabes isso?

— E' o que te digo, querino: sei-o...

Tinhamos chegado á esquina da Praça; e ali o Mario fez-me a confissão que eu esperava desde a primeira tesourada do cabeleireiro:

— Pois tudo isso é verdade... Eu tambem vou praça...

Vagamente, pelo ridiculo, lembrei-me daquela frase do Alfredinho, da Religião:

— É verdade... Eu tambem petisquei...

E subindo para a Calçada, parando aos bocados, numa conversa animada, combinou-se logo que eu entraria no ano lectivo seguinte, quando se abrissem as aulas.

— Caramba! eu tambem quero ser desses!...

E o Mario, finoriamente, expôz-me toda a grande obra da Maçonaria; e como me conhecia o fraco, expôz-me animadam.te esse grandioso e inconfundivel projecto da regeneração da Humanidade inteira.

— Naquela loja, dizia ele, só se admitem de republicanos para cima. Mas tu, como és anarquista...

— Sim, menino, trata disso.

No dia seguinte o Mario foi para Torres Novas, para casa da familia; e eu, durante as ferias grandes, arrastando-me por Coimbra e Figueira ia pensando, ás vezes, nesse meu novo modo de ser, nessa futura vida maçonica que eu antevia já, com a imaginação dos 19 anos cheia de perigos mas tambem de heroicos sacrificios.

Em Outubro abriram-se as aulas e eu então, conscio de que a Maçonaria

que esperava impacientê — ái os derradeiros! — lembrei ao Mario:

— Olha o prometido...

Mas uma tarde, o José Ferrão, passeando comigo, abordou o assunto: conhecia-me as ideias, sabia-me carbonário e irredutivelmente liberal; era isso o que convinha á Maçonaria e lembrára-se de me propôr. Eu, fingindo nada saber, acedi, fiz-me um tanto dificil; e passados dias, numa tarde, em principios de Novembro, passeando na rua da Sofia onde ele vinha com frequencia, o Ferrão disse-me claramente:

— Você é iniciado no proximo sabado; os homens aprovaram por unanimidade a sua entrada e o Mario é que o propôz. Eu queria fazer a proposta, mas o Mario não deixou, diz que foi ele que teve a ideia e pronto...

E depois, mudando para tom mais baixo:

— Você tem que ser sujeito a provas, no fim de contas, uma férias... Vendaram-lhe os olhos, levam-no a um quarto isolado

onde lhe entregam perguntas escritas... etc. etc. — e expôz-me o q. seria uma iniciação maçonica.

Eu ouvia atento e grato ao mesmo tempo; e quando chegou esse dia, apesar de me não meter mêdo, de eu conhecer já tudo pelas descrições preparatorias, eu sentia contudo uma impressão vaga, talvez capaz de entrar na classificação daquelas que sentimos nas vesperas dos exames.

Mas lá fui, ao cair da noite, com o José Ferrão, caminho da rua das Esteirinhas; vendáram-me os olhos, leváram-me a um subterrâneo humido onde havia uma abobada baixa, cheia de entulho que, segundo a lenda vai dar ao rio e onde, sobre um cêpo, toscamente cortado, estava uma caveira e num outro uma vela de cêbo que iluminava um bem curioso cenario de teias de aranha e de lenha em cavacos esguios.

Trouxeram-me um papel com perguntas, espetado num punhal; respondi, é claro, e ali permaneci longamente, ouvindo martelar em cima, sentindo ao longe o vago perpassar de gente na calçada da rua e vendo, de quando em quando formosas

e médias ratazanas tal qual como em perfeito conto fantástico de Poë.

O que passou então pelo meu espírito não me lembro já com precisão porque lá vão sete anos e meio que apagáram alguns pequenos pormenores; mas lembro-me do côto de vela a derreter-se, consumindo-se mortiçamente sobre o tosco madeiro e dum surdo ruído ao longe como de vagas que se entrechocassem sobre arestas de penedos que vinha da abobada baixa da galeria que descia na m.ª frente — e onde eu, de quando em quando, esperava ver, brilhantes, cintilantes, intensos, fixos sobre mim, dois olhos de féra, dum bicho imaginario como os das gravuras do Orlando Furioso ou, onde ás vêzes, com ligeiro estremeção, pensava ver surgir uma cara sarcastica, disforme, de algum aborto horrivel digno dum desenho de Doré, de boca escancarada, a rir, a rir e a fazer-me sinais maçonicos...

Mas um homem encapuzado, com saca negra sobre a cara, em que apenas por dois buracos se viam luzir os olhos, desceu pela escada estreita e mal segura; vendou-me os olhos e levou-me pela mesma esca-

da, fez-me seguir corredores, escadas acima, escadas abaixo, encontrão para aqui, encontrão para acolá, até que paramos a uma porta que se abriu com estridôr.

De dentro veiu uma voz:

— Quem sois e o que quereis?

Eu ia a responder timidamente o que quer que fosse; mas o meu guia respondeu por mim:

— É um profano que deseja ser iniciado nos nossos augustos mistérios...

A porta fechou-se. Lá dentro murmuraram e de novo a porta se abriu e a mesma voz perguntou:

— Estais disposto a deixar o vício e a seguir a virtude?

Eu balbuciei um timido sim para saber se seria essa a resposta grata ao deus tutelar da casa... Mas a seguir a porta voltou a abrir-se e com mais barulho; através da sombra veiu a impressão de luz; e empurrado por detraz, agarrado a seguir pelos braços, sentindo o ferir de espadas na fronte, sentaram-me num banco. E de cima, cáusticamente, solenemente, veiu uma voz que não reconheci:

— É' o sr. Belisario Pimenta que aí está?...

Foi assim a minha iniciação maçonica tal qual a contou despretenciosamente.

O interrogatorio foi apertado, como um exame de aluno durido que se mostrasse cábula durante o ano... Eu declarára-me ora anarquista, ora republicano, numa confusão interessante de que não consegui sair. E ainda me lembro da frase:

— Hoje sou soldado do rei; mas amanhã poderei pô-lo de Republica...

Eu ia, daí a uns dias, afiliar-me no regimento 23 para assentar praça; e essa frase que eu tinha, com franqueza o digo, preparado de antemão, foi realmente dessa feita.

E eu a julgar o contrario!

O Cruz, inspector dos incendios, pediu a palavra — conheci-lhe logo a voz — e apertou-me; depois seguiu-se um tipografo anarquista, Monteiro, que é hoje funcionário da Fazenda, e Mira e, tambem como o outro me apertou.

Maldita frase!

Eu escaldava, eu suáva, eu maldizia o Ferrão que me afirmára que tudo seria pró-forma!...

Por fim, a voz do Videira ouviu-se, mal disfarçada, perguntando-me se eu aceitava os juramentos. Disse que sim, jurei ajoelhado e com a mão nos copos duma espada — simbolo da honra... Arrastaram-me para o estremo da sala e aí, no meio de enorme silencio, o Videira perguntou de novo:

— O que é que mais deseja neste momento?

Eu, francamente, não sabendo o que responder, ia a dizer qualquer coisa, quando por detraz de mim, subtilmente, em leve e beando cício, alguem me disse quase ao ouvido:

— Luz!

E eu, convicto, sincero, repeti com força e decisão:

— Luz!

— A Luz vos vai ser dada...

Ouvi marteladas, palavras do ritual, perguntas e respostas, arrastar de cadeiras, tinir de espadas; e depois de um silencio

profundo, ao batér de terceira martelada do outro lado da sala, quem me segurava deixou cair o lenço que me tapava os olhos e eu, fechando-os por causa da luz que se me afigurava intensa — e que era de quatro candieiros de petroleo dos quartos da republica — abri-os a pouco e pouco e... o que vejo?

Oh! valha-me o Supremo Arquitecto do Universo neste lance!... Vi um espectaculo que eu nunca esperei nem espero tornar a ver!

A antiga sala de jantar da republica lá estava com os azulejos até meia altura e o tecto apainelado; em frente um estrado mais alto com tres pequenas mesas: ao centro o Videira, solene, com a mão direita em esquadria sobre o peito; em fileira, o Neves, do 4º ano de medicina, o Paul, o Cruz dos incendios; á direita o Dr. Martins (o Adrião como lhe chamávam) e á esquerda o Ferrão, tambem solene. Em baixo, em varias fileiras mas deixando á minha frente um corredôr, havia estudantes e futricas, com a mão direita sobre o peito e na esquerda uma espada apontada para mim. Tudo caras conhecidas: o Mario Duque, o Monteiro tipó-

grafo, o Rosa Falcão, o Teotónio, o Vale e Vasconcelos e outros mais, com cara de caso e sorumbaticos.

Houve silencio; o veneravel rompeu-o com uma predica solene, grave; as espadas abaixaram-se; eu subi de novo ao altar, ratifiquei o juramento e fui declarado definitivamente, com tres pancadas na cabeça, aprendiz-maçon.

Indicáram-me lugar em baixo e eu sentei-me.

Assim foi, leitor que venhas a ler-me, que eu naquela inolvidavel noite de novembro fria e triste, vi a verdadeira Luz, aquela suprema Luz que rege o Universo, aquela q. ilumina a razão humana, aquela Luz que vela pela felicidade de nós todos, direitos e corcundas, cegos e com vista, estupidos e intelixentes e que ainda espera, com os estalinhos e martéladas do ritual, com as fitas vistosas ao pescoço, ver um dia a regeneração humana com a mesma fé viva, com o mesmo inxénuo entusiasmo com que entre nós, portugueses, ha gente que espera ainda a decantada manhã de nevoeiro para ver chegar — brilhante e olimpico, puro como a aurora e

branco como um lirio — esse moço rei morto cruelmente nas areias de Africa...

Foi isto a onze de Novembro de 1899.

Comecei então a minha vida maçonica ouvindo um elogio feito pelo Irmão Oradôr — elogio que foi interrompido por uma voz, de fóra, do lado da porta:

— Sr. doitor! está o chá na mesa!

E' que a velha servente da republica, ao ver que se demorávam, entendeu que devia intervir profanamente...

Mais ou menos conhecidos eram os Irmãos que compunham o quadro da Loja; e de alguns deles devo aqui deixar umas impressões que hoje, volvidos sete anos, teem todo o cunho da imparcialidade. Nunca lhes quiz mal e hoje, se mal lhe tivesse querido, essa impressão ter-se-ia desvanecido porque nada ha como a idade para apagar malquerenças.

O Videira, o veneravel, Manuel Duarte Videira era um curioso tipo de aspecto energico, de olhar vivo que denotava inteligencia, com modo de falar seco, gestos curtos e acanhados que se caracterizavam por o braço

direito se mover de cima para baixo, com o cotovelo arrumado ao tronco; usava oculos e a sua fisionomia tinha o que quer que era de fino e de simpatico.

Entre os companheiros era um tanto ou quanto o testa de ferro; deixava-se arrastar pelo Martino — o João das Regras da Academia Livre — e segundo sempre ouvi dizer era bom coração. Falava com enternecimento da mãe, o que é um bom sintôma; e no q. dizia tinha sempre um tom de rudera que, ás vêres, era um pouco agrassivo.

O José Ferrão, ha tempos, falando-me dele, dizia-me:

— Afinal, era um pobre diabo...

Talvez a frase resuma tudo. Bom, no intimo, mas fraco para se não deixar arrastar. Tinha uma formula que lhe deveria ter sido inoculada, certamente:

— Antes me chamem máu do que me chamem tôlo.

A meu ver, a formula mostra a incapacidade de um homem se não deixar enganar; como receia engano, defende-se; na defesa muitas vêres ha rudera, energia, agressão; daí a maldade para não cair na tôli-

ca... E' talvez sintoma de fraqueza e não de mau caracter; é' sintoma de pouca esperteza e não de maldade.

Ás vezes era violento, mal creado até; contrastando em outras occasiões com que nos trazia um fundo de meiguice, de vago sentimentalismo, vendo ao longe, sobre o velho mosteiro de S.ta Clara, o sol a sumir-se e a lançar lentamente a sombra sobre o vale triste, ou outras vêres amaciando a velha creada da republica que se zangava por vêr estarem a horas, porque lhe estragavam a comida, ao que ele respondia brandamente, terminando com abraço conciliador.

Quando nos falava tratava-nos por «o amigo...»

Com ideias era republicano; o seu nome simbolico era na verdade simbolico: Termofilas! Que é como quem diz em bom português: ou vai ou racha! Dizia-se intransigente como republicano; falava em que entrára no anno de calouro na conspiração do 31 de Janeiro, em Coimbra; e mesmo dentro do partido era revolucionario. Tratava os ministros por camarada e falava vagamente em fórca para o dia da revolução...

Mas os anos passaram descaradamente; e hoje o Videira, o terrível Videira de outros tempos, é médico municipal na Paenfolhosa da Serra, regenerador fanático, irredutível, fazendo política mesquinha, perseguindo os contrários de uma forma tal que lesa a sua regeneração a ponto de, como médico, não passar atestados senão aos que vão com ele!

Diz em voz alta que é fabreiro livre e que é republicano; por circunstancias especiais trabalha com o Heintze Ribeiro como ele diz. Além disso... é sempre o mesmo!

No entretanto, Videira tinha, como todos nós seminaristas, um ponto fraco, essencialmente fraco: amava. Manuel Duarte Videira, revolucionario e veneravel, era então noivo duma menina de Coimbra.

Mas, indubitavelmente, o rábula da Loja Academia Livre, o João das Regras como lhe chamei, enfim o «espirito gentil» de todos eles, era sem duvida alguem o Manuel Augusto Martins, o Irmão Orador — a quem chamavam mas sei porque o Adrião.

Era, ao tempo, bacharel formado em Direito e ia esperando concurso para professôr do Liceu, dando lições e explicações com que se sustentava. Era pobrissimo.

Era inteligente, pensava muito fino, penetrante, e ao mesmo tempo muito instruído; falava sobre qualquer assunto com circunspecção, sem duvida, mas com consciencia. Reservado, falando só quando queria, tendo uma ironia facil nas conversas, era, contudo muito simpatico; quando precisava precisava de qualquer coisa na mão: um lapis, uma caneta, um papel, para fazer voltar com movimento continuo.

Era o oraculo da Loja e, como tal, tinha o topar de Orador; a sua palavra tinha sempre encerrar as discussões ás vezes com uma frase rábula como todos os diabos mas á qual ninguem se atrevia a responder.

Parece, ao contrario do Videira, tinha um forte: era ginasta, desembaraçado a valer em exercicios de agilidade e fazia equilibrios em arame no que era eximio.

.

Um outro de nome na Loja e Vasconcellos como os dois anteriores Cavaleiro de

Rosa Cruz, era o Paúl: Joaquim Dá Mesquita Montenegro Paúl ou, simplesmente — o Paúl. Era também estudante do 4º ano de Medicina.

Este Paul era, na verdade, um bom tipo! Era poeta, era pretendente a homem de espírito e a conquistador. O José Ferrão que tinha uma maneira especial e sintética de definir os rapazes, definia-o por uma frase única:

— O Paúl é um burro...

Um burro certamente não seria; mas muito especial era ele!

O parnasianismo era quase anacronico, todo dedicado a uma senhora de Guimarães. Um dia confiou-me um livro — uma especie de album — onde havia uma serie de poesias: que o lesse com atenção (disse-me ele) que lhe aplicasse o meu senso critico analisado e depois que lho dissesse...

Como eu me encarregasse da árdua e honrosa tarefa, di-lo o seguinte caso: uma noite virei o volume de versos da gaveta onde o arrecadára, abri-o e o que vejo?

Subordinada ao titulo de Pela meia-noite, a seguinte poesia escandalosa de ultra romantismo:

« Desenrola o cortinado
Desse teu leito de neve,
Que venho cantar de leve
A canção de um namorado... »

E por aqui adeante, ardendo em desejos, febrecitante, pedindo coisas esquisitas... Pobre Paúl!... Eu confesso que não procedi bem; mas peguei num bocado de papel e comecei a parodiar esse documento de piégas sentimentalismo:

Vem, oh filha! com ternura
Abrir-me já essa porta:
Vem ouvir nest'hora morta
A canção dum padre-cura:
. . . . . .
Não tenhas medo
Que esta cêna
Fica em segredo...
. . . . . .

Desgraçado Paúl! A crítica abalisada foi esta... Não sei se ele o soube, mas muita sorte deveria dar com um sonetosinho á tal menina de Guimarães que terminava, como a uma mulher perdida, pedindo pão pão queijo queijo, nem mais nem menos do que isto:

Quero sorrisos,
Quero desejos
Quero viver...

e que eu, na parodia, terminava assim:

Abre-me a porta!
Quero... comer,
Quero dormir...

Sim, bom Paul! bom patêta, no fim de contas: não quero mentir mas eu gosei-te muito!... E chega-se, afinal a concluir que o mundo está para os tolos...

Tinha arrufos durante os trabalhos como qualquer menina namoradeira; embezerrava... Quando fazia propostas nas sessões via-as sempre, quando eram da sua lavra, reprovadas; e quando discursava supria a falta de oratória e de dicção pelo sorriso alegre que lhe brincava nos labios quase sempre abertos.

Ninguem lhe ligava importancia. O Paúl era... o Paúl. Tinha meiguices equivocas e, na tuna, a que já me referi, tocava pandeireta.

O Cruz dos incendios, ou o Cruz do Janeiro ou ainda o Irmão Caserio Santo, era uma personalidade curiosa no meio daquela turba-multa de rapazes de todos os feitios — desde o anarquismo do Adrião Martins, ao republicanismo conservador do Rosa Falcão ou do socialismo integral do José Ferrão ao lirismo do Paul.

O Cruz era, em primeiro lugar, um futrica; era correspondente do Primeiro de Janeiro e chefe ou coisa que o valha dos Bombeiros Voluntarios de Coimbra.

O seu fundo era a falta de caracter; contava coisas tectricas que fizera em conspirações, a parte que tomára no 31 de Janeiro (porque é conveniente notar: o 31 de Janeiro foi uma especie de desembarque no Mindelo: toda a gente, passado o perigo, foi dos sete mil e quinhentos bravos...) e que ele contava com grande ar de convicção embora com certo ar seco e rispido.

Sem duvida alguma, é muito inteligente e tem ilustração razoavel; escrevia, antes do tempo a que me estou referindo, em jornais anarquistas, correspondia-se com o

celebre anarquista francês Flamon e evangelizava salvando burguêses nos incendios de Coimbra.

Um dia, porem, entrou numa questão de carnes com a Camara Municipal (dizia-se que pago por um homem que queria o monopolio); a questão azedou-se ao tempo em que vagou o lugar de Inspector dos incendios. O presidente da Camara, o Doutor Dias da Silva parece que lhe acenou com o lugar e a questão das carnes, se a memoria me não falha, derivou para melhor campo e o Cruz que, como chefe dos Bombeiros Voluntarios guerreava acervamente os Municipais, agora, como chefe dos Municipais e Inspector, continua no mesmo papel guerreando os outros...

O seu anarquismo foi amansando; e hoje, farto de salvar burgueses e as propriedades dos mesmos, o antigo proprietario de O Caminho[1], o antigo panfletario das grande revindicações sociais, o amigo de Flamon, com quarenta e tantos anos, vai casar rico e arranja votos para o partido

---

(1) Jornal anarquista de 1897.

Progressista. E hoje vê-se passar pelas ruas de Coimbra, guiando uma bela parelha de mulas médias, da Câmara Municipal, solêne e grave, burguês como todo aquele a quem muita vêr pensou em lançar uma bomba, subrepticiamente, aos calcanhares...

E' no fim, resumindo, um pulha.

Coimbra: Fevereiro a
Março de 1907.

*

Isso que aí fica desde o começo do capitulo a pag. 250, foi escrito em Coimbra, em 1907, com bom humôr e, devo dizer, com verdade. Não alterei, na copia, uma palavra do que então ficou escrito; e pena foi não continuar com os retratos dos Irmãos da Academia Livre porque tinha ainda a memoria fresca e não receava falsear. Porem surgiu a questão academica em Março e a minha atenção foi bastante desviada. Hoje, não seria capaz de escrever assim tão ligeiramente e com tanto humorismo.

Seriam, na verd.e, interessantes e mais ou menos correctos, os meus juizos a respeito de outros Irmãos; hoje, ao fim de tanto tempo,

só breves palavras poderei dizer acerca deles. Vou, todavia, tentar lembrar alguns com a possível exactidão.

Outra figura predominante era o Manuel Francisco Neves Junior, também quartanista de Medicina, alto, desempenado, com grandes bigodes; era rapaz considerado sério, até austero na sua vida particular. Natural da ilha do Faial, era muito simpático, dotado de muito bom senso, ponderado, e de fina educação. Lembro-me bem de que era respeitado e muito estimado por todos.

Tinha também certo predomínio o Francisco Fernandes da Rosa Falcão, rapaz forte, de gestos difíceis mas com facilidade oratória. Cara redonda, olhos á flor do rosto, dava a impressão dum bonacheirão. Era revolucionário ainda da chamada revolta do Basílio Teles de há uns dois ou três anos antes; falava clara e energicamente embora com fraseado banal e devo dizer que os seus sustinamentos de ordem política me impressionaram pela naturalidade e ponderação e seriedade com que era dados. Era rapaz com certa cultura e

considerado por todos como sincero e leal. Infelizmente, depois de formado foi advogar para Ancião onde casou rico e onde se meteu na politica local um tanto ou quanto chegado a um dos partidos monarquicos e depois de proclamado o regime republicano foi sempre um moderado e fez politica de captação. No periodo sidonista foi Governador civil de Leiria e, creada a Relação em Coimbra foi nomeado secretario da mesma até que, com o movimento de 28 de Maio foi para Lisboa como chefe de gabinete do ministro Manuel Rodrigues de quem, dizia-se, era mais do que o chamado braço direito porque era tambem o cerebro.

Uma nota curiosa: o Rosa Falcão era de Miranda do Corvo mas tinha a sua casa em Lamas onde ia muita vez quer no tempo em que residia em Ancião quer depois de residir em Coimbra. Mas quer de Ancião em carruagem ou de Coimbra, passava na vila sempre com as cortinas do carro puxado a mulas, bem corridas e fechadas. Não seria para não ser conhecida a sua passagem porque o carro era familiar e não atravessava a vila despercebido; mas, se-

gundo se dizia, procedia assim porque não queria nada com os mirandenses — o que dava azo a comentarios.

Contudo, ao seu enterro, em 1932 salvo erro, a vila concorreu em grande pêso.

Havia outros rapazes como o Teotonio José da Fonseca, de Rio Côvo, concêlho de Barcelos e o José Cesar de Carvalho Vale e Vasconcelos, de Cabeceiras de Basto, quintanistas de Direito, bons rapazes, serios, educados, liberais, mas sem personalidade.

Eram do Minho e uma vêz formados para lá foram e lá seguiram a vida de qualquer bacharel pertencente a familia de certo prestigio na terra. Nunca mais tive noticias deles e muitas vezes me lembram ao remexer numa caixa de retratos antigos entre os quais os destes dois companheiros q. segundo a praxe do tempo, me ofereceram por despedida.

Lembro aqui tambem o Abilio Fernandes que era conhecido na republica da rua das Esteirinhas por «o caloiro». Muito bom rapaz, bem educado e prestavel mas

muito pouco inteligente. Depois de repetir vários anos formou-se em Medicina e foi fazer clínica para Vilela, nos arredores de Coimbra como médico municipal. Veio a casar ali com a filha do seu antecessor, já retirado do serviço e depois de vida cheia de dificuldades e até de perseguições odientas durante a actual situação política, morreu nas minhas visinhanças ainda há pouco tempo.

Tive muita pena dele. Éramos amigos embora poucas vêzes nos encontrassemos, cada qual na sua vida e na sua tarefa. Na minha iniciação foi ele o Irmão Terrível, o que me conduziu vendado pelos corredores para o subterraneo e deste para a sala da passos.

Bom Abílio Fernandes!

Dos outros, com franqueza, já me não lembro mais pouco já elementos que m'os façam recordar.

Quanto aos trabalhos da Loja nada direi agora porque merecem capítulo especial que abrirei adiante, a seu tempo.

De começo, a m.ª acção foi quase, por assim dizer, de comparsa; mas depois lancei-me um pouco na baralha que duran

te o tempo da Escola do Exercito quer a seguir, quando me fixei em Coimbra.

Em capitulo especial, pois, ligarei estas lendas á narração das andanças posteriores.

Não se perde com a demora.

Lisboa: 6 - Outub.º - 1956

Coimbra: Fev.º - Março - 1957.

VI

«. . . . . um palido reflexo
Do tempo q. passou e q. não volta mais.»
G. Junqueiro: Musa em ferias. Dedicatória.

Com o assentamento de praça no regimento de Inf.ª n.º 23 e o ingresso na Maçonaria, eu entrava (talvez possa dizer) em nova fase da minha vida.

Quanto á tropa, como estava de licença registada por um ano, tinha o sossêgo garantido; mas a respeito da Maçonaria, essa impunha-me certas obrigações de consciencia e alguns trabalhos que de muito bom grado procurava prestar.

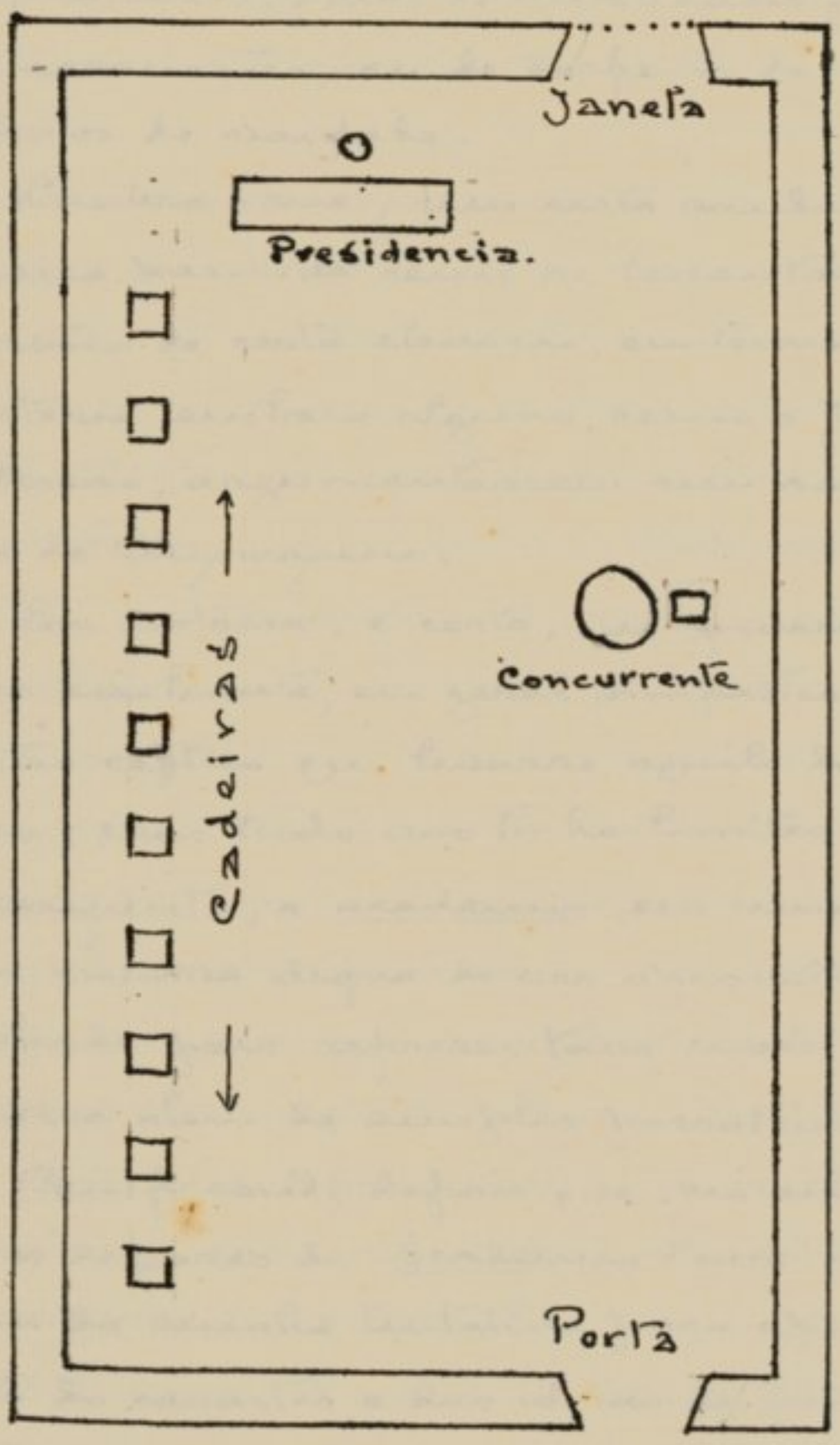
Novos conhecimentos alargavam o âmbito das minhas relações quer as académicas quer as futricas; e como, apesar de alguma dóse de misantropia que ainda me

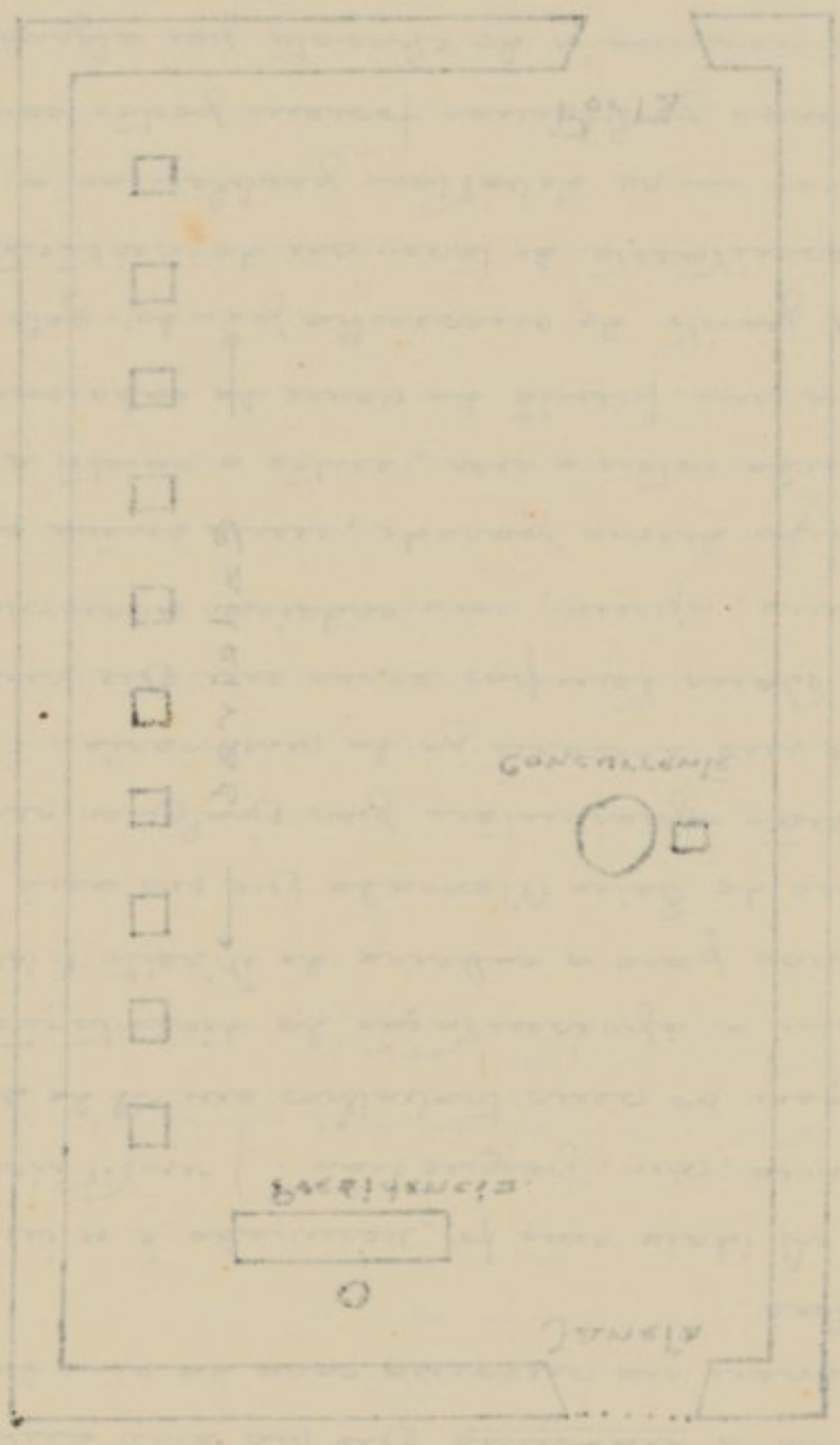
pesáva, eu encontrei novidade naquele novo ambiente e senti-me rodeado de certa simpatia — tentei novamente pôr em andamento a academia que no ano anterior funcionou na mesma casa da rua das Esteirinhas.

A ideia não foi recusada e a ingénua (ingénua, sim, porque não?) instituição recomeçou os seus trabalhos em 19 de Novembro com a apresentação da dissertação de concurso para a cadeira de Direito Civil, do Albano de Seiça Moncada que no ano anterior não apresentou por qualquer motivo que se me esvaiu já da memoria.

Bons tempos esses em que numa sala nua, apenas com cadeiras arrumadas ao longo duma parede, uma mêsa ao fundo, ainda estou a ver, entre o canto e a janela, e em frente da serie de cadeiras uma outra junto de mesinha pé-de-galo para o apresentante de teses ou dissertação de concurso — se debatiam problemas a sério quer esses problemas fossem postos com intenção reservada de chacota por alguns, quer fossem, como os meus, apresentados convictamente!

A sala das sessões





Eram na verdade tempos bons em q. havia alguma fé e se não desperdiçavam os dias em discussões apaixonadas sobre desportos violentos, filhas de rivalidades fundas entre associações, ou de desfeitos de jogadores cheios de vaidade.

Lembro-me, com certa saudade, da maneira grutada como se levantavam discussões de certa elevação, em termos até de cortesia embora alguns, como o José Mª Dias Ferrão, argumentassem com certa violência de linguagem.

Eu notava, é certo, que poderia haver no auditório, em geral simpático, um ou outro caprício que levasse aquilo de brincadeira; mas tudo isso tinha limites e, no seu conjunto, a academia era uma tertúlia curiosa digna de ser aproveitada e ampliada pois representava mais alguma coisa além de simples passatempo.

Compreendi depois que, no ano anterior, os rapazes da Academia Livre se haviam tirado da minha tertúlia para aperfeiçoamento do carácter e das ideias de futuros irmãos; e eu, para me importar com esse aspecto que aliás se não perdeu, muan-

tive o entusiasmo pelo agrupamento cultural a que dei sempre uma finalidade diferente — que era, vaidosamente o confesso, a possivel transformação da mentalidade academica bastante frivola e despreocupada.

Este grupo numeroso de estudantes que se reunia na rua das Esteirinhas vinha ainda mais ou menos da tentativa de revolta republicana que ficou conhecida pela «revolução do Basilio Teles». No subterraneo do predio estavam então a enferrujar-se algumas espingardas e revolveres adquiridos para a insurreição. Era, pois, um agrupamento de rapazes republicanos em que o Manuel Francisco Neves e o Manuel Augusto Martins, homens feitos e com personalidade mantinham supremacia e temperavam com sisudez certos arrebatamentos dos outros ou mais romanticos ou mais despreocupados.

Era na verdade um fóco revolucionário onde fui cair quando, no ano antecedente, perante a minha insistencia da organização da academia me ofereceram propositadamente a casa.

Não perdi com isso pois a minha formação no sentido dos problemas politicos e sociais já vinha, como atraz mencionei, mais ou menos orientada; e só ganhei com a nova convivencia e os novos estimulos.

A minha academia e a lója maçonica irmanávam-se, pois, a meu ver no bom sentido; se uma tinha intuitos de cultura e valorização de tendencias literarias, historicas e sociais, a outra, de intuitos revolucionarios ia formando gerações sucessivas de homens do futuro. E se é certo que de todos aqueles rapazes só uma pequena percentagem atravessou incólume o periodo agitado até 1910 e até este ano da mudança de regime se aguentou dentro dos moldes, a verdade é que raros foram os propriamente renegados e a maioria, embora se adaptasse mais aos interesses do que aos principios, sempre manteve certo espirito liberal e certo aprumo que depois daquele ano deveriam aparecer e a tornou boa colaboradora do regime republicano implantado.

Foi, de facto, um bom cadinho em que se encontráram em ~~[illegible]~~ ebulição um sem numero de espiritos novos, aptos a recebe-

rem as impressões mais ou menos fortes que surgissem e que teriam de ficar com maior ou menor marcação.

Lembro-me com saudade dessa republica da rua das Esteirinhas e ainda quando o acaso me faz passar pela rua, olho o prédio com tristeza e evoco fugazmte qualquer episodio desse tempo. E agora que estou a rememorar essa quadra, mais me obriga a pensar como é que eu, passando por tal ambiente, integrando-me nele com tão boa vontade, me deixei levar pª uma profissão tão contraria ao espirito e ás intenções de tudo aquilo. Penso que havia em mim forças contraditorias e que o orgão central não tinha força ou capacidade para decidir; eu, de certo, não via o que haveria no exercito de contrario ao meu ser, quanto a profissão me obrigaria a uma ou outra renuncia e me entalaria em moldes para que não fôra feito.

Haveria resquicios do sangue dos avós Bustorffes que do seculo XVIII até Evora-Monte foram em grande parte militares quer ainda no velho regime, quer na Guerra Peninsular ou ainda durante as Lutas Li-

berais em que alguns deles se bateram por D. Miguel? E seriam esses resquicios que me deram tão intensamente a admiração pelo façanhudos herois da nossa historia que me encheram um periodo da mocidade como já referi?

Sei lá! Esse problema das influencias ancestrais são tão dificeis e melindrosos!

Seja como fôr... Valerá a pena estar aqui a procurar descriminar, a dissecar esse periodo de mocidade para concluir razões que me leváram a ingressar numa classe em que afinal (e felizmente!) eu nunca me integrei e em que fui sempre elemento não direi quase estranho mas simplesmente aposto? Não vale, de certo, comentar mais e querer achar origens dificeis de encontrar.

O que nesse ano lectivo me enchia a fantasia era o espirito revolucionario dos rapazes da republica e dos seus aderentes e os progressos e a repercussão da minha academia que alargou o seu ambito e procurava maior expansão.

Soberana ilusão a dos 19 anos! Como o meio seculo que passou transformou

tudo: a mocidade escolar, hoje tão diferente e o modesto estudante de então que é o velho ceptico que isto escreve...

Vamos, pois, ver os trabalhos da academia:

Antes do começo dos trabalhos aprovou-se o regulamento interno e nova organização docente, isto é, alterou-se o numero das cadeiras que ficaram assim distribuídas:[1]

I Grupo: Jurisprudencia:

1ª: Direito natural

2ª: " romano

3ª: " publico, administrativo e constitucional

4ª: Direito civil e processo civil

5ª: " penal

6ª: Economia politica e finanças.

II Grupo: Historia e Literatura:

1ª: Historia portuguesa

2ª: " antiga e Idade-media

3ª: " moderna

4ª: Literatura portuguesa

---

(1) Ver atraz pag. 202 e 210.

5ª: Literatura antiga e da Idade-media
6ª: " moderna.

Desapareceram, já me não lembro por que motivo, as cadeiras de Medicina, e ampliou-se o numero das de Direito e das de Historia e Literatura. E como o Manuel Augusto Martins ia sair de Coimbra, foi eleito com o nome de Presidente-reitor o José Maria Dias Ferrão.

E assim, em 19 de Novembro, realisou-se a primª sessão do ano lectivo ou académico de 1899-1900 com o concurso de Albano de Seiça Moncada á 4ª cadeira ou seja do Direito civil e processo. A dissertação era sobre a Não retroactividade das leis e nela argumentaram o Mario Duque e o José Ferrão. Foi aprovado nemine mas com 10 valores.

A 3 de Dezembro seguinte, nova sessão dividida em duas partes: na primª parte discutiu-se uma consulta apresentada por José Ferrão (1); na segunda parte procedeu-se ao acto de Licenciado de Artur Hintze Ribeiro Nunes.

Não encontrei entre os papeis o novo

(1) Não encontro a consulta. Perdeu-se.

regulamento nas faculdades - nos de que a organização era calcada sobre a universitária e os novos candidatos teriam de passar pelo acto de licenciado &c. depois se apresentarem ás teses, etc.

Pois o primeiro que se abalançou á licenciatura foi o Artur Nunes, concorrente á segunda secção; a dissertação tinha por título: Influencia para Portugal da independencia do Brasil em que eu fui arguente. Teve que defender tres pontos: um para a 2ª cadeira: Guerras medicas em que argumentou o Mario Duque; outro para 3ª cadeira: Independencia dos Estados-Unidos em q. foi arguente o Alvaro Moncada; e o terceiro para a 4ª cadeira: Escola provençal em Portugal em que argumentou o José Ferrão. Foi aprovado nemine discrepante com 14 valores.

Este Artur Nunes já aqui falado e de quem ainda falarei muito, era mais um rapaz que se atraía e se experimentava. Espirito liberal, desenfreiado, é certo; mas mostrou adaptar-se, porem, ao ambiente.

Outro que se procurou atraír foi o estudante de Direito Adriano Vieira Coelho de quem já atraz falei. Intelligente, trabalhador,

com facilid.e de argumentador, em breve mos-
trou o que viria depois a ser. Concorreu á
I Secção, de Jurisprudencia e realisou-se o
acto de licenciatura a 14 de Dezembro.

A dissertação tratava da Liberdade de
Imprensa e foi arguente Arthur M. Ribeiro
Nunes; o ponto p.a a 1.ª cadeira era: Concep-
ção da sociedade em que eu fui arguente; o
ponto para a 2.ª cadeira: Religiões romana e in-
fluencia social em q.e foi arguente o Mario Du-
que; e o ponto para a 4.ª cadeira: Os gregos na
Peninsula Iberica foi arguimentado pelo José
Ferrão. No fim foi aprovado nemine discre-
pante, com 13 valores.

Nesta sessão de 14 de Dezembro resolveu
se organizar estatutos e foram escolhidos para
isso o Mario Duque e eu.

Seguiu-se em 17 do mesmo mês de
Dezembro o acto de licenciado do estudante de
Direito Luis Martins, concorrente tambem á
I Secção. Apresentou dissertação: Codificação
em Portugal que foi discutida pelo José Ferrão.
Os pontos foram: p.o a 1.ª cadeira: A sociedade
como organismo em que eu argumentei; para
a 2.ª cadeira: Destino do Direito Romano depois
da queda do Imperio em que foi arguente o Ma-

rio Duque; e para a 4ª cadeira: Os romanos na Peninsula Iberica em q. devia argumentar o Alvaro Moncada mas, por doença, substituído pelo José Ferrão. Foi aprovado simplicitér com 9 valores.

Seguiu-se depois, não sei em que data porque nos apontamentos guardados não a encontro, o Mario Soares Duque que requereu acto de licenciado — não me lembro já por que razão.

A dissertação tinha por titulo: O casam.to no antigo direito de Roma que foi discutida pelo Adriano Vieira Coelho. Os pontos foram: para a 1ª cadeira: Os agregados sociais: família, etc. em q. argumentou o Luis Martins; para a 3ª cadeira: Centralização e descentralização administrativa e pódes dos capitães politicos e administrativos em que argumentou o José Ferrão; e ponto para a mesma cadeira: Historia das nossas constituições politicas e divisão dos poderes nas Constituições de 1822, 26 e 38 em que eu argumentei. Foi aprovado plenine com 15 valores.

E pronto!... Não encontro mais quais quer sinais da actividade academica. Não eu

tretanto, pelo que aí fica que está copiado das notas que ia tomando no tempo, logo a seguir aos trabalhos (e por consequencia veridicas) — vê-se que se procurava fazer qualquer coisa de util e, ao mesmo tempo, não deixávamos os creditos por mãos alheias.

Estavamos aptos para discutir tudo! E ainda hoje me admiro como eu me atrevia a discutir assuntos p.ª que não estava, evidentemente, preparado. Era a boa vontade e o entusiasmo pela empresa que me levava aquele descaramento; o que eu não queria é que a academia acabasse.

A dificuld.ᵉ maior estava no recrutamento ou adesões. Os rapazes, em regra, troçavam quando se falava na academia; a escolha era sempre cautelosa, pois não queriamos intromissões de barulhentos ou trocistas. Todavia neste 2.º ano tivémos a mais tres rapazes que não entrariam com grande sinceridade no quadro mas lá foram com cara alegre e por lá passáram sem novidade. Quero crer, até, que alguma coisa ganhariam com a passagem e a convivencia alegre dos outros não só debaixo do aspecto da cultura como do aspecto politico.

Eram esses rapazes:

Arthur Plácido Ribeiro Nunes, de quem já falei atraz a pag. 114 e de quem terei ainda de falar muito mais.

Adriano Vieira Coelho de quem tambem atraz falei suficientemente.

Luis Martins, bom rapaz e moderado, estava no 4º ano de Direito; era natural de Coimbra, filho dum negociante de pecas e molhados na Praça do Comercio. Inteligente, mas pouco culto; formou-se depois dum curso regular e morreu muito novo não me lembro já de que doença. Tinha a alcunha, mas sei porque, de Pisonga. Possuia boas qualidades de caracter; era amigo dele e merecia a amizade dos outros.

Ainda possuo o seu requerimento p. ser admitido, bem como dos outros. Abstenho-me com outra documentação curiosa da minha vida.

Esta academia merecia, realmente, uma historia mais minuciosa. Foi, de facto, um extraordinariamente curioso e possivelmente inédito no meio academico de Coimbra. A memoria, porem, não me dá já os pormenores necessarios para essa historia; e

se não conservasse tantas notas tomadas na ocasião, ser-me-ia estremamente difícil deixar aqui o que deixei escrito.

Com o acto do Mario Duque houve suspensão de trabalhos; não me recordo já porque essa suspensão se deu tão cedo, certamente em Janeiro de 1900. As minhas notas não acusam qualquer outra actividade e, no fim do ano lectivo como deixei de pertencer á academia por ir para a Escola do Exercito, ninguem mais se preocupou com tal tarefa — e a academia morreu.

O ano lectivo seguiu normalmente quanto aos estudos oficiais o que corresponde a dizer que mantive a mesma cabulice do ano anterior, entremeada com literatices embora mais brandas.

Ha desse periodo umas cartas com pretensões a literarias, dirigidas ao Mario Duque e ao Costa Ferreira e mais alguma versalhada em que aparecem vilancetes galantes feitos por desfastio, a quererem lembrar, com forma ingénua e simples os vilancetes camoneanos. Quanto ás cartas, teem seus ares superiores, com prosa a querer ser eru

dita e conceituosa... Bons tempos! Conservo toda esta epistolografia em volume m.to citado já a que dei o nome de Pecados velhos.

Entrei neste ano lectivo para a Associação Academica. Fui proposto pelo José Ferrão e aprovado em sessão de 15 de Março de 1900. Guardo o oficio em que me é comunicada a admissão assinado pelo infeliz Francisco Martins Grilo, secretario da associação, com quem depois lidei muito em trabalhos maçonicos — no que ele era praxista consumado.

E a proposito, vou contar um caso que não deixa de ser curioso. E' claro que paguei sempre as quotas da Associação até deixar de ser socio quando fui para a Escola do Exercito. Passados anos, em 1906-1907, quando me matriculei novamente na Universidade fui á Associação declarar que desejava continuar sócio; percorrendo as então modestas instalações notei um grande quadro numa parede que vi ser um Quadro de honra dos socios que pagáram integralmente as suas quotas... Achei estranho o caso e qual não foi o meu espanto quando vi que nesse quadro havia apenas uma escassa meia

duzia de nomes entre os quais o meu...
O quadro seria estimulo que não deu grande resultado: apenas escassa meia-duzia, entre milhares de rapazes que por lá passáram teve o cuidado de ficar em dia com as quotas mensais...

Ainda existirá esse quadro? Que belo documento não seria para a historia da Academia conimbricense!

E assim correu o tempo. E ainda me lembro bem de que nessa altura me lancei a ler os Miseraveis de Vitor Hugo e ainda tenho presente a impressão que me causáram os capitulos relativos á revolução de 1830, os episodios das barricadas, e principalmente o da casaca vermelha do velho. Tudo me veiu sacudir o antigo entusiasmo por todos os actos de emancipação. Lembro-me de que esses episodios foram lidos em dias de calor e eu me estirava numa cadeira de lôna, no quarto, deliciado com o heroismo dos revolucionarios.

Eram os variados avós a lutarem no meu pobre sangue contraditorio; mas desta vêz não eram os Bustorffes que levávam a melhor...

Quando se aproximou o verão e as tardes começáram a crescer, eu e o José Sobral e mais um ou outro, démos grandes passeios a pé, muitas vezes pela encosta dos Torins até ao Picoto, nesse altura para a nomeada de hoje, conhecido apenas pelo nome de Picoto dos Barbados.

Era, então, um deserto. Havia a velha estrada que dos Torins levava á Carapinheira da Serra, á Cova do Ouro, ao Seareiro; e nessa velha estrada, ao chegar ao planalto, existia apenas uma casa térrea, do mestre de obras Benjamim Ventura, no meio dum terreno que o dono ajardinou e encheu de arvores para recreio de familia e para a reunião dum grupo de amigos que, de vez em quando, lá ia fazer uma patuscada.

Esse grupo passou a chamar-se Grupo dos Barbados e daí o popularizar-se o local com a designação de Picoto dos Barbados — designação que, a pouco e pouco, com as modificações feitas posteriormente foi desaparecendo até voltar á simplicidade do antigo nome que era apenas de Picoto.

Ora na casa do Benjamim Ventura na parede que deitava para o caminho ha-

via uma especie de alminhas com um painel de S.to Antonio, em azulejo; e por baixo um orificio p.a caixa de esmolas por intenção das almas do Purgatorio. Esse orificio dava para o interior da casa e, quando o Grupo dos Barbados se reunia, abria-se a caixa e recolhia-se a soma que a crudelidade do povo que por ali passava ia deixando moeda a moeda.

E' claro que a importancia encontrada era, em regra, mais do que suficiente para pagar a proxima patuscada. E assim os Barbados se foram divertindo á custa do pobre serrano que confiava no bom taumaturgo que guardava as alminhas.

Esse grupo era chefiado pelo dito Benjamim Ventura, homem intelixente, com qualidades de artista, discipulo de Antonio Augusto Gonçalves nos primeiros tempos da Escola Livre; bom entalhador e mestre de obras mas de caracter um tanto ou quanto fraco.

Entravam no grupo varios artista de que me não lembro e o José Pinto de Meira, meu condiscipulo no Liceu e se formou depois em Medicina, em 1907, salvo erro e seguiu p.a o quadro medico do Ultramar onde contrain a tuberculose de que veiu a morrer rela-

vivamente novo. Tinha começado a vida como estucador, como o pai, um belissimo artista que modelava correctamente e era homem considerado m.to serio.

E assim se celebrisou o Picôto até o dr. Manuel Braga tomar conta daquilo e querer, com o Torres Garcia, fazer estancia de turismo — hoje mais ou menos abandonado.

Ora neste ano lectivo tambem se deu um caso que, embora em ambito academico restrito, não deixarei de contar porque o principal figurante foi um rapaz que depois teve nome e ficou marcado como um dos martires da ocupação angolana.

Refiro-me ao Sebastião Roby morto numa cilada durante a campanha de 1915 no sul de Angola, ao tempo capitão de Infantaria. O nome completo era, lembro-me bem, Sebastião Luis Faria Machado Pinto Roby de Mirando Pereira, nome de que ele fazia certo luxo.

Era excelente rapaz, e estava matriculado em Algebra e Geometria Descritiva, preparatorios para a Escola do Exercito; mui-

to preocupado com a sua fidalguia, era no entretanto, delicado, simpático e afável, sempre aprumado era de capa e batina ou fardado de soldado de Infantaria nº 8. Era de Braga, e morava no velho palácio de Tenfias, rodeado de tradições e preconceitos.

Os rapazes que se davam com ele riam-se uma vez por outra, para a brincadeira o tamanho do nome e as preocupações heráldicas da casa de Tenfias; ele defendia-se com delicadeza e aprumo e fazia ver que esses ridículos vinham de quem não compreendia o valor da nobreza, etc. etc. E' claro que a discussão, aliás sempre correcta, redundava em brincadeira.

Ora aconteceu que um dia o Artur Hintze Rib.º Nunes que era muito garoto, caçoou de mais acerca da casa de Tenfias; e como era 2º sarg.º de Artelharia, a caçoada foi talvez um pouco além do que devia ir, se atendermos á bondade do Roby e á sua correcção de maneiras. Este aprumou-se e como era soldado fez saber ao Artur, 2º sargento, que estava abusando da sua superioridade militar e que pedia licença para se queixar superiormente. O Artur que

andava habitualmente com um chicotinho que tinha nesse momento na mão, deu com ele nas botas do Roby e disse qualquer coisa de que não tenho a certeza e voltou as costas e saiu da casa que era na rua do Loureiro, á direita de quem desce.

Esta cêna foi presenciada por outros rapazes entre os quais o Bivar Salgado e o Casimiro Barreto Ferraz Bachetti que lhe vi. saíram da cabeça a ideia da queixa oficial contra o 2º sargento Artur Nunes. Mas o Roby sinceramente ofendido principalmente pelas ofensas á casa de Bemfica, e á chicotada nas botas, não desistia de qualquer desforço e, como fidalgo que era, recorreu então a um duelo.

Os rapazes presentes entreolharam-se e viram logo um pretexto para brincadeira e aprovaram com certo calor e louvaram a atitude briosa e corajosa do Roby. E o duelo ficou resolvido.

Separado a reunião, fomos logo dizer ao Artur Nunes que iria ser desafiado e lançaram-se as bases da brincadeira em que o bom Sebastião Roby, coitado, de boa fé e cheio das suas grosarias de fidalguia

iria cair ingénuamente, é certo, mas com toda a gathardia.

A' noite, o Artur foi procurado por mim e pelo Salgado que solenemente lhe participámos o desafio e que esperávamos, no dia seguinte, as testemunhas que ele indicasse. O Artur pediu ao José Carlos Pereira de Carvalho e ao Casimiro Sacchetti para o apadrinharem — e tudo isto se fez com as formalidades usuais q. fomos estudar em um codigo de duelos que não sei já quem emprestou.

Na verdade, no dia imediato, reunimos-nos os quatro na casa do José Carlos, ao cimo da rua do Loureiro, sentados á volta duma mêsa redonda e arquitectamos logo a comédia com todo o cuidado e minucia. O duelo teria de ser á pistola porque á espada seria perigoso e a tiro era facil o erigano; o Artur, com a sua habilidade manual prontificou-se a fabricar as balas com pão para duas pistolas que meu Pai tinha dos tempos em que andava por montes e vales na construção de linhas telegraficas do distrito e que eu lhe pedi. E para dar tempo a que tudo se arranjasse bem, o duelo fi-

com marcado para o dia seguinte, à tarde, na Quinta da Guarda Inglesa de meu Tio José Caetano — quinta que, no alto, tinha uma explanada excelente fóra das vistas indiscretas.

Nessa reunião ficaram-se todas as coisas entre elas a experiencia das balas que na verdade teriam de ser feitas com o maior cuidado. Arranjou-se uma caixa com pequena quantidade de cartuchos a que se tiraram as balas e se substituiram por pasta amassada com tinta ou graxa; e foram experimentadas no quintal da casa de meu Pai que quiz verificar se haveria alguem ferido — pois achando graça á partida, não quiz qualquer responsabilidade por ter sofrestado as pistolas.

A experiencia fez-se contra alvo de papel de seda colocado a pouca distancia da marcada para os contendores e verificou-se no fim de tres tiros, que o papel não acusava qualquer sinal. Estavam, pois, salvas as responsabilidades!

Ora na reunião em casa do José Carlos, fez-se a devida acta e depois, cada grupo de testemunhas foi comunicar ao seu constí-

Ficou o que se resolvera. A acta, por curiosidade, aqui fica copiada; o original está arquivado nas caixas das cartas recebidas:

«Aos quatorze de Maio de mil novecentos nesta mesma cidade de Coimbra, na rua do Loureiro número cinquenta e seis, ás sete horas da tarde, os abaixo assinados Augusto Bivar Xavier de Azevedo Salgado e Belisario Pinto Pimenta como representantes do Ex.mo Sr. Sebastião Luis de Faria Machado Pinto Roby de Miranda Pereira; e Casimiro Barreto Sacchetti e José Carlos Pereira de Carvalho como representantes do Ex.mo Sr. Arthur Hintze Ribeiro Nunes, reuniram-se para liquidar uma pendencia de honra entre os seus constituintes.

«Depois de apresentados os documentos exigidos em taes circunstancias e de serem reconhecidos conformes, declararam os dois primeiros signatarios que o seu constituinte fôra provocado pelo Ex.mo Sr. Arthur Hintze Ribeiro Nunes por meio de uma vergastada nas faces e em seguida por uma carta muito pouco cortez que lhe foi dirigida, já por ser escrita em papel comer-

cial, já pela expressão: Espero que a cobardia o não faça rejeitar um unico meio de se restituir aos meus olhos que este Snr. lhe escreveu e de que se julgava agravado.

«Os dois ultimos signatarios igualm.te declaráram que o seu constituinte se julgava ofendido pelo Tenente Snr. Sebastião Luis de Faria Machado Pinto Roby de Miranda Pereira por este Snr. lhe responder a uma carta brincadeira com um violento pontapé.

«Em seguida a isto reconheceram-se as ofensas dirigidas ao Tenente Snr. Sebastião Luis de Faria Machado Pinto Roby de Miranda Pereira como superiores ás de que foi alvo o Tenente Snr. Artur Steinze Ribeiro Nunes.

«Posto isto acordaram os signatarios nas seguintes condições:

«a) O combate será ao commandamento.

«b) A distancia entre os combatentes será de vinte passos.

«c) Trocar-se-ão duas balas medidas cinco segundos entre a voz de fogo e o ultimo sinal.

«d) O local do combate será na Quinta da Guarda Inglesa, na estrada do Alvaiade.

«e) Realisar-se-a o combate no dia

quinze de maio de mil e novecentos pelas cinco e meia horas da tarde.

« Estas condições foram ratificadas pelos constituintes dos signatários obrigando-se um e outro a cumpri-las conforme os preceitos da honra.

« A conferencia acima relatada concluí-se no mesmo dia quatorze de maio de mil e novecentos, ás 9 horas da noite.

« (aa) Augusto Bivar Xavier de Azevedo Salgado — Belisario Pinto Pimenta — Casimiro Barreto Sacchetti — José Carlos Pereira de Carvalho. »

E para que tudo fosse verosimil pedimos a um estabelecimento de armeiro na rua de Ferreira Borges um selo de caixa de balas, garantindo (porque se tratava de gente conhecida) que o duelo não passava de brincadeira inofensiva. Realmente o velho armeiro tinha numa gaveta restos de selos tirados a outras caixas e assim se deu exactidão possivel ao acto.

E' claro que os quatro padrinhos andáram sempre numa roda viva e soubémos que, neste intervalo, o Roby se mos

Trou sempre com dignidade; quando eu e o Salgado o procurámos, concordava com as nossas decisões; a parece que, como catholico fervoroso, passou o tempo em casa a fazer exame de consciencia para poder confessar-se na manhã do dia fatal.

Estivémos, a certa altura, para pôr as coisas a claro e dizer ao Roby a verdade; mas o Casimiro Bacchetti que o conhecia bem disse-nos que não fizéssemos tal, que o melhor era levar tudo até ao fim e não se dar conhecimento da brincadeira a ninguem. Ele, brioso como era, ficaria muito amuado e poderia fazer alguma asneira. E na verdade assim se fez; o caso ficou entre nós e de alguma coisa transpirou foi como duelo a valer que se não podia divulgar por os duelistas serem militares.

E o bom Sebastião Roby morreu levando a convicção de que tudo se passou a sério; quem sabe se, durante a dura campanha em que ficou, ele se lembraria desse troca de tiros na explanada da Guarda Fiscal?

Ora na tarde do dia marcado, lá estavamos todos na Guarda Fiscal, com as-

pecto macambusio; cumprimentamos-nos com certa cerimonia; os contendores saúdáram-se militarmente porque iam fardados. Subimos lentamente os caminhos da quinta e na explanada cumpriram-se as regras, marcáram-se os lugares dos duelistas e na presença deles arrancou-se o sêlo da caixa das balas e carregáram-se as pistolas, com solenidade.

Depois de cada um no seu lugar, o José Carlos, o mais bem falante de todos nós, ainda tentou congraçar os dois, mas sem resultado; e então o Roby puxou duma carta que entregou ao José Carlos, comovidamente, e pediu que a entregasse á Mãe se viésse a morrer ali... Apesar de tudo ser brincadeira, olhámos uns para os outros com certa comoção.

Deu-se, então, o sinal. O José Carlos bateu as palmas e o Roby que era miope, apontou e descarregou duas vezes a pistola. O Artur, é claro, impassivel! Seguiu-se a vêr deste: deu dois passos em frente, apontou, e desfechou contra o Roby que cruzara os braços e puzera os olhos no chão. Os tiros não acertaram... O pão negro das

balas desfizera-se no ar e deixára um cheiro esquisito de que outro que não fosse o bom Roby poderia desconfiar.

Os contendores ficáram nos seus lugares; e então o José Carlos avançou para o meio e com voz sonóra e solêne declarou a honra de Sebastião Roby perfeitamente ilibada, que ambos os contendores se manifestaram com brio e valor; e depois de exortação calorosa disse que não via razões para se não abraçarem e ficarem amigos como eram até ali.

O Arthur Nunes, é claro, industriado, correu logo para o Roby e abraçou-o; disse-lhe que, na verdade, ele fôra incorrecto, por garotice, mas lhe pedia desculpas, etc. etc. Nós quatro tambem os abraçámos efusivamente e, verdade, verdade, com alguma comoção por ver o Roby enternecido, com lagrimas nos olhos.

Descêmos para a estrada, alegremente e começámos a lembrar que tudo aquilo teria de terminar por uma ceia puxada a champagne; a meio caminho, o Roby já mais refeito da comoção natural, parou e declarou:

Foto da case
da R/do Lourenço

— Pois meus Amigos! Estão convidados para uma ceia em minha casa!

O convite foi acolhido com entusiasmo; e ao passarmos na ponte sobre o Mondego o José Carlos sem ninguem dar por isso lançou a caixa das balas para o rio que levava ainda certa corrente — não fosse o Roby lembrar-se de a pedir para recordação.

Realmente, daí a dias, houve ceia na casa da rua do Loureiro: ceia distinta, bem servida de comidas e bebidas que se prolongou pela noite com as inevitaveis consequencias que é escusado relembrar aqui. Guardo a ementa impressa junto da acta que atraz ficou transcrita, exemplar que, com certeza, hoje será unico.

E assim terminou o episodio que só tem valor por se tratar dum rapaz que já em moço mostrava o que viria a ser no correr da vida: homem serio, cheio de dignidade e boa fé, sempre brioso e capaz de se sacrificar — como se sacrificou pelo que ele entendia ser um dever imperioso.

Bom Sebastião Roby! Como me lembro dele muitas vêzes e o comparo, por oposição, com tantos outros! Bom, ingénuo e

digno Roby! Era homem de outros tempos que via o mundo pelos oculos da sua boa alma. Felizmente, os cinco companheiros nunca revelaram a brincadeira e ele morreu com a convicção de que se batêra a valer e salvára, naquela explanada da Quinta da Guarda Inglesa, a honra da velha e ilustre Casa de Enfias.

E o ano lectivo foi correndo e os exames surgiram... E eu, em dia de ponto para o exame de Quimica, aos 15 de Junho de 1900, tive o descaramento de fazer dois sonetos: um a querer dar a impressão do que era um dia de ponto, o dia fatidico; e não resisto a deixa-lo aqui copiado porque é um tanto ou quanto curioso:

Em dia de ponto:

Andar com um casaco já usado
E co'a gola p'ra cima levantada
P'ra não ver que a gravata foi tirada
E esconder o pescoço desnudado;

E andar com ar de condenado
Em chinelos de ourela entrançada;
Co'uma calça já velha e arrepaçada
E sem ter o cabelo penteado;

Com um ar triste, andando a passear
Sósinho, com um livro, a meditar
Pelo quarto acanhado, meio tonto;

Maldizendo estudo e professor
Da colica sofrendo a triste dôr...
E' isto a que se chama estar de ponto.

(15-Junho-1900)

O outro soneto, era dirigido ao Agapito Pedroso Rodrigues, sem graça nenhuma, mas em que havia um verso verdadeiro na primeira quadra: «E p'la Ciencia, em vão, em vão eu grito!...» Infelizmente era verdadeiro, isto é, correspondia inteiramente á verdade...

E aqui tenho que contar mais um outro episodio da vida academica que mostra como era feito, muitas vêzes, o julgamento dos alunos.

O caso foi este:

Tirava os preparatorios para a Escola do Exercito um rapaz Ernesto Luciano Torres, de Caminha, sobrinho e afilhado do Dr. Luciano Pereira da Silva, lente de Matematica. O rapaz era muito inteligente, mas cábula e todos se admiráram que na cadeira de Algebra Superior alcançasse a alta

classificação de grémio — não sei se justa se injusta. Na cadeira de Geometria descritiva, parece, de que era professor o Dr. Arzila da Fonseca não se distinguiu; e este professor opozera-se ao grémio em Algebra; daqui uma desavença com o Dr. Luciano e quando o Ernesto Torres fez o exame de Geometria não se aguentou muito bem e o Arzila ou com razão ou como represalia quiz reprova-lo.

A decisão teimou horas. Nós, nos Gerais, receiamos berrar lá dentro; um archeiro foi chamar o decano da Faculdade, de Reis o Reitor — até que finalmente a porta veiu com os examinandos aprovados menos discrepante com excepção do Ernesto Luciano Torres que veiu aprovado simpliciter, isto é, com o R. do Dr. Arzila. E por inconfidencia do bedel ou de um dos archeiros que foram chamados á sala, soube-se que o Dr. Arzila declarára que desde que o Ernesto Torres fôra aprovado, mais nenhum dos seus alunos ficaria reprovado.

Foi um gaudio para a rapaziada e eu, cabula como sempre, andava com medo; mas lá passei na cambulhada porque

Fine a parte de fazer o meu acto dias depois, aos 17 de Julho.

Este caso foi muito falado e, naturalmente, muito discutido. E o interessante é que o Ernesto Luciano Torres, no curso da Escola do Exército, era nada de distinguir; ficou, até, reprovado numa ou noutra cadeira (que repetiu em Outubro) e as classificações foram tão baixas que ficou no final do curso, no penultimo lugar.

Era bom rapaz, acreançado e, durante o curso, como não tinha habilidade para desenhos, era eu quem lhos fazia. Fomos bons amigos. Terminado o curso, foi colocado em Infant.ª nº 3, em Viana do Castelo onde em 1907 o fui encontrar quando estive em Valença do Minho. Casou lá e veio a morrer muito novo, tuberculoso e, segundo se murmurava, um pouco abandonado pelo Rio Doutor que era egoista 100% e só tratava de si.

Além deste acto de Geometria descritiva fiz o de Algebra Superior na classe de ordinario e lá passei. Fiz tambem os actos de Desenho, 2º ano, numa e noutra Facul-

dade; no acto do chamado Desenho Matemático, em 19 de Junho, fiquei distinto — a 1ª primeira e única distinção da minha vida escolar!

E assim fiquei com os preparatórios concluídos para entrar na Escola do Exército e até levava bagagem a mais; e como a graduação de cadete era, ao tempo, uma preferencia, requeri-a com a documentação necessaria entre a qual uma declaração (que guardo ainda) de meu Pai, que garantia um rendimento mensal superior a 7$500 reis.[1] Lembra-me de que essa documentação ainda custou muita elevada; mas a concessão da graduação tinha a vantagem de me dar garantias no caso de não entrar para a Escola do Ex.to e tal, como consequencia de fazer serviço regimental. Segundo a legislação em vigôr que parece vinha ainda do Conde de Lippe, o soldado cadete só fazia guardas á bandeira e ordens ao comando e para efeitos de alojamento tinha honras de oficial — o que dava certo aspecto de nobreza... Veio esta graduação em Ordem

---

(1) Arquivada nos meus papeis.

do Exercito nº. 15, 2ª parte, de 28 de Julho, transcrita em Ordem regimental de 31 do mes mo mês; e desde que tive conhecimento dis so, logo mandei pôr na manga direita da farda, o galão dourado com duas estrelas de cinco pontas.

As ferias, em parte, foram passadas na Guarda Inglesa, durante a ausencia no Gerez, de meu tio João Caetano da Silva; em parte na Figueira onde tinha a familia.

O Artur alunos para me dar certo des embaraço leram-me, algumas veres, ao picadeiro do seu quartel de Artelharia onde pratiquei bastante em montar com manta e silha, ao som dos estalos do pinpalim do ar rorado seu professor de equitação. Foram excelentes lições que pe no começo me des reáram os rins, habituaram-me em pou co á firmeza e ao equilibrio.

Em certa altura das férias, não me lembro já da data em q? isso foi, meu tio José Augusto Pimenta mandou dizer de Lisboa que eu fôra admitido á Escola do Exercito entre perto de 200 concorrentes a ti cára numero 18, pelo erro, na classifica- ção geral da entrada, devido não só ás di-

deiras a mais das exigidas que tinha da Universidade, mas principalmente ao grau de cadete que tinha alto coeficiente para a classificação de entrada.

Estava, pois, admitido na Escola do Exercito e a minha vida estava definitivam.te decidida.

Iria ser militar, oficial de Infantaria ou Cavalaria conforme calhasse e feliz defensôr da Patria...

E com a circunstancia especial de ir ~~começar~~ começar essa vida de sacrificio com o despontar do seculo XX, o seculo promissôr de mais luzes e de mais paz.

Foi tudo um engano, afinal, quer para a minha vida quer para o proprio seculo; ambos erramos o caminho... O seculo, então, errou-o estrondosamente, como se está vendo.

E lembro-me embora vagamente de que ás vezes meditava acerca do meu destino e pensava se teria decidido bem ou decidido mal. Mas essas meditações deviam ser confusas, indecisas, e deixava correr o tempo como quem só confia naquilo que o Povo resume nos ditos: «o que

"tem de ser, tem de ser» ou «o que tem de
"ser tem muita força...»

Era quase a teoria fatalista a perseguir-me e a dominar-me.

E assim foi.

Paz (Mafra):
11 - 29 de Outubro
1956.

VII

«Je vais m'efforcer, cependant, de ressaisir fidèlement mes souvenirs.»

G. Sand: Mauprat, cap. IV

E assim foi, realmente.

Em Outubro de 1900, quase ao findar do século XIX, classificado de estrupido, apresentei-me no quartel de Infantaria 23 e declarei desistir da licença registada porque fôra admitido á inspecção na Escola do Exercito. Deram-me guia de marcha para o dia 11 e deixei assim o regimento conimbricense ainda ressentido com a resolução de me lançar á vida militar.

Mas o impulso estava dado, não era já facil sustá-lo e nesse dia 11 larguei Coimbra e fui para Lisboa. Ia em minha companhia o Ernesto Luciano Torres (de quem já aqui

falei) ainda um pouco tímido, como rapaz que não saira da sua aldeia. Fomos para o hotel Universo, ao fundo da rua Nova do Carmo, e deram-nos um quarto na sucursal, já no recanto da rua do Príncipe.

Meu Pai apareceu depois para ultimar certos assuntos que implicavam dinheiro.

Já ia com a farda feita; faltava-me o boné que mandei fazer no Pinguinho Belo, do Rossio, lado oriental; o homem admirou-se da medida da minha cabeça e declarou q. com aquela medida (que era de 0,61) só lá tinha registada a do general José Estevão de Morais Sarmento. Era uma honra para a família...

Ora em 12 apresentamo-nos, eu e o Torres, na Escola e recebemos ordem para no dia seguinte comparecermos á Junta de Inspecção. Lá fomos e ficámos aprovados sem dificuld.e segundo parecer.

Era o dia 13...

E voltámos para o hotel á espera da resolução que só veio em 20, declarando-me admitido na Escola do Exercito e alistado ao efectivo do regim.to de Infantaria 23.

Enfim, depois de todas estas formalidades cumpridas, lá demos entrada definitiva na

Escola em 3 de Novembro e em fiquei instalado no quarto 32, rez-do-chão, do edifício central, com o Artur Heintze Ribeiro Nunes, o Augusto Rivas Salgado e um repetente do 1º ano António Simas, açoreano do Faial ou do Pico, que eu não conhecia mas era já das relações do Artur.

Figurei com o nº 84/511 da Companhia de Alunos, graduado em 1º sargento cadete (1) E foi isto no dia 3 de Novembro, como disse; mas o ano lectivo só começou em 11, dia de S. Martinho — e coube-me o nº 154 escolar.

De entrada, o ambiente tão diverso daquele a que até aí estava habituado, abateu-me um pouco: lembrava-me a frase de D. Francisco Manuel de Melo que eu lia muito e apreciava: « qualquer mudança causa estranheza » da Carta de Guia de Casados, salvo erro. Além disso, o regime de quartel desagradou-me — mas calei para comigo a estranheza e o desagrado e procurei adaptar-me, levado um pouco pela novidade de tudo o que me rodeava e que me sugeria mil e um outros comentários azedos.

---

(1) Ord. do Ex.to nº 26, 2ª serie, de 3.

Mas... a verdade é que o auditório era mau, intelectualmente inferior; a rapaziada, em que havia de tudo, desde meninos bonitos dos paços reais a pobres diabos de origem muito modesta e pouca educação, mostrava-se, de modo geral, ordinária, grosseira, egoísta. Como a escala de alferes, quando fossemos promovidos, dependia das classificações, a grande maioria não só se preocupava com as notas que ia adquirindo mas também com as dos outros principalmente daquelas que poderiam fazer sombra e passar à frente.

Muitos procuravam saber quem eram as pessoas que recomendavam aos professores; e acontecia até, quando algum rapaz de cunhas nota boa, desconfiar-se de que havia ali marosca de empenhoca.

Era desagradável tudo isto e manda a verdade que se diga que muitos professores se deixávam influenciar pelo empenho.

Havia frases sacramentais na tradição escolar relativas às recomendações que não reproduzo porque eram obscenas e a falta de sinceridade entre os condiscípulos era moeda corrente.

Havia quem tivesse tabela de nomes de individuos, politicos em geral, que eram boas recomendações para o corpo docente da Escola, com valores indicativos da importancia ou pêso que tinham. Assim, por exemplo, para o Cristovão Aires, a grande recomendação era a cunhada, D. Maria Amalia Vaz de Carvalho, cotada em 18 valores; e para esta a melhor recomendação era o Dr. Antonio Candido. Para o Oliveira Simões o grande empenho era o outro presidente do Ministerio, o Hintze Ribeiro, cotado em 19 valores... Etc. etc. Havia até uma formula matematica que se empregava para significar o empenho ou recomendação forte: PV = RT — cuja leitura tem o seu quê de obsceno e envolvia a honra de certas damas intermediarias dos pedidos. Não sei já bem o que significavam as duas primeiras letras que eram, por assim dizer, o resumo de todas as recomendações; mas era vulgar ouvir-se:

— Olha lá: Tu tens P.V. para Fulano?

Este Fulano era o nome de qualquer dos professores. Lembro-me, porem, da significação do 2º. termo daquela igualdade que por decencia não deixo aqui explicada.

Hoje, este ambiente, visto de lá 56 anos, é simplesmente desgraçado para não dar outro nome pior.

Os condiscípulos idos de Coimbra dis-tinguiam-se; uns de Lisboa e Porto havia grande número de verdadeiros carroceiros na linguagem, nos modos e nas relações com os outros. Tive, logo nas primeiras semanas, uma grande desilusão que calei intimamente e que levou a reduzir a convivência apenas aos companheiros de quarto e aos condiscípulos da Universidade.

Imaginava o Exército constituído por gente de outra ordem; se bem que notasse nos pares finos e bem educados, notava aliás que o seu aprumo moral não ia muito alto assim como o seu nível intelectual; e quanto aos outros, nem falar nisso: fiquei sempre com uma muito baixa impressão de certos rapazes do 2º ano como o Bastos Lopes, o João Rodrigues Baptista, o Ferreira do Amaral, o Barbeitos Pinto e outros verdadeiramente réles que queriam notabilizar-se pelas garotices baixas e maneiras grosseiras. E essa impressão nunca com o tempo se desfez.

Entre contemporaneos e condiscipulos tenho alguns que depois vingaram certo nome: o Alvaro Xavier de Castro, o Raul Estevens, o Henrique Pires Monteiro, o Tegas Ferreira Pinto Bastos (que foi tenente da Universidade) o Abilio Valdez de Passos e Sousa, o Helder Ribeiro, o Henrique Ferreira Lima, o Enrico Sampaio Sabino Pires, o Vitorino Guimarães, o Antonio Leite de Magalhães e Fernando Pais Teles de Utra Machado, governadores coloniais, etc.

De toda essa roda de rapazes que eu não conhecia, liguei-me, passados os meses de adaptação, com o Helder Ribeiro e com o Saturio Pires por afinidade de ideias, pois eramos republicanos já experimentados em questiuncelas academicas da Politecnica; com o Alvaro de Castro dei-me depois muito em Coimbra, no regimento 23; com o Pires Monteiro, embora mantivesse com ele boas relações, a amizade veio depois, aí por 1920 ou 1921 quando o general Pereira Bastos como Chefe do Estado-maior General me quiz nomear director do Arquivo Historico Militar; e com o Ferreira Lima, o melhor dos amigos, só me relacionei mais tarde

por intermedio do general Francisco Augusto Martins de Carvalho, por 1916, pois na Escola nunca lidámos e até não nos conheciamos.

Com os outros que acima cito, mantive sempre boas relações mas [redacted] sem intimidade.

E' claro que, com o tempo e com as afinidades de feitio ou proximidade dos lugares nas aulas e salas de trabalhos praticos e até no refeitorio, comecei a lidar com uns e outros se bem que essas relações nada se pareciam com as de Coimbra. Assim lidei mais de perto com o Mario Ribeiro de Meneses, visinho de quarto, e na mesa do refeitorio, com o Carlos Maria Sepulveda Veloso, brutamontes que foi para Cavalaria mas bom rapaz, com o Solano de Almeida, chamado «o homem fatal» — todos já desaparecidos — e outros mais q. neste momento me não ocorrem.

O regime escolar era bastante diferente do universitario: havia as aulas, os exames trimestrais escritos a que se chamávam vulgarmente <u>conferencias</u> não sei porquê; e trabalhos praticos, em salas, de topografia, balistica, tactica, etc. Terminadas as aulas

em Maio, seguiam-se trabalhos gráficos no campo e visitas a fabricas, escolas gráficas, etc. Todo este regime obedecia logo de entrada a plano fixo e assim, no começo do ano lectivo, já se sabia com precisão o que se teria de fazer até aos exames finais.

As cadeiras do 1º ano eram cinco: Organica militar, Balistica, Tactica geral, Fortificação passageira e Topografia. No 2º ano foram: Historia militar e Direito internacional, Balistica, Estrategia e tactica das armas, Fortificação permanente, Material de Artelharia e Quimica de explosivos.

Cadeiras de assuntos quase sempre áridos, sem grande interesse, especialmente as de Balistica, da Quimica de explosivos e, sobretudo, a de Material de Artelh.ª, soporifera como os demonios se não nos desforrasse com a leitura amena extra-escolar.

Quanto ao corpo docente... Havia de tudo, bom e mau.

O Cristovão Aires de Magalhães Sepulveda era figura de certo relevo, dado o seu nome de homem de letras, secretario geral da Academia de Ciencias, politico, etc. Dava as lições com agrado dos alunos, não se tornava

enfadonho, tinha azedume e era pessoa educada. Fiquei, porem, com a impressão que com o tempo se não desfêz, de que era bastante balofo e de que o seu prestígio de historiador não tinha o verdadeiro fundamento no saber consciente. Não sei que razões exteriores o elevaram tanto; possivelmente o parentesco proximo com D. Maria Amalia Vaz de Carvalho (de quem era cunhado) influisse com certo pêso; não sei, mas quero crer que me não engano muito no juizo que aqui deixo.

O capitão Teofilo Leal de Faria, professor de Balistica, nos dois anos, era homem serio, bondoso e justo. As suas lições eram dadas com probidade e correcção, com o unico defeito da monotonia da dicção — lenta e pouco variada.

O capitão de Cavalaria Bento da Fraça Pinto de Oliveira Salema de quem fiquei com a melhor impressão pela sua bondade e pela maneira clara e honesta com que dava as lições, era paciente, muito correcto, e incutia naturalmente simpatia que os rapazes lhe não recusaram — como aliás era de justiça salientar.

O Tenente-coronel de Artelh.ª Faliciano Bardalo-Pinheiro, homem já durazio, acima dos 50 anos, fardado, macambuzio, com fisionomia um pouco pomberia que the valeu a alcunha gostá pelos rapazes de «olho de pôrco», tinha poucas falas, apresentava-se com ar cançado e aborrecido, mas rodeava-o algum tanto o prestigio que the vinha do nome e da familia. Contarei adeante o caso que se deu comigo na aula dele e que me deixou certa gratidão p.ª com a sua memoria.

O capitão de Infantaria Artur da Costa Mendes de Almeida, elegante, bonita figura, ar distinto, dava as aulas como se estivesse numa sala a recitar poesias ou cantar arias com sua voz de baritono, em que parece era useiro e vezeiro. Escolhia certas frases de efeito que ficáram na memoria de algumas gerações como aquela de que agora me lembro quando recomendava nas esferas dos exercicios de Topografia no campo: «Os srs. alunos devem calçar as botas "maximas por causa dos insultos do mato» e outras queijandas. Era, afinal, um bom homem, incapaz de fazer mal. Apenas pretencioso e cuidadoso da sua boa figura.

O major de Cavalaria Fernando da Costa Maia, professor do 2º ano, com a aparencia de militarão não só pela figura como pela maneira de tratar os alunos, era um bom professor, compreensivo, sabedor e justo, homem culto, antigo jornalista, conviveu no Porto com a melhor roda de homens de letras e dessa convivencia lhe veiu, de certo, a forma literaria correcta que deu aos seus trabalhos. Quando morreu, novo ainda, com 51 anos, pouco depois de eu sair da Escola, escrevi umas laudas a seu respeito que me saíram sinceras e que em 1950 publiquei com ligeirissimas alterações (que eram necessárias) na revista O Tripeiro, do Porto.[1] Dispenso-me, pois, de aqui as copiar.

O capitão de Engenhª Luis Teixeira Cabral de Morais, transmontano, era pouco simpatico e velhaquete. Os rapazes embirrávam com ele e, na verdᵉ, nunca consegui saber bem o que ele era. Deixou-me más impressões, como em regra a todos os condiscipulos do tempo.

---

(1) A pag. 28-29 do nº 2, do vol. VI (5ª serie) de Junho daquele ano.

O tenente-cor.el João Segundo Adeodato de Rola Lobo, de Artelharia, professor da cadeira de Material, homem já de certa idade, sério, aprumado, tinha maneiras distintas. Os rapazes acrescentavam ao nome desta maneira: João Segundo Esquerdo Adeodato, etc. embora a sua rectidão não merecesse a partícula; mas era a natural tendencia da mocidade. O assunto da cadeira era tremendamente arido; e como a sua exposição era monotona, as aulas tornavam-se-me insuportaveis.

E finalmente o capitão de Artelh.a José Maria de Oliveira Simões, de quem adeante terei que falar mais. Muito sabedor, era mestre distinto, expunha bem, desembaraçadamente; mas como a cadeira tinha suas dificuldades porque em geral a nossa preparação em quimica era insuficiente, e ele exigia muito, a rapaziada tinha-lhe medo e certa má vontade.

Havia ainda uns adjuntos:

O capitão José Joaquim Mendes Leal de quem já falei, quando foi meu professor de Historia e Geografia.[1] Como o papel de

---

[1] A pag.s 91-92, 96 e 98 deste volume.

adjunto da 1ª cadeira era ensinar rudimentos de escrituração militar, os rapazes alcunhavam o professor que por lá passasse «o "chatinho dos papeis...» Apesar das antigas relações, guardou-me sempre a distancia, á distancia que ia dum capitão para um primeiro sargento. Depois, nunca mais o vi.

O capitão João Evangelista Pinto de Magalhães, «o caneco» de alcunha, não sei porquê, era oficial de Caçadores, intelligente, republicano e alta dignidade na Maçonaria. Bom homem, bonacheirão, tratou-me sempre muito bem; os rapazes é que, em regra, faziam pouco dele e quando podiam troça-lo, troçavam-no ás vezes descaradamente, como acontecia nos exercicios tacticos no campo de que ele era Director. Estes exercicios terminavam sempre por almoço que a escola mandava ao local; e nessa refeição havia certas liberdades que ele tinha não querer e tudo terminava em bem. Depois, muitos anos depois, já general e a comandar a Divisão em Coimbra, algumas vezes me chamou para conversas e desabafos de caracter politico — que se a vida lá chegar contarei a seu tempo.

Quanto ao internato, formava uma Companhia de Alunos, comand.do pelo capitão de Infant.e Afonso de Melo Perestrelo que tinha a alcunha de João Branco, alcunha q. segundo diz nas suas Memorias o falecido Gonçalo Pimenta de Castro, lhe foi posta pelos alunos do anos anteriores ao meu, por ser mau e ignorante, tal como «um carcerei-"ro feroz que houve na Relação do Porto» nos tempos de D. Miguel.(1) Era assistido por [redacted] subalternos, um dos quais o tenente Virgilio Varela, fôra combatente em Marraquêne e tinha qualquer gráu da Torre e Espada. O João Branco era politico, homem elegante, creio que deputado progressista, muito sensivel ás mulheres e aos pedidos que lhe faziam os rapazes bem relacionados, como o meu companheiro de quarto Artur, sobrinho do então presidente do Conselho, para quem se desfazia em atenções de que beneficiávamos todos os do quarto, é claro. Conta ainda o cit.o Pimenta de Castro que «fôra "muito protejido pela Monarquia, mas depois

---

(1) Gonçalo Pereira Pimenta de Castro: As Minhas Memorias, vol. III, pag. 177.

"passou a ultra-republicano" — o que eu acredito porque a impressão com que fiquei dele é a de que era o que vulgarmente se chama um estupôr.

Havia além do Tenente Varela, o Tenente Passanha, de Cavalaria, deputado progressista, homem imponente, muito preocupado com a sua pessoa, com grosserias de irresistível ás mulheres; bom tipo que parecia levar a vida sem preocupações, mas que afinal anos depois, se suicidou em Dio onde era governador.

Os outros dois subalternos, os tenentes Galeano e Ferreira (o Galeinhas de alcunha) eram creaturas insignificantes: o primeiro um parvo imperfeito sem razão para tal além de ser casado com senhora tagarella; o segundo, um pobre diabo sem personalidade que fazia grandes rapa-pés ao meu companheiro Artur Nunes porque queria ir para oficial de serviço no Colegio Militar, como, se me não engano foi; e quando saiu foi substituído pelo Tenente Alberto Salgado por alcunha o Matáka, por ter entrado na campanha de 1898 ~~---~~ ou 1899, em Moçambique contra o régulo Matáka. Era homem bilioso

pêço, com modos ás vêres bruscos, Varriava-se pouco simpatico.

Estes oficiais mantinham, mesmo a verdade que se diga, as melhores relações com os rapazes; fechávam os olhos a muita coisa mas ao mesmo tempo as formaturas e certas formalidades militares eram maçadoras. Os corredores, que eram pois, dois em cada edificio, tinham o seu chefe ou comandante, sempre o mais antigo de todos; o do meu corredôr, no 1º. anno, era o Vasconcelos e Sá, o autor da celebre canção da Margarida vai á fonte; estava no 2º. anno de Cavalaria, era rapaz correcto, fino, mas um pouco sobranceiro, já consciente da sua celebridade.

A vida no internato tinha os seus grãos desagradaveis. Uma das tradições (creio que eram tradições...) era o roubo de um ou outro objecto necessario que se podia existir no quarto de algum visinho. Eu tinha tudo fechado mas um dia dei por falta da navalha de barba que estava na gaveta da mesa de cabeceira; houvera pois arrombamento ou abertura com chave falsa ou igual. Não sei já como cheguei a saber que o responsavel do 2º. anno de Cavalaria, Carlos Alvares Pereira, fôra o

autor da brincadeira. Procurei-o no quarto. Ele, simplesmente, calculando as razões da minha visita, disse com o ar mais natural virando duma gaveta a navalha roubada:

— Você desculpe... É que eu precisava de fazer a barba e não ~~[illegible]~~ tinha agora a minha...

Eu peguei na navalha e voltei as costas. Este cavalheiro era piolhoso, tinha a cara cheia de borbulhas e dizia-se descendente do Condestável... Tive de mandar desinfectar a navalha e afia-la de novo.

E como este caso, muitos.

Lapis, réguas, livros escolares, tinteiros, eram objectos preferidos. E toda esta roubalheira era coberta com a palavra tradições.

Havia também o vicio do jogo, principalmente com a bolota. Nalguns quartos, os esconderijos em que se notabilizavam os ambiciosos alunos do Colegio Militar, defendiam o mais honradamente possivel alguns inpénios que caiam em arriscar as mesadas. Em frente do meu quarto havia uma dessas esplanadas, no quarto dos irmãos Gorjão de Moura, de Cavalaria, ambiciosos meninos da Luz, quarto que chegou a tornar-se suspeito aos oficiais de dia.

Tudo isto me provocava uma ou outra reacção — não diferente era o ambiente que, francam.te, não julgava encontrar assim.

Uma dessas reacções conservei-a na. dum soneto que acho curioso deixar aqui transcrito:

Lamentações dum aluno da E.E.

Antes ser eu miseravel cavadôr
Ou então miseravel jornaleiro:
Que vai trabalhando o dia todo inteiro
A cavar na terra com amor;

Antes ser um fadista, um artelheiro,
Ou ir para o Brasil ou ser doutôr;
Antes ser aprendiz de entalhador
Ou então um pensante de bombeiro;

Antes ser um faxina, um municipal,
Antes ser arlequim, clown, jogral
Ou domador de feras afamado;

Antes ser a maior cavalgadura,
Antes ser bacharel ou formatura
Que um 1º. sargento graduado!

Este soneto, bem incorrecto, feito aos 4 de Dezembro de 1900, ainda antes de um mês de internato, foi bem aquilo a que hoje se chama uma evasão. E quero crer, a cinquenta e tal anos de distancia, que foi um grito sincero de arrependimento.

Era, porem, já tarde.

Quanto a estudos... era o mesmo cábula de Coimbra, muito irregular na aplicação, mais atento a leituras e trabalhos extra-escolares do que, propriamente, aos da obrigação. Mas lá ia arrastando melhor ou piór a vida, mais ou menos sem saborão, sem grande adaptação ao ambiente. Mas... tinha de ser! Os exercicios militares eram-me desagradaveis e, de entrada, não fui capaz de perceber bem o que se chamava a tactica abstracta; e quando me cabia a vêz de fazer de sargento, havia sempre asneira.

Lembro-me de que, numa ocasião destas, valeu-me o Saturio Pires que era chefe-de-fila e me ensinava as vozes q. teria de dar. E o que são as coisas deste mundo! Depois, em subalterno, era mestre naquela gigajoga da tactica abstracta, quem sabe se como conse-

coerência do meu feitio metódico, ordenado e de certo rigor.

Mas, como disse, continuava cábula e os exames trimestrais ou conferências como vulgarmente se chamavam, eram verdadeiramente o calcanhar. Inventavam-se processos para levar elementos auxiliares a que se chamavam cábulas e perdia-se tempo precioso a estudar esses processos, tempo que seria melhor aproveitado no verdadeiro estudo.

Eu, confesso, não fugi á regra e, dado o meu temperamento metódico, organizava cábulas muito perfeitas mas que umas vêzes se perdiam, outras não eram aproveitadas, conforme a vigilância exercida pelo professor. Assim, as notas que tinha eram em regra baixas e muitas vezes inferiores a 10 valores.

Passava as aulas, em regra, a ler qualquer livro, geralmente romance. Lembro-me de que me fez impressão a leitura de Os salteadores de Schiller, em tradução francesa; lembro-me de que me embrenhei em Balzac, e até num dos seus livros, a Eugenie Grandet, no final, escrevi a seguinte verba: «Acabei de ler este livro a 4 de Fe-

"vereiro de 1902, na aula da 7ª Cadeira, Ma-
"terial de Artelharia, sendo o anniversario do
"nascimento do nosso imortal João Baptista
"de Almeida Garrett, o que fez as Viagens na
"minha terra.» Li tambem muitas outras
obras em que os autores se misturávam sem
cerimonia.

E depois, a minha falta de atenção ou
distracção que tanto me prejudicára no Liceu
e na Universidᵉ ocasionava episodios curio-
sos de que ainda me lembro e que, já agora,
vou aqui contar.

Uma vêz, numa conferencia da 3ª ca-
deira, tactica geral, com o bom Pinto da Fran-
ça, um dos pontos era: «combate do batalhão
enquadrado.» Eu ficára isolado, numa car-
teira perto da mêsa do professôr; não podia
trocar qualquer palavra com algum visinho e
fiquei-me a pensar que o ponto era exquisito;
combate do batalhão em quadrado! coisa de que
me não lembrava ter visto nos compendios
ou nos regulamentos.

Mas, enfim, se o ponto pedia é porque
se poderia fazer; e comecei eu a arquitectar
uma resposta, um tanto vaga, fugindo a por-
menores, evitando entrar no assunto; e re-

correndo quanto possivel á torrente litteraria, evoquei o quadrado dos Atoleiros, o quadrado de Xenofonte com os seus dez mil bravos, os quadrados de Waterloo; e com o espaço e o tempo occupados por estas evocações, deixei em branco o verdadeiro assunto. Quando sairam as notas, vi que merecera 8 valores, o que me não admirou pois logo que o exame acabou e trocei impressões com os condiscipulos, vi a asneira em que caí e, devo dizer, os 8 valores ainda eram muitos para quem não respondeu á pergunta.

Quando, na conferencia seguinte, entreguei o caderno, o Barão de França, muito amavelmente, com ares paternaes, perguntou-me se eu percebera bem o ponto; não me tardou já do que teria respondido e elle então explicou:

— E' que o seu ultimo exame não respondia ao que era pedido e se lhe dei 8 valores foi pela forma litteraria que deu á resposta e pelos conhecimentos historicos que mostrou. Decerto estava distraído ... etc. etc.

Bom homem e comprehensivo. E a seguir deu-me conselhos e incitamentos com palavras amaveis.

Outra vêz, numa conferencia de topografia com o Mendes de Almeida, o ponto pedia qualquer operação de triangulação de que eu andava quase em branco. Não consegui servir-me das cábulas e lancei-me a fazer prosa mais ou menos literaria sobre as vantagens da triangulação, evoquei o sabio Aragô (Francisco) e a medição do meridiano terrestre e vali-me das Aventuras de tres russos e tres ingleses, de Julio Verne, para dissertar acerca de trabalhos géodesicos. Enfim, enchi paginas do caderno com a minha boa letra e prosa pretenciosa e entreguei tudo ao professor com a maior despreocupação.

E' claro que não esperava grande nota e fiquei satisfeito quando vi no quadro respectivo do atrio da Escola que mereci um mais de que modesto 6. Ainda foi favôr...

Na conferencia seguinte, ao entregar o caderno não me lembro já com que assunto, o Mendes de Almeida com sorriso amavel perguntou-me:

— Desta vêz, qual foi o romance de Julio Verne que lhe serviu para encher o caderno?

Como me não lembrasse logo do caso do outro exame, fiquei um pouco enleado; mas ele acudiu com o mesmo sorriso amarel:

— É' que o sr. aluno, na ultima conferencia, limitou-se a resumir as Aventuras de Tres russos e Tres inglezes e fê-lo com habilidade e boa forma literaria que mereceram os 6 valores que lhe dei. Por isso é que lhe perguntó agora qual o romance de Julio Verne que preferiu...

Não garanto, evidentemente, que as palavras fossem estas, mas não deveriam andar muito longe das que aqui ficam. Passados anos, em 1919, quando estive no Porto com um batalhão de ocupação a seguir á Monarquia do Paiva Couceiro, encontrei-o num electrico. Falei-lhe, disse-lhe quem era e na conversa veiu á baila o caso da conferencia com o que ele ainda se riu dizendo que [redacted] se recordava do episodio.

Doutra vêz, com o major Fernando Maia deu-se um caso que já contei em artigo da revista O Trifeiro e ao qual já me referi atraz. Não referirei.

Ainda outra vez... Foi com o Ven.te coronel Feliciano Bordalo Pinheiro, na aula de Fortificação passageira; apanhei 14 valores, caso raríssimo em toda a m.a vida escolar. Tratava-se, em certo dia, de canhoneiras, assunto, por tradição, dado aos engenheiros e artilheiros; chamados dois rapazes, [redacted] curso comum de Engenh.a e Artilharia, estenderam-se; o mestre zangou-se e, com gesto brusco, abriu a caderneta ao acaso e disse secamente:

— O sr. n.o 154!

Levantei-me, surpreso, é claro; e quando descia a escada da coxia, perguntou-me com quase medo:

— O sr. sabe traçar uma canhoneira?

Disse-lhe que sim. Desci, apaguei no grande quadro de lousa os gatafunhos que os outros deixáram e comecei com a régua e o esquadro a fazer, perante.te, o traçado duma canhoneira normal ao mesmo tempo que ia dizendo as regras da construção. O Bordalo Pinheiro estava de costas, amuado; o desastre dos engenheiros que quebráram a tradição aborrecera-o e certamente temia a vingança dum candidato de Infantaria e Cavalaria.

Quando acabei o traçado, lancei rajadas de sombras com as regras da projecção da luz e no fim disse-lhe:

— Pronto, sr. tenente-coronel!

O tenente-coronel voltou-se desconfiado. Olhou... fixou com atenção: na verdade, a canhoneira estava viva, saliente; as sombras davam-lhe grande relevo. Mudou de expressão, ruiu-se de alto a baixo e disse-me já amavelmente:

— Sabe traçar uma canhoneira empenada?

— Sei, sr. ten.te-coronel.

Apaguei o desenho e recomecei a outra, falando do mesmo modo, mas já debaixo dos olhares dele. Era mestre de fortificação mas era também Bordalo Pinheiro e não podia ficar indiferente a um desenho bem feito. Ainda não tinha acabado este segundo traçado, deu a hora; o oficial de serviço abriu a porta, mas o mestre ficou no mesmo até eu acabar o desenho. Quando acabei disse-me com afectuosidade um «muito bem! "muito bem!» e mandou sair. Cá fora, a rapaziada rodeou-me, com palmadas nas costas e o curso de Engenharia e Arquitectura

afastou-se cabisbaixo. Quando veiu a pauta, tinha marcados 14 valores o que, para o Bordalo Pinheiro, muito parco em notas, era classificação alta. O oficial de serviço que assistiu ao final da aula, disse-me á tarde que o professôr lhe disséra que me teria dado 16 valores se não fosse o estenderete dos engenheiros. Criterio curioso de que já fôra vitima, no Liceu de Coimbra, como contei, no exame de Literatura.

Foi este o grande dia para mim durante o ano e a maior nota que tirei nas aulas em todo o curso. Perante esta nota poder-se-ha duvidar da minha afirmação de cábula feita anteriormente. A explicação é, porem, simples. Gostei sempre muito de Geometria Descritiva e este caso das canhoneiras era problema de projecções que em regra eu ensinava ou ajudava a resolver aos meus companheiros de quarto. Deu-se até o caso de, na vespera desta lição, eu lhes ter exposto com facilidade e certa redundancia de larachas a construção das canhoneiras e lembro-me bem de que nos deitámos com tranquilid.e porque a tradição era chamar os engenheiros e arbetheiros e os dois compa-

alheiros contentaram-se com a simples compreensão do problema. Não lia, pois, mentira da mª parte; o seu estudo era muito irregular e era regra superficial.

Onde triunfava e onde me vingava era nos trabalhos chamados «das salas», nos desenhos topograficos, nos graficos das grandes unidades, nos cortes das espingardas para explicação do seu funcionamento, etc. etc. E até tinha tempo de fazer os trabalhos do Ernesto Luciano Torres que para desenhos era verdadeiramente azêlha e ajudar um ou outro que mais necessitasse e de quem me não lembro já.

Quando acabávam as aulas, seguiam-se os chamados trabalhos de campo. Na cerca da Escola abriam-se trincheiras, na serra de Monsanto faziam-se levantamentos expeditos, visitavam-se fabricas de material, ou de polvora e explosivos, passávam-se quinze dias em Tancos a observar os pontoneiros e os serviços varios de Engenharia; e este periodo terminava sempre por um exercicio de quadros na serra de Alfragide, entre Queluz e a Senhora da Rocha e Linda a Pastora dirigido pelo professôr adjunto João Guan-

gelista Pinto de Magalhães, o Caneco. Estes exercicios acabávam por almoço no recinto da romaria á Senhora da Rocha de Carnaxide onde havia umas grandes mêsas.

A refeição era alegre, sempre, como é natural; e o Pinto de Magalhães, a certa altura, familiarizava-se com os rapazes que no fim cantavam em côro dirigido pelo João Duarte Bemfeito, qualquer musica em voga, com letra improvisada que o atingia brejeiramente.

Bocados agradaveis que se não repetem na vida facilmente.

Com este Pinto de Magalhães, com quem, como se vê, os rapazes por vezes debicávam, aconteceu que um dia na Escola, ao desmanchar de um exercicio de Infantaria, o Mario de Meneses e outro que me não lembro já quem era, julgando o instrutor afastado, desciam a rampa que levava á arrecadação do armam.to já muito á vontade e cantarolando:

«O Caneco e mais a amiga
Fizeram uma patuscada...»

A quadra, porem, não acabou porque os dois ouviram, de cima da parada, o Pinto de Magalhães encostado á grade que dominava a rampa, dizer com o seu ar bonacheirão:

— Oh sr. Menezes! ... Deixe estar que eu lhe darei o Carneco e mais a amiga ... Deixe estar ...

O Menezes ficou aborrecido porque era rapaz educado, incapaz de qualquer incorrecção; os outros riram-se á pocapa ... E afinal o Magalhães apenas queria ruído; no seu intimo até, quero crer, acharia graça e o caso passava em julgado.

Depois de tudo isto, vinham os exames. E nessa altura exacerbávam-se certas pequenas vícios que havia quase imanentes no ambiente escolar. Eu, embora não fosse supersticioso, sem querer, deixei-me levar na onda e cumpria, por ex.º, o costume de a mesma roupa que se levava ao primeiro acto ser a que se levava a todos os outros ... Como o tempo era quente, naturalmente a roupa, nos ultimos actos, não devia já estar muito limpa, não me lembro já — mas era assim mesmo.

Sem querer, era dificil fugir ao preconceito geral.

Os exames, ou actos, vinham sempre quatro dias de intervalo se se não contasse o Domingo porque então o intervalo ia a cinco;

Escola do Exercito

Companhia d'alumnos.

Concedida

A. [illegible]

cap. inf.

Pede dispensa do jantar d'amanhã o alumno n.º 84/511, Belisario Pimenta por desejar passar o dia com sua familia.

Lisboa - 7 de Dezembro de 1900

Belisario Pimenta

n.º 84/511

tirava-se ponto na vespera, cada ponto para dois alunos e assim se chegava ao final do ano lectivo.

A minha frequencia era, repito, irregular. Nas aulas mal equilibrei os 10 valores da tangente; o que me fazia subir eram os trabalhos praticos e tanto que fiquei no 2º ano, na classificação, mais ou menos a meio do curso, altura que mantive até á saída da Escola e q. continuou, por consequencia, na escala geral dos oficiais da arma. Poderia citar o proverbio latino In medio virtus e assim me aguentei sempre, no meio, pela vida fóra.

De toda a minha frequencia deixei quadros pormenorizados no volume relativo á minha vida militar. Aí ficou todo o estendal da minha cábula.

No final do curso, no ultimo exame, ia havendo desastre.

Tratava-se da 8ª cadeira, vulgarmente chamada de Explosivos de que era professor, como já disse, o oficial de Artelhª José Maria de Oliveira Simões, bom professor mas exigente. Eu tive certa dificuldª na cadeira porque quase tudo exigia conhecimentos de quimica organica em que era muito fraco; em uma

chamada estudi- que a Vive 8 valores; nas conferencias que foram duas não consegui mais do que 10 valores; faltei aos exercícios de laboratório — de modo que ia para o exame com média baixa — que era o mesmo que dizer que ia com má frequência.

Eu conversa, no quarto, com o Artur Nunes, outro meu único companheiro [illegible] que o Salgado perdera o ano e o António Simões casára-se, muitas vêzes falámos em reprovação certa pois estava convencido de que não [illegible] seria capaz de me preparar a tempo e em termos de compensar a falta da frequência. O Artur ia muito ver a casa do Tio Ernesto, outro presidente do Ministério e contava certas partidas alegres e um ou outro episódio da vida escolar e de tal modo que, quer o Tio quer a esposa, D. Joana Chaves, mostraram desejos de me conhecer. Eu fingia que não fazia o convite e o Artur sabendo bem o meu feitio não insistia e só ocasionalmente falava no caso uma vez por outra, quando calhava.

Ora quando o exame se aproximava e eu via que os Explosivos é que me tinham não levar o curso limpo, o Artur disse

rua, um dia, á queima-roupa, ao negros. par de casa dos Rios:

— Sabes que meu Rio perguntou se tu estavas em boa situação para os exames? Como tinhas a frequencia e se necessitavas de alguma recomendação?

— Estás a falar a sério?

— Estou. E eu contei-lhe a tua situação na cadeira de Explosivos, explicada, é claro, cá á nossa moda... Ele mostrou-se interessado e minha tia ainda mais e fiquei encarregado de procurar o Oliveira Simões e de lhe dizer que meu Rio teria muito interesse em que terminasses o curso com brevidade... E eu vou, realmente, falar-lhe uns dias antes do exame.

Eu fiquei-me a olhar... Então o Heintze Ribeiro, o olimpico Heintze Ribeiro, interessava-se assim por mim? No primeiro impeto ainda disse ao Artur que lhe agradecesse em meu nome mas que não me recomendasse ao Oliveira Simões; o Artur protestou, chamou-me burro...

E eu, pensando um pouco, cheguei a concordar... E deixei correr, como aliás era meu costume.

Nas vesperas, o Artur foi procurar o Oliv.ª Simões que, ao receber o recado, declarou que os desejos do chefe eram ordens e aconselhou a que me dissésse, como coisa dele, Artur, que estudasse eu bem o ponto e me preparasse para a chamada «parte vaga». Estava, pois, de antemão preparado para uma evidente aprovação — e eu, descuidadamente fui-lhe fazendo um soneto no proprio dia do ponto que calhou a 2 de Agosto, pisado sobre outro de Bocage. Ei-lo, já agora:

«Amigo O. Simões, cuidas q. é barro
Este ponto estopante com q. berro?
Um nigromante me transforme em pêrro
Se ha coisa pior ou mais danáda!

Ele faz com com q. ande encolicada
Esta coisa que no peito encerro;
O sossêgo e o bem de mim desterro
Quando lhe lanço a mão contrariada.

De estudar pouco, enfim, eu não me corro;
Mas isto já me vai cheirando a esturro
Pois o ponto é pior que um cachorro!

Oliveira Simões não sejas burro!
Amanhã não me chumbes senão morro.
Ou dás-me a aprovação ou dou-te um murro!

Isto não fez mal a ninguem... O que poderia era atrazar o estudo do ponto.

Ora eu dava-me com um rapaz açoreano, de Engenharia, chamado Francisco de Assis Coelho Borges a quem puzeram a alcunha de Papuss por causa da pêra que usava no genero da do celebre mistificadôr da epoca. Contei-lhe, em conversa, numa tarde, a minha situação e o receio do exame mesmo com recomendação forte; ele então ofereceu-se para me dar nas vesperas uma ensaboadela sobre a parte vaga e outra sobre o ponto. E assim foi.

O Assis (como era mais conhecido) deu-me umas explicações sobre as generalidades, explicações tão perfeitas que fiquei com ideia mais clara do que a adquirida durante o ano lectivo, na aula. E no dia do ponto deu-me não só a explicação necessaria dele como o colocou no quadro geral daquele ramo dos conhecimentos. Auxilio precioso como se calcula e no exame apresentei-

me tranquilo e ao expôr o ponto, conforme era de uso na cadeira, fi-lo com certa segurança, pautadamente; e, quando havia motivo, derivava para casos gerais relacionados com o ponto (conforme as indicações do Assis) — o que deu a impressão ao juri de que estava relativamente seguro no assunto e levava ás vezes o Oliv.ª Simões a dizer amavelmente que voltasse ao ponto, pois não era obrigatoria a derivação para a parte vaga.

Enfim, consegui (não sei como!) triunfar com certa admiração dos condiscipulos e em especial do Artur, e muita satisfação do Assis Coelho Borges que viu a semente bem frutificada. No final da hora, o Oliveira Simões disse um «muito satisfeito» e na pauta apareceram 13 valores!

Na verdade, o exame em si talvez valesse mais; o pior eram os antecedentes e se atendermos a esses antecedentes não se pode dizer que o Oliv.ª Simões não foi generoso. E foi, na verdade; e tanto que lhe fui agradecer a casa — e sinceramente.

Mas o episodio não fica por aqui.

Meu tio Francisco de Assis Pimenta era, ao tempo, capelão do Conde de [redacted] Cabral

e costumava ser parceiro ao jogo, em casa do Sleitze Ribeiro, nessa altura numa casa de campo daquele titular em Algés. Quase todas as noites meu Tio lá ia; e com o jogo vinha á conversa acerca de varios assuntos.

Ora numa noite, exactamente na vespera deste exame de Explosivos, o Sleitze Ribeiro disse a meu Tio com alguma ar de censura amavel:

— Então o sr. P.e Francisco vai com soberinho pra Escola do Exercito, companheiro de quarto dum soberinho meu e nunca me disse qualquer coisa? Amanhã faz ele o ultimo exame do curso...

Meu Tio ficou enleado.

Este meu Tio Francisco foi destinado pelos Pais para a vida eclesiastica; fez o seu curso no Seminario de Coimbra onde tomou ordens; depois formou-se em Direito e entrou não sei por que influencias, entrou como capelão do Marquês da Foz, na altura em todo o seu fastigio no palacio dos Restauradores, e tambem como preceptor do filho do Marquês. Relacionou-se, assim, com a alta finança e a alta politica. Como o filho do Marquês, futuro Conde da Foz, fizesse o curso de Agrono-

mia, meu tio, para o acompanhar, tambem fez o curso e depois foram lá fóra, não sei aonde, tirar um curso de especialização gronomica.

Ora no palacio havia uma «mademoiselle» francesa para ensino de linguas ao rapaz; meu tio aproveitava tambem as lições e daí nasceu ligação tal que o Marquês amavelmente mandou embora a dama e, como isto coincidia com o declinio do seu fastigio, aproveitou para endossar o capelão ao Conde de Cabral. Era isto o que se dizia á bôca pequena e que, vá lá!, tinha todos os vizos de verdade.

E manda a verd.e que se diga que meu tio tomou conta da «mademoiselle» com a devida discrição; e até por sua morte, em 1914 foi a herdeira dos papeis de credito que possuia e que ainda somavam, se me não engano, cerca de uns 20 contos.

Depois, como vagasse o cargo de director da repartição do Cofre geral (creio que era este o nome) no Ministerio da Fazenda, e dadas as boas relações com o então ministro, o conselh.º Matoso dos Santos, meu tio foi nomeado e lá esteve até á morte.

Com todas estas relações e dada a sua situação no funcionalismo, este meu Tio não ligava muita importancia ao sobrinho republicano; eu é que, de vêr em quando, o procurava no Ministerio onde me recebia cá fóra, numa especie de ante-câmara em que não havia cadeiras, como quem não queria que os subordinados soubessem do parentesco e fizessem máu juiso acerca dos seus sentimentos conservadores.

Ora compreende-se como a observação amigavel do Hintze Ribeiro o teria deixado bastante surpreendido e até certo ponto comprometido. O presidente do Ministerio mostrava-se interessado por mim e a esposa, a D. Joana Chaves, tinha palavras de certo carinho para com o rebelde e ele, irmão do Pai, ignorava tudo! Foi um verdadeiro entalão.

Não sei o que ele respondeu; o que sei é que, a meio do meu exame, numa das vêzes que olhei p.ª a sala, vi-o, a uma porta do corredôr de comunicação, a espreitar; no final do acto, como podia sair, fui falar-lhe e fiquei admirado do interesse que mostrou por mim — pois só depois, pelo Artur Nunes que

me contou os antecedentes, é que compreendi o que se passára.

Quando veiu a classificação e vi os 13 valores, disse naturalmente a meu Pai que tinha que ir agradecer ao Silveira Ribeiro a paciência e atenção que mostrou; ele agarrou logo a ocasião e ofereceu-se para me acompanhar e, de facto, no dia seguinte lá fomos os dois a Algés mas com a sorte, para mim, de não encontrar em casa nem o presidente do Governo nem a esposa; ficáram bilhetes de visita e... pronto. Depois, pelo Arthur, fiz saber o meu agradecimento, etc. etc. e o Arthur contou-me que é tarde do dia do exame, o Silveira Ribeiro se não esqueceu de perguntar para a Escola o resultado.

E acabou assim a história dos Vereiros «Explosivos.»

Este Arthur Nunes era um bom companheiro. Não tinha grande inteligencia, não tinha cultura geral, mas estudava o seu bocado e com o Pai na presidencia do Governo lá ia aguentando regularmente o curso de Cavalaria.

Durante o curso enamorou-se de uma rapariga que morava no rez-do-chão

do Campo de Santana, filha duma senhora da família Deslandes; essa senhora, depois de viuva, teve esta filha, produto dum amores clandestinos. A rapariga era bonita, elegante e fina; mas a família dele fez com q. o namoro acabasse pelo facto dela ser filha espuria — o que, para a grosseria dos Plintzes representava uma nodoa.

No dia em que o Vio ministro o chamou e lhe fôz o ultimatum, apareceu-me na Escola com as feições transtornadas, os olhos um pouco inchados, com a cabeça perdida. Queria-me contar a conversa e desabafar, mas não ali, no quarto da Escola; jantámos dispensa do jantar e fomos jantar ao Francez do Campo de Santana, onde então me desfiou toda a historia, por entre lagrimas sinceras. Conversámos amenamente, em voz baixa porque havia outros freguezes; e eu não encontrei modos de o consolar pois na verd.e ele estava muito enleiçado pela rapariga que era, de facto, muito interessante. Lembro-me bem dessa tarde, no verão, e da comoção revelada por ele que nem queria que contasse alguma coisa e me ficou na memoria com tristeza.

Mas, enfim... tudo se remedeia neste mundo. Ele, o Artur, veiu a casar depois e muito bem, em Torres Novas; e ela, a Manuela Deslandes, tambem veiu a casar com um rapaz oficial de marinha. Mas quando nos encontrávamos, depois de largarmos a Escola do Ex.to, a rapariga vinha sempre á colação e, diga-se a verdade, com verdadeira saudade.

Falei acima no Trancoso do Campo de Santana. Era um retiro curioso que nós frequentávamos muito e acerca do qual eu escrevi em 1905, numa noite em que estava de serviço no quartel de Infantaria n.º 23, umas paginas de recordação que ficam aqui, nestas memorias, muito bem entermeadas.

O Trancoso do Campo de S.ta Ana.

«Hoje, quando jantava só no quarto da minha companhia, vendo pela janela a chuva que caía com insistencia sobre a rua encharcada, eu tive vagamente umas lembranças longinquas dos meus tempos da Escola do Exercito.

«Porquê, não sei.

«A' minha memoria vinham sucessivamente, com a comodidade de um homem bem jantado, umas lembranças desses bons tempos e, enquanto comia e na indolencia com que bebia, a pequenos traços, um copo do Regional, lembrei-me de tanta coisa! Os meus dois anos do curso, o meu companheiro de quarto, o Hintze, os professores, alguns condiscipulos, o Francoso...

«Ah! mas o Francoso... morreu!

«Esta ideia assaltou-me de repente; no verão passado, no Luso, ouvira-o dizer a um oficial reformado que o conhecia:

«— O Francoso morrera!...

«Fôra numa ceia alegre. No intervalo dumas anedotas que obrigavam ao riso franco, ouvira a nova, lançada como nódoa em pano fino. Mas não se estava em alturas de recordações tristes; e a lembrança desagradavel do velho Francoso amortalhado, passára tão rapida como os brindes sucessivos que se faziam sob a acção estimulante dum arremedo de champagne fabricado nos arredores. Hoje, porem, não sei como nem porquê, acudiu-me á lembrança saudosa

desse bom velhote de mistura com tantas outras lembranças dos meus dois anos da Escola.

«Zozinho, no quarto do quartel, a ver cair a chuva, tive uma vaga (se bem valer que injustificada) saudade dessa época que se passou relativamente rapida por entre a cábula irredutivel, ás colicas e a empanturramento desenfreada; e o bom do velho apareceu-me mais simpatico ainda, com a sua barba branca cuidada, com os seus bons modos efeminados.

«Tive a vaga impressão do abandono, do carinho da velhice. Ela tres anos! Ela quatro anos!...

«Ah, bom velhote! Como hoje a tua memoria simpatica me veio trazer saudades e tristezas! Nenhum rapaz, quem sabe! soube da tua morte; os do tempo talvez nem te recordem já e certamente que nenhum seria capaz de derramar uma lagrima por ti...

«Tudo passa. A memoria é muito mau arquivo.

«Por isso eu vou traçando neste jornal o que a memoria e as impressões re-

jam capazes de reproduzir. Nos meus primeiros tempos da Escola, era vulgar os caloiros do 1º ano não se amoldarem muito bem á corrida obrigatória; os almoços de amarelo ou logaritmos, os jantares de oração e de outros jogos cujo nome de baptismo me não recorda já, não eram dos mais queridos. Só meses, depois do jantar, saíamos para terminar a refeição em qualquer parte.

«Ora nos primeiros tempos, quando se dava este caso, eu ouvia falar vagamente pelas bancadas no nome do Francoso.

«— Vamos ao Francoso... dizia-se aqui e ali.

«Eu não sabia quem era o Francoso. E tanto ouvi falar nele que um dia decidi-me a desvendar esse mistério.

«— Precisâmos de saber quem diabo é esse Francoso, dizia eu para o meu companheiro de quarto, aluno condiscípulo na Universidade que, pelo parentesco proximo com o presidente do Conselho de Ministros, todos tratavam por Oliveira em homenagem paga já ao nome do estadista desprezando o de Nunes, o nome honradissimo mas banal do Pai.

«— Vamos amanhã almoçar lá, combinámos logo, de pedra e cal.

«E fomos.

«Saídos pela porta do picadeiro (de passagem proíbida), cosidos com a parede para se não ver o nosso uniforme de serviço interno — lá descêmos ao Campo de Santana. Numa das primeiras portas, á esquerda, de um grande prédio, havia qualquer coisa pendurada num ferro como taboleta anunciando o que se fazia lá dentro. Ao chegar a essa porta o Hintze (lá vai a admiração dos grandes nomes) entrou e disse-me:

«— Cá estamos no Francoso!

«Estavamos, realmente, no Francoso! A pequena casa onde entrámos era uma coisa que se não qualificava facilmente; uns armarios, umas prateleiras, um caixote com carvão, uma mistura, enfim, de dispensa e casa de lixo que não agradava por aí alem; e a seguir a cosinha.

«A cosinha era tudo: vulgar, é verdade, com o mesmo fogão, a mesma chaminé, a mesma mesa, os mesmos alguidares que todas as outras teem; mas ao mesmo tempo com duas personagens — que é como quem

diz dois cosinheiros — pouco e pouco vulgares. Eram o Francoso e a digna consorte.

«Ah, bom Francoso! Nunca me esquecerá a impressão que tive ao ver-te! Eras alto, forte, rosto efeminado, olhos macios, ternos; suissas brancas cuidadosamente cofiadas; avental grande, irrepreensivel; as mangas branquissimas da camissa com umas dobras, mostravam pudicamente um pouco dos pulsos cabeludos. Eras o tipo perfeito do bom velhote, parrana, até mesmo não te rales!...

«Tinha umas falas mansas, repassadas de uma extrema amabilidade; uns gestos equivocos de delicadeza que fariam a um bom observador, desconfiar do seu sexo. Dava-nos umas excelencias muito compridas de tal modo que nós tinhamos o apetite de o abraçar.

«A consorte era uma mulher gorda, pouco, pouco alta, cara energica e modos decididos: era o homem da casa. Era ela quem dirigia tudo, quem fazia os trócos, quem dizia os menús quem, enfim, punha e dispunha! Ás vezes discutia com o marido coisas futeis, ridiculas; ora um ovo mal estre

lado, ora uma costeleta mal temperada... Mas ele, o bom velhote, inalteravelmente, mexendo e remexendo as caçarolas, provando as panelas, dizia-lhe meigamente, conciliadoramente:

«— Deixa lá, mulher, deixa lá...

«A seguir á cosinha é que era a casa de jantar: uma casa estreita, dois degráos abaixo, com duas janelas altas, ao fundo, pelas quais se via uma perspectiva bem triste: uns anexos da Escola. Ao meio, duas mêsas de marmore, juntas, com bancos pequenos em volta; um Seculo, um Diario de Noticias e... eis o que era «o Francoso», essa instituição onde comeram umas gerações de rapazes, hoje conselheiros, generais, lentes, ministros!...

«O Francoso era pouco, muito pouco, mesmo, como se vê; mas para quem liga alguma consideração pelo passado, quem tem olhos para ver o tempo que passou como estudante, o Francoso era muito, era mesmo muitissimo! Oh! quantas vêzes eu e o meu companheiro de quarto, o inseparavel amigo não iamos para lá, quando alguma coisa nos apoquentava, algum desgosto, quan-

to mais não fosse algum estenderete!... E quantas vêres, abancados ao fundo da mêsa, do lado das janelas, comendo uns apetitosos bifes ou umas saborosissimas costeletas, bebendo com economia e sobriedade um explendido vinho branco, nós não conversámos em coisas sérias, em coisas importantes da nossa vida?

«Uma vêr até — lembro-me como se fosse hoje! — tivémos uma conversa tão séria que de certo nos não esquecerá tão cedo, no meio de tanta coisa do mundo.[1]

«E o bom Francoso, forçando a sua gordura abdominal, lá ia curvado sobre o fogão, provando, reprovando, mexendo, remexendo, enquanto a mulher se indignáva com algum vintem falso ou com alguma varina que carregava de mais nos preços.

«— Deixa lá, mulher, deixa lá!

«Era sempre o mesmo paciente, o mesmo filosofico homem.

«Quando terminámos o curso (o Hintze e eu) fômos lá celebrar um dia tão solene. Houve champagne (oferecido) vinhos finos e

---

[1] Ver atraz, pag. 363.

doces; e o que foi esse alegre jantar não é facil dize-lo.

« Foi convidado um comum amigo, o Andrade[1], um explendido rapaz com explendido caracter; e os tres, abancados, sem querer saber dos outros comensais — empregados publicos, solicitadores, um oficial reformado por incapacid.e moral — nós só pensávamos que aquela perspectiva amavel do quartel — e apontávamos altivamente os anexos pelas janelas abertas — não mais nos seria familiar, não mais nos seria comum.

« Como pode pois esquecer o Francoso, o bom parrana, esse adoravel velho, a quem já passou por bocados assim? Agora, aqui metido entre as quatro paredes velhas dum quarto de quartel, amarrado á obrigação de uma vida sem atrativos que não seja o das charlateiras em tarde de musica nos jardins, é que nós sabemos quanto valem estes excelentes bocados, certos dias como aquele, inegualaveis, em que nós, erguendo um brinde entusiastico ao Francoso, ele, com as lagrimas nos olhos, respondeu com voz cortada:

---

(1) Antonio Lopes Rebelo de Andrade.

«Oh meus cadetes!... Sejam felizes, sejam felizes!... Não os tornarei a ver...

«E abraçára-nos com enternecimento de pai, deixando estragar uma fritada de ovos mexidos, sobre uma frigideira no fogão a escaldar.

«— Deixa lá, mulher, deixa lá!... dizia ele, não querendo ouvir a voz inflexível da consorte que o chamava ao dever.

«— Viva o Francoso! Francoso!

«— Oh Francoso!...

«O champagne mostrava o que valia e o Francoso chorava.

«De facto, nunca mais o tornei a ver. Nunca mais lá voltei.

«E há cem anos, ao ouvir a nova da morte do velho cozinheiro, eu senti a falta de insubstituível daquela creatura.

«Ah bom Francoso!

«Quantos conselheiros, professores, literatos, políticos, ministros, não foram ao teu salão comer os teus ovos fritos, os teus bifes, as boas costeletas, quando eram rapazes, como eu fui também? Quantos?

«Pois nenhum deles para quem frigiste os ovos e picaste os bifes tenros e macios

será hoje capaz, ao saber da tua morte triste, de derramar sentidamente uma pequenina lagrima de saudade!

«Coimbra — 28 de Outubro de 1905.»

*

Houve um episodio, durante o curso, que deu que falar e causou sustos nas esferas superiores: foi a chamada «gréve do café.»

Pouco depois do toque da alvorada havia formatura para se ir tomar o café ou chá com pão e manteiga no refeitório recentemente construído em frente do internato. Em certo dia, a 3 de Dezembro de 1901, um dos rapazes atrazou-se um pouco, chegou ao refeitório já nós estavamos sentados. O oficial de dia se me não engano o tenente Salema, tomou-lhe o numero, disse qualquer coisa desagradavel e deu parte no relatório a ponto de haver procedimento embora leve.

Nós não gostávamos do Salema e este acto foi comentado e censurado com a natural vivacidade de rapazes. Desses comentarios e censuras nasceu a ideia de, no dia seguinte, ninguem ir ao café — que,

aliás, não era obrigatorio. De facto, ás formaturas não faltou ninguem; mas ao toque de «avançar» sairam do internato apenas os seis chefes dos corredores que entregáram as minutas, na parada, ao oficial de dia (que me não lembro já quem era) e voltaram para os quartos.

O oficial de dia ficou atonito. Perguntou aos seis rapazes que se afastavam o que aquilo queria dizer; a resposta foi de que ninguem queria tomar café... O tenente mandou chamar o comand.te da companhia de alunos, o João Branco; este consultou o 2º comandante da Escola que era o Jaime Leitão de Castro; o caso transpirou até ao Ministerio e de tudo isto, depois do almoço, saiu ordem de detenção para todos os alunos.

A' tarde, depois do jantar, na parada, houve certa algazarra; formáram-se danças de roda; na visinhança constou que havia insubordinação... Levantou-se auto da ocorrencia e em 7 do mês saiu ordem da Escola com a decisão do comandante que era então o Conde de Bomfim, um bom velhote que raras vezes aparecia e quando o fazia era sempre de sobrecasaca e chapeu alto.

A ordem que tinha o nº 266, depois do prólogo da praxe, considerava a falta á refeição do café como uma «manifestação colectiva de caracter reprovados pelas leis» etc. etc. e distribuia 8 dias de prisão disciplinar ao soldado Aurelio de Azevedo Cruz por qualquer garotice a mais; 8 dias de detenção em casa apropriada aos chefes dos carradores; 8 dias de detenção simples a um que, como o Aurelio Cruz, praticaram disturbios e 4 dias de detenção a todos os outros.

Vim, por consequencia, também quatro dias de detenção.(1) Foi a minha primeira punição que ficou na caderneta de praça de pré. Esta caderneta, como relíquia preciosa, entreguei-a no Arquivo Histórico Militar onde fica ao dispôr de futuros investigadores se algum dia alguem se interessar por bagatelas desta qualidade.

Devo acrescentar que Vim depois outro dia de detenção em 19 de Fevereiro seguinte devido a participação do Tenente Virgilio Varela não sei já porquê. Lá ficou também na ca-

---

(1) A ordem nº 266 que consegui arranjar, está guardada junto aos outros documentos.

derneta para atestar aos vindouros a grandeza do meu comportamento...

E já agora... Sempre contaria um caso picaresco, não por ele mas para se ver como se fazia justiça.

Pelas alturas dos festejos de S.to Antonio no nosso 2.º ano, eu e o Artur Nunes subiamos pacatamente para a Escola, pela rua da Palma, S. Lazaro, largo do Mastro, quando tivémos a ideia de comprar umas bombinhas inofensivas para as deitar na parada, por desfastio, antes do recolher.

Mas, não me lembro já por qual motivo, guardámos as bombinhas para as lançar, mais tarde, pela meia-noite, por partida verdadeiram.te sem maldade. E assim se fez. Pela meia-noite, estava a Escola toda em silencio; nas janelas da maior parte dos quartos havia luz; e nós, em meias, para não fazer barulho, fomos ás janelas da casa de banho, do outro lado do edificio, soltámos fogo com mecha, atirámos as bombas para a parada e recolhemos rapidamente ao quarto sem sermos presentidos. Mal fechávamos a porta, sem ruido, as bombinhas rebentá-

ram uma atraz da outra... Sentiu-se certo reboliço nos quartos, janelas que se abriam, vozes dum lado para o outro e quase a seguir passos no corredor.

Nós para não fazermos excepção, tambem fomos á porta e perguntamos o que havia a outros rapazes que apareceram com cara de caso.

Nisto o oficial de dia que era o Ferreira, o Calcinhas apareceu aflito, verdadeiramente enrascado, farejando já algum atentado anarquista. O que foi, o que não foi e o pobre diabo do Ferreira a querer localizar os culpados pelo lixeiro cheiro de polvora que se espalhou, não sei como, pelo nosso edificio. Por fim tudo serenou e nós dormimos sossegadamente e bem dispostos com a inofensiva partida.

No dia seguinte, porem, aparece-nos o Mario Meneses, nosso visinho de quarto, um pouco exaltado, a dizer que o Calcinhas estava a levantar auto contra ele e os companheiros de quarto, porque concluiu pelo cheiro, que as bombas foram lançadas do quarto deles; e vinha saber se não seriamos nós os autores da brincadeira.

Nós tranquilizamo-lo, dissemos que o Calcinhas era estupido, que ele afirmára aquilo apenas por ameáça, etc. Mas depois do Meneses sair resolvêmos ir por o caso a claro e acabar com as suspeitas parvas do oficial de dia. Fardámos-nos convenientemente e iamos a caminho do quarto do dito oficial quando o Artur parou e me disse isto mais coisa menos coisa:

— Ora ouve lá: se vamos os dois ficâmos naturalmente apanhados porque o Calcinhas é enrascado e não tem coraçem pa encobrir o caso. Se fôr só eu, como ele quer ir para o Colegio Militar e eu já pedi a meu tio, o homem, vais ver, põe pedra no assunto e acaba-se a historia.

Discutimos um bocado e eu acabei por concordar. E, meu dito meu feito: daí a pouco chegou o Artur ao quarto, a rir, e a contar mais ou menos por estas palavras:

— Que dizia eu? O homem já estava a levantar auto, furibundo. Mas quando eu lhe disse que fôra o autor da brincadeira, ele mudou de expressão e começou a rir e a dizer que os rapazes são o demonio. Eu contei o caso com pormenores que na ocasião me

viéram á ideia e ele riu sempre... Uns figurões! E não se fala mais em bombas... O que ele quer é ir para o Colegio etc.

O assunto ficou arrumado. Mais tarde, nesse dia ou no dia seguinte, encontrando-me com o Calcinhas, este deu-me uma pancadinha no ombro e disse-me:

— Vocês são levados da bréca!...

Afinal, um pobre diabo sem personalidade para lhe não chamar estupôr.

E assim se passaram dois anos, um pouco aos encontrões, com alguns bocados alegres, é certo, mas com muitos aborrecimentos e a consciencia vaga de que não era aquele o meu ambiente nem o meu destino natural.

E já agora, mais outra lembrança.

Pela quaresma, havia as confissões... O capelão era um bom velhote, cheio de tolerancia para a rapaziada, incapaz de qualquer atitude desagradavel. No 1º ano, na altura devida, lá fui com a turma nomeada, em jejum, para a capela, sob a vigilancia do oficial de dia. Como estivéssemos eu e o Pires Pereira J.or no fim da turma, saímos

da capela e fomos a um café da visinhança, à Benfrostinha, e tomámos (lembro-me bem) ~~com~~ chocolate e pão com manteiga; depois, lá fomos ao confessionario onde o velhote parecia comprometido com a sua missão. Comeu para comnosco, deu conselhos, perguntou pela família e pouco mais nada; quanto a orações disse a cautela de não falar, deixou aos rapazes a iniciativa e só então procedia a valer como confessor.

Os rapazes da turma resolveram, para não magoar o bom homem, irem todos sem preocupações, à comunhão; eu concordei por complacencia e pela primeira vez me sujeitei a esse acto. Mas como soubesse depois que se me pedisse ao velhote dispensa alegando falta de fé ou declarando que se era livre-pensador, ele autorizava a não ida à chamada mesa da comunhão, no 2º ano, depois da conversa no confessionario fui franco e pedi-lhe a dispensa. Ele, com bom modo, disse que sim, deu-me conselhos e desejou-me o melhor exito nos exames.

Como os tempos mudáram e os padres também! Qual é o padre que hoje será capaz de assim proceder?

Para compensar, depois da Páscoa, a companhia de opera que funccionava em São Carlos, ia para o Coliseu das Portas de S.to Antão. Os bilhetes eram baratos e eu tive ocasião de ouvir varias operas. Não podia escolher muito porque nem sempre tinha facilidade da despesa; se, casualmente, não tinha dinheiro a despesa e que interessava certa opera, havia o recurso de, depois do recolher, ir pela carreira abaixo e saltar o muro na altura da esquina da rua de Joaquim Bonifacio com a da Escola do Exercito e de, á volta, dar um tostão a uns galegos que costumavam estar á meia-noite para ajudar paternalmente a subida dos cadetes ao muro que ainda era um pouco alto e não se galgava sem auxilio.

Ainda assim, ouvi as seguintes operas, em regra da galeria onde, segundo os entendidos a audição era melhor:

Em 1901, alem da Norma que foi ouvida em São Carlos com bilhete offerecido por meu tio José Pimenta, ouvi a Gioconda, a Carmen (duas vezes), a Sonambula, a Dinorah, a Boémia, os Puritanos, os Huguenotes, o Barbeiro de Sevilha, a Africana, a Serrana (de Alfredo Keil), a Favorita, a Cavalaria Rus-

Ricarte e a D. Mécia de Oscar da Silva. Foi um fartote!

Em 1902: a Aida, a Carmen, o Elixir de amôr, o Roberto, o Diabo, a Cavalaria Rusticana e Palhaços, o Barbeiro de Sevilha e a Tosca — outro fartote e baratinho de que me lembro com saudade.

Contudo, as minhas preocupações literarias continuáram e, em regra, polarisaram-se ás preocupações escolares.

Frequentava muito a casa de meu tio José Augusto Pimenta e do quadro das suas relações e do seu modo de vida, pensei em fazer uma novela realista, mau grado meu que nos! Lera então quase toda a obra de Eça de Queiroz então muito discutida; e debaixo desa influencia chapei a começar a novela que ainda tenho para recordação copiada no volume muito citado dos Pecados Velhos, cheia de humorismo troçista e a forma literaria muito calcada na prosa queirosiana.

E' caso para repetir como Camilo, guardadas evidentemente as distancias, quando escreveu no prefacio do Eusébio Macario, troçando a escola realista: « Ora a coisa em si era "tão facil que até eu a fiz..."»

É claro que a tentativa era o resultado da minha falta de direcção intelectual. A obra de Eça de Queiroz seduziu-me, a vida burguesa lisboeta antevista em casa de meu tio era um verdadeiro apetite para quem, como eu, tinha suas veleidades. Daí, o atentado que felizmente não passou do começo: apenas uns dois capítulos de entrada e um fragmento de outro — por sinal que muito realista.

Relendo, agora, o atentado, verifica-se a facilid.e relativa que tinha para imitar; na verdade o que escrevi, sem brilho, é claro, e sem a fluencia da prosa do autor da Relíquia lembra bem o modelo pela insistencia nas discrições e até pela forma do dialogo. Diabruras dum aluno da Escola do Ex.to que procurava evadir-se (como se diz hoje) do mau ambiente onde caíra.

Mas não ficaram por aqui os atentados.

Em Janeiro de 1902, ainda na Escola, influenciado pela leitura de Os meus amores de Trindade Coelho, pensei num conto romantico, piégas, que chamaria Um noivado no campo; deixei o entrecho esboçado em fragmentos de correspondencia transcritos nos

muito falados Pecados Velhos. Eu vivia, então, num estado de espírito sentimental propício para a criação de vais quadros literários.

Felizmente, ficou tudo em projecto.

Ainda no mesmo ano, por Abril, parece que pensei num drama histórico em que a figura central seria D. Lourenço, o filho de Dom Francisco de Almeida. A leitura do romanceirinho de Pinheiro Chagas A joia do Vice-Rei pôs-me a origem do plano? Já não sei dizer. O drama histórico estava então em voga; as peças de D. João de Camara, de Marcelino, de Lopes de Mendonça e outros, fizeram certo barulho. Tudo ajudou, estou convencido e o certo é que cheguei a traçar o esboço da peça... Encontrei-o há pouco em cópia duma carta que ficou nos ditos Pecados Velhos e que mostra bem como a minha imaginação não conhecia limites e o meu descaramento não olhava a conspostura.

E fóra disto, nos intervalos, por desfastio, ia riscando qualquer versalhada que nos fazia mal a ninguem — e que só fazia mal a mim que para a escrever ia pondo de lado os livros de estudo. Dizia eu ao Costa Ferreira, numa epistola em quintilhas, á maneira

ra de Nicolau Tolentino, no final de uma delas:

« Pois calcula sou e hei-de ser
Tal qual o Senhor me fez... »

E até é curioso verificar, pelas datas, que nos dias de ponto dáva-me a veneta para os marcar com um soneto ou qualquer outra especie de poesia. Era a tal necessidade de evasão como hoje vulgarmente se diz.

E era assim mesmo. Quando deixei de ser calcula, já não fazia exames...

Contradições constantes da vida e especialmente da minha vida.

Mas, enfim, naquela tarde em que fiz o exame ou acto de explosivos, como acima foi largamente contado, terminára o curso e estava dotado com um meio de vida. Senti sensação curiosa não sei se de alivio se de tristeza; lembro-me bem que mandei telegrama a meu Pai e que, sensaborão, fui a casa de meu tio José Augusto que me convidou para um passeio a Sintra onde nunca tinha ido e que só conhecia pela tradição das suas belezas; e depois de uns dois dias para despedidas e liquidar certos assuntos regressei a Coimbra.

Ainda me lembro do momento em q. saí pelo portão da rua de Gomes Freire, pela última vêz, para me dirigir á estação do Rossio, com o galego atraz que levava as bagagens. Não sei, com franqueza, descrever a sensação que sentia, qualquer coisa indefinida que podia ser mixto de varias impressões e, ao mesmo tempo, consequencia daquele estado de espirito a que já me referi — uma especie de inércia intellectual que me fazia andar á tona dos successos.

Tenho ainda presentes esses momentos, á saída do portão e ao caminhar pela rua de Gomes Freire direito ao Campo de Santana, para descer pela calçada do mesmo nome para o Largo de S. Domingos. Ia só, entregue aos meus pensamentos; mas tenho bem presente que não ia alegre. Não senti a satisfação ruidosa de alguns companheiros nem a má vontade de outros que, ao largarem o edificio, faziam gestos obscenos de desprezo; ia como que indifferente, levado pelos acontecimentos, como brocado de cortiça á flôr de corrente brauda.

Assim tomei o comboio rapido da tarde, sem despedidas; e assim cheguei a Coim

bra, já ao anoitecer, com um curso feito aos trambulhões e talvez com algumas ilusões.

Qualquer coisa me ficára, possivelmente, desses dois anos da Escola para compensar essa indiferença fatalista que me pesáva ha muito; qualquer coisa que por algum tempo me ia embalando numa esperança de conformismo para com a materialidade da profissão — como se fosse possivel que a creança que ouviu um anarquista autentico evangilisar a igualdade e fraternidade universais coubesse, sem resistencia dentro duma farde de oficial do exercito e, ainda mais, dum exercito mesquinho, sem qualquer espirito elevado, incapaz de atitudes dignificantes e humanas.

Não antecipo, porem. A seu tempo se verá o que foi a m.ª vida profissional.

Quinta da Paz e Lisboa:
2–19 de Novembro de 1956.

UNIVERSIDADE LIVRARIA DA

Indices:

I

Nomes proprios

Abreu (Guilherme de Vasconcelos): 103
" (Raul Teles de): 81
" (Zeferino Camossa Ferraz de): 247.
Aires (Cristovão): 326, 330-331.
Albuquerque (Afonso de): 106, 123-125, 133-134.
" (Alexandre de), o Xandre: 226-227.
" (Joaq.m Mousinho de): 157-160
Almada (Alvaro Vaz de): 98.
Almeida (Ant.º José de): 46, 51-52, 77, 78 e 111-112.
" (Dr. Ant.º Ribeiro da Costa e): 179.
" (Artur da Costa Mendes de): 332, 345-346.
" (Dr. Fortunato de): 131, 141, 142-143, 169, 171.
" (D. Francisco de): 385.
" (João de), general: 248.
" (D. Lourenço de): 106 e 385.
" (Luis de Castro e): 232.
" (Nicolau Tolentino de): 385-386.
" (Solano Maria de): 329.
Alpedrinha (O) de A Reliquia: 257-258
Alves (José Ribeiro): 85, 137, 139 e 175.
Amante (Dr. Cruz), medico: 231, 232 e 233.
Amaral (Diamantino Antunes do): 82.
" (José M.ª Ferreira do): 326.
" (Salomão do), coronel: 236
Andrade (Antonio Lopes Rebelo de): 372-374.
" (Gomes Freire de): 134.
" (Jacinto Freire de): 37 e 106
" (Paiva de): 47.
Andreia (Alvaro de Oliv.ª Soares): 158 e 160
Aragô (François): 345.

Aragon [Louis] : 19.
Areosa [F. Duarte], Inspector prim.º : 43,44
Ariosto : 261.
Arnoso [Conde de] : 78 e 186.
Assis [Machado de] : 2-3 e 4
Azeiro [Fr. Paulaleão de] : 8.
Azelino [Antonio], professor : 44
Baião [Dr. Antonio] : 65-66
Balzac : 1, 243 e 342.
Baptista [Bernardo Pedro de Almeida : ver Pedro
" [João Rodrigues] : 326
Baptistini [Leopoldo] : 149-150
Barbas [Antº Simões de Carvalho] : 85.
Barbosa [Augusto], empreit.º : 131.
Barreto [Augusto], estudante de Direito : 47.
Barros [João de], rec.º XVI : 37.
" " , rec.º XX : 114-115.
Bastos [Lopes Ferreira Pinto] : 328.
" [Francisco] : 40-42, 53 e 84.
" [José Pereira], general : 328.
Baudelaire [Charles] : 222.
Belo, sirgueiro de Lxª : 323.
Benfeito [João Duarte] : 351.
Bigaglia [Nicola] : cenografo : 54.
Bigolé [Arnaldo] : 84.
Bjarkman [Göran] : 174
Bocage [Mª Maria Barbosa du] : 356.
Bomfim [Conde do], 2º : 375.
Borges [Franc.º de Assis Coelho] : 357-358.
Botelho [José Justino Teixª], general : 65, 102, 244, 245.
Braga [Dr. Alexandre] : 158-160
" [Dr. Manuel] : 302
" [Dr. Teofilo] : 4, 7 e 137.
Branco [João] : ver Perestrelo
Brites [Dr. Geraldino da Sª Balthazar] : 247.
Brito [José J. Gomes de] : 73.
Brochado [José da Cunha] : 4.

Bruyére (La) : 4
Bustorffes (Os meus avós) : 288-289 e 299.
Cabral (Dr. Antonio) : 15
" (Conde de) : 358-359 e 360
Caggiagui (Julio) : 140
Cajal (Ramony) : 8
Calixto (Dr. Sergio) : 247
Camara (D. João de) : 385.
Candido (Dr. Antonio) : 326
Cano (D. Leopoldo) : 174
Cardoso (F. . . .), professôr : 45.
" (Pedro) : 39.
Carlos I (Dom) : 48, 80.
Carvalho (Dr. Adriano José de) : 98
" (Ant.º Pires de) estudante : 51
" (Dr. Clemente Pereira Gomes de) : 131-133, 144, 150, 162-169 e 177-179.
" (Franc.º Augusto Martins de) : 190, 329.
" (Dr. Hermano José Ferreira de) : 131, 169-170.
" (Dr. Joaquim de) : 59.
" (Dr. " Martins Teixeira de) : 67-70, 73 e 115
" (Dr. José Carlos Pereira de) : 305-314
" (D. Maria Amalia Vaz de) : 326 e 331.
Castelo-Branco (Camilo) : 6, 11, 15, 86 e 383
Castilho (Antonio Feliciano de) : 37.
" (Julio de) : 8.
Castro (Alberto Osorio de) : 47.
" (Alvaro Xavier de) : 328.
" (Augusto de) : 112.
" (Dr. Augusto Mendes Simões de) : 66-67, 69-70, 83, 89-90 e 102.
" (Eugenio de) : 34, 53, 56, 58-62, 86, 103-104, 125, 138 e 141.
" (Gonçalo Pereira Pimenta de) : 336.
" (Jaime Leitão de) : 375.
" (D. João de) : 100.

Castro (P.e Manuel Joaquim de), Prior de S. Bar-
tolomeu : 16
Catalão (Francisco Miranda): 70
" (Gumersindo Miranda): 70
Cerqueira (António do Lapo): 187 e 248.
Chapas (Manuel Pinheiro): 106, 122 e 385.
Charcot (Dr. Jean-Martin): 68
Chavannes (Puvis de): 148.
Cícero: 7.
Cid (António de Matos Sobral): 232
Coelho (Adriano Vieira): 155-156, 292-294 e 296.
" (Alfredo Guedes): 224-228 e 248
" (José Franc.º Trindade): 37-38, 224 e 384.
" (" Maria Latino): 106, 121-122
Coimbra (Dr. Leonardo): 187-188.
Collingridge (Gearge): 172.
Coudeixa (Ernesto Ferreira), frintar: 107-108.
Cordeiro (P.e António): 218.
Corazzi (David): 96 e 98.
Costa (Dr. Francisco Fernandes): 131, 141, 143-144, 169 e
171.
Couceiro (Paiva): 346.
Coutinho (João de Azevedo): 47, 48.
Cruz (Aurélio de Azevedo): 376.
" (José Coelho Carreia da): 234.
" (" Pereira da): 19, 21, 257, 263, 265, 275-277.
Cunha (Joaquim de Almeida da): 189.
" (Paixoto e), major, «o Gravanço»: 232-233,
235 e 237.
Deslandes (D. Manuela): 362-364
Deus (João de): 60
Dias (Carlos Ballino): 114, 116-117.
" (Manuel Pereira), reitar: 117.
Doré (Gustavo): 96 e 261.
Drummond (Diogo de Sousa): 33.
Duhamel (Georges): 3, 4.
Duque (Alício Álvaro de Lima): 35-36.

Duque {Armando}: 119, 180-182.
" {Julio Ernesto de Lima}: 36
" {Mario Soares}: 81, 116-117, 119, 120-121, 127, 135, 136, 150, 180-182, 192-194, 199, 203, 205-210, 216, 228-230, 252-265, 291, 292, 293, 293-294, 294 e 297.
" {Raul Soares}: 81, 119, 120-121, 142, 180-182, 214, 216 e 228.
Encarnação {Dr. Eusebio Tamagnini de Matos}: vide Tamagnini.
Espanhol, italiano, operario: 21-23.
Esteves {Raul}: 328.
Falcão {Franc.º Fernandes da Rosa}: 266, 275, 278-280
" {Dr. José}: 71 e 78.
" {Silvestre), estudante: 47, 51 e 53.
Faria {Perfilo Leal de}: 331.
Felicia (D.), professora: 36.
Fernandes {Abilio}: 280-281.
" {Joaquim José Leite}: 159-160.
Ferrão {José Maria Dias}: 192-197, 199, 203, 204, 205, 206-211, 217, 220, 229-230, 253-254, 257, 259-260, 264, 265, 268, 272, 275, 284, 291, 292, 293, 294 e 298.
Ferreira {Fernando F....}: 337, 378-380
" {Antonio Aurelio da Costa}: 100, 182, 197-98, 243, 297 e 385.
" {Joaquim Maria), capitão: 239.
Figueiredo {A. Cardoso Borges de}: 37.
" {Padre), capelão militar: 73.
" {Dr. Henrique de}: 186 e 246.
Fogaça (Antonio): 37-40
Fonseca {Dr. Arsila da}: 246
" {Teotonio José da), estudante: 266 e 280
Foz {Conde da}: 359 e 360
" {Marquês da}: 359 e 360
Fragoso {Dr. Damasio Jacinto}: 88-90
França {Bento da}: 331, 343-344.

France {Anatole} : 10
Frazão {Americo de Mendoça} : 82
" {Mario de Mendoça} : 82
Freitas {Domingos Ant.º dos Santos e} : 73
" {Guilherme Aug.to Victorio de} : 240
" {José J. Rodrigues de} : 88, 20
Gaio {Manuel da Silva} : 56 e 126.
Garna {Dr. Eugenio Sanches da} : 191.
Garcia {Dr. Alberto Torres} : 302
Garrett {Almeida} : 37, 53, 113 e 343.
Gaubast {Louis Pilate de Brinn} : 174.
Gauthier {Theophile} : 185 e 232
Gois {Damião de} : 6
Gomes {Delfim} : 19.
" {Dr. Franc.º José de Sousa} : 186
Gonçalves {Antonio Augusto} : 27, 34, 42, 46-47, 67, 75-76, 86, 92, 186, 246 e 301.
" {Ant.º Nogueira} : 14.
Grangeo {Antonio} : 116.
Grilo {Francisco Martins} : 298.
Guerreiro {Candido} : 25, 170.
Guimarães {Vitorino} : 328.
Gungunhana : 157.
Heitor {João Maria} : 108.
Herculano {Alexandre} : 37, 96, 99 e 161.
Hugo {Victor} : 279.
Joch, Professor : 93
Isabel (D.), a Rainha Santa : 216
Jardim {Cipriano} : 15.
Junqueiro {Guerra} : 15, 48-49 e 219.
Kropotkine, Principe de : 78.
Lacretelle {Jacques de} : 5
Lage {Dr. Leite} : 146.
Laal {José Joaq.m Mendes} : 91-92, 96, 98, 334-335
" {" Maria da Silva Mendes} : 161.
Lemos {Alvaro Viana de} : 116.
Lencastre {D. Fernando de} : 187 e 188.

Lafiarre (Charles) : 148-149.
Lima (Henrique Campos Ferreira) : 49, 328.
Lobo (Dr. Franc.º Miranda da Costa) : 70-74, 109-111, 112-113 e 231.
" (Francisco Rodrigues) : 13.
" (João Segundo Adelaide Rola) : 334.
Lopes (Pastana) : 327.
Lucas (Dr. Carlos) : 143.
Lucio (João) : 170
Luis XIV : 4.
Macê (Jean) : 87.
Macedo (Armando) : 96-97 e 150
" (Franc.º Lopes de Lima) : 97 e 175.
" (José Agostinho de) : 136-137 e 212.
" (Manuel de) : 108.
" (Major), de Adm.ão militar : 91, 97.
Machado (F.....) violoncelista : 175.
" (Fernando Pais Teles de Utra) : 328.
Madeira (José Pereira) : 44.
Magalhães (Ant.º Leite de) : 328.
" (José Evangelista Pinto de) : 335, 350-352.
Maia (Fernando da Costa) : 333 e 346
" (Franc.º Adelaide Machado de Faria e) : 54-55.
Malon (Benoit) : 192 e 193.
Martins (Augusto da Costa) : 83-84.
" (Luis) : 293, 294 e 296.
" (Dr. Manuel Augusto) : 201, 207, 208, 211, 265, 267, 268, 270-271, 275 e 286.
Mascarenhas (Brás Garcia de) : 65.
" (José Esteves da Conceição) : 187.
Mata (José Caeiro da) : 150-154
Matos, pintor : 238-239.
Meira (Dr. José Pinto) : 301-302.
Melo (Dr. Ant.º Homem de), o Fay : 56.
" (D. Franc.º Manuel de) : 11, 37 e 324.
" (Vicente Pinheiro de) : 115.
Mendonça (Henrique Lopes de) : 385.

Menezes [João de], estudante: 47 e 53
" [Maria X. Ribeiro de]: 329, 351-352, 378-379.
Mesquita [Carlos de]: 56 e 178.
" [Marcelino de]: 385.
Miranda [José de Oliveira), 1º. sarg.to: 241-242.
Moncada [Alberto de Seiça]: 200, 203, 205-208, 284, 291, 292 e 294.
Moniz [Egas), estudante: 158
Monteiro [Henrique Pires): 328.
" [José], tipografo: 263 e 265.
Morais [Luis Cabral de]: 333.
Morgan [Charles]: 9.
Moura [Irmãos Gonçalo de]: 339.
Namorado [Alilio de Moura]: 114 e 248.
Navarro [Ernidio]: 54.
Neves [Alvaro): 73
" [Cassiano), estudante: 232.
" [Manuel Francisco), estudante: 253, 265, 278 e 286.
Nicolau [Senhora], mestra de meninas: 25
Nobre [António): 113.
Noronha [D. Tomás de), estudante: 169-170.
Nunes [Arthur Pleintze Ribeiro]: 114, 248, 291, 292, 293, 296, 303-314, 319, 324, 336, 354-364, 367-374, 377-380
" [Dr. Franc.º Maria de Lima): 114.
Oliveira [Alberto de): 38, 53, 56, 58, 62-64 e 78.
" [Alcide de]: 156
" [Luis Alberto de]: 114, 162, 214, 224-228.
Orquela [Viscondessa de]: 33.
Ovidio: 13.
Pacheco [Dr. Allino): 222-223.
Pais [Augusto Gomes): 34, 85 e 175.
" [Joaquim Gomes]: 23, 28, 36, 50-51 e 87
" [Sidonio): 235.
Paixão, alfaiate: 232.

Paixão {Fernando): 232 - 238
" {Manuel}: 120.
Parreiada {Julio), professôr: 145.
Pato {Raimundo de Bulhão}: 7
Paul {José Joaquim Monteiro Dá Mesquita}: 200, 204, 205, 206, 207, 208, 253, 254, 265, 271-274 e 275.
Paxaco {Fran}: 4.
Pedro {D.), Infante, fº de D. João I: 98.
" {Bernardo): 93-94.
Pedroso {João), gravador: 99, 108
Peixoto {Dr. Alfredo F. da Rocha}: 246, 247.
Pélico {Silvio): 169-170.
Pereira J.or {Antonio Pires Pereira): 380-381.
" {Carlos Alvares): 338-339.
" {Cesar Athanasio da S.ª): 31.
Perestrelo {Afonso de Melo): 336-337 e 375.
Passanha {Fernando): 337.
Pessoa {Dr. Alberto Cupertino}, Pai: 130
" {Ant.º Casimiro Guedes}: 213-214.
" {Dr. Franc.º da Costa}: 169, 171-172, 176-177.
Pimenta {Ant.º Maria}: 18, 28, 51, 70, 79, 80, 85, 90, 94, 96, 109, 180, 221, 231, 236, 243, 305, 306, e 328.
" {P.e Francisco de Assis): 27, 358-362
" {José Augusto}: 31, 101, 107, 118, 136, 137, 172, 218, 319, 382, 383, 384 e 386.
Pimentel {Alberto), Pai: 147.
Pinheiro {Artur Gito Lirio de Almeida}: 115, 120-123.
" {Feliciano Bordalo): 332 e 347-349.
" {Dr. José Luis de Andrade Mendes}: 186, 246.
" {Columbano Bordalo): 108.
Pinto {Afonso Henriques Barbeitos): 326
" {D. Amelia da Conceição Silva): 16, 130 e 174
" {Fr. Heitor): 37.
Pires {Ernesto Sampaio Saturio): 328 e 341.
Poë {Edgard): 261.

Portugal (Verissimo): 35-37 e 45.
Prado (Bernardino): 199.
Preto (José Joaq.m Manso): 111, 169-170
Quadros (Dr. Fausto de): 115, 144-147.
Queiroz (Fr. João de S. José): 9
" (José M.a Leça de): 4-5 e 383-384.
Quental (Antero do): 86.
Ravachol: 124.
Rejoios (Dr. Joaq.m Augusto de Sousa): 67-68, 111-112 e 148-149.
Rêgo (Dr. Alfredo Maria), juiz: 191.
Reis (P.e Ricardo Simões dos): 90-91, 95, 97 e 109.
Renan (Ernest): 5 e 6.
Ribeiro (Aquilino): 78 e 79.
" (Ernesto Rodolfo Hintze): 192, 270, 326, 336, 354-355, 359-363 e 367.
" (Fernando de Almeida), estudante: 247.
" (Helder): 328.
" (D. Joana Chaves Hintze): 354, 361.
" (D. Julia): 137-138.
Roby (Sebastião): 248, 302-314.
Rocha (Dr. Augusto): 157.
" (Carlos Augusto das Neves), estudante: 156.
" (Pinto da) ~~[illegible]~~: 47.
Rodrigues (Agapito Pedroso): 225 e 315.
" (Dr. Manuel): 279.
" (Valentim José): 225-228.
Rousseau (Jean-Jacques): 5 e 10.
Sá (A. M. da Cunha e): 98 e 161.
" (Pedro de Moura e): 83.
" (Vasconcelos e): 338.
Sachetti (Casimiro Barreto Ferraz): 304-314.
Salema (Tenente) da E. de E.: 337 e 374.
" (Bento de França Pinto de Oliv.a): v. França.
Salgado (Alberto), tenente: 337.
" (Augusto Bivar Xavier de Azevedo): 188, 304-314, 324 e 354.

Saud (George) : 322.
Santo (Casério) : 124.
Santos (Abílio Augusto dos), alfaiate : 240
" (Ant.º Carneiro dos), comerciante : 156
" (Francisco Borja dos) : 240, 241.
" (Hermenerico Borja dos) : 240 - 241.
" (Matoso dos), conselh.º : 360
Sarmento (José Pereira de Morais) : 323.
Schiller : 342
Sebastião (D.) : 266.
Seignobos (Charles) : 87.
Sepulveda (Carlos Roma Aires de Magalhães) : vide Aires
Sergio (António) : 106.
Serraqueiro (José Adelino) : 111, 169 e 171.
Serrigné (Madame de) : 6
Shelley : 97.
Silva (Agostinho da) : 53.
" (Alberto Bastos da Costa e) : 115.
" (Albino Caetano da) : 20-21, 26, 27, 34, 37, 39, 40, 41, 47, 49-50, 55, 56, 59, 63-64, 67, 68, 69, 71-72, 76, 78, 80, 84, 85, 86, 104, 104, 107-109, 110, 126, 130, 138, 144, 148, 178, 221 e 243.
" (António Diniz da Cruz e) : 119.
" (Dr. Dias da) : 276
" (João Caetano da) : 16, 27, 39, 70, 72, 85, 138-139, 140, 174, 175-176, 232, 234 e 319.
" (Dr. Luciano Pereira da) : 315.
" (Lucio Augusto Rebelo da) : 37, 161.
" (Manuel Caetano da) : 17-18, 20, 27, 44, 70, 72, 97 e 109
" (Dr. Manuel Ermidio da) : 91
" (Roberto Duarte) : 149.
Silveira (António da) : 101
Simas (António) : 324 e 354.
Simões (José M.ª de Oliveira) : 326, 334 e 353-358.
Solnal (Dr. José), advogado : 73.

Sobral [Dr. José Colaço Alves]: 188-191 e 300
Sola [Mesquita e], 2º sarg.to: 233.
Sousa [Abílio Aug.to Valdez de Passos e]: 328.
" Jor [Antonio Ferreira de]: 224-228.
" [Eurico Ma Cameira Coelho e]: 235-237.
" [Dr. Joaquim Alves de]: 179.
" [Dr. José Ferreira Marnoco e]: 153, 190
" [Fr. Luis de]: 37.
" [Martim Afonso de]: 101.
" [Salvador Ribeiro de]: 101
Stendhal: 1.
Tamagnini [Dr. Eusebio]: 246-247.
Teixeira [Dr. Manuel Joaquim]: 150, 169, 171, 177-179.
Teles [Anibal Babo]: 114, 120-123.
" [Basilio]: 278 e 286.
" [Sebastião], general: 91
Teofrasto: 4.
Tibulo: 9.
Tomé [Dr. Antonio]: 169 e 171.
Torres [Ernesto Luciano]: 248, 315-317, 322-323 e 350.
Trancoso [O] do Campo de Santana: 363 e 364-374
Vaillant, anarquista: 124
Varela [Virgilio], tenente: 336 e 376.
Vasconcelos [Dr. Antº Garcia Ribeiro de]: 56-57, 64-66, 86, 102, 134, 178, 216 e 245.
" [José Cesar de Carvº Vale e]: 266, 280
Veiga [Augusto]: 19, 73, 198-199.
Veloso [Carlos Ma Sepulveda]: 329.
" [Dr. Rodrigo]: 41-42.
Ventura [Benjamim]: 300-301.
" [Dr. Carlos Simões]: 98.
Verne [Julio]: 86, 96, 102, 345-346.
Verde [Cesario]: 15.
Videira [Manuel Duarte]: 200, 204, 205, 208, 253, 264, 265, 267-270 e 271
Vieira [Afonso Lopes]: 78, 79 e 170.
" [Pe Antonio]: 37.

Vieira (João Rodrigues) : 74-75.
Waldtaufel : 32
Zugueté (Affonso Verissimo de Azevedo) : 187, 248.

II

Varia:

Abregé de l'Histoire de la Civilisation : 87.
Academia das Ciencias de Lx.ª : 59, 60 e 153.
" Litteraria e Historica (1.ª) : 120-123
" " " (2.ª) : 199-213, 253 e 284-297.
" Livre : 250-282, 285-289.
" Portugueza de Historia : 153
Alhêda (O rio) : 26.
Almada (O foral de) : 153.
Almanach de curiosidades para 1891 : 41
Analise critica ao artigo do sr. M. D. : 135.
Anarquismo : 22-23, 77-79.
Anpola (O vapor) : 28.
Arithmetica (A) do Arósinho, de J. Macê : 87.
Archivo Historico Militar : 49, 328 e 376.
Arte, revista, 1894-1895 : 174.
Assentamento (O nosso) de praça : 237-240, 241-242.
Atheismo : 204.
Australia (A descoberta da) : 172-173.
Aventuras de tres russos e tres inglezes : 345-346
Averiguação e critica das datas em que João Gonçalves o Zarco .... : 209, 215-218.
Azinhaga de Santarem : 180-181.
Baptisado (O nosso) : 16
Barbados : vide Grupo e Bicoto
Bibliotheca (A minha) : 87
Boletim da Bibliotheca da Universidade : 153.
Brasil : Proclamação da Republica : 46, 80
Bussaco (batalha do) : 135.

Bujos : 17
Cabral (Brazão do apelido) : 177.
Cadete (A m.ª graduação de) : 318-320
Caminho [O], jornal anarquista : 276.
Caminho de ferro da Lousã : 22
Camões e o P.e José Agostinho de Macedo : 211
Carafinhal : 17
Carnaxide : a S.ª da Rocha : 350-351.
Carolina (Hotel da), Luso : 88.
Carta de Guia de Casado : 324.
Cartas a um Amigo : 229-230.
Casa da rua de Gomar : 94 e 95.
Caitão (Ilha de) : 101.
Cerrada da Nóra, Miranda : 25-27 e 45.
Cinquenta anos depois : 199.
Cloches (Les) de Bâle : 19.
Coimbra: Associação Academica : 298-299.
" Bombeiros municipais : 275-276
" " voluntarios : 275-276.
" Café Marques Pinto : 56
" Cerca do mosteiro de S.ta Clara : 145.
" Corridas de touros : 14
" Escola de Farmacia : 189.
" " Industrial Brotero : 92, 93 e 148.
" " Livre das Artes do Desenho : 75.
" Fabrica de Louça de A. A. Gonçalves : 42
" Faculd.e de Letras : 54 e 56
" " " Medicina : 67-68
" Ginasio : 83
" Inspecção de incendios : 275-276
" Imprensa de fitas : 223
" Manifestações academicas : 46-47, 157-160.
" Pelourinho : 14
" Praça do Comercio : 14
" Praxes academicas : 95, 186-187.
" Romanos; 14.
" Sarau de 19-Março-1892 : 83-84.

Coimbra : Teatro academico : 54-55.
" : " Avenida : 84
Coimbra em fralda : 38.
Colegio Militar : 339.
Companhia de Jesus : 24.
Concelho de Poiares : Memoria historica, descriptiva etc. : 194-197.
Cuba (Guerra de) : 135.
Datas historicas (As minhas) : 101.
Datas memoraveis : 101.
Desafronta de Ant.º José de Almeida : 77.
Desarmamento geral : 181-182
Dia (O) de gronto : 314-315.
Diario de Coimbra : 14.
" Illustrado : 15.
Dicionario Bibliographico : 73.
Dor (Os cercos de) : 106
Eleições geraes de 1879 : 15
Elementos de Philosophia de Clemente Pereira Gomes de Carvalho : 132.
Enfias (Casa de), em Braga : 303-314.
Enterro do Grão : 223
Epistolographia : 297
Escola do Exercito (Admissão e vida na) : 319-321 e cap. VII
" Livre das artes do Desenho : 15
" Naval : 179 a 185.
Escolha da profissão : 231, 242-244 e 288-289, 79, 179-80
Estudos liceais (Os meus) : 91-92, 96-98, 107, 109-111, 112-113, 125, 130-133, 141-143, 150 a 176-179.
" universitarios (Os meus) : 185-186, 221-223, 246-247, 297 e 314-315.
Eugenia Grandet, Balzac : 342
Eusébio Macario, Camilo : 383.
Exames (Os meus) : 43745, 88, 97, 125, 133, 143-144 a 315-316
Exercicios de Literat.ª, no Liceu : 141-143.

Fastos (Os) de Ovidio : 13
Figueira da Foz : ferias : 140 e 180
" " " : Casino Peninsular : 140
Filhos (Os) de D. João I : 86
Filosofia (Aula de), no Liceu : 162 seg.tes ; 177-179.
Fotografias (As m.as) : 138.
Funchal : cidade do : 28-33.
" : vapôr da Comp.a Insular : 33.
" : colegio de S. Jorge : 32.
Gazeta da Figueira : 198-199
" Nacional : 72-73.
Genealogia (A m.a) : 16-17.
Geração (A) de 1890 : 52-54.
" " revolucionario de 1890-1891 : 52-55, 77.
Godinhela : 247.
Gonçalves (O centenario de Ant.o-Aug.to) : 76.
Gravura em madeira : 67, 85 e 92.
Grupo de Leão : 74.
" dos Barbados : 300-302.
Grupos musicais e dramaticos : 213-214.
Guarda Inglesa (A Quinta da) : 39, 139, 174-176, 180, 306, 311-312 e 319.
Hissope (O) : 119.
Historia (O meu gosto pela) : 98-100, 119-123, 134-135, 140, 141, 217-219, 244-245.
Historiografia militar : 65.
Homens (Os) da Cruz Vermelha : 255.
Hoteis : ver Carolina e Lusitano.
In illo tempore... : 223.
Inspecção (A minha) militar : 231 seg.tes
Instituto (O) de Coimbra : 103.
Instrução primaria (A aula de) : 35-36.
Insubmissos (Os) : 53
Joia (A) do Vice-Rei : 385.
Jornal de Vila-Chã : 229.
" para todos : 41 (1889).
Joséseiada : 137.

Lisboa : café Leão de Ouro : 108
" : Hotel Universo : 323.
" : Museus : 107.
Litografia (Uma) desconhecida : 18
Lousã : 214.
Lugares selectos : ver Figueiredo (Borges de).
Lusíadas : 212.
Lusitano (Hotel), em Luso : 88.
Maçonaria (A) em Coimbra : 189, 250-282.
" (A m.ª iniciação na) : 252-277.
Madeira (Ilha da) : 28-33.
Marítimo (O) : jornal mss. : 48, 79-80
Medicina de casamento, de Balzac : 243-244.
Memoria a José Galeão : 78.
Memorias dum aprendiz de gravador : 67.
Mouros (Os) Suevos : 37 e 384.
Modelo (O desembarque no) : 275.
Miniatura (A) : 114-115.
Miranda do Corvo : sua belesa : 17, 25-27.
Miseraveis (Os), de V. Hugo : 299.
Moniz (Fernão), romance : 161-162
Mousanto (A revolta de), 1919 : 49.
Morte de D. João (A), de G. Junqueiro : 219-220.
Musica : os meus estudos de : 137-140
Narciso : Soneto : 197-198.
Neo-garretismo : 53
Novidades (As) : jornal mss. : 33, 40 e 42.
Olhos de Agua, Tiberaina : 180
Opera no Coliseu dos Recreios : 382-383.
Oriente (O), de J. A. do Macedo : 212.
Orlando Furioso : 261.
Parnaso Lusitano : 270
Pastor (O) Peregrino, de Roiz. Lobo : 13.
Patria (Ideia de) : 23-24.
Patuleia (A), de 1847 : 70
Pecados Velhos : 134, 135, 141-142, 143, 161, 172, 230, 298, 383 e 385.

Paracova : 214.
Pereira (A familia), do Funchal : 31-32
Pico de Tenerife : 31.
Picôto dos Barbados : 300-302
Poema sinfonico sobre a «Morte de D. Joan» : 219-21.
Poesia : 59.
Poesias de Alberto de Oliv.ª : 63-64
" Dispersas de G. Junqueiro : 49.
Polemica : 229-230.
Porto : 130
" Santo [Ilha do] : 28, 33.
Portuguesa (A), hino : 46.
Praxes academicas : vide Coimbra.
Primeiro (O) de Janeiro : 275.
Profissão [Escolha de] : vide Escolha
Realismo : escola literaria : 383
Recordações do Funchal : 30
Religião (A) da Luz de Eusebio : 257-258.
Renascimento : explicação do movim.to do : 61-62
Republica da rua dos Estalajeiros : 253-281, 284-289.
Resistencia, jornal de Coimbra : 199-200.
Revista Militar : 65.
Revolta de 31 de Janeiro : 49-52, 269 e 275.
Revolução de 1830, França : 299.
" " 28 de Maio : 156.
Ribeira (A), jornal copiografado : 228-230
" Ribeira, Torres Novas : 180-181 e 228.
Rubio (O) Ferrador, farça : 81
Sagramor : 125
Saltadores (Os), de Schiller : 342
Saudosismo : 53
Sebastianismo : 266.
Selecta [Centenario de] : 223-228
Serenatas : 214-215
Sinaï [Expedição ao monte], doc.º XVI : 100
Sociedade Anel de Ferro : 145-147
" do Serpentão : 34.

Soldado de Maratona : 125-127.
Subscrição nacional em 1820 : 47-48.
Tipografia Aux.r do Escritorio : 2, 14, 18, 21-22, 38,
39, 56, 79, 81, 86 e 95.
" {Uma} ignorada : 18.
Tipografos em Coimbra : 19.
Torres Novas : 181-182
Traduções : 172-174.
Tres {As} Guarnias : 119
Trigueiro {O}, revista : 333 e 336
Tropas : 81-82
Turia espanhola, 1887-1888 : 32
Ultimatum de 11 de Janr.o : 46-48 e 80
Ultimo {O} Cavaleiro, de Cunha e Sá : 98-99.
Ultramontanismo : 24.
Um Jornal, mss. : 134-136
" " , 2.a serie, mss. : 141.
Um noivado no campo, conto : 384.
Uma vingança ... : 118-119.
Versos da Mocidade, de A. Fogaça : 39.
" de amor : 182-184.
" " Francisco Bastos : 41-42
Vida de Nun'Alvares, de O. Martins : 86
Vila Chã de Poiares : 192
" Real de Traz-os-Montes : 192
Vizeu : 236-238.

III

Geral

Cap. I :
Palavras proprias : Pag.s 1-12

Cap. II :
Nascimento e primeira infancia. Os pais e os avós. A Tipografia e o operariado. O ambien-

te familiar. A «Corrada da Nóra» em Miranda do Corvo. A ida fª a Madeira e as recordações. Primeiras tentativas literarias. Regresso a Coimbra e os estudos de instrucção primaria. Relações de familia: Trindade Coelho, Antº Fagaça, Francisco Bastos, etc. Os primeiros exames. O ultimatum de 1890; o 31 de Janeiro; a Geração de 90. O Eugenio de Castro e o Alberto de Oliveira; o Dr. Vasconcelos, o Dr. Augusto Mendes, o Dr. Feixª de Carvalho, o Dr. Costa Lobo; o pintor Rodrigues Vieira e Antonio Augusto Gonçalves. Tendencias literarias. O Ginasio e começo dos estudos liceais.

Pag. 13 – 94.

Cap. III:

Continuação dos estudos liceais. Tendencia para estudos historicos. As relações com artistas amigos do Rio Alfino da Silva. Estudante no Liceu, a capa e batina, os rapazes com quem convivia. Os primeiros versos. A «Academia» na rua de Tomar e as tentativas poeticas e literarias e as polemicas. O Eugenio de Castro. A musica em casa de meus Pais. As ferias em Espinho. Os condiscipulos no Liceu. O Mauzinho de Albuquerque e a Academia. A aula de Filosofia. As traducções. A Queima da Guarda Inglesa. A excursão a Torres Novas. A epistolografia e os versos de amor.

Pag. 95 – 184.

Cap. IV:

Matricula na Universidª. As disciplina e os professores. Os condiscipulos e os [redacted] contemporaneos. Os «ataques» literarios: o soneto Narciso. As «Academias», sua organização e funcionamento. Grupo musical-dramatico. Mais ataques literarios. A musica. O poema sinfonico sobre A Morte de D. João. Os estudos

universitarios. O centenario da Sebenta. O jornal A Ribeira e a polemica com o José Ferrão. A escolha da profissão militar e a inspecção. Ida a Viseu á junta de recurso. Assentamento de praça. O Hermenerico Borja dos Santos. O meu estado de espirito nessa altura. Os «atentados» literarios e as influencias recebidas. O novo ano lectivo na Universid.e e os novos condiscipulos.

Pag. 185 - 249.

Cap. V:

Iniciação na Maçonaria: o Mario Duque e o convite. O José Ferrão. As cerimonias da iniciação. Os componentes da Loja Academia Livre. Ligeiros retratos. Algumas considerações.

Pag. 250 - 282.

Cap. VI:

Nova fase da vida, novas relações. A republica da rua das Esteirinhas e o 2.º ano da Academia; o foco revolucionario. A escolha da profissão contraditoria com o ambiente. Os trabalhos da Academia. Os novos concorrentes. O meu ano lectivo e os atentados literarios. A Associação Academica e o seu quadro de honra. Os passeios com o José Sobral. O Picoto dos Barbados e o Grupo dos Barbados. O Sebastião Roby e o duelo com o Artur Nunes. O dia de ponto e o soneto. O caso do Ernesto Luciano Torres e o Dr. Arzila. Os exames finais. O galão de cadete. As ultimas ferias e a admissão na Escola do Exercito. Considerações sobre o destino.

Pag. 283 - 321.

Cap. VII:

Apresentação em Infantaria 23 e desistencia da licença registada. Ida para Lisboa e apresentação na Escola do Ex.to, á Junta, e admissão á Com-

panhia de Alunos. O quarto e os companheiros. O ambiente, os empenhos. O corpo docente da Escola e o Corpo de Alunos e seus oficiais. A vida no internato. Os estudos, as conferencias e episodios varios. As superstições. O exames. O conselh.º Lintze Ribeiro e meu Tio Francisco Pimenta. O Artur Nunes. O Francoso do Campo de Santana. A gréve do café e as bombas de S.to Antonio. As confissões na Quaresma e as operas no Coliseu. Tentativas literarias. Final do curso, despedida da Escola. Comentarios.

Pag. 327 – 388.

Indice remissivo:

I: Nomes proprios - - - Pag. 391
II: Varia - - - - - - " 403.

UNIVERSIDADE LIVRARIA DA